CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS
INSTITUTO ANTONIO DE NEBRIJA
SECCION DE TRADICIONES POPULARES

REVISTA
DE
DIALECTOLOGIA
Y
TRADICIONES POPULARES

DIRECTOR:
VICENTE GARCÍA DE DIEGO

TOMO III—1947—CUADERNOS 3.° y 4.°

DUQUE DE MEDINACELI, 4
MADRID
1947

REVISTA DE DIALECTOLOGIA Y TRADICIONES POPULARES

Se publica en cuadernos trimestrales de unas 170 págs. cada uno.

SUMARIO

Págs.

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA. Nova contribução para o estudo das «afinidades galaico-portuguesas do cancioneiro popular»..... 323

VICENTE RISCO.—Creencias gallegas. Tradiciones referentes a algunos animales..... 371

ANTONIO FRAGUAS FRAGUAS.—Contribución al estudio de la Navidad en Galicia. Nadales, Aninovos, Xaneiras y Reyes..... 401

MANUEL ALVAR.—El habla de Oroz-Betelu..... 447

VÍCTOR LIS QUIBEN.—Los Pastequeiros de Santa Comba y San Cibrán. 491

JOSÉ PÉREZ VIDAL.—Romances vulgares. Testamentos de bestias..... 524

PILAR GARCÍA DE DIEGO.—El testamento en la tradición popular.... 551

ARCHIVO

LAUREANO PRIETO. Vida del individuo. Tierra de la Gudiña (Orense)..... 558

TOMÁS TERESA LEÓN.—Dramática. Auto de los Reyes Magos..... 579

Págs.

JOSÉ DE LA FUENTE.—El Dance de Calamocha (Teruel)..... 589

ERNESTO NAVARRETE.—Canciones.... 599

JOSÉ SANZ Y DÍAZ.—Adivinanzas.... 607

NOTAS DE LIBROS.—ESPINOSA, AURELIO M.: *Cuentos populares españoles recogidos de la tradición oral de España.*—CÁMARA CASCUDO, LUIS DA: *Geografía dos mitos Brasileiros.*—BÉNICHOU PAÚL: *Romances judeo-españoles de Marruecos,* V. García de Diego.—CÁMARA CASCUDO, LUIS DA: *Vaqueiros e Cantadores,* L. de Hoyos Sáinz.—PIRES DE LIMA, CÉSAR AUGUSTO: *Estudos etnográficos, filológicos e históricos,* Dr. Castillo de Lucas.—MOYA, ISMAEL: *Romancero. Estudios sobre materiales de la colección de folklore.*—MARCOS DE SANDE, MOISÉS: *Del folklore garrovillano. Usos y costumbres.*—MENDOZA, VICENTE T.: *La danza de las cintas o de la trenza.*—ALMELA Y VIVES, FRANCISCO: *Cometas en el cielo de Valencia,* N. de Hoyos Sancho.

BIBLIOGRAFÍA..... 623

SUSCRIPCION:

En España y Portugal.....	30,00	ptas.	al año.
En los demás países.....	40,00	»	»
Cuaderno suelto sencillo, en España y Portugal.	8,00	»	»
En los demás países.....	9,00	»	»
Cuaderno doble.....	16,00	»	»

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTIFICAS
INSTITUTO ANTONIO DE NEBRIJA
SECCION DE TRADICIONES POPULARES

REVISTA
DE
DIALECTOLOGIA
Y
TRADICIONES POPULARES

DIRECTOR:
VICENTE GARCIA DE DIEGO

TOMO III—1947—CUADERNOS 3.° Y 4.°

DUQUE DE MEDINACELI, 4
MADRID
1947

C. BERMEJO, IMPRESOR.—GARCIA MORATO, 118.—TELEF. 23-11-99

Nova contribuição para o estudo das «afinidades galaico-portuguesas do cancioneiro popular»

Não podia deixar de tomar parte no Concurso Literário da Delegação Provincial da Sub-Secretaria da Educação Popular de Homenagem de Lugo às Letras Portuguesas.

Um dos assuntos interessou-me vivamente, porque há mais de vinte anos lhe tenho dedicado as horas livres da minha absorvente vida de médico. É o tema V: «Afinidades Galaico-Portuguesas do Cancioneiro Popular».

Algumas dezenas de livros e opúsculos tenho escrito sôbre motivos de Etnografia e Folclore. A minha paixão pela maneira como o povo reage perante os fenómenos que o envolvem já data de há muito tempo. O estudo dum povo é fundamental, para se poderem apreciar as acções e reacções desse mesmo povo. A Etnografia é uma ciência apaixonante e, aquele que uma vez se interessou por ela, nunca mais a poderá abandonar ou esquecer. Eu, que sou médico, e que à medicina dedico a maior parte de minha vida, muito tenho lucrado com os ensinamentos que o folclore me tem dado.

Foi meritória e inteligente a ideia da criação duma recompensa denominada: «Prémio da Real Academia Galega» para galardoar o melhor trabalho sôbre um tema que estudasse as «Afinidades Galaico-Portuguesas do Cancioneiro Popular».

Este meu modesto trabalho não será mais do que uma contribuição para o estudo das relações íntimas do Can-

cioneiro Galaico-Português. E sinto-me inteiramente à vontade para discorrer sôbre tema tão interessante como oportuno.

En 1923 publicava em separata da «Revista de Guimarães» o meu primeiro trabalho de folclore: «Cancioneiro de S. Simão de Novais (3) e, por feliz coincidência, já nesse meu primeiro opúsculo, em aditamento, eu deixei escrito o seguinte: «que algumas delas (cantigas) podiam ser ouvidas com maior ou menor variante nas diversas províncias de Portugal e até na Galiza. Ao percorrer as páginas do «Cancioneiro Popular Gallego» de Ballesteros, surpreende-nos a semelhança, a quási identidade entre a poesia popular galega e a portuguesa. E mais flagrante é a semelhança, atendendo à pronúncia do minhoto. Vê-se que é bem insignificante a diferença da língua, dos costumes e dos sentimentos dos dois povos que o Rio Minho separa. E a seguir, para demonstrar a minha afirmação, transcrevi algumas quadras daquele importantíssimo «Cancioneiro» e confrontei-as com trovas análogas do meu «Cancioneiro de S. Simão de Novais».

Portanto, o meu primeiro estudo comparativo entre trovas populares minhotas e galegas foi escrito há vinte e cinco anos. O meu interesse pela Galiza não morreu e, passados mais uns anos, como agradecimento a ter sido nomeado para o Seminário de Estudos Galegos, eu publicava nos «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», cap. XVI do vol. IV um ensaio com o título: «Afinidades Galaico-Minhotas no cancioneiro Popular» (14), no qual comparei quadras do meu Cancioneiro de S. Simão de Novais, I, II, III séries com as dos estudos dos meus eminentes amigos Dr. F. Bouza Brey, que têm por título: «Cantigas Populares de Arousa» (primeira série) (10) e o de Anton Fraguas Fraguas «O Culto ós Mortos» (9).

Nesse meu opúsculo, deixei dito: «É duma importância capital o estudo comparativo entre a poesia popular portuguesa e os diferentes cantares do povo dos outros países». Mais abaixo continuava: «E de todos os países

aqueles por onde se deve principiar o estudo comparativo é sem dúvida a Espanha e o Brasil. A Espanha nossa vizinha, tem muitos costumes comuns. O confronto etnográfico entre nós e a Espanha impõe-se. Caso idêntico se dá com o Brasil».

Mas ainda não ficou por aqui o meu amor pela Galiza, paredes meias com a mais bela provincia de Portugal, esse Minho que tem sido a maior paixão da minha existência. E assim, em 1934 no «Arquivo de Viana do Castelo», vol. I, incluí um pequeno estudo, com o título: «Identidades Galaico-Minhotas no «Cancioneiro de S. Simão de Novais» (19). Principiei desta maneira: «Foi sempre uma das aspirações da minha vida de modesto etnógrafo ver um dia a possibilidade de se organizar um cancioneiro popular comum da Galiza e do Minho».

Pouco depois insistia: «Muito há a fazer e é dos subsídios comparativos de todos que amanhã surgirá em obra de esfôrço comum um grande «Cancioneiro Luso-Galaico». Pela parte que nos diz respeito devemos principiar pela Espanha e Brasil. Vide «Afinidades Luso-Brasileiras no Folclore Minhoto» (22).

Eis as razões que me levaram a escrever este opúsculo sôbre um tema que há vinte e cinco anos tanto carinho me tem merecido. Perdoem-me a imodéstia, mas confesso que me sinto perfeitamente à vontade ao tratar deste assunto, que para mim é tão familiar.

Que este trabalho seja de agradecimento aos meus eminentes confrades galegos que me deram a subida honra de me consentirem no seio dessa gloriosa e douta «Real Academia Galega».

Não se pode falar da Galiza sem se recordar o nome dessa extraordinária Rosalía de Castro e portanto será pelos «Cantares Galegos» (25) que principiarei. Diz-nos logo de entrada a célebre Poetisa: «Grande atrevemento é sin duda par'un probe inxenio com'o que me cadrou en sorte, dar à luz un libro, cuyas páxinas debian estar cheyas de sol, d'armonía, e d'aquela naturalidade que unida

á un-ha fonda ternura, á un arrulo incesante de palabriñas mimosas e sentidas, forman á mayor belleza d'os nosos cantos populares. A poesía gallega, toda música e vaguedade, toda queixas, sospiros, e doces sonrisiñas, mormuxando un-has veces c'os ventos misteriosos d'os bosques, briland'outras c'o rayo de sol que cai sereniño por enriba d'as auguas d'un rio farto e grave, que corre baixo as ramas d'os salgueiros en frol, comprialle para ser cantada, un sprito subrime e cristaiño si asi ó podemos decir, un-ha inspiracion fecunda, com'á vexetacion que hermosea esta nosa privilexiada terra, e sobre todo un sentimento delicado e penetrante prá dar á conocer tantas bellezas de pirmeiro orden, tanto fuxitivo rayo d'hermosura, como se desprende de cada costume, de cada pensamento escapado a este pobo...».

Admirável de humildade a perfeitíssima descrição do povo galego e da poesia galega «toda música e vaguedade, toda queixas, sospiros e doces sonrisiñas...».

As mesmas palavras poderiam ser dedicadas ao nosso Minho, irmão gémeo da Galiza. A alma e a paisagem do Povo Galego é idêntica à alma e à paisagem do Minhoto.

É ainda Rosalía de Castro quem nos diz: «Cantos, vagoas, queixas, sospiros, serans, romerias, paisaxes, debesas, pinares, soidades, ribeiras, costumes, tod'aquelo en fin que pó-la sua forma e colorido é dino de ser cantado...».

«A terra cuberta en tóda-las estaciones de herviñas e de frores, os montes cheyos de pinos, de robres e salgueiros os lixeiros ventos que pasan, as fontes y os torrentes derramándose fervedores e cristaiños, bran e inverno, xa po-los risoños campos, xa en profundas e sombrisas ondonadas... Galicia é sempre un xardin donde se respiran aromas puros, frescura e poesía».

Podia dizer-se do Minho precisamente a mesma coisa!

Que admirável descrição nos legou Rosalía de Castro!

A razão que levou a grande poetisa a escrever os «Cantares Gallegos» deixa-nos, ela bem explicado no prefácio deste seu famoso livro: «Por esto, inda achándome débil en

forzas, e nabendo deprendido en máis escola qu'á d'os nosos probes aldeans, guiada solo por aqueles cantares, aquelas palabras cariñosas e aqueles xiros nunca olvidados que tan doçemente resoaron nos meus oïdos desd'á cuna, e que foran recollidos po-lo meu corazón como harencia propia, atrevinme á escribir estos cantares, esforzándome en dar a conocer, como algun-has d'as nosas poéticas costumes, inda conservan certa frescura patriarcal e primitiva, e com'ó noso dialecto doçe e sonoro, é tan apropósito com'ó pirmeiro, para toda clase de versificación.»

Não pretendo estudar as fontes galaico-portuguesas da poesia de Rosalia de Castro; no entanto não quero deixar de me referir a determinadas passagens dos «Cantares Gallegos», onde há muito que confrontar com a poesia popular minhota.

É commovente o amor de Rosalia pela sua Galicia encantada:

Lugar máis hermoso
No mundo n'hachara,
Qu'aquel de Galicia,
Galicia encantada!

Galicia frorida,
Cal ela ningunha,
De froles cuberta,
Cuberta de espumas.

Cantart'ei, Galicia,
Teus dulces cantares,
Qu' así mó pediron
Na veira do mare.

Nas «Nasín cand'as prantas nasen», Rosalia de Castro termina esse doce cantar com a seguinte quadra popular:

O meu corasón che mando
C'unha chave par'ó abrir,
Nin eu teño máis que darche,
Nin tu máis que me pedir.

Nos meus «Cantares do Minho» (20) encontra-se una cantiga que é a tradução fiel desta:

Aqui tens meu coração
E as chaves pr'ó abrir:
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.

Nas composições poéticas que principiam por «Campana de Bastables» e «Roxiña cál sol dourado» encontram-se as palavras «soidades» e «saudades» nos versos «As soidades viñeron...», e «Saudades de non sei cando».

No meu livro: «O Amor na Quadra Popular» (32), no capítulo «Saudade», digo o seguinte: «Palavra que nenhuma raça entende, que nenhum outro povo sente e que nenhuma outra língua sabe traduzir tão doce sentimento. Um dia nasceu a saudade num coração português, porque só a alma portuguesa pode sentir tão complexa emoção. É a palavra mais bela do amor português e, porque assim é, tem raízes profundas e eternas na sensibilidade lusitana.» Evidentemente que não considero a Galiza e o Brasil povos diferentes do Povo Português. Porque a alma é a mesma e essa alma reflete-se no sentir da sua gente. A «Soidade» que vem escrita nas «Cantigas de Santa Maria» é a mesma «soidade» ou «saudade» de Rosalia de Castro e é a mesma «sôdade» brasileira e é a mesma «saudade» portuguesa dos lusitanos de sempre».

São as «suidades» do povo galego (1):

Meu amor, meu amorinho,
Ond'estas, que non te vexo?
Morro-me de *suidades*
E dia e noite em ti penso.

Que afinal são as mesmas «suidades» cantadas por Rosalia de Castro nos seus «Cantares»:

Tal m'acoden as *soidades*
Tal me queren afrixir,
Qu'inda máis feras m'afogan,
Si as quero botar de min.

Saudade que foi para o Brasil por obra e graça dos portugueses, e que por lá ficou a embalar o sonho da distância e da ausência:

«Sódade é uma dô que dá,
Mas não é dô de doê;
É vontade de alembrá,
Com vontade de esquecê.
É dô de dente e machuca,
Mas onde dói ninguem vê,
E a gente pega e cutuca
Pra não deixá de doê.»

E da musa popular brasileira vamos até Catulo Cearense:

«E o que é, meu Deus, a sôdade!
Sôdade é a Terra caída
De um coração que sonhou!» (24).

Karl Vossler, na sua notabilíssima obra «La Soledad en la Poesia Española» (26), diz o seguinte a respeito da palavra «Saudade»: «Los portugueses se enorgullecen de esta palabra y de la actitud psíquica y suavidad sentimental unidas a ella». E no capítulo: «La Soledad como motivo en los Trovadores y en la Poesía Popular»: «Los pensamientos de amor y de eternidad conviven en las almas sencillas y delicadas. Se encuentran, ciertamente, en toda la poesía popular de los trovadores de la Edad Medja de todo el Occidente, numerosos ejemplos; pero en ninguna parte suenan los tonos de la nostalgia, de la *saudade*, como en aquel rincón nordeste de la Península Ibérica, la tierra de Galicia:

«Mimosa, soave,
sentida, queixosa...»

E agora regressemos a Portugal e vamos encontrar-nos com os trovadores galaico-portugueses, que não citaremos, assim como tantos e tantos poetas e escritores que se referiram à saudade nossa. Mas fiquemos com Luís de Camões que representa a maior saudade (2):

Minha saudade,
Caro penhor meu,

A quem direi eu,
Tamanha verdade?

Agora vamos até ao povo do Minho e aí veremos o lirismo de algumas cantigas:

Quem sofre o mal da saudade
Não acha alívio um momento:
Tem perto a enfermidade
E longe o medicamento...

Ou ainda:

Para tudo há remédio
Procurando-o na botica:
Só p'ras saudades não...
Quem as tem com elas fica...

Tanto e tanto haveria a dizer sôbre a saudade no cancioneiro luso-galaico-brasileiro. Mas isso ficará para algum dia, se Deus me der vida e saúde...

Continuemos a comentar algumas composições poéticas dos «Cantares Galegos», que é manancial inesgotável. No entanto, antes de continuar, não quero deixar de citar J. Leite de Vasconcelos (23), quando, nos seus Opúsculos, nos cita algumas quadras ouvidas a galegos no Porto; entre elas, há uma que mostra bem a saudade da distância que o separa da terra natal:

Quem me dera estar tão alto
Como a estrela do Norte
Para vê-lo que se pasa
Em S. Tiago esta noite.

Na inspiradíssima composição poética que começa por:

Vint'un-ha crara noite,
Noitiña de San Xoán,
Poñend'as frescas herbas
Na font'á serenar.»

refere-se Rosalia de Castro a uma prática vulgaríssima em

Portugal, a respeito da qual Cláudio Basto escreveu o seguinte: «no dia de S. João, de madrugada, na cidade do Porto, vão aos mercados comprar erva-da-fortuna, também chamada erva-de-Nossa-Senhora; levam-na para casa, e penduram-na. Se reverdesce, é sinal de felicidade. E a felicidade, para as raparigas está no amor... tanto mais que elas penduram a planta com o pensamento em certo rapaz. Também se relaciona a vitalidade da erva com a saúde da pessoa. A erva-de-Nossa-Senhora apanha-se no dia de S. João ao meio-dia ou à meia-noite, e depois, quando se quer saber se uma pessoa é feliz ou não, reza-se-lhe e pendura-se à cabeceira. Se a pessoa é feliz, a erva conserva-se verde; se pelo contrário não é, a erva murcha e seca». Vide: «S. João na Alma do Povo» (31). É elucidativa a cantiga minhota que nos diz:

Todas as ervas são bentas
Na manhã de S. João,
Menos o trevo de quatro folhas
Colhido com má tenção...

No «Cancionero Popular Gallego» de J. P. Ballesteros encontra-se uma quadra que é quáse idêntica a uma por mim recolhida no Minho:

San Xoán pideu á Cristo
pra que non-o adormentase
para ver beilar o sol
o día d'a sua romaxe.

Confronte-se esta quadra com as minhotas:

S. João pediu à Virgem
que o não adormecesse;
Queria benzer as ervas
Logo que o sol nascesse.

Mas como não hão-de ser semelhantes, se o S. João e festejado por toda a parte (28):

S. João é festejado,
Mais na vésp'ra que no dia,
Na Espanha, no Algarve,
Em Portugal, na Turquia.

Na poesia «San Antonio bendito», Rosalia de Castro, canta:

Meu santo San Antonio
Dáime un homiño
Anqu'ó tamaño teña
D' un gran de millo.

Nos meus «Cantares do Minho» encontra-se a seguinte quadra:

Ó moças andem ligeiras:
Vão pedir a Santo António
Que as ponha todas em linha
No livro do matrimónio.

A ideia é a mesma. Todas as raparigas desejam ter um namorado que as ame e as estime.

E mais abaixo essa ideia sublime:

Un-ha muller sín home...
Santo bendito!
E corpiño sin alma,
Festa sin trigo.

Abro o meu livro «O Amor na Quadra Popular», por uma emocionante composição de quatro versos, na qual a ideia é a mesma que inspirou a admirável Poetisa galega:

O estado de solteira
É bonito bem no sei.
Mas a mulher sem marido
É como um trono sem rei.

Duas sínteses definitivas sôbre o grande problema. A de Rosalia: «Un-ha muller sin home, e corpiño sin alma» e a do poeta popular lusitano: «Uma mulher sem marido é como um trono sem rei».

Santo António, o Santo português não é esquecido na Galiza e nas quadras populares não se nega a sua origem, orgulho e glória de Portugal (29).

Santo António português
Quando foi prègar ao mar
Até os peixes na água
Se puseram a escutar.

O meu padre Santo António,
É Santo de Portugal;
Livra a gente do demónio
É remédio contra o mal.

Quebraste a bilha de barro
Junto à fonte de cristal:
António é o nome de um Santo
Que nasceu em Portugal (21).

Para terminar este parágrafo, seja lícito transcrever do meu livro «O Simbolismo Cristão na Cantiga Popular» (27), duas quadras, uma dos «Cantares do Minho», outra que é uma cantiga popular galega.

O Cancioneiro Popular não ignora a nacionalidade de Santo António e isso vê-se claramente nas cantigas atrás citadas. Por exemplo, nessa quadra cheia de ironia, variante de outra dedicada a S. Gonçalo de Amarante:

Santo António de Lisboa
Casamenteiro das velhas.
Porque não casas as moças?
Que mal vos fizeram elas?

Compare-se com a da Galiza que é práticamente idêntica:

Santo Antonio de Cañedo
Casamenteiro das vellas
Porque non casas as novas
Que mal che fixeron elas.

Na poesia que principia por:

Adiós ríos, adiós fontes,
Adiós regatos pequenos,
Adiós vista dos meus ollos
Non sei cando nos veremos.

Podemos confrontá-la com uma portuguesa que se encontra nos «Cantares do Minho»:

Adeus fontes, adeus rios,
Adeus regatos pequenos,
Adeus casa de meus-pais
Até quando nos veremos?

Na poesia que principia por: «Roxiña cál sol dourado» encontramos o seguinte na parte final:

Si o mar tibera barandas
Fórate ver á o Brasil;
Mais ó mar non ten barandas,
Amor meu, ¿por dond'ey d'ir?

O Brasil foi e tem sido sempre desejo maior dos portugueses. O minhoto emigra em grande quantidade para as terras de Santa Cruz. Sôbre este assunto já escrevi dois trabalhos, nos meus livros «Tradições Populares de Entre-Douro-e-Minho» e «Ensaios» (30). De entre as quadras por mim citadas, permita-se que transcreva as seguintes:

Se o mar tivera varandas
Ia-te ver ao Brasil;
Mas o mar não tem varandas,
Meu amor, por onde hei-de ir?

Se o mar tivera varandas
Ia-te ver a Lisboa
Mas o mar não tem varandas
Quem não tem asas não voa.

Se o mar tivera varandas
Como tem embarcações,
Ia-te ver a Lisboa
Em certas ocasiões.

Escrevi nos «Ensaios» que, nas aldeias do Brasil, existem os mesmos costumes e os mesmos sentimentos das terras portuguesas. Agora também acrescento que esses costumes

e esses sentimentos se encontram nessa Galiza, que tantas afinidades tem com as gentes do norte de Portugal.

Na poesia que principia por «Queridiña d'os meus ollos», encontra-se, nos dois derradeiros versos, a mesma ideia duma lindíssima quadra popular portuguesa:

Escribirache un-ha carta
Nas alas d'un paxariño.

Vai-te carta feliz voando
Nas asas dum passarinho:
Vai levar ao meu amor
Um abraço e um beijinho.

Na composição poética que começa: «Vente, rapasa», lê-se:

Corre, corre
A teu pai, Mariquiña,
Que come cebola
Con pan e sardiña.

Faz-me recordar os meus tempos de infância, quando poisava sôbre a minha mão esse simpático e colorido insecto ao qual o povo chama «Joaninha», ao qual nós, para que êle voasse, diziamos em vós alta:

Joaninha avoa, avoa,
Que o teu pai está em Lisboa
A comer sardinha e broa.

Na poesia que se inicia por «Cando à luniña aparece», nos últimos versos, pode ler-se:

Ahí tés ó meu coraçón,
Si ó queres matar ven podes,
Pero como estás ti dentro,
Tamén, si ti ó matas, morres.

Idêntica quadra popular minhota se encontra nos «Cantares do Minho»:

Aí tens o meu coração,
Se o queres matar bem podes.
Mas como estás lá dentro,
Se o matas também morres.

Para terminar a minha interpretação sôbre os «Cantares Gallegos» dessa extraordinária Rosalia de Castro, seja-me lícito chamar à atenção sôbre a composição poética que principia por «Castellana de Castilla». Deixei-a propositadamente para o fim deste capítulo, porque trata do amor intenso do galego, que é, afinal, irmão gémeo do amor forte do português. Preocupação constante dos dois Povos. Acaba assim a poesia de Rosalia de Castro:

Teño un-ha dama nos Portos,
Outra no Ribeiro d'Avia,
Si á dos Portos é bonita
A do Ribeiro lle gana.

No «Cancioneiro de Viana do Castelo» de Afonso do Paço, pode ler-se a seguinte cantiga:

Tenho um amor em Viana
Outro em Ponte do Lima.
O de Viana não presta,
O de Ponte é coisa linda.

Nos «Cantares do Minho» encontra-se uma quadra que reza assim:

Tenho um amor em Dèlães
Tenho outro na Carreira.
Tenho outro em Ruivães,
que é o que me dá mais canceira...

As terras mudam de nome, mas o amor, tantas vezes inconstante, persiste e dura. Tanta coisa ainda a confrontar nos «Cantares Gallegos» com motivos portugueses, mas é tempo de passarmos a novo capítulo.

* * *

Neste meu ensaio não tenho outra pretensão que não seja referir-me àqueles cancioneiros populares galegos dos quais tenho conhecimento. Evidentemente que não vou interpretar quadra a quadra e compará-las cóm as respectivas similares

dos dois cancioneiros: o galego e o minhoto. Para isso, não só me faltam elementos de consulta, como tempo suficiente para me abalançar a obra de tamanha amplitude. Apenas desejo fazer uma síntese e mostrar o interesse enorme que teria a publicação dum grande cancioneiro popular galaico-minhoto comentado pelos mais competentes etnógrafos dos dois países.

Principiemos pelo «Cancionero Popular Gallego», de José Pérez Ballesteros, que é obra clássica e que portanto não pode ser esquecido num ensaio-síntese como este, que pretende mostrar nas suas linhas gerais as afinidades galaico-minhotas do «Cancioneiro Popular». Longe de mim percorrer uma a uma as cantigas recolhidas por Ballesteros, porque isso dar-me-ía, não um ensaio, mas sim um ou vários volumes. Vou apenas comparar algumas quadras galegas com outras portuguesas idênticas ou similares. Procurará-las-ei aqui e além, sem me preocupar com determinados assuntos, mas sim com aqueles que mais fàcilmente surjam diante dos meus olhos.

O «Cancioneiro de Ballesteros» é prefaciado pelo nosso Teófilo Braga. Portanto, já em 1886 a mais notável obra deste género tinha a colaboração galaico-portuguesa. De facto, as afinidades rácicas e linguísticas são de tal ordem que uma colaboração inteligente entre galegos e portugueses se torna absolutamente indispensável. Os estudos de folclore, feitos com probidade e regularidade, têm uma altíssima importância. Que este meu ensaio chame a atenção de todos aqueles que se dedicam à etnografia e que uma nova era renasça para os estudos comuns do folclore galaico-português. Vou comparar algumas quadras, não muitas, do «Cancioneiro» de Ballesteros com os «Cantarés do Minho». No capítulo «Amorosos», pode ler-se a quadra n.º 7:

A tua porta hay lama
bótall'a herba abilleira
n'a tua vida tuveches
amor que mellor *che* queira.

Compare-se com a quadra minhota:

A tua porta está lama,
Na minha está um lameiro.
Quando falares de mim,
Olha para ti primeiro.

Há uma certa crítica sôbre o forte amor do namorado, que não admite, segundo a quadra galega, que haja alguém no mundo que mais amor lhe possa ter. Na quadra minhota nota-se uma repreensão ao namorado despeitado, que, antes de dizer mal, faça primeiro um sincero acto de contrição. Recorda o ditado: «Quem tem telhados de vidro não deite pedras aos dos visinhos.»

A que tem o número 24, reza assim:

Miña nai, miña naíña,
Miña nai d'o corazón
que me trouxo nove meses
debaixo d'o seu mantón.

Tenho nos «Cantares do Minho» uma absolutamente igual:

Minha mãe, minha mãezinha
Minha mãezinha do Céu;
que me trouxe nove meses
debaixo do seu mantéu.

A ternura desta quadra é impressionante de agradecimiento à mãe, que é a expressão mais nobre da vida.

Comparemos a número 26:

Non quero que me des nada
Nin que t' acordes de min;
Quero que teñas mamoria
D'o tempo en que te sirvín.

com aquela que recolhi em S. Simão de Novais (Vila Nova de Famalicão):

Não quero que me dês nada,
Que eu também nada te dou.
Só quero que tu te lembres
Do tempo que já passou.

Recordar é viver! Quantas coisas se esquecem que nunca se deveriam esquecer, ou melhor, que jàmais se podem apagar da memória. Esquecer é morrer. Recordar é viver!

No capítulo «Animales, plantas y frutas», encontramos com o número 6:

Eu ben vin estar a morte
depinicando n-as uvas:
vaite d'ahí, morte negra,
desamparo d'as viudas.

Temos no Minho uma quadra idêntica:

Eu já vi a morte negra
a comer um cacho de uvas;
vai-te embora morte negra
desamparo das viuvas.

A morte e o seu cortejo de desgraças. A morte que leva o marido, deixando a pobre viuva a carpir a sua desgraça. A morte e a sua tragédia sem solução!

No capítulo «Burlescos» na quadra 24, lê-se:

Hei de vir, e hei de ir
fala non ch'a hei de dar
heite de facer moer
com'os barqueiros n-o mar.

Temos em Portugal a seguinte cantiga:

Eu hei-de ir e hei-de vir,
falas não te hei-de dar;
hei-de-te fazer moer
como o navio no mar.

Esboça-se nestas composições de quatro versos o veneno do ciume. Analisa-se o despeito dos namorados nestas duas cantigas, que, afinal de contas, são irmãs gemeas na arte de sentir.

A que tem o número 18 do capitulo «Cantar» explica o sentimento do cantador:

Eu non canto por cantar
nin por gana que lle teña;
que canto por aliviar
d'o meu corazón a pena.

A ideia é igual à do poeta popular do nosso Minho:

Eu não canto por cantar,
nem pelo bem que parece.
Canto para aliviar
a mágua que me entristece.

Faz recordar aquela quadra portuguesa que termina assim:

«Quanta vez a mãe canta
com vontade de chorar!

No capitulo «Casamiento» encontra-se a quadra n.º 1:

Casadiña de tres días
non se cansa de chorar
pol-a vida de solteira
que non ha de recobrar.

Confronte-se com a lusitana:

Casadinha de ontem à noite,
Ela là vai a chorar:
Coitadinho de quem cria
para outro castigar!

Lá diz o provérbio: «o casamento e a mortalha no Céu se talha». É uma lotaria, que para uns é felicidade e para outros é desgraça. Nas «Cualidades personales» veja-se a que tem o número 16:

Moza bonita n-o mundo
non habia de nacer;
porque fai com'a *mazá*
todo-l-a queren comer.

No meu livro «O Amor na Quadra Popular»:

Uma menina bonita
Nunca havia de nascer.
É como a pera madura,
Todos a querem comer.

No capitulo «Desdenes», a quadra número 2:

Algun dia por te ve:
abrín portas e ventanas;
agora por non te ver
todal-as teño cerradas.

Confrontemos com aquela que nos diz:

Algum dia por te ver
Abria sete janelas;
Agora por te não ver,
Não abro nenhuma delas.

O amor e o ciúme andam de braço dado e por isso essas duas quadras são bem demonstrativas.

No capítulo «Murmuración», na que tem o número 1:

Fuche contar mal de min
á quen tanto me quería;
sabendo qu'esa persona
á min todo m'o dicía.

Pode comparar-se com a portuguesa:

Foste dizer mal de mim
A quem tanto bem me queria.
Contigo tudo compunha
A mim tudo me dizia.

No capitulo «Picarescas», lê-se a quadra número 16:

Chamácheme moreniña
eche d'o polvo d'a eira
xa me verás pra domingo
com'a guinda n-a guindeira.

Nos «Cantares do Minho», encontra-se a seguinte:

Chamaste-me trigueirinha?
Isto é do pó da eira:
Hás-de ver-me p'ra domingo
Como a rosa na roseira.

Depois de trabalhar toda a semana ao sol e à chuva, a lavradeira prepara-se ao domingo para se apresentar linda e agradável ao seu namorado, como muito bem nos informam as supra-citadas cantigas. Na que tem o número 17:

Chamácheme pera parda
e pera parda hei de ser
anque caya de madura
tin non me has de comer.

Veja-se a quadra minhota que nos diz:

Chamas-te-me pera parda?
Não te quero desmentir:
Nem que caia de madura
Para ti não hei-de ir.

Arrufos de namorados, mas, ao fim e ao cabo, entendem-se como Deus com os Anjos...

* * *

No «Cancioeiro das ribeiras do Tea», de Fermin Bouza Brey e Luís Brey Bouza (5), dizem os autores: «Por fin faremos notar como n-este pequeno mangado de frescas rosas silvestres hai algunha digna de futura antoloxía da nosa lírica popular que algún dia tencionaremos seguindo a Portugal.»

No entanto Portugal anticipou-se. Primeiro eu depois Santos Júnior, fizemos estudos comparativos: com algumas quadras do «Cancionero popular gallego de Ballesteros»; com as «Cántigas populares da Arousa» de F. Bouza Brey; com as quadras citadas em «O Culto ós Mortos», de Antón Fraguas Fraguas; com as quadras coligidas em «Vila de Calvos de Randin» de Florentino L. Cuevillas e Xoaquin Lourenzo e com as do «Cancioeiro das ribeiras do Tea», de Fermin Bouza Brey e Luís Brey Bouza.

Desde que Santos Júnior já organizou estudo comparativo com as quadras do «Cancioeiro das ribeiras do Tea», não devo alongar este ensaio com novas notas. No entanto, vou apresentar três variantes das quadras que Santos Júnior confrontou e quatro cantigas para as quais Santos Júnior não encontrou semelhantes.

A esse trabalho comparativo, Santos Júnior intitulou-o de: «Afinidades galaico-portuguesas de folclore» publicado nos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» (vol. IV, fasc. II), 1926 (6), portanto seis anos depois do meu primeiro trabalho comparativo com algumas quadras do Cancioneiro Popular Galego de Ballesteros.

Do «Cancioeiro das ribeiras do Tea»»:

Fuches falar mal de mín
a xunto dos meus amores,
fai de aconta que botache
auga por riba de frores.

Confrontada com a de Santos Júnior:

Disseste mal de mim
A um bem que me adora;
Se ele me queria bem,
Inda mais me quer agora.

Compare-se com a recolhida por mim:

Foste dizer mal de mim,
Mal de mim ao meu amor.
Foi o mesmo que botasses
Água ao pé da flor.

Do «Cancioeiro das ribeiras do Tea»:

Non te cases c-un ferreiro
que é moi malo de lavar;
cásate c-un mariñeiro
que ven lavado do mar.

De Santos Júnior:

Eu casei-me c'um ferreiro
Sorte tinha de passar,
já gastei o dote todo
em sabão para o lavar.

De F. C. Pires de Lima:

Não quero amor pedreiro
É muito rúim de lavar.
Antes quero marinheiro,
que se vai lavar ao mar.

Do «Cancioeiro das ribeiras do Tea»:

O anelo que me deche
Foi no dia do Señor
Heme grandiño do dedo
e pequeniño en amor.

De Santos Júnior:

O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou.
O amor que tu me tinhas
O anel o demonstrou.

De F. C. Pires de Lima:

O anel que tu me deste,
No domingo do Senhor,
Era-me largo no dedo
Apertado no amor.

Vou agora comparar quatro quadras com as do «Cancioeiro das ribeiras do Tea» para as quais Santos Júnior não encontrou similares:

Para o número 96:

Salgueiro prende de pola,
ameneiro de raís;
amores que foches de outros
para mín xa non servís.

Tenho uma réplica minhota:

Salgueiro pega de estaca,
amieiro de raiz.
Tu dizes que me não queres,
mas fui eu que te não quiz.

Confrontemos a 108:

Chamácheme pouca roupa,
Si tes muita é teu proveito;
menos teño que quitar
de noite cando me deito.

Vejamos a recolhida por mim:

Chamáste-me pouca roupa,
Pouca roupa me aproveito:
Menos tenho que tirar
A noite, quando me deito.

Comparemos a 118:

O corazón de unha pulga
quen puidera guisar;
daba xantar a merenda
e cena para cenar.

Comparemos com a quadra minhota:

O coração de uma pulga,
para quem o souber guisar,
Almoça e janta com ele,
Ainda fica para cear.

Finalmente, vamos comparar a 141:

Si tí viras o que eu vín
nunha pola de un vimieiro:
Unha pulga a bater sola
nas costas de un zapateiro.

No Minho recolhi a seguinte quadra:

Se tu viras o que eu vi
Lá no Rio de Janeiro:
Uma pulga a bater sola
Nas costas de um brasileiro.

* * *

En 1934 publicava, como já atrás deixei dito, um pequeno estudo sôbre o notável trabalho de Florentino L. Cuevillas e Xoaquin Lourenzo na parte que dizia respeito ao Cancioneiro da obra «Vila de Calvos de Randin» (8). Evidentemente que não vou repetir aquilo que já em tempos disse no meu opúsculo «Identidades Galaico-Minhotas no Cancioneiro de S. Simão de Novais». Portanto, a parte comparativa entre as quadras do trabalho de Cuevillas e Xoaquin Lourenzo e as minhas já está feita. Hoje apenas me vou referir a algumas cantigas que, nesse trabalho, não pude comparar. Na «Colleita Folklórica» encontramos um «Padre Nuestro Pequeniño», que não é nada semelhante às diferentes variantes do «Padre Nosso Pequenino» que recolhi em S. Simão de Novais. No entanto, o «Padre Nuestro Pequeniño, que vem no livro «Vila de Calvos de Randin» é semelhante ao «Pregão de S. Coelho» por mim recolhido da tradição oral:

PADRE NUESTRO PEQUENIÑO	O PREGÃO DE S. COELHO
Padre nuestro pequeniño	O pregão de S. Coelho,
que vai para o Reboredo	Com seu barrete vermelho,
c-unhas calciñas moi vellas	Sua espada de cortiça,

e um gorretiño vermello
e unha espada de cortiza
para matar a carriza,
e a carriza tirou un berro
e asombrou o mundo todo
solo quedou un homiño
metido no cu de un zorro.

Para matar a carriça.
A carriça deu um grito;
Toda a gente atormentou
Só uma velhinha ficou
Embrulhada num chinelo
Comendo pão amarelo.

Algumas adivinhas tambem as tenho na minha colecção inédita.

Por exemplo:

No monte nace,
No monte se cría,
e ven pra casa e rifa ca tia.
(a uz)

No monte nasce,
No monte se cria,
Com as mãos agarradas à cabeça.
(o feto)

Alto me vexo
No meu capulexo;
mau vexo vir
e non podo fuxir.
(o ourizo)

Alto está
Alto mora
Dá-lhe o riso
Vai-se embora.
(o ouriço)

Redondin, redondon,
non iten boca nin tapón.
(o ovo)

Uma casinha branca
Sem porta nem tranca.
(o ovo)

Catro gatos gatos n-un tellado
cada gato mira a tres
dime agora, rapaciña,
cantos gatos ven a ser?
(catro gatos)

Uma sala com quatro cantos,
Cada canto tem um gato,
cada gato vê três gatos,
Quantos gatos vêm a ser?
(quatro gatos)

Unha señorita
Moi enseñoritada
con moitos remendos
e ningunha puntada.
(a galiña)

Uma senhorinha
Muito assenhorada,
Nunca sai à rua
Está sempre molhada.
(A língua)

Entremos pròpriamente no «Cancioneiro», onde apenas aproveitaremos três ou quatro quadras, que por mim não foram ainda comparadas no meu trabalho dedicado a este

mesmo assunto é publicado no «Arquivo de Viana do Castelo», I vol., 1933.

No parágrafo «Amorosas», n.º 30:

Teño un amor na montaña,
teño un amor montañés,
teño un amor na montaña
na fiveira teño tres.

Nos meus «Cantares do Minho», recolhi a seguinte:

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho três, não quero mais,
Para que quero os amores
Se eles não me são leais?

O poeta galego canta a sua inconstância de namorado e o poeta português legitima essa inconstância devido à falta de lealdade desse mesmo amor.

Na rubrica «Desdés», a quadra n.º 40:

Pasei pol-a tua porta
erguin os ollos e vin
un letreiro que decía
eu para ti non nacin.

No Minho há uma quadra absolutamente igual:

Eu passei pela tua porta,
ergui os olhos e vi
um letreiro que dizia:
eu para ti não nasci!

Do parágrafo «Satiricos» vou retirar algumas quadras e aproximá-las de quadras idênticas dos «Cantares do Minho», duas das quais se podem comparar com a n.º 97:

Pol-a carreteira abaixo
hai un carro de alfileres.
As verdades son dos homes
i-as mentiras das mulleres.

A primeira é uma crítica severa à má língua das mulheres:

Esta noite choveu pouco
Trabalharam as coitadas.
Quem quiser ouvir má língua
Vá p'ra boca das mulheres.

A segunda deve ser resposta de cantadeira afamada, defendendo as verdades das mulheres, contra as mentiras dos homens:

Eu bem vi dormir homens
Na ramada do amor
Nunca vi mulher mentir
Nem homem falar verdade.

A quadra que tem o número 102, diz-nos:

As meninas desta terra
choram e têm razão...
porque ninguém se atreve
de presumido que são.

Tenho nos «Cantares do Minho» uma verdadeiramente igual

As meninas desta terra
choram e têm razão
porque nenhuma se atreve
de vaidosas que são.

No parágrafo «Murmurações», é 126:

Comadres se meus segredos
a quem tenho de contar
todas vossas vidas sabeis
Todas vossas me dirão.

Aparece nos «Cantares do Minho» uma semelhante e com a mesma ideia:

Não descubras o teu peito
A nenhuma amiga tua
Tua amiga amiga tem
Logo se salta na rua

Para terminar, vou comparar duas da rubrica «Indetermiñadas», têm os números 130 e 135:

No alto de aquela serra
ten meu pai unha tapada
que da uvas no xaneiro
e non llas queima a xiada.

A minhota reza assim:

No alto daquela serra
Tem meu pai um castanheiro,
Que dá castanhas em Maio
Uvas brancas en Janeiro.

A que tem o número 135 refere-se aos olhos:

Queridiña dóenche os ollos
tamén a min doénme os meus;
vámolos lavar o rio
onde a troita lava os seus.

A que vem publicada nos «Cantares do Minho», é muito parecida:

Lindos olhos tem a truta;
quem me dera assim os meus...
Hei-de lavar os meus olhos
Onde a truta lava os seus.

* * *

No meu opúsculo «Afinidades galaico-minhotas do cancioneiro popular», publicado nos «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», IV vol., dizia eu: «O Senhor Antón Fraguas Fraguas pronunciou há pouco no Ateneu de Vigo (9), (9 de Maio de 1941) uma interessante conferência sôbre o culto dos mortos. Citou o ilustre etnógrafo nove cantigas galegas que têm a morte como tema. No Minho colhi directamente da tradição popular cantigas perfeitamente semelhantes às que apresentou o folclorista galego. Também o

meu tio Dr. Augusto César Pires de Lima publicou há pouco um trabalho sôbre o mesmo motivo (7) (Miscelânea em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Caimbra, 1930). Seria curioso verificar-se na Galiza se se encontram as cantigas correspondentes às da colecção do Dr. A. C. Pires de Lima. É de crer que sim. Vamos confrontar as minhas e as recolhidas por Antón Fraguas Fraguas com algumas das 54 quadras publicadas por Augusto César Pires de Lima na «A morte nas tradições do nosso país».

Antón Fraguas Fraguas cita a seguinte:

O morte tirana morte,
eu de ti teño dar queixas;
quen has de levar non levas,
quen has de deixar non deixas...

Nos meus «Cantares do Minho»:

Ó morte, ó cruel morte,
de ti tenho mil queixas
quem hás-de levar não levas
quem hás-de deixar não deixas.

De «A morte nas tradições do nosso país»:

Ó morte traidora morte,
contra ti tenho mil queixas
quem hás-de levar não levas,
quem hás-de deixar não deixas.

Antón Fraguas Fraguas apresenta:

O morte tirana morte
O morte cruel sin fin;
Levásteme a miña amada,
agora levaime a min.

Dos «Cantares do Minho»:

Ó morte, tirana morte,
ó morte cruel sem fim
levaste-me a minha amada
agora leva-me a mim.

Citada por Dr. Augusto C. Pires de Lima:

Ó morte, para que levas
quem no mundo quer viver?
ó morte leva-me a mim,
já farto de padecer.

Antón Fraguas Fraguas apresenta a seguinte:

Eu ben vin estar o moucho
Encima dun gacio d-uvas,
Vaite d-ahi morte negra
Desamparo das viudas.

Colhida por mim da tradição oral:

Eu já vi a morte negra
Na ramada a comer uvas.
Vai-te embora morte negra,
Desamparo das viuvas.

Citada por Augusto César Pires de Lima:

Já encontrei a morte
No campo a vindimar uvas.
Vai-te daí morte negra
Desamparo das viuvas.

Finalmente, Antón Fraguas Fraguas apresenta:

O adro terra da igreja
onde se enterran anjinhos
O terra que estás comendo
Corpos tan delicadiños.

Dos «Cantares do Minho»:

Ó terra negra do adro,
Sepultura dos anjinhos:
Ó terra que estás comendo,
Corpos tão delicadinhos.

De «A morte nas tradições do nosso país»:

Ó adro terra da igreja,
Onde se enterram finados!
Ó terra que estás comendo
Corpinnos tão delicados!

* * *

Diz Fermín Bouza Brey em «Cántigas populares da Arousa» (1.ª série) (10), «o noso distinto amigo o etnógrafo Santos Júnior non podería formar, en verdade, agora unha lista de paralelos moi nutrida entre as galegas e as de Portugal, seu país, na proporzón que cas das ribeiras do Tea fixo».

No meu estudo «Afinidades galaico-minhotas do cancioneiro popular» provei ao insigne investigador Dr. Fermín Bouza Brey que também no Minho havia numerosas quadras semelhantes ou idênticas àquelas que ele recolheu da tradição oral en Arousa. Fui ao meu «Cancioneiro de S. Simão de Novais», que depois inclui nos dois volumes dos «Cantares do Minho», e comparei quadras de Arousa com quadras de S. Simão de Novais e verifiquei a semelhança entre muitas. Em 1923, seis anos antes de Santos Júnior, em aditamento à primeira série do meu «Cancioneiro de S. Simão de Novais», comparava quadras por mim recolhidas da tradição oral com algumas do «Cancioneiro popular galego» de Ballesteros.

Em 1929, Santos Júnior, no fasc. II do volume IV dos trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, inclue um estudo com o título: «Afinidades galaico-portuguesas de folclore». A seguir, aparece o meu ensaio publicado nos «Arquivos do Seminario de Estudos Galegos», IV: «Afinidades galaico-minhotas do cancioneiro popular» e, ao mesmo tempo, J. R. Santos Júnior publicava no vol. I do «Anuário do Distrito de Viana do Castelo», 1932, «Cantares vianeses e o folclore da Galiza» (15). Confrontavamos o mesmo estudo «Cantigas populares da Arousa» (1.ª série). Em 1934 publicava no «Arquivo de Viana do Castelo», vol I: «Identidades galaico-minhotas no Cancioneiro de S. Simão de

Novais» onde o confrontava com o Cancioneiro de «Vila de Calvos de Randin» de Florentino L. Cuevillas e Xoaquin Lourenzo.

O trabalho comparativo entre «Cantigas populares da Arousa» de Fermin Bouza Brey com o Cancioneiro popular minhoto, está já feito por mim e por J. R. Santos Júnior. No entanto, seja-me lícito comparar uma quadra de Bouza Brey:

Miña nai por me casar
pormeteume canto tiña
e despois que me casei
pagoume c-unha galiña.

Confronte-se com a dos «Cantares do Minho»:

Minha mãe, para me casar,
prometeu-me quanto tinha:
depois de me ver casada,
deu-me um fole de farinha.

Compare-se agora com a citada por J. R. Santos Júnior:

Minha mãe, p'ra me casar,
prometeu-me quanto tinha;
depois que me viu casada,
deu-me um quarto de farinha.

Finalmente Afonso do Paço, no «Cancioneiro de Viana do Castelo», apresenta a seguinte variante:

Minha mãe p'ra me eu casar
prometeu-me quanto tinha;
Quando foi a dar o dote,
deu-me um fole de farinha.

* * *

Na Revista «Nós» («Boletín Mensual da Cultura Galega»), ano XIII, n.º 95 (Ourense, 15 de Novembro de 1931) vem um estudo, com o título «Pra un canzoneiro de Noia» de Alvaro de las Casas (11).

Neste «Cancioneirinho» encontrei algumas quadras que têm idênticas ou, pelo menos, muito semelhantes com as por mim recolhidas nos «Cantares do Minho».

Por exemplo a que tem o n.º 39:

Todos me din que me case
Todos me din que vou ben,
Todos me din que me case
Pero no me din con quen.

Confronte-se com a minhota:

Todos dizem que me case
Todos dizem que vou bem,
Todos dizem que me case
Mas não me dizem com quem.

A que tem o n.º 41:

O home que ha de ser home
Ha de ter as pernas tortas
A barriga na xillada
E unha xoroba nas costas.

Confronte-se com a portuguesa:

O homem, para ser homem,
Deve ter costas de pau,
A barriga de manteiga,
As pernas de bacalhau.

A número 44, tem no «Cancioneiro de S. Simão de Novais» duas variantes:

Caséicheme por un ano
Por saber que vida era,
O ano vaise acabar,
Solteira quen che me dera.

Confronte-se com as seguintes:

Eu casei-me por um ano,
Para ver a vida que era;
O ano vai acabando.
Solteirinha quem me dera...

Eu casei-me por um dia,
Para ver o que a vida tinha;
O dia vai acabando,
Quem me dera solteirinha...

E, para terminar este parágrafo, seja-me lícito citar a de número 63:

Miña nai como é moi probe
non tiña pan que me dar,
enchéume a cara de bicos,
despois rompeu a chorar.

Nos «Cantares do Minho», há uma absolutamente igual:

Minha mãe, de pobrezinha,
Não tem nada pra me dar:
Dá-me beijos, coitadinha,
E depois põe-se a chorar.

* * *

Em separata do número 96 do boletim «Nós» de 1931, tenho em meu poder «Do Folk-Lore de Armeses-Listanco» (12) de Antón Fraguas Fraguas, onde se encontra um pequeno «Cancioeiro». A quadra número 8 tem uma semelhante nos «Cantares do Minho»:

Antonio, meu lindo Antonio,
Antonio, meu lindo Antón;
Ese mal non ten remedio
Padeza o meu corazón.

A ternura pelos Antónios é também vulgarissima no cancioneiro minhoto como se prova pela quadra:

Antóñio, lindo António
Lindo nome é o teu;
Agradas a todo o mundo,
Assim me agradei eu.

Comparemos a do número 19 com três do meu «Cancioneiro»:

Cántigas eu sei un cento
se as quixera cantar,
quedoume o libro na casa
e non as podo estudiar.

Canta là uma cantiga
Daquelas que tu bem sabes
A minha engavetei-a
Perdi o pôsto às chaves.

Sei um cento de cantigas,
E mais uma sacalhada;
Se as canto hoje todas,
Pra amanhã não fica nada.

Sei um cento de cantigas,
E mais uma taleigada:
Posso cantar toda a noite
E mais toda a madrugada.

A que tem o número 30 reza assim:

Namorados falar baixo
Que as paredes ten oidos;
Os amores máis secretos
Son eses os mais sabidos.

Nos «Cantares do Minho» aparece uma perfeitamente igual:

Namorados falai baixo
Que as paredes têm ouvidos:
Os segredos encobertos
São os que são mais sabidos.

Para terminar, vou comparar a que tem o número 40, com uma série semelhante, que transcrevo do «Cancioneiro de Viana do Castelo» de Afonso do Paço (4):

Se tu viras o qũe eu vin
habías de estremecer,

unha formiga sin rabo
que me quería morder.

As portuguesas são as seguintes:

Se tu viras o que eu vi,
ai! era de variar:
uma cadela com pintos,
uma galinha a ladrar.

Se tu viras o que eu vi,
tu havias de varar;
um macaco sem orelhas
a servir de militar.

Se tu viras o que eu vi,
em cima duma parede...
a cobra a dançar a chula
o sardão a cana verde.

Se tu viras o que eu vi,
Tu fugiras como a mim;
Uma cobra a tirar água,
outra a regar o jardim.

Na minha biblioteca, na secção de etnografia e folclore, possuo um volume curioso intitulado «Cancioeiro da Agulla» de A. Cotarelo Valledor (13). Como o seu título indica, é uma colectânea de quadras populares sôbre a costureira e os seus utensílios, não se esquecendo, claro está, também dos alfaiates.

A colectânea é bem organizada e de muito interesse.

Este «Cancioeiro da Agulla» é uma contribuição valiosa para o estudo duma arte e de um ofício nas terras da Galiza. Na época que estamos a viver, seria muito importante o estudo das artes e ofícios no Cancioneiro Popular.

No «Cancioeiro da Agulla» encontramos a quadra número 12:

—Bonitiña costureira,
¿onde che vai o dedal?
—Perdino na carballeira
unha noite de luar.

No Porto (Portugal) na noite de S. João, é fácil as costureiras perderem o dedal, o cordão de oiro, etc., tal como nos informa a cantiga:

Ó minha costureirinha,
que é da cruz do teu cordão?
Perdi-a na brincadeira,
na noite de S. João.

Continuando a confrontar o mesmo «Cancioneiro», lê-se a que tem o número 18:

Costureira melindrosa
Dáme ese alfiler de prata
para quitar unha espiña
do corazón, que me mata.

Nos «Cantares do Minho» a mesma ideia surge numa cantiga de certo valor lírico:

Ó, minha costureirinha!
A tua agulha é de prata:
Quero tirar uma espinha
Do coração, que me mata.

A composição poética de quatro versos citada por Armando Cotarelo Valledor:

Costureira non-a quero,
tecelana xa ma dan,
quero unha labradoriña
que me faga pol-o pan.

Comparemos esta quadra galega com uma que eu transcrevo no «O Amor na quadra popular»:

Não há dinheiro que pague
a filha de um lavrador:
anda ao sól e anda à chuva
e sempre da mesma cor.

Não há dúvida que a lavradeira còrada ,forte, bonita e bem parecida é aquela que tem direitos de cidade na Galiza

e no Minho. Compreende-se perfeitamente que o poeta popular nos diga que «costureira non-a quero» porque «quero unha labradoriña» porque «não há dinheiro que pague a filha de um lavrador!»

A ideia da quadra que tem o número 32 já foi por mim atrás referida. Contudo, como a versão galega é diferente, volto a citá-la:

Costureiriña bonita
eu non-a quixera ser,
que a mazán coloradiña
todos a querem comer.

Confronte-se com a lindíssima quadra popular portuguesa:

Uma menina bonita
Nunca havia de nascer;
É como a pera madura,
Todos a querem comer.

As que têm os números 35 e 39, vou reproduzi-las, porque têm referências a Portugal:

—Costureiriña bonita
¿Onde deixache o dedal?
—No poleiro das galiñas
Na raya de Portugal.

Costureiriña bonita
Volve pol-o devantal
que cho levan de bandeira
na raya de Portugal.

E, para terminar este parágrafo, vou citar a que tem o número 65:

Ó amor da costureira
Caeu no rio e mollóuse,
Agora, costureiriña,
O teu amor acabóuse.

Tenho nos «Cantares do Minho» uma quáse igual:

O amor da costureira
Era de vidro e quebrou-se.
Agora, costureirinha,
O teu amor acabou-se.

* * *

Diz Xoaquín Lourenzo Fernándes na «A Muller no Cancioeiro Gallego» (16), que «sempre foi a muller, tanto no cancioeiro galego coma nos de outros sitios, a fonte en que con máis frecuencia beberon os vates populares».

No meu livro «O Amor na Quadra Popular» largamente explanei o sentimento intenso dos portugueses pela sua bem amada. São as mais belas cantigas do «Cancioneiro». Vamos confrontar algumas dessas quadras com as que recolhi no Minho:

Ahí tés o meu corazón:
podes facelo pedazos,
pero coa condición
que hei de morrer nos teus brazos.

Vejamos aquela que nos diz:

Aí tens meu coração,
retalha-o como o marmelo;
depois de ele retalhado,
sabes o bem que te eu quero.

A mulher, quando ama um homem, pode ele desfazer-lhe o coração, mas o amor ardente é incapaz de ser chama que se extinga, porque é chama a arder permanentemente:

Penitencia rigurosa
Me deron por querer ben;
Si querer ben é pecado,
non se salvará ninguén.

Veja-se uma portuguesa, com ideia que se aproxima:

Fui-me confessar, e disse
que não tinha amor nenhum.
O padre me respondeu:
que arranjasse sequer um.

Comparemos uma galega cheia de graça e frescura com uma minhota plena de ironia e de malícia:

Cantar, mociñas cantar,
si por voso gosto é;
todal-as herbiñas ulen
donde poñedes o pé

Raparigas, cantai todas,
guardai o que vosso é;
as que não cantam nem dançam
também lhes escorrega o pé.

Vejamos agora duas cantigas muito engraçadas e cheias de espírito:

Heime de casar iste ano
anque sexa c-un ben probe,
que todo o mundo fai risa
da muller que non ten home.

Vou-me casar este ano,
ou para o ano que vem.
Os homens estão mais baratos:
cada cento um vintém.

Quando se nasce, não se sabe o que o destino nos reserva, mas sabe-se que se vai pertencer a alguém:

Debaixo da auga nacen
Cousiñas que saben ben;
eu tamén me vou criando
para amparo de alguién.

Debaixo da água se criam
peixinhos que nadam bem;
também me ando a criar
no mundo, não sei p'ra quem.

À ironia da quadra galega:

Non te fíes de muller,
anque son muller o digo:
a muller engana ô home
que seña máis entendido.

Correspondem duas portuguesas:

Quando eu saio de casa,
Minha mãi me recomenda:
Não te fies nos homens
Que eles são fraca fazenda...

À quadra galega que aconselha «non te fies de muller», podemos contrapôr aquela «eu era homem não te fiasses em mim»:

Não te ponhas a chorar,
lágrimas ao pé de mim:
sabias que eu era homem,
não te fiasses em mim...

Nenhuma mulher quer ficar solteira, mesmo que seja de idade muito avançada; e, assim, as duas cantigas galegas e as similares portuguesas são sarcásticas:

A unha vella moito vella,
máis vella que Zaragoza
tratáronlle o casamento
e a vella volveuse moza.

Uma velha muito velha
mais velha que saragoça,
falaram-lhe em casamento,
e de velha fez-se moça.

A unha vella moito vella
mais vella que o meu chapeu,

tratáronlle o casamento
levantou as maus ô ceu.

Uma velha muito velha,
mais velha que o meu chapéu,
falaram-lhe em casamento,
ergueu as mãos para o Céu...

Cita Xaquín Lourenzo Fernándes uma quadra cheia de beleza:

Chamáchesme moreniña
eche do polvo da eira;
xa me verás pra domingo
como guinda na guindeira.

Confronte-se com a minha dos «Cantares do Minho»:

Chamaste-me moreninha?
Isto é do pó da eira;
Hás-de ver-me p'ra domingo
Como a rosa na roseira.

Leia-se agora uma quadra galega cheia de ternura e compare-se com uma minhota:

Miña nai é unha rosa
eu sou filla da roseira;
Como me hei de apartar,
da rosa que tanto cheira?

Minha mãe chama-se Rosa,
sou filha de uma roseira;
ó quem se há-de apartar,
de Rosa que tam bem cheira?

Os olhos também não são esquecidos, e, assim, vou transcrever uma quadra, na qual o poeta popular se apaixona por uns deliciosos olhos castanhos:

Os ollos brancos son falsos,
os negros namoradeiros,
vivan os ollos castaños,
por firmes e verdadeiros!

No capítulo do livro «O Amor na quadra popular» sôbre os olhos, lê-se a seguinte cantiga.

Olhos pretos são fidalgos,
os azuis são cavalheiros,
Os olhos acastanhados,
São os leais, verdadeiros!

Sôbre as mãos, surge uma quadra galega:

Dame a tua man esquerda
que cha quero eu apretar,
porque a tua man direita
xa ti tes á quem lla dar.

Em Portugal há uma absolutamente igual:

Dá-me a tua mão esquerda
que t'a quero apertar;
A direita não ma dês
que tens mais a quem a dar...

A fidelidade da namorada pelo rapaz que mais merece o seu amor, é-nos descrita na quadra galega:

Teño un amor que me cela.
Outro que me dá diñeiro,
outro que me desengaña:
iste é o máis verdadeiro.

Confrontemos com a minhota:

Tenho um amor que me ama,
outro que me dá dinheiro,
outro que me veste e calça:
este é o mais verdadeiro.

Comparemos a seguinte cantiga:

Pasei pol-a tua porta
boteille a man ô ferrollo:
O galopin de teu pai
meteume un pau por un ollo.

Com aquela que vem nos «Cantares do Minho»:

Passei pela tua porta
botei a mão ao ferrolho.
O malandro do teu pai
meteu-me um pau por um olho...

As duas quadras finais do excelente estudo «A Muller no Cancioeiro Galego» têm idênticas em Portugal. São admiráveis de ternura e de amor pela mãe:

Miña nai, miña naiciña,
que boa nai teño eu:
vendeu o seu coletiño
para me mercar o meu.

Minha mãi, minha mãezinha,
que linda mãe tenho eu;
vendeu o seu coletinho,
para me comprar o meu.

Miña nai como é moi probe
e non ten pan que me dare,
encheme a cara de bicos
e despois rompe a chorare.

Minha mãi é pobrezinha,
Não tem nada que me dar.
Dá-me beijos, coitadinha,
e no fim, põe-se a chorar...

* * *

No «Cancioneiriño de Compostela» (17), de Xosé Filgueira Valverde, separata dos números 103 e 104 do Boletim «Nós», 1932, encontram-se duas quadras que têm similares nos meus livros.

A primeira reza assim:

Cando vaias à Sant'Iago
Comprárasme un Sant-Iaguiño
Coida de mercarmo grande
Anque coste un realiño.

No «S. João na Alma do Povo», lê-se a cantiga:

Se fores ao S. João,
Trazei-me um S. Joãozinho:
Se não puderdes c'um grande,
Trazei-me um mais pequeninho.

A segunda diz o seguinte:

Sant-Iago é boa vila
é boa vila tamén.
Sant-Iago é boa vila
dá de comer á quen tén!

Confronte-se com aquela que se refere a Santo Tirso, que é uma das vilas mais bonitas do Norte de Portugal:

A vila de Santo Tirso
De pequenina tem graça:
Tem um chafariz no meio,
Dá de beber a quem passa.

Mal sabia que êste meu trabalho e o de F. Bouza Brey, «Analogías gallego-portuguesas en el cancionero popular», publicado nesta mesma Revista em 1946, ficariam classificados em primeiro lugar nessas memoráveis festas de Homenagem a Portugal, que Lugo, em tão boa hora, realizou.

Merece referência especialíssima o estudo do ilustre etnógrafo e meu querido amigo o Doutor Juiz F. Bouza Brey, pelo muito carinho que dedica às tradições galaico-portuguesas.

Sem o sabermos, tanto um como outro apresentamos ensaios similares, de temas idênticos.

E, como bem nos ensina o sábio folclorista galego «Entre los Cancioneros de Galicia y de Portugal —que aunque tengamos que contemplarlos bajo un punto de vista geográfico como separados, no son sino dos aspectos de un mismo y grande Cancionero— se dan afinidades de concepto e identidades de dicción. Ambos términos son fácilmente comprensibles y tienen como origen común una causa remota de

parentesco que estrecha y vincula de firme manera à galle gos y portugueses y más particularmente a los situados al norte del río Duero» (33).

* * *

Cheguei ao fim deste meu ensaio, no qual esbocei as «Afinidades galaico-minhotas do Cancioneiro Popular». Tracei as linhas gerais dum assunto que desde há vinte e cinco anos tanto me tem apaixonado. Quando publicava, em 1923, o meu primeiro trabalho de folclore, já nele eu fazia um confronto entre quadras recolhidas por mim com algumas do «Cancioneiro do Ballesteros». Vem portanto desde o início da minha carreira de etnógrafo o meu amor pela Galiza, essa Galiza que vive paredes meias com o Minho e que tem as mesmas virtudes, os mesmos sentimentos e os mesmos costumes. É o mesmo sol que aquece os Povos irmãos. É o mesmo vento que faz cantar os pinheirais, é igual o soluçar da água a tombar nas fontes. Os milheirais e as vinhas e as hortas e os campos e as bouças confundem-se e irmanam-se e não se sabe ao certo se pertencem às margens esquerda ou direita do Rio Minho. O gemer dos carros de bois nos caminhos, é linguagem comum como é comum o grito dos malhos a separar o milho das espigas. Iguais são as cantigas que rapazes e raparigas cantam nas vindimas e nas esfolhadas. Como as estrelas são as mesmas que brilham no Céu de Portugal e da Galiza. E ao anoitecer, ao lusco-fusco, quando o dia vai dar lugar à noite, são as mesmas Trindades, que os sinos entoam a anunciar às gentes as Graças do Senhor. Noite alta, Céu pejado de luzinhas e lá no cimo, perdido nas Alturas, um caminho nebuloso e estranho: «A via láctea», que o povo traduz por «estrada de S. Tiago». Nós lembramo-nos imediatamente da Galiza e do seu Santo. S. Tiago paira permanentemente sôbre as terras da Galiza. E fico-me a cismar nessa estrada, caminho para o Céu das almas que merecem a benção de Deus! A lenda ensina-nos que as almas, para entrar no

Céu, têm de seguir a Estrada de S. Tiago, mas primeiro têm de ir até ao túmulo do grande Apóstolo, excepção feita apenas para aquelas que lá foram em vida. Porque, se as almas se não dirigissem primeiramente ao túmulo de S. Tiago, podiam perder-se, e ficarem a errar pelo Mundo:

S. Tiago da Galiza
é um cavaleiro forte.
Quem lá não for em vida,
há-de ir lá depois da morte. (18).

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA.

BIBLIOGRAFIA

(1) José Pérez Ballesteros: *Cancionero Popular Gallego*. Madrid, 1886.
(2) Carolina Michaëlis de Vasconcelos: *A Saudade Portuguesa*, 2.ª edição. Rio de Janeiro, 1932.
(3) Fernando de Castro Pires de Lima: *Cancioneiro de S. Simão de Novais*. 1.ª série, 1933; 2.ª série, 1939, sep. da «Revista de Guimarães».
(4) M. Afonso do Paço: Cancioneiro de Viana do Castelo. Braga, 1928.
(5) Fermín Bouza Brey e Luiz Brey Bouza: *Cancioeiro das ribeiras do Tea*. A Cruña, 1929.
(6) J. R. Santos Júnior: *Afinidades Galaico-Portuguesas de Folclore*. Vol. IV, fasc. II, dos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto, 1929.
(7) Augusto C. Pires de Lima: *A morte nas tradições do nosso país*. (Miscelânea de estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.) Coimbra, 1930.
(8) Florentino L. Cuevillas e Xoaquin Lourenzo.: *Vila de Calvos de Randin*. Santiago, 1931.
(9) Antón Fraguas Fraguas: *O Culto ós Mortos*. Santiago, 1931.
(10) F. Bouza Brey: *Cantigas Populares da Arouza*. (1.ª série). «Arquivos do Seminário d'Estudos Galegos», III, 1931. A Cruña.
(11) Alvaro de Las Casas: *Pra un Cansoneiro de Noia*. «Nós», n.º 95, año XIII. Santiago, 1931.
(12) Antón Fraguas Fraguas: *Do Folk-Lore de Armeses*- Listanco, sep., n.º 96 do «Nós». Santiago, 1931.
(13) A. Cotarelo Valledor: *Cancioeiro da Agulla*. Santiago, 1931.

(14) Fernando de Castro Pires de Lima: *Afinidades Galaico-Minhotas do Cancioneiro Popular*. «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos». Vol. IV. Santiago, 1932.

(15) J. R. Santos Júnior: *Cantares Vianeses e o Folclore da Galiza*. «Anuário do Distrito de Viana do Castelo», vol. I, 1932.

(16) Xoaquín Lourenzo Fernández: *A Muller no Cancioeiro Galego*. Sep. do n.º 98 e sgts. do Boletin «Nos». Santiago, 1932.

(17) Xosé Filgueira Valverde: *Cancioneiriño de Compostela*. Sep. dos ns. 103 e 104 do Boletin «Nos». Santiago, 1932.

(18) Alberto Vieira Braga: *Influencia de S. Tiago da Galiza em Portugal*. Sep. da «Homenagem a Martins Sarmento». Guimarães, 1933.

(19) Fernando de Castro Pires de Lima: *Identidades Galaico-Minhotas no Cancioneiro de S. Simão de Novais*. «Arquivo de Viana do Castelo», vol. I, 1934.

(20) Fernando de Castro Pires de Lima: *Cantares do Minho*. I vol., Barcelos, 1939; II vol., Porto, 1942.

(21) Armando de Matos: *Santo António de Lisboa na Tradição Popular*. Porto, 1937.

(22) Joaquim Alberto Pires de Lima e Fernando de Castro Pires de Lima: *Tradições Populares de Entre-Douro-e-Minho*. (Cap. XI), Barcelos, 1938.

(23) J. Leite de Vasconcellos: *Opúsculos*. Vol. VII. «Etnologia» (parte II). Lisboa, 1938 («Poesia Popular Galega», pags. 757).

(24) Oswaldo Orico: *A Saudade Brasileira*. Rio de Janeiro, 1940.

(25) Rosalía de Castro: *Cantares gallegos*. Santiago, 1941.

(26) Karl Vossler: *La soledad en la poesía española*. Madrid, 1941.

(27) Fernando de Castro Pires de Lima: *O Simbolismo Cristão na Cantiga Popular*. Porto, 1941.

(28) — — *S. João*. Sep. do «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto», vol. VI, fasc. 3-4. Porto, 1943.

(29) — — *Santo António de Lisboa*. «Revista Municipal», n.º 15, 1943, Lisboa.

(30) — — *Ensaios*. Porto, 1943.

(31) — — *S. João na Alma do Povo*. Porto, 1944.

(32) — — *O Amor na Quadra Popular*. Porto, 1945.

(33) F. Bouza Brey: *Analogias gallego-portuguesas en el Cancionero popular*, «Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, t. II, cuad. 1.º. Madrid, 1946.

Creencias gallegas

TRADICIONES REFERENTES A ALGUNOS ANIMALES

II

EL «CHASCO».

El *chasco* es un pájaro pequeño, acerca del cual se cuentan muchas historias. El nombre proviene de la imitación de su canto.

Se cuenta que cuando Nuestro Señor andaba por el mundo, perseguido por los judíos, preguntaron éstos al chasco y a la golondrina si lo habían visto pasar, y el chasco decía:

—*Chas, chas, por ahí ben vas.*

La golondrina, a pesar de haberlo visto, respondió:

—*Pin, pin, por ahí non vin* (1).

También se dice que pasando el Señor por los *chaos* de Vilanova, los judíos preguntaron al chasco, y éste les dijo:

—*Chas, chas, por ahí ben vas.*

Entonces, el pisco, más leal, le dijo:

—*Pis, pis, por ahí mentís* (2).

---

(1) Marzás, doña Custodia Rodríguez Villamarín, 1932. Parece una traslación de lo dicho de otro animal a la golondrina. Acerca de ésta véase la primera parte de este trabajo.

(2) Vilanova dos Infantes, don Francisco Santalices Díaz, 1929.

Existe una variante, en que la rectificación se atribuye a otro pájaro, el *tinque*, que dijo:

—*Tin, tin, o de Sodoma e Gomorra por eiquí non vin* (3).

A causa de esto se dice que el chasco no se puede comer, porque la mitad es del demonio, por haber guiado a los judíos (4).

LA COMADREJA.

Se llama *donicela, donosiña, doniña, doniña das parcdes*, etcétera, nombres todos relacionados con *dona* (dama), y que aluden a su belleza, muy admirada por los paisanos. No sólo es hermosa, sino que le gusta que se lo digan... En esto se parece también a las *donas*.

Es preciso decirle:

—*Donicela, bonitiña, garridiña* (5).

En cambio, es peligroso insultarla, porque se enfurece, y su veneno se vuelve más activo. Los insultos que más la ofenden son llamarle *torresmeira, borrallenta* (6), *donicela queimada* (7), *sarralleira, cazoleira* (8), o decirle los versos:

«Mazaroca,
troca, troca,
fía na roca» (9).

Sin embargo, si cuando está enfurecida le llaman *bonitiña*, se aplaca.

En todas partes es tenida por venenosa, y su mordedura, por mortal:

---

(3) Chaos de Amoeiro, don Carlos Pulido.
(4) Idem íd.
(5) *Terra de Melide*.
(6) Idem íd.
(7) Chaos de Amoeiro, don Carlos Pulido.
(8) Lalín, sacristán de Goyás, 1931.
(9) Parada del Sil, doña María Claudia Rodicio Pérez, 1933.

«Se te morde a doniccla,
busca camisa pr'a terra.»

En Mellid dicen que si la comadreja agarra a uno con los dientes, no lo suelta mientras no orneen siete burros y toquen siete campanas.

Los muchachos emplean allí contra ella una suerte de conjuro que dice:

«Doniccla, torresmeira, borrallenta,
Donicela calderona,
malo rayo que te coma.»

LAS HORMIGAS.

Existen numerosos lugares que han quedado deshabitados y cuyas casas y construcciones se van desmoronando lentamente, bien por la acción del tiempo, bien porque se van llevando los materiales para utilizarlos. Es frecuentísimo que se diga que el abandono de aquel lugar por los hombres se debió a una invasión de hormigas. Otras veces se aplica la historia a muros antiquísimos que se encuentran en los montes.

He aquí dos casos:

«Si dan en juntarse muchas (hormigas) en una casa, obligan a las personas a abandonar su propio hogar... Dicen que en el partido judicial y Ayuntamiento de Quiroga, parroquia das Cobas, había un lugar de unos tres o cuatro vecinos, y que las hormigas se juntaron en él tan abundosas, que, no pudiéndose librar de ellas, los vecinos tuvieron que dejar las casas» (10).

«En la feligresía de Alongos, Toén (Orense), hay un sitio llamado Fontelo, donde hoy hay una gran viña. Antiguamente había, según los viejos, un lugar; pero las hormigas *derramaron* todo, y la gente que allí vivía tuvo que marcharse» (11).

---

(10) Sotordey, San Clodio (Lugo), don Domingo Mondelo.
(11) Alongos, doña Florentina Lorenzo Vidal, 1932.

Se ha usado, en diferentes ocasiones, arrojar hormigas vivas, en gran cantidad, a la gente, especialmente a las mujeres. Antiguamente, en la villa de Allariz, delante de la procesión del Corpus, iban unos hombres con sacos de hormigas, echándoselas al público. La versión tradicional era que esto tenía su origen en la necesidad de alejar a los judíos—que tuvieron una comunidad numerosa en los barrios del Couto y Subcastelo—, pues salían a ver la procesión y ponían los cuernos al pasar el Santísimo; y que después, desaparecida la colonia judía, subsistió la costumbre hasta no hace mucho.

Cuando más en uso está el arrojar hormigas es en Carnavales. La costumbre se extiende por gran parte de Galicia.

EL GALLO Y LA GALLINA.

Aquí el material es abundantísimo. Faltándonos, de momento, una clasificación metódica, por cierto, nada fácil, nos limitaremos a algunas notas destacadas.

De la vida de los gallos y gallinas se sacan numerosos pronósticos meteorológicos y de otras clases: cuando se catan los piojos, cuando se arriman a las paredes, cuando abren hoyos en el suelo y se meten en ellos, anuncian lluvia.

Cuando una gallina canta como el gallo, es señal de que va a morir el amo de la casa o una persona de la familia. La desgracia puede evitarse matando la gallina. Es decir, devolviendo la amenaza sobre quien la anuncia, por medio de una suerte de *choc-en-retour* artificial, muy empleado en la magia.

En el *Libro de San Cipriano* se habla del sacrificio de una gallina negra, que se ofrece al diablo en las encrucijadas. Procede probablemente del *Grand Grimoire*; pero hay también un libro mágico francés con el título de *La Poule noire*.

Se dice que el gallo pone un solo huevo durante su vida, cuando ya va viejo. Un huevo de gallo es el que se emplea, conforme al citado *Libro de San Cipriano*, para obtener un diablillo familiar. El operador ha de fecundarlo con una gota de sangre del dedo meñique de su mano izquierda, abriendo

un agujerito en la cáscara, dejando caer allí la gota de sangre y tapando después el agujero con cera; luego ha de incubarlo en la axila izquierda, o bien en un montón de estiércol; cuando sale el diablillo debe tener dispuesto un alfiletero nuevo, de madera, con una gota de azogue o un poco de limaduras de acero.

También se dice que del huevo de un gallo negro nace un basilisco y, según otras versiones, una serpiente.

En medicina popular, se emplean diversos productos de las gallinas.

La gallina negra es la mejor para el caldo de las paridas. Especialmente el primero que tomen, debe ser de gallina negra.

También sirve para curar las pulmonías. Estando viva la gallina, se la abre por el medio y se le aplica al enfermo en el pecho (12).

En las congestiones y golpes de sangre se emplea también un pollo—o un pichón—vivo. Se aplica el ano del animalito al ano del enfermo, y se dice—y lo hemos oído asegurar a personas cultas, formales y veraces—que se ve cómo el cuerpo del pollo o pichón se va cargando de sangre hasta ponerse negro y morir, mientras el enfermo se va poniendo cada vez mejor.

La grasa (*enjundia*) de gallina se usa contra las anginas y contra las paperas u orejones. Todos hemos soportado unturas con esta grasa, sobre la que se aplicaba después un pañuelo de seda.

Incluso los excrementos de gallina negra sirven para curar los cólicos. Se le dan al enfermo deshechos en agua.

El canto del gallo y el de la gallina se interpretan de muy diversas maneras.

Se dice que en la noche de Navidad el gallo dice:

—Cristo naciooooo...

---

(12) Parada del Sil, doña María Claudia Rodicio Pérez, 1933.

Pregunta el buey:

—¿En dooonde?...

Contesta la oveja:

—¡Belén, Belén, Belén!

Cuando cantan varios gallos, respondiéndose unos a otros, el diálogo es el siguiente:

El de más cerca:

—*Ca-ca-ra-cáa.*

Otro más lejos:

—*Xente na aldeeea...*

El de más lejos:

—*Hóspedes háaai...*

El pollo:

—¡*Triste de min*! (13).

Otras veces se aplica al canto de los gallos lo siguiente:

—*Ca ca ra cáa,*
ponte na pá,
fai un bolo,
cómeo todo,
deixa d'il
pra o mes d'abril,
que logo a vir.

También dialogan el gallo y el gato. En invierno, por la noche, el gallo canta:

—¡*Ay qué noites tan laaargas*!

(13) Triacastela, José Iglesias Roura.

Y el gato, muy contento de comer buena carne de cerdo y calentarse en la *lareira*, responde:

—¡*Mentes*! ¡*Mentes*!

En verano quedan los dos solos en casa, y el gato se lamenta:

—¡*Ay qué tardes tan largas*!
¿*Onde irán nosos amos*?

El gallo, que tiene comida abundante, responde alegre:

—*Vanche na seitura...*

Pregunta el gato, aburrido:

—¿*E cando virán*?

Dice el gallo:

—*A noite escura.*

EL GATO.

Para que no se vaya de la casa le cortan el extremo del rabo, que se llama *a rabuxa*. Otros dicen que es para que no les dé la *raña*. En cuanto al procedimiento, hemos oído decir que debe ser con los dientes, metiendo la *rabuxa* en un trapo doblado y mordiendo por fuera.

También se dice que la operación debe realizarse fuera de la puerta de casa, pues así el gato escapa para dentro y no vuelve a salir.

Para los mismos efectos se dice que se los debe *capar* (castrar) en la puerta de casa, pues así no vuelven a pasar por ella.

Los gatos *axaneirados* (en período de celo) riñen entre sí, manteniendo diálogos como el siguiente:

—*Dame a mantela.*
—*Non quero.*
—*Fuxe con ela, fuxe con ela, fuxe con ela* (14).

Los gatos que nacen en el mes de mayo padecen ataques epilépticos.

Existe un procedimiento de *envoutement*, que se emplea por venganza: consiste en ahorcar un gato y colgarlo en alto hasta que el cadáver se seque; conforme se va secando el gato, también se va secando la persona a quien se quiere dañar, hasta que muere (14 bis).

EL GAYO.

Es un pájaro que anda en pequeñas bandadas, por el otoño, en las arboledas. Tiene hermosas plumas azules debajo de las alas.

Se dice que en el tiempo de las cerezas, mira para ellas y dice:

—*Xa raxaron.*

El avión dice:

—*Xa lle rubiron.*

Y cuando canta ya no las hay (15).

EL GRILLO.

Se llama a los grillos *baiños de Dios*, y se dice que, por serlo, es pecado matarlos (16). A juzgar por lo que se dice de las polillas y pequeñas mariposas, *baiño* debe entenderse por «mensajero».

---

(14) El Son, José Iglesias Roura.
(14 bis) Pontevedra, don Manuel Blanco Tobío.
(15) Chaos de Amoeiro, don Carlos Pulido.
(16) Sotordey, San Clodio (Lugo), don Domingo Mondelo.

La afición de los chicos a los grillos es extraordinaria. Los cogen, haciéndolos salir de sus agujeros con una paja, y los meten en la gorra, que conservan puesta en la cabeza; llegan a casa con la gorra llena de grillos. Ellos mismos construyen grilleras de cartón y cristal, de caña con un cristal en un extremo, de palos, de alambre.

Algunos se divierten «juntándolos por parejas y *xunguíndoos*» (unciéndolos) (17).

Distinguen dos clases: *príncipes* y *reyes*, los cuales se conocen por la letra que tienen marcada en los élitros: una P o una R. Por regla general se dice que los que cantan mejor son los príncipes.

Se dice que los grillos sirven de alimento a los zorros, a los perros y a otros animales. De los zorros se dice que los buscan cuando no tienen otra cosa que comer. De aquí el dicho:

Mal lle vai â zorra cando anda aos grilos.

En medicina popular, se usa como diurético el cocimiento de pata de grillo. Se administra al uso interno, en las retenciones de orina. Basta una pata de grillo para una gran cantidad de agua, y debe darse con precaución porque sus efectos son enormes.

EL LAGARTO.

El lagarto es un animal acerca del cual las tradiciones y creencias interesantes y extrañas son abundantísimas.

En primer lugar, tiene una significación sexual marcadísima. Las siguientes notas proceden de Carracedo, Gudiña (Orense) (18), pero se encuentran en casi toda Galicia.

El lagarto es enemigo de las mujeres y amigo de los hombres. Si un hombre está durmiendo en el campo y viene una culebra y se le quiere meter por la boca, o simplemente

(17) Idem íd.

(18) Comunicadas por don Laureano Prieto, año 1934.

se acerca a él, el lagarto, con el rabo, le tira piedrecitas a la cara para que despierte. (En otros lugares dicen que lo despierta dándole con el rabo mismo en la cara.) Esto no lo hace de ningún modo con las mujeres.

Corre detrás de las mujeres. En Carracedo dicen que es porque le duele la cabeza al verlas.

O bien, persigue a las mujeres para introducírseles en la vagina. Se dice haber ocurrido esto, por ejemplo, a una muchacha que iba a casarse. Su novio la encontró muy triste, le preguntó qué le ocurría, y ella acabó por confesar. Como el horno estaba cociendo, el novio coció un bollo pequeño, lo abrió cuando estaba aún muy caliente, metió en él el rabo del lagarto, que quedaba fuera, tiró por él y lo sacó; porque el lagarto estaba preso con la boca a las entrañas de la muchacha; pero al sentir el calor del bollo, abrió la boca, y el operador pudo soltarlo.

De otro modo, no hubiera podido ser sacado sin producir desgarramientos, pues el lagarto tiene dientes ganchudos, vueltos hacia atrás, por lo cual hacen presa sin poder soltarse fácilmente. En Mellid (19) dicen que cuando muerde un lagarto, para que suelte hace falta que suenen siete campanas y orneen siete burros (20).

Esto suele aplicarse al *lagarto arnal*, que es mayor que los otros. Al lagarto arnal le dicen:

«Lagarto arnau,
comichell'as papas
a teu irmau.»

La disposición de los dientes del lagarto hace que se le puedan quitar metiéndole en la boca la visera de charol de una gorra; el lagarto muerde e incrusta los dientes en ella; dando luego un tirón fuerte, vienen todos los dientes clavados en la visera. Fué en algún tiempo diversión de mucha-

(19) *Terra de Melide.*

(20) Véase más arriba lo referente a la comadreja.

chos tener en casa lagartos desdentados: los metían en los cajones de las mesas para dar sustos a sus hermanas.

También los cazan con anzuelo, poniendo de cebo un grillo o un saltamontes, y de sedal un cordel fuerte. El anzuelo se deja en el agujero que se suponga o se sepa ser el de la madriguera del lagarto.

LA BABOSA O LIMACO.

Se llama *lezna* o *lezne*, *limacha*, *ligacha*, *limigocha*, *miligocha*. Se las considera perjudiciales para los campos, por lo cual procuran matarlas, lo que algunos consiguen echándoles sal.

Dicen que son delicadas para el calor y para el frío, y muy sensibles, pues a poco que se les toque, se encogen y esconden los cuernos (21).

Se emplean en medicina y como cebo para la pesca.

En medicina sirven de remedio contra los *furunchos* (forúnculos) de las personas, y contra el *erizo* de los bueyes.

En la pesca se ceba con ellas el anzuelo, y también las *nasas*. Su empleo en el cebo de las nasas resulta penoso de describir, porque hay que tener muy buen estómago para consignarlo y para leerlo: las machacan, solas o con miga de pan, y forman una nauseabunda pasta, blanda y viscosa, con la que untan la boca de la nasa y parte del interior; en el fondo, echan dos o tres babosas vivas.

LAS LOMBRICES.

En Sotordey (San Clodio), las grandes—nos referimos aquí a los parásitos intestinales—se llaman *cocas*, y las pequeñas, *lombrices*. Viven en las tripas de las personas; lo que más le gusta es la leche y el dulce; dan dolor de barriga y, a veces, de estómago o de cabeza. Se curan: comiendo ajo, bebiendo aguardiente, mascando tabaco, comiendo cosas

(21) Sotordey, San Clodio (Lugo), don Domingo Mondelo.

agrias (y *coutándoas*. Esta última es una operación mágico-religiosa que se practica en diferentes formas. En Sotordey, al hacerlo, hay que decir: *A non ser a cocal*. La *cocal* es la madre de todas las demás, pero no se puede matar, porque si muere aquella lombriz, muere la persona que la tiene (22).

Por eso, una fórmula que conocemos, de localidad indeterminada, pero que puede servir de ejemplo de la más extendida, dice:

«Corto cocas,
todas e non d'elas,
non sendo a do cocal,
que Dios nos libre de todo mal.»

Coutar significa, en este caso, «cortar». Se cortan las *lombrigas* o *cocas*, haciendo cruces sobre el vientre del enfermo con una navaja de acero nueva, al mismo tiempo que se dicen las palabras. La operación se llama también *bendecir*.

Lo importante aquí es la creencia en la dependencia entre la vida de la persona y la vida de la lombriz, idea de un gran primitivismo, bastante conocida por lo demás.

Otros remedios contra las lombrices son la menta, tomada en cocimiento o infusión, y las *calas*, que consisten en introducir por el ano un trapo mojado en vinagre, envuelto en un palo.

LA LOMBRIZ DE TIERRA.

Se llama *mioca* o *miñoca*. Se dice que se mantiene de tierra, especialmente donde hay hojas podridas, y que es víctima del topo, la gallina y los pájaros.

Los hombres las buscan como cebo para pescar truchas y anguilas, ensartándolas en el anzuelo o usándolas en la *cocada* (envenenamiento del río con coca), o untando la *nasa*

(22) Idem id.

con pasta de *miñocas* machacadas, del mismo modo que los limacos.

También se emplean para dar de comer a los mirlos y malvises.

En medicina, se usan contra el reúma (23).

Al empleo en la pesca responde la expresión: *Morrer â miñoca*, que significa, unas veces, morir o languidecer de necesidad, y otras, venir a parar en manos de quien no se quisiera.

Contra el reúma se administran unturas de aceite, en que se han frito *miñocas*.

LA MARIQUITA.

Es un pequeño insecto, muy lindo, que tiene los élitros rojos con pintas negras.

Los chiquillos las cogen y las hacen andar por la mano, y se dice que van contando los dedos; después hay que dejarlas volar. Se les dicen diferentes fórmulas en verso. En Carracedo (Gudiña) se llama *pitasol*, y le dicen:

«*Pitasol, pitasol,*
enséñame os panos
e vaite ao sol» (24).

Los *panos* son las alas membranosas que saca para volar.

Es pecado matarla, porque pertenece a Dios, o bien a San Antonio.

EL MIRLO.

Es un pájaro muy estimado. Se llama *merlo* o *melro*. Lo encierran en grandes jaulas de madera, en cuya construcción se evita el metal. Silbando junto a él, se logra que aprenda un par de compases de una tonada cualquiera.

---

(23) Idem id.

(24) Don Laureano Prieto.

En libertad, dicen que el canto del mirlo es señal de agua. Su canto se interpreta:

«l'ol-o tempo dos nabos
ben o pasamos;
pol-o das cercixas,
xa non hay queixas» (25).

En Carracedo (Gudiña) la mirla dice:

«Co-a uva, tripa dura;
co-a mora, espurrícome toda» (26).

En Amoeiro se cuenta que el mirlo le pidió pan a la hormiga, y la hormiga le contestó:

«Mentras andiveches pol-as silveiras,
chirlo merlo, chirlo merlo,
buscaras pan pra o invernio» (27).

EL MURCIELAGO.

Se llama *morcego* o *muricego*. Los chiquillos los cazan, esperándolos de frente, con un trapo, y abatiéndolos; cuando caen en el suelo no pueden volar y los cogen. Los crucifican en la tabla de una puerta, clavándoles dos puntas en las membranas de las alas, y los obligan a fumar, metiéndoles en la boca un cigarrillo encendido.

En Pontevedra el medio de captura es lanzar una gorra al aire, al paso del murciélago; éste se mete en la gorra y cae (27 bis).

En Mellid, nuestro informador Antón de Ulloa nos aseguró que atando un murciélago a la mano derecha de un hombre, este hombre no duerme durante toda la noche, y que el que bebe sangre de murciélago no duerme ya nunca más.

---

(25) *Terra de Melide.*
(26) Don Laureano Prieto.
(27) Don Carlos Pulido.
(27 bis) Don Manuel Blanco Tobío, 1947.

No hemos podido comprobar si se trata de una tradición local o proviene de los libros médicos y mágicos que manejaba el señor Ulloa. En todo caso se trata de una idea de magia contagiosa, por ser el murciélago animal nocturno, que vela a las horas que los otros duermen.

LAS MOSCAS.

Se dice: Viven en el verano, donde haya animales o basura. Las comen los pájaros, arañas, sapos, lagartijas, etcétera. Causan daño a los bueyes y a las caballerías, picándoles y chupándoles la sangre (28).

En todas partes, una de las cosas que más temen los paisanos es que el ganado se *amosque*; esto es, sea atormentado por las moscas, especialmente por el tábano (*tabao*), como en la leyenda de Jo. Realmente, una vaca, una pareja de bueyes, a quienes ataca el tábano o una mosca pesada, llegan a sufrir verdaderos ataques de locura, echándose a correr y atropellando cuanto encuentran por delante, haciéndose difícil reducirlos.

La mosca es mirada generalmente con antipatía. Existe la tradición de que las moscas son traídas por las brujas. Al llegar el verano, en la primera reunión de aquelarre, el diablo reparte las moscas entre las brujas, y éstas las llevan a sus respectivas aldeas para causar daño a sus vecinos.

A veces, las brujas toman la apariencia de moscas, especialmente de mosca *raxada* (rayada o multicolor). En este caso se las puede matar con una vara de *abelaira* (avellano) bendita: se mata la mosca y la bruja aparece muerta en su cama.

Recuérdese que uno de los nombres del diablo es Belcebú; esto es, el del dios sirio Belzebub, o Baalzebub, dios de las moscas.

Otro daño causan las moscas en las carnes: «Ponen los

(28) Sotordey, San Clodio (Lugo), don Domingo Mondelo.

huevos, y cuando las carnes están húmedas, nacen larvas, que dan origen a *vermes* (gusanos) (*cimixe*) que estropean la carne» (29).

Otras veces se dice que las moscas son traídas por San Fernando, rey de España (30).

Que las moscas llegan el día de San Fernando (30 de mayo), es versión general. En Orense se decía, humorísticamente, que aquel día llegaba el «batallón de San Fernando». Y se refería la anécdota siguiente: Un señor muy respetable, militar retirado de alta graduación, oyó decir el 29 de mayo: «Mañana llega el batallón de San Fernando», y al otro día salió a esperarle, con su mujer y con sus hijas, por la carretera de Castilla. Se encontró con un señor conocido, que le preguntó muy solícito:

—¿Y adónde van ustedes a estas horas?

Y respondió como cosa natural:

—¡Hombre, a esperar al batallón de San Fernando!

El otro, muy extrañado al principio, acabó por darse cuenta, y desengañó al entusiasta militar.

En algunos lugares se dice que las moscas llegan el día de San Fernando por la noche. Llegan y se posan en el *andamio* de la cocina (palo en que se cuelga la *garmalleira* del caldero). Un muchacho que oyó decir esto, quedó una noche entera aguardando para verlas llegar (31).

Contra las moscas se emplean varios remedios, entre ellos, poner en casa una rama de *sabugueiro* (saúco) en flor (32).

Pero también las utiliza la medicina popular, contra las picaduras de animales venenosos. Se aplican machacadas, en emplasto, y también, untando de miel la parte afectada y dejando que vengan las moscas a posarse y picar (33).

---

(29) Idem íd.

(30) Oído en un comercio de la Pereira, Sabariz, Rairiz de Veiga (Orense), en 1931.

(31) Paradela (Lugo), don Manuel Pallares, 1931.

(32) Regueiro Fozado (Orense).

(33) Sotordey, San Clodio (Lugo), don Domingo Mondelo.

EL MOCHUELO.

El mochuelo (*moucho*) es ave fatídica: *venta a morte* (34). Si viene a gritar encima de la casa de uno, muerte segura; a veces el ave viene a golpear las ventanas (35).

Al miedo que, por esto, produce este ave se refieren algunas coplas:

«En ben vin estar o moucho
derriba do sabugueiro.
No che teño medo, moucho;
moucho, no che teño medo.»

«En ben vin
viribin
estal-o moucho
laroucho
asomado
larado
ao corredor,
com'un señor...»

«Moucho,
qu'estás no penedo,
eres de cartón, eres de cartón,
non che teño medo.»

En Avión (Orense) se emplea la expresión: *Comer m... de moucho*, como significativa de conocer cosas ocultas o reservadas, o anunciar algún suceso que realmente ocurre. Se dice a quien tal anunció:

—*Ou comiches m... de moucho, ou xa o sabías* (36).

Tanto en Avión como en Mellid, se toma caldo de *moucho* para curar varias enfermedades, especialmente para la tos-

---

(34) Comunicado por el sacristán de Cuntis (s. Lalín Pontevedra).
(35) *Terra de Melide.*
(36) Comunicado por don Arturo Noguerol.

ferina (37). Pero el caldo ha de ser preparado cociendo el ave entera, con pluma y todo (38).

LOS PAJAROS.

Es versión muy corriente que la tiña se coge poniendo un nido de pájaros en la cabeza o tocando a los pájaros nuevos.

No obstante, los chiquillos «andan a los nidos» siempre que pueden. En Carracedo (Gudiña), en la primavera, los rapaces buscan nidos de pájaros y de perdices. Si el nido tiene pájaros, llama a éstos *sapos*; si tiene huevos, les llaman *areas*, porque no se pueden llamar por su nombre, si no la pájara *enxeita* (abandona) el nido (39).

LOS PECES.

La tan citada información de Sotordey, San Clodio, dice lo siguiente:

«Viven en el río. Comen gusanos y mosquitos, etc., que caen en el agua. Cazan en el agua y en la superficie. Duermen tranquilamente *a las dos de la mañana*. Para criar, primero, *namoran*, *rañan* (rascan), y cuando esto hacen lo hacen en los sitios poco hondos y se juntan muchos, en montones: cuando *rañan* se ponen tan tontos que se pueden sacar del agua con un saco. Las huevas se comen. Huyen de las truchas, de las anguilas y de las culebras, que los comen. Se aprovechan para comer, y la grasa *(aceite de peixes)*, para el reuma. No se deben comer en el mes de mayo, porque es cuando enamoran, y no son saludables.»

Comer peces en el mes de mayo,
calenturas para todo el año.

---

(37) *Terra de Melide.*
(38) Don Arturo Noguerol.
(39) Don Laureano Prieto.

Nos hallamos nuevamente ante una representación de magia contagiosa.

LA PERDIZ.

«Tiene mucha vista. Nada que le toquen en el nido lo nota y hace otro. Mucho más cuando tiene huevos y le quitan alguno.» Unicamente si se lo cogen «*c'unha culler* (cuchara) *de comel-o caldo*, sigue poniendo más huevos» (40).

La perdiz es, unas veces, funesta; otras, por el contrario, dadora de buena suerte:

«Una mujer de Lobeira (Orense), si va a los tojos y ve una perdiz, da la vuelta para su casa, porque dice que las perdices son brujas. Al salir las perdices es que ya va uno *tentado das bruxas*... En cambio, si se ve una culebra es buena suerte. Las perdices son las que dan la *seña* de las brujas» (41).

Por el contrario, en Sárria (Lugo) dicen que «si yendo por un camino a la mañana temprano se ve, antes que ningún otro animal, una perdiz, aquel día se tiene buena suerte. Lo mismo puede decirse de su canto» (42).

Debemos recordar aquí lo que se ha dicho acerca de la perdiz como símbolo de la lujuria en el arte románico (43), y que puede relacionarse con la brujería de las perdices.

La perdiz es buena para el caldo de las paridas y para que el parto ocurra sin novedad (44).

---

(40) Sárria (Lugo), don Juan López López, 1932.

(41) Comunicado por don Joaquín Lorenzo. Acerca de lo que significa la *seña*, véase nuestro trabajo: *La procesión de las ánimas y las premoniciones de muerte*, publicado en esta misma REVISTA.

(42) Don Juan López López.

(43) Don Ramiro de Pinedo, O. S. B. *El simbolismo en la escultura medieval española*, Madrid, 1930.

(44) E. Carré Aldao: *Geografía de la provincia de La Coruña*, tomo I (Alberto Martín, Barcelona).

LA SALAMANDRA.

Se llama *salamántiga*, *píntiga*, etc. Es animal muy temido, pues se le tiene por venenoso y maléfico. Es peligrosísimo, sobre todo, que *eche el aire*.

El aire es una influencia maléfica y enferma, relacionada, al parecer, algunas veces, con el aliento (como el *coxo* con el contacto). Hay diferentes aires, correspondientes a diversos animales: *aire do sapo*, *aire da píntiga*, etc., pero también lo echan los difuntos: *aire do morto*... Es una suerte de «mana» de signo negativo.

En Mellid nos dijo un muchacho que nos acompañaba que a un mozo de la inmediata parroquia de Maceda le echó el aire una *píntiga* en una mano y tuvo la mano tan enferma que por poco la pierde.

La salamandra entra en los mejunjes que componen las brujas.

La salamandra no se puede matar. Se la pincha o prende con un caña, la cual se hinca en la tierra por el otro extremo, dejando que la salamandra ensartada o sujeta quede expuesta al sol y se seque por la acción de los rayos solares (44 bis).

También se repite la idea tan general de que la salamandra no arde al fuego.

LOS PIOJOS.

La repetida información de Sotordey dice: «Viven en los bueyes, cabras, caballos, hombres, etc., chupándoles la sangre. Los animales que los tienen no engordan. Se emplean en Medicina para curar la *atiriz* (ictericia), comiéndolos con leche.»

En otros lugares los toman con pan, y hemos oído asegurar con juramento su eficacia.

(44 bis) Pontevedra, don Manuel Blanco Tobío; Celanova, don Adolfo Román, 1947.

LAS POLILLAS Y MARIPOSAS.

Las mariposas se llaman generalmente *volvoretas*. La polilla, en cuanto destroza la ropa, se llama *traza*. Las polillas que vuelan y las mariposas pequeñas se llaman *velaiñas* y *palomas* (con *o* muy cerrada).

Se dice que anuncian una carta o noticia, buena si la pequeña mariposa es blanca; mala, si es negra. Se las considera mensajeras del otro mundo.

Algunas veces se las tiene por almas de familiares o amigos difuntos, que vienen a visitar a las personas a que quisieron en vida.

La escritora Francisca Herrera Garrido, en un cuento titulado *A neta da naipeira*, habla de una echadora de cartas que, como otras, engañaba con la baraja a sus clientes; pero, en cambio, tenía una fe absoluta en los mensajes que las polillas o *almiñas* le traían.

¿Se refería a esto San Martín Dumiense cuando dice: *Jam quid de illo stultissimo errore cum dolore dicendum fas est, ut homo Christianus pro Deo mures et tineas veneratur?* (45). Se cita siempre este pasaje, pero su laconismo difícilmente permite una conexión con las creencias actuales, como no se acuda a comparaciones con otros países. De hecho nos encontramos con que en Bohemia se dice que las polillas que andan de noche alrededor de la luz no se deben matar, porque son almas que nos visitan y dan noticias a Dios de nuestra conducta; que en Alemania les llaman *Geistchen*; en Inglaterra, *soul*; que se relacionan con la *Psyché* griega; que en Arlés y en Lichtenberg, cerca de Berlín, se celebraban fiestas de las polillas... De todo lo cual hay mucho—salvo esto de las fiestas—idéntico a lo de Galicia; pero de lo que pudiera acontecer en tiempo de los suevos, como no fuese alguna fiesta semejante, nada podemos conjeturar.

San Martín Dumiense se refiere también a supersticiones

(45) *De correctione rusticorum*.

propias de las hilanderas. Pues bien, en Loebejün, cerca de Eisleben, la polilla, llamada *Frau Motte*, estropea el hilo que ha sido hilado durante las doce noches o en el Carnaval (46). Pero tampoco podemos determinar una relación entre lo uno y lo otro.

Aparte de que, muchas veces, los autores eclesiásticos tomaban las supersticiones paganas en bloque y las aplicaban, en sus escritos, a cualquier lugar, fuese o no uso local. Al menos, esta impresión nos dan frecuentísimamente.

EL CERDO.

Cuando se compra un cerdo hay que untarlo con ajo y luego hacerlo entrar en la cuadra a reculones, como Hércules hizo con los bueyes de Geryon (47).

Muchas partes del cerdo tienen aplicación en Medicina; las principales son las siguientes:

La *hiel*, para curar los forúnculos.

Las *pezuñas*, cuando se sacan del animal, tienen la propiedad de curar el dolor de muelas.

El *unto*, que, además de hacer buen caldo y poderse comer crudo, cura los catarros mezclado con vino caliente; cura la diarrea mezclado con sopas; con ajenjos y aplicado al vientre como untura, cura las lombrices; y envuelto en una berza se le da a las vacas para tos (48).

EL ZORRO.

Sólo daremos algunas breves notas, pues acerca de este animal la materia es inagotable.

---

(46) Para todo esto véase *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, bajo «Motte».

(47) Murguía: *Galicia*, pág. 147.

(48) Monterroso (Lugo), don Amadeo Varela.

Sobre su vida dice él mismo:

«En marzo, nazo.
En abril, estou no cubil.
En mayo, xa sayo.
En San Xoan, xa fuxo do can.
En Santa Mariña, xa pillo a galiña.
Y en agosto, xa son bó raposo.»

La misma fórmula, con pequeñas variantes, se aplica al lobo y al perro.

De las habilidades del zorro se cuenta y no se acaba. He aquí una de ellas:

Para librarse de las pulgas, coge con los dientes una rama de roble o de laurel y se va al río, y se va metiendo poco a poco en el agua, siempre con la rama entre los dientes. Las pulgas, para no mojarse, van subiendo, huyendo de la parte sumergida, primero de las piernas al cuerpo; luego, cuando mete el cuerpo en el río y queda la cabeza fuera, se van a la cabeza, y cuando va metiendo la cabeza se van yendo a las hojas de la rama que lleva en los dientes... Cuando el zorro siente que las pulgas están todas en las hojas, suelta la rama, se mete debajo del agua y huye, y las pulgas quedan en la rama.

Las pulgas del zorro son el tema de un apólogo muy repetido y aplicado entre los infinitos en que el zorro interviene—casi siempre en competencia con el lobo y engañándolo miserablemente—. En este figura el zorro sólo.

Se trata de un raposo que estaba echado al sol en una piedra y le picaban las pulgas. Entonces, viendo que no podía descansar, se levantó y dijo: «Me voy de aquí, que hay muchas pulgas.» Y se fué a acostar debajo de un árbol. Mas allí le seguían picando: «Aquí también hay pulgas», dijo, y se fué al lado de una fuente. Pero también allí había pulgas... Era que él las llevaba consigo... Así hacen muchos que no se encuentran bien en ninguna parte y andan de un

lado para otro, poniendo tachas a todo, y es que llevan su mal a costillas, como las pulgas del zorro.

La propiedad del lobo de hacer erizar los cabellos se aplica también al zorro: «Antes de verlo, ya se levantan los pelos de la cabeza» (49).

Además dicen que no se le puede tirar de frente con escopeta, sino por atrás o por un lado, pues de frente no dispara el arma (50).

Cuando un zorro lleva la gallina en la boca, si se reza el responso de San Antonio, la suelta. Para ahuyentarlo le gritan:

—¡*Á, manela*!

La *manela* es el rabo (51).

LOS RATONES.

Así como hay plagas de hormigas que han despoblado lugares y aldeas enteras, también las hay de ratones.

Sin embargo, estas plagas pueden ser *desconxuradas* por los curas. En algunas partes se dice que los curas las conjuran, pero tienen que designarles un lugar adonde vayan y donde puedan mantenerse, pues hay que darles de comer (52). En Sober, Lemos (Lugo), se cuenta de un cura de Amandi, muerto hacía ocho años, en 1932, que ahuyentó una plaga de ratones, todos los cuales fueron a parar al monte de Ouroso (53).

Debemos hacer notar que cuando un cura *desconxura* los truenos y nubes tormentosas, y a los *nubeiros*, *escoleres* o *tempestarios* que las conducen, también tienen que designarles lugar donde haya de descargar el *trebón*. Sin duda, pa-

(49) Rodeiro, Lalín (Pontevedra), don Amadeo Varela.
(50) Idem íd.
(51) Chaos de Amoeiro (Orense), don Carlos Pulido.
(52) *Terra de Melide*.
(53) Sober, Lemos (Lugo), doña Ramona P. Rodríguez, 1932.

rece esto una representación mágica muy clara, aunque en el caso de los ratones se haya inventado después la explicación de que hay que darles de comer. Pero ¿por qué hay que darles de comer?

Recordemos que los ratones son, con las polillas, animales venerados, al parecer, en la Galicia antigua, según San Martín Dumiense... Menéndez y Pelayo comenta: «La ridícula observancia de los ratones y de las polillas, cuyos hartazgos a principios de año eran tenidos por de buen agüero, y presagiaban abundancia en la casa visitada por tan incómodos huéspedes» (54).

En Mellid toman caldo de ratón para la tos ferina.

En el Riós (Orense), contra los ratones ponen en la casa una rama de *sabugueiro* (saúco) en flor.

EL SAPO.

«Vive en la tierra. Tiene la piel *arrugosa*. Vive debajo de las piedras o en *carafochas* (agujeros), que él hace en la tierra. Se mantiene de insectos y *ligachas* (babosas). Para cazar las moscas se pone al sol con la boca abierta, y al acercarse las moscas las chapan. Cuando *namoran* se ponen juntos muchos sapos para una sapa. Se ponen encima de ella a cuatro y a ocho juntos varias veces. Las sapas paren, y al parir revientan y mueren, quedando los sapitos con vida, que se crían sin maternidad. Son enemigos de los insectos, que comen, y de las sierpes, de las que son comidos. Cuando los insultan se hinchan, y algunas veces echan orines venenosos por el ano. Sirven porqué destruyen los insectos, y en Medicina, para el garrotillo de los cerdos y para los flujos de sangre» (55).

La piel del sapo es conocida por su dureza, como que sirve de término de comparación: *Ten coiro de sapo*.

---

(54) *Heterodoxos*, 2.ª ed., t. II, pág. 263.

(55) Sotordey, San Clodio (Lugo), don Domingo Mondelo.

Hay el cuento, que hemos recogido incompleto, de un aprendiz de sastre a quien maestro y amos para quien trabajaba dejaron una noche sin comer, pero él salió de noche y a tientas logró apoderarse de un pájaro grande, y lo puso a asar en el rescoldo de la *lareira*, al lado de la cual dormía en un banco. De cuando en cuando el animal chillaba, y el muchacho decía:

«Cherla, miña paxarela, cherla,
que nin amo nin ama han de comer d'ela.»

Cuando juzgó que el pájaro estaba asado lo sacó y le echó los dientes. Pero aquello era tan duro que de ningún modo podía hincárselos. Pudo encender luz, y se encontró con que era un sapo... No sólo no cenó, sino que, entre arcadas y bascas, arrojó todo lo que había comido (56).

A pesar de su pretendida utilidad para la agricultura, que tantísimo se ha repetido, el sapo es odiado generalmente por los paisanos. Se le tiene por ponzoñoso. Es uno de los animales que tienen *coxo* y lo comunican a las personas. Se considera que las rugosidades, abultamientos y como pústulas que cubren su piel están llenas de veneno. La orina, sobre todo, es muy temida. Hemos oído contar de una señora que paseaba por el campo llevando una hermosa sombrilla, y habiendo encontrado un sapo le tocó con el extremo; el sapo soltó la orina, y en los lugares donde le tocó la seda de la sombrilla perdió enterametne el color. Se nos refería este caso para demostrar lo terriblemente peligrosos que son los orines del sapo (57).

El sapo es también uno de los animales que echan el *aire*, el cual es dañosísimo, tanto, por lo menos, como el de la salamandra.

Es un animal mágico. De su relación con las brujas —creencia común en toda Europa—tenemos también referen-

(56) Oído en Castro Caldelas (Orense).
(57) Oído en Trasalba, Amoeiro (Orense).

cias que, desgraciadamente, no están actualmente a nuestro alcance.

Por unas cosas y por otras, los sapos son perseguidos. Se los mata, principalmente, metiéndoles un palo aguzado por la boca y levantándoles rápidamente del suelo, con lo cual el desgraciado bicho queda empalado al revés.

En medicina tiene el sapo numerosas aplicaciones. Una de ellas es para la curación del lupus. Se aplica a la parte enferma el sapo, recién abierto en canal. Hemos oído recientemente un caso de curación auténtica de un lupus bastante adelantado y tratado por este procedimiento (58).

Otras muchas cosas se cuentan del sapo: «Metiendo un sapo en una jarra de barro nueva y poniéndola dentro de un horno caliente, el sapo *pega uns asubíos* (lanza unos silbidos), que los que los oigan quedan sordos» (59).

«Al secarse el sapo, se saca y se muele y se hacen polvos. Estos polvos, echándolos en una habitación cerrada en donde haya gente, a ésta le dan unas ganas de... (desprender ventosidades), que no pueden dejar de hacerlo» (60).

Realmente, estos detalles deben estar tomados de algún libro de magia natural o de curiosidades, que en este momento no podemos comprobar.

La aparición de muchos sapos es señal de lluvia.

Ha habido, a veces, verdaderas plagas de sapos. Uno de los últimos veranos se produjo una en la Limia, que venía avanzando hacia Allariz, llegando al límite Sur de esta villa. Eran, realmente, numerosísimos, y el caso produjo cierta alarma en la gente, hablándose de castigo de Dios y de otras cosas.

EL TOPO.

Se considera que el topo (*toupo, toupa, toupeira, teipa*) no tiene ojos, es enteramente ciego. En otro tiempo tenía

(58) Celanova (Orense), comunicado por don Adolfo Román, 1947.
(59) Sotordey, San Clodio (Lugo), don Domingo Mondelo.
(60) Idem íd.

unos ojos muy grandes y, en cambio, no tenía rabo. Por el contrario, el sapo tenía rabo y no tenía ojos o los tenía muy pequeños. Entonces el topo cambió con el sapo los ojos por el rabo.

En Mellid se asegura que hay topos blancos (61).

El topo es odiado por el daño que hace en las tierras, especialmente en los prados. Para que no hagan en ellos sus galerías, se clava en la tierra una rama de saúco en flor (62).

Además, procuran matarlos, y hay quien tiene para ello especial habilidad: se adelantan a él con la azada y van dando golpes hasta que lo pillan.

«El que mata de un golpe un topo, con la mano izquierda, adquiere el don de poder curar los cólicos, sin más que dar fricciones al enfermo» (63).

Lo mismo hemos oído referir en Verín, solamente que podía ser con la izquierda o con la derecha, si bien, con la mano que lo matase, tenía que arrojar el topo muerto hacia atrás, por encima del hombro. Para la curación del cólico basta entonces la aplicación de la mano al vientre del que lo padece.

El topo tiene *coxo*, y el *coxo* de topo es acaso el peor de todos, porque así como los otros atacan sólo a la piel, el del topo hoza, como el animal en la tierra, y ahonda, atacando los tejidos más profundos... Todavía la idea mágica de que la emanación del animal—el *coxo*, que hasta pudiera considerarse, ateniéndonos a las ideas recibidas entre los etnólogos (y cualquiera que sea nuestro modo de pensar acerca de ellas), como una suerte de «mana»—, hace lo mismo que el animal que la emite, prolongando, a distancia, su acción. Recordemos lo dicho acerca de la araña dibujada en la piel de una muchacha por el *coxo* emitido.

---

(61) *Terra de Melide.*
(62) Riós (Orense).
(63) Carré Aldao: *Geografía de la provincia de La Coruña*, pág. 89.

LA VACA.

Se dice que le gusta que llueva, y le aplican el siguiente refrán:

«*Chover, chover,*
hasta o corno amolecer» (64).

LA «VACA LOURA» (LUCANUS CERVUS).

«Sus cuernos sirven contra la envidia y mal de ojo» (65).

Y también, consiguientemente, contra las brujas. La expresión corriente es que, teniendo un cuerno de *vaca loura*, *non entran as meigas* (66).

La envidia es también un agente mágico, que causa efectos semejantes al mal de ojo y al *meigallo* y brujería.

Se usan los cuernos sueltos, y también la cabeza con los dos cuernos. Es el empleo corriente de las puntas contra las malas influencias. Así como se dice que las puntas atraen la descarga eléctrica, a pesar del paralelismo existente entre la acción eléctrica y la acción mágica—por ejemplo, en la teoría mágica del *choc-en-retour*—, resulta que las puntas detienen, rechazan o alejan la acción mágica. Los teóricos modernos de magia explican esto diciendo que las puntas «disuelven los flúidos» y los dispersan. Según Eliphas Levi (67), tal es el empleo de la espada mágica. Puede que esta idea de la espada haya influído en la del papel que se atribuye a las puntas.

Aparte de su valor amulético, la *vaca loura* sirve de diversión a los muchachos, que, a pesar de su temor a ver cogidos sus dedos entre los cuernos del insecto, las cogen vivas

---

(64) Sárria (Lugo), don Juan López López, 1932.
(65) Carré Aldao, op. cit., p. 89.
(66) Por ejemplo, Goyás, Lalín (Pontevedra), sacristán de Goyás, 1931.
(67) *Dogme et Rituel de la Haute Magie.*

y, atándolas con un cordel largo, las hacen volar. El ruido que hacen al volar, semejante al de los *roncollos* y *zoadeiras*, da más atractivo al entretenimiento... No dejaría alguien de sospechar que se hubiese empleado eso, en algún tiempo, como medio de adivinación.

VICENTE RISCO

Contribución al estudio de la Navidad en Galicia. Nadales, Aninovos, Xaneiras y Reyes

El ciclo de las fiestas de Navidad en las aldeas de Galicia guarda, con su aroma tradicional, una de las más importantes manifestaciones folklóricas del año. Requiere tiempo de bonanza que permita el desplazamiento de la gente de unos lugares a otros, llevando el cantar como saludo de vecindad en la senda nocturna del portal amigo.

En algunas localidades ha desaparecido la costumbre de cantar los Nadales y las Xaneiras, pero se conserva el de Reyes en casi toda la región.

Se denominan *Nadales, Panxoliñas* o *Navidás* las composiciones que se cantan la noche del 24 de diciembre y en la mañana del 25.

Xaneiras, Aninovos y *Manueles* (1) son las composiciones que corresponden a la noche del 31 de diciembre y a la mañana del primero de enero. Finalmente, el canto de la noche del 5 y de la mañana del 6 de enero se llama *Reis* o *Aguinaldos*.

La fiesta tiene hoy carácter profano. Hasta hace poco se celebraba en la iglesia, cantando y danzando delante del Niño

(1) La denominación de fiesta de los Manueles la hemos recogido en la provincia de Orense, donde existen localidades que celebran el día de Año Nuevo, felicitando a los amigos que llevan ese nombre, como ocurre en la parroquia de Velle. Vid. F. López Cuevillas, Hermida y Fernández Lorenzo: *Parroquia de Velle*. Santiago, 1936; pág. 182.

Dios, como recuerda el villancico cantado en Villaviciosa de Portugal la Nochebuena de 1637, según C. Michaelis (2).

En el siglo pasado el poeta Antonio Castro hace alusión en una de sus composiciones a las danzas de esa noche:

> Unha danza graciosiña
> dispoñamos diante o Neno,
> mentral-os Anxeles cantan
> tamén nosoutros cantemos.

Una de las localidades que ha conservado hasta hace poco la danza de Reyes fué Mondariz. Según nota que nos ha facilitado el señor cura párroco de aquella localidad, don Francisco Alvarez González, la ceremonia tenía lugar el día 6 de enero, al terminar la misa parroquial, y consistía en presentarse, vestidos con trajes antiguos, unos seis mozos y otras tantas mozas provistos de un arco. Terminada la misa, estando la Virgen en el anda, cantaban los Reyes, después formaba la procesión y delante de la Virgen iban los mozos bailando hasta salir de la iglesia y en el atrio. En esta procesión no se cantaba nada; sólo se tocaban las panderetas, castañuelas y a veces la gaita. En esta comarca de Mondariz se celebraba la despedida de año con una cena como la de Navidad. Los mozos, «provistos de flautas, panderos, triángulos, conchas y castañuelas, cantaban en las casas de los vecinos, teniendo éstos luego que sumarse al grupo, que se aumentaba incesantemente, o dejando al hijo mayor que los representase».

«La última casa que visitaban era la más rica y espaciosa, y en ella disfrutaban de todo lo que habían reunido, siendo obligación de la casa preparárselo. Después cantaban y bailaban todos sin excepción, y así les sorprendía el Año Nuevo» (3).

La costumbre de engrosar el bando se practicaba en San Miguel de Armeses (Maside, Orense) y se continúa hacien-

(2) Citado por Casto Sampedro-Filgueira Valverde. *Cancioneiro Musical de Galicia.* Pontevedra, 1942; pág. 28.

(3) Casto Sampedro-Filgueira Valverde. Op. cit., pág. 164.

do en algunas parroquias del Ulla, como en la de San Martín de Ríobo (Estrada, Pontevedra).

El grupo de mozos y mozas que recorren las aldeas y ciudades cantando los villancicos reciben la denominación de *Bando*, *xuñta* y *aguinaldeiros*, y la salida tiene por objeto reunir algún dinero para celebrar una fiesta o para repartir la cantidad recaudada; en contadas parroquias lo reunido pasa a engrosar los fondos de algún Santo, para ayuda de la función que se celebra en el verano.

NADALES

La fiesta de los Nadales, que cantó el Nacimiento en todas las aldeas de Galicia, va desapareciendo en nuestros días. De la ronda de esa noche es propia la siguiente copla, cuya expansión alcanza las cuatro provincias gallegas:

Son voltas, son voltas,
son voltas que o mundo da,
son voltas, son voltas,
da noite de Navidad.

No falta alguna alusión a la bebida, como en la siguiente copla recogida en Santiago:

Esta noche es Nochebuena
y mañana Navidad;
dame la bota, María,
que me quiero emborrachar.

En Santa Comba (La Coruña) y en algunas localidades de Vimianzo se expresa en la copla, que hace de introducción al villancico, la severa alegría de esta noche:

A las cinco sale al alba,
tras el alba viene el día,
las noches de Navidad
son las noches de alegría.

Al llegar a la puerta, los cantores entonan una o varias composiciones solicitando permiso para cantar el villancico:

Los pastores en Belén
piden licencia pra entrar;
tamén nosoutros pedimos
licencia para cantar.
A la puerta estamos siete
dispuestos para cantar;
si ustedes nos dan licencia,
ya podemos comenzar.
Es descortesía,
es desobediencia,
en casa tan noble
cantar sin licencia (4).

En el Pino (Santiago, Coruña) se reúnen los mozos para cantar por las casas de los vecinos y celebrar una cena con el dinero reunido, a la que se une un buen baile; de la cena no participan más que los cantores. El villancico que acostumbran a llevar nos fué recitado por Manuel Lodeiros Boo, de trece años de edad:

A noitiña de Nadal,
noite de grande alegría;
naceu un reisiño novo
fillo da Virxen María.
Camiñando vai José,
camiñando vai María,
camiñan para Belén
a fin de chegar con día.
Cando a Belén chegaron
toda a xente dormía,
menos un pobre porteiro
que estaba na portería.
—Abre as portas, porteiro,
a José e a María.
—Estas portas non se abren
hasta que Dios traiga o día.
Cando o día xa saleo,
a Virxen tiña un meniño;
tanta era a sua pobreza
con que envolvelo non tiña.
Botou as mans o pescozo
e d-unha cofia que traía
fixo dela tres pedazos
con un a Cristo envolvía.
Baixou un Anxel do Ceo
e bos pañuelos traía,
unos eran de Holanda,
outros de Holanda fina.
Subeu un Anxel do Ceo
cantando a Ave María,
preguntoulle o Padre Eterno
cómo quedaba María.
María quedaba boa
na sua cama recollida,
e o Neno queda chorando,
chora pol-os pecadores
que tantos no mundo había.

(4) Variante: Cantar a la puerta
sin pedir licencia.

Variante de este villancico es el de Puente Carreira (La Coruña), recitado por Olimpio Garea, de trece años de edad:

A noitiña de Nadal,
noite de gran alegría,
camiñando vai José
e mais a Virxen María.
Caminaron a Belén,
a Belén no llega el día.
Cuando a Belén llegaron,
toda la gente dormía,
no siendo el pobre portero
que estaba en la portería.
—Abre las puertas, portero,
a José e a María.
Y el portero respondió
que las llaves no tenía.
Si las tuviera de plata,
de oro las devolvía.
Caminaron más arriba,
junto de una fuente fría.
Allí estaban predicando
cuando la Virgen paría.
Aún no pare esta noche
ni para la que venía.
Cuando dió la media noche,
la Virgen parido había.
Tan grande era su riqueza
que un pañuelo no tenía.
Acudió a su cabello,
a uno largo que tenía.
Lo partió en tres pedazos,
y a su Hijo envolvía.
Bajó un ángel del Cielo,
ricos pañales traía.
Unos eran de Holanda,
otros de Holanda fina.
Marchó el ángel para el Cielo
cantando el Ave María.
El Padre Eterno le pregunta
cómo queda la parida.
—La parida queda buena,
en un pesebre recogida.
Donde había un buey muy manso
y una mula muy maligna.
El buey calentaba la paja,
la mula se la comía.
María la maldició
que nunca hijos pariría.
Los mandó subir arriba,
a un palacio que tenía;
no lo hizo carpintero
ni hombre de artillería,
que lo hizo San José
para la Virgen María.

En Villestro existen dos variantes de este villancico, que nos han recitado Domingo Codesido Quintans y José Ramón Quintans Trenco:

Nochebuena, nochebuena,
noche de grande alegría,
caminando va José
y más la Virgen María.
Caminan para Belén,
a Belén llegan con día.
Cuando a Belén llegaron
la media noche sería.
Sólo un pobre portero,
que a la puerta estaba herido.
—Abre las puertas, portero,
a José y a María.
—Estas puertas no se abren
hasta que venga el día.
¿Y cómo las ha de abrir
si las llaves no tenía?

—Si las tuviera de oro,
de plata te las daría.
—No te las quiero de oro
ni tampocso plata fina.
Lo que quisiera saber
cuándo la Virgen paría.
—No pare para esta noche
ni para la que venía.
Allá por la media noche
la Virgen parido había.
Trajo un niño tan hermoso,
que al mundo resplandecía.
Tanta era su pobreza,
que un pañuelo no tenía.
Echó las manos al cuello,
de un pañuelo que tenía.
Lo rompió en tres pedazos,
ricamente lo envolvía.

Subió un ángel al Cielo
cantando el Ave María.
Le pregunta el Padre Eterno:
—¿Qué tal queda la parida?
—La parida queda bien,
en su cama recogida.
Cubiertas de mantas de oro,
bordadas de plata fina.
—Eso todo no es nada
lo que la Virgen merecía.
Si estuviera en alto Cielo,
ricas camas tendría.
No las hizo el carpintero,
ni de la carpintería.
Que las hizo Dios del Cielo
para la Virgen María.

En Santa Comba (Coruña) los mozos forman el bando el día 24 a la tarde, y reciben de aguinaldo dinero, huevos y botellas y, si pueden, cogen chorizos. Con el dinero reunido hacen fiesta de música; invitando a los amigos. El villancico que cantan es variante del anterior, y fué recitado por Juan Mouro y Mouro, de catorce años de edad.

A las cinco sale el alba,
tras del alba viene el día;
las noches de Navidad
son las noches de alegría.
Caminando va José
y además Virgen María,
para llegar Belén,
caminan cuanto podían.
Cuando llegan a Belén
toda la gente dormía,
y se llegaron a un roble
junto a una fuente fría.
Vieron pasar el portero...
.....

El Niño queda mamando,
la madre queda llorando.
—¿Por qué llora usted, mi madre?
¿Por qué llora, madre mía?
—Lloro por los pecadores
que en el mundo ha habido.
—Déjelos, mi madre, déjelos,
que yo me encargaré de ellos.
Quédese con Dios, señora,
nosotros con Dios nos vayamos,
hasta el año que volvamos.

En Cobas (Pontevedra) se canta un villancico del mismo tema con ligeras variantes, dividiéndose los cantores en dos grupos: uno para las estrofas y el otro para el estribillo. Nos ha sido facilitado por el alumno Pedro Rial López:

Nochebuena, nochebuena,
noche de grande alegría,
tras la noche viene el alba,
tras el alba viene el día.

Estribillo

Los pastores de Belén
todos juntos van por leña
para calentar al Niño
el día de Nochebuena.

Caminando vai José,
caminando vai María,
caminando pra Belén
y a Belén llegar con día.
Cuando a Belén llegaron,
toda la gente dormía.

—Abre las puertas, puertero,
a José mais a María.
—Estas puertas no se abren
mientras que no venga el día.
—Abre las puertas, puertero,
que quiere parir María.
—Estas puertas son de acero,
no se abren hasta el día.
Se arrimaron a un pesebre,
donde la mula comía;
la mula, como era falsa,
toda la paja roía.

.....

Angelitos somos,
del Cielo bajamos,
música traemos,
dinero buscamos.

La variante de Baiñas (Vimianzo, Coruña) recuerda la de Santa Comba, pero más completa. Al referir la llegada a Belén dice:

Toda la gente dormía:
se arrimaron a un refresco
donde había agua fría,
esperando por el alba;
tras el alba viene el día.

A la pregunta del Padre Eterno el ángel responde:

El Niño queda mamando,
su Madre queda llorando.
—¿Por qué llora usted, mi madre,
por qué lloras, madre mía?
—Lloro por los pecadores,
que tantos no mundo había.
—Déjelos andar, mi madre,
que mi cuenta los tenía.

Todo aquel que sea malo,
al infierno condenado.
Todo aquel que sea bueno
tendrá nuestra compañía.
Viva Cristo en Belén.
Dios, que nos aquí xuntou,
nos xunte na gloria, amén (5).

De tema diferente son las dos siguientes, cantadas por el niño Julio Daniel Quintans Trenco de Villestro:

Esta noche es Nochebuena
y no es noche de dormir,
que ha nacido Jesucristo
y lo hay que ir a divertir (6).
Pastores venid,
zagales llegad,
y veréis y veréis al Niño
que está en el portal,
y veréis y veréis al Niño
que ha nacido ya.
Caminando hacia Belén
van los Reyes y pastores
a adorar el Niño Dios,
el amor de los amores.
Pastores venid, etc.

Cantemos, cantemos
la gloria del mundo;
cantemos, cantemos,
que en Belén nació.
Cantemos, cantemos
la gloria del mundo,
la gloria del mundo,
nuestro Salvador.
En Belén tocan a fuego,
por el portal salen llamas
porque dicen que ha nacido
el Salvador de las almas.
Cantemos, cantemos, etc.
—Onde vas por entre nieves,
onde vas, hermosa joven.
—Voy a dar la luz al sol
allá al Oriente del orbe.
Cantemos, cantemos, etc.
Marchemos presurosos
y cantemos con amor,
y veréis al Niño hermoso
que ha de ser nuestro Salvador,
y veréis y veréis al Niño
que ha de ser nuestro Salvador.

(5) En Villestro, una variante añade las siguientes estrofas al hablar del portero:

El portero de la puerta
tiene poca cortesía;
se atrevió a preguntar
cuándo la Virgen paría.

Nuestro buen amigo señor Bouza Brey ha publicado dos variantes, una con su paralela portuguesa. Vid. F. Bouza Brey: *Analogías gallego-portuguesas en el cancionero popular*. Rev. de Dialectología y Trad. Populares. T. II, págs. 91-92. Otras dos variantes figuran: una, en Casto Sampedro-Filgueira, Op. cit., pág. 139, melodía 263; y otra, en *Terra de Melide*. Santiago, 1933; págs. 480, 549.

(6) En Portugal se canta:

Esta noite e noite santa
nao e noite de dormir,
que un lindo botão de rosa
a meia noite ha de abrir.

En Arzúa se canta la siguiente panxoliña, recitada por Jesús Raposo Quintans:

En Belén nació un Niño,
que tiene frío, que tiene frío;
el calor de su madre
le presta abrigo,
le presta abrigo.
Vamos pastores,
vamos a Belén,
a ver en aquel día
las glorias del edén.
Es tan bonito el Niño,
más no puede ser
que su belleza pinte
ni lápiz ni papel.
Vamos pastores,
vamos a Belén,
a ver en aquel día
las glorias del edén.
Le diré me perdone
lo mucho que pequé
y en la mansión eterna
un ladito me dé.

Por entre as silveiras
cantan alegres paxariños
e a nosa terra do Noso Señor.
As ovelliñas pacendo
pol-a veira do rigueiro
cantan por haber nacido
o Rey da tarra e do Ceo.
Xa veñen todos
a nova vida,
xa veñen todos
a descansar.
Nunhas pallas deitadiño,
encoiriño alí está;
dalle unha de virada
o Señor de canto ha.

Venid pastorcillos,
venid adorar
al Rey de los Reyes
que ha nacido ya.
Corramos, corramos,
corramos allá,
que Dios, lindo y pobre,
nos acogerá.
Sus brazos nos tiende,
nos abre en la Cruz;
gloria los repite
su voz celestial,
y allí lo repite
y allí lo repite
su voz celestial.

En las tierras de Rubiana la mocedad canta las siguientes panxoliñas:

Por entre as silveiras
cantan alegres os paxariños,
anunciando a todos,
con gran esplendor,
que naceu o Neno
por excelencia do seu cariño,
que ven ser fillo
do Noso Señor,
i-as ovelliñas pacendo
pol-a veira do regueiro

Vid. Alfonso Duarte: *O ciclo do Natal na Literatura oral portuguesa*. Barcelos, 1937; pág. 30.

balan por haber nacido
o Rey da terra o do Ceo,
i-as aves todas,
co seu trinar,
xuntas celebran
a Navidá,
porque naceu
o que ha de pagar
o pecado que fixo Adán.

No portelo de xunto o camiño
esta noite pasada naceu
un neniño pequeniño
que parece do Ceu que caeu.
Vamos pastorciños, vamos
a Belén, ca gaita i-o fol
dicen que naceu un neno
mais bonitiño que un sol.
Dicen que non ten o pobre
nin camisiña que poñer,
vinde rapaciños, vinde,
vinde rapaces, e vámolo ver,
e vámolo ver (7).

En Loureiro de Cotobad acostumbran a cantar los del lugar de Chan do Beseiro el siguiente nadal, pero en día de Reyes:

Para Belén camina,
quisiera saber,
un hombre de noche
con una mujer.
No la lleva hurtada,
que es de imaginar
antes de las doce
a Belén llegar.
Fueron caminando
y luego encontraron
a dos pasajeros
y les preguntaron.
Si para Belén
hay adonde errar,
antes de las doce
a Belén llegar.
Fueron caminando
en conversación,
hablando palabras
de grande atención.
Son palabras santas,
dignas de adorar;
antes de las doce
a Belén llegar.

Fueron caminando;
la Virgen María
a San José lleva
en su compañía.
Como es hombre bueno,
es digno de amar;
antes de las doce
a Belén llegar.
Fueron caminando,
y luego encontraron
un portal caído,
y allí se arrimaron;
hicieron convenio
para descansar;
antes de las doce
a Belén llegar.
—Acuéstate, esposo,
que vendrás cansado,
y de mí no tengas
pena ni cuidado.
Si la hora llega,
yo te he de avisar;
antes de las doce
a Belén llegar.

(7) Recitado por Luis López Caneda. Cuevillas, Hermida y Lorenzo reproducen una variante. Loc. cit., pág. 184.

—Levántate, esposo,
del dulce dormir,
que la luz del día
ya quiere venir
y la blanca rosa
ha de apalumbrar;
antes de las doce
a Belén llegar.

Ha nacido un niño
allá en un pesebre,
entre paja y heno
y hierba muy verde.
Como es Rey del Cielo,
Rey de la alta mar,
ha venido al mundo
para nos salvar.

Procedente de Puenteceso (Coruña) tenemos la siguiente variante:

A Belén camina
la Virgen María;
San José llevaba
en su compañía.
Es amante firme,
no es de olvidar;
antes de las doce
a Belén llegar.
Fueron caminando,
y luego encontraron
unos pasajeros,
y les preguntaron
si para Belén
había donde errar;
antes de las doce
a Belén llegar.
Respondieron ellos
quisieran saber
un hombre de noche
con una mujer
o la lleva hurtada
o imagino mal.
Respondió José:
—No la llevo hurtada,
que es esposa mía,
querida y amada;
vestuario traigo
para presentarlo.
Respondieron ellos:
—No he visto en mi vida
dama tan hermosa,
rosa tan florida,
que a un hombre viejo
mal se puede dar;
antes de las doce
a Belén llegar.
Respondió María
con voz tan resuelta:
—Es esposo mío
y yo estoy contenta,
por otro ninguno
no lo he de cambiar;
antes de las doce
a Belén llegar.
Respondieron ellos:
—No les digo nada,
vayan norabuena,
sigan su jornada
y no se detengan,
que llevan que andar;
antes de las doce
a Belén llegar.
Fueron caminando,
y luego encontraron
a un portal viejo
muy mal preparado,
y fueron conformes
y allí se quedaron.
—Esposo del alma,
aquí nos quedemos,

que amparo del Cielo
alguno tendremos,
que una noche sola
buena es de pasar;
antes de las doce
a Belén llegar.
—Acuéstate, esposo,
que vendrás cansado,
y de mí no tengas
pena ni cuidado;
si llega la hora,
te he de llamar;
antes de las doce
a Belén llegar.
Ha nacido el Niño
en aquel pesebre,
entre paja y hierba
y sin otro albergue.
Como Rey Eterno
le imos adorar;
antes de las doce
a Belén llegar (8).

En la tierra de Deza celebran los nadales con bandos de canto y música, celebrando después la fiesta correspondiente:

La noche de Navidad,
por ser la noche mayor,
parió la Virgen María
y nació Nuestro Señor.
Los pañales que llevaba,
tan relumbrantes como el sol;
las estrellas y la luna
hacen circos y arredor.
El Niño mama en el pecho,
su madre llora pasión.
—Por qué lloras, madre mía,
madre de mi corazón,
clavación de pies y manos
y también de corazón.
Del tronco nace la rama,
de la rama nace la flor.
Hay qué palacios tan altos,
qué ventanales de oliva;
la sombra de un caballero
que por muchos años viva.
Ellos vivan,
nos vivamos,
hasta el año
que volvamos.

En Caroy de Cotobad cantan la noche de Reyes el siguiente nadal:

En el portal de Belén,
ciudad de Galilea,
donde la Virgen parió
una reluciente estrella.
Vino por allí San Juan
y la Santa Magdalena;
también vino San José,
palabra de amor le diera.
—¿Cómo estás, Virgen parida;
cómo estás, Virgen doncella?
—Estoy buena, San José;
no dejo de tener pena
por ser el Hijo de Dios
nacer en tanta pobreza.
No tener en qué lo envuelva
sino en una poquita hierba;

(8) Recitado por Jesus Luis Vázquez Añón. Variante en Casto Sampedro-Filgueira. Op. cit., pág. 140.

la mula bien se la come,
viene el buey y se la lleva.
Ay de mí, ay de mis males,
que la muerte nos espera;
irás al monte Calvario,
hallarás una escalera
con una Cruz y un letrero
que dice de esta manera:
Aquí murió Jesucristo,
Rey del Cielo y de la tiera.
No murió por sus pecados,
que por los nuestros muriera (9).

En Carballedo de Cotobad el bando de Reyes lleva este villancico, que, al parecer, procede de Marín:

Estribillo

—Falade ben baixo,
petade pouquiño,
pra que non desperte
o noso Meniño.

En Belén hai moitas festas,
tocan pandeiros e flautas;
vamos nos ala tamén
a lucir as nosas gaitas.
Falade ben baixo, etc.
Teño unha pitiña, teño,
con doce pitos tamén,
para regalarlle a Virxen
que está parida en Belén.
Falade ben baixo, etc.
En Belén naceu un neno
que se chama o Neno Dios;
os pastores xa dixeron
que o vamos a ver nos.
Falade ben baixo, etc.
Os pastores en Belén
andan xuntando nos guizos
pra quentar o Neno Dios
que está tremendo de frío.
Falade ben baixo, etc.
Os pastores de Belén
teñen moita caridá
pra ir ver o Neno Dios
a noite de Navidá.
Falade ben baixo, etc.
O Neniño está nas pallas,
sua Nai está con El,
San José está mirando
pasmadiño para El.
Falade ben baixo, etc.
Esta iglesia, iglesia santa,
donde veñen os cristianos
a rezar unha oración
á Virxen da Concepción (10).

En las rúas de Compostela se canta el siguiente nadal, que nos ha recitado Ricardo Ventosa Rodríguez:

A Belén vamos,
meus amiguiños,
que hai moitas festas
pol-os camiños.
Dis que naceu
un Rey piquiniño,
cos ollos negros
e o pelo roxiño.
Con un sombreiro de palla
un galego o portal foi,

(9) Variante en Sampedro-Filgueira. Op. cit., pág. 139, melodía 262. También Fray Samuel Eijan: *Cuadros de mi tierra*. Os Reises, pág. 79.
(10) Un trozo en Sampedro-Filgueira. Op. cit., pág. 142.

e mentras adoraba o Neno
comeulle o sombreiro o boi.
Falade baixiño,
petade pouquiño,
pra que non desperte
o noso Neniño,
que é moi pequeniño,
que é moi pequeniño.

En Sobrado de los Monjes cantan el siguiente nadal, en la noche de Reyes:

En Belén tocan a fuego,
del portal sale la llamà;
es una estrella del cielo
que ha caído entre la paja,
que ha caído entre la paja.
Qué dulce alegría,
qué noche tan buena,
todo es resplandor;
desde el alto cielo
ha venido al suelo,
á darnos consuelo,
nuestro Redentor;
mil gracias, Dios mío;
mil gracias, Señor.

Haceme, padre José,
una cuna para este niño
en los brazos de María,
en los brazos de María.

San José es carpintero
y la Virgen costurera;
el Niño labra en la Cruz
porque ha de morir en ella,
porque ha de morir en ella (11).

En Santiago de Compostela los chiquillos de Torrente acostumbran a cantar la siguiente composición:

En los prados de Oriente
donde vino, vino el sol,
la más hermosa criatura
que entre mujeres nació.

En la misma Compostela hemos recogido la siguiente:

Las trompas y los clarines,
la tambora y el timbal
publican el nacimiento
de nuestro Dios Celestial.

Cantand, cantad, pastores;
marchemos a Belén,
resuenen los tambores
y las dulzainas también.

(11) Recitado por José Pardo Montero.

Procedente de Loureiro de Cotobad es la que sigue, cantada hace años como canción de cuna:

Vamos pastorcillos,
vamos a Belén,
que mañan hay festa,
pasado tamén.

ANINOVOS Y XANEIRAS

La última noche del año constituye el motivo para celebrar la segunda fiesta de Navidad. A las cenas tradicionales, en algunos sitios tan abundantes como en Nochebuena, se añade la salida de los coros por las parroquias, cantando los villancicos con objeto de reunir dinero para celebrar una fiesta; no obstante, cada vez se aminoran estos bandos, quedando ya pocas parroquias donde se canten la Aninovos y Xaneiras.

De Queiruga (Santa María de Cruces, Coruña) poseemos la siguiente despedida de año:

Hoy el año viejo
todos acabamos,
para el nuevo que viene
mañana empezamos:
que desde hoy en un año
todos no llegamos.

Hoy es el día
tremendo y fatal
que el Hijo de Dios
nos viene a juzgar
al rico y al pobre,
sin diferenciar.

Hoy es el día
de venir portero:
bajará el Señor
a limpiar el Cielo,
a los condenados
la cuenta a tomar.

Si los condenados
tuvieran lugar,
de venir al mundo
sus culpas penar,
hacer penitencia
para se salvar.

También bajará
un Dios a Palermo,
que echará una voz
en los altos cielos,
que hará temblar
a todo el infierno.

También bajará
la Virgen María,
Madre de mi Dios,
abogada mía,
protectora nuestra,
para nos salvar.

Quédense con Dios
en la ciudad;
yo me voy dar parte
a la eternidad,
que allí la verdad
nunca ha de faltar (12).

La fiesta de primero de año se llama también de los Manueles. En Rubiana se canta la siguiente composición en la noche de Reyes, pero de claro recuerdo de Año Nuevo:

Solista

El día de año nuevo,
por la mañana,
bautizaron a Cristo,
Manuel se llama;
Manuel, Manuel,
Manuel se ha de llamar;
Manuel, Manuel,
Manuel se llama ya.

Todos

Llevemos, pues,
turrones y miel,
para ofrecer
al Niño Manuel,
Eu Manuel (13).

En las Baiñas de Vimianzo cantan el Año Nuevo en grupos de doce o catorce chicos, llamados *aguinaldeiros*. La música es bastante monótona y cantan cada dos una estrofa, de modo que, siendo catorce los componentes del bando, los que cantan la primera estrofa vuelven a cantar la que hace el número ocho. El villancico nos lo cantó José Gerpe Oreiro:

Año nuevo a la puerta,
San Martín a la compuerta,
una ermita más cierta,
Nuestro Señor a la puerta.

(12) Recitado por Ramón Puente Castromil.
(13) Recitado por Luis López Caneda. En el *Monologo da Visitação*. de Gil Vicente, hay esta oferta a los pastores:

Y trae para el nacido,
esclarecido,
mil huevos e leche aosados
y un cento de quesadas,
y han traído
queso, miel, lo que han podido.

Vid. Duarte, Op. cit., pág. 19.
En Mosteiriño (Viseu) figura esta composición:

A Virgen tambem deixou
a bilhinha com seu mel,
para facer o seu doce
ao Divino Emmanuel.

Duarte pág. 119.

A la media noche en punto
los gallos quieren cantar;
despedir los años viejos
para los nuevos entrar.

Entre mucho y horabuena,
con alegría y contento,
para ver al Niño Dios
en su santo Nacimiento.

En el portal de Belén
estaba la Virgen parida,
toda vestida de oro,
calzada de plata fina.

El Niño estaba en el berce,
vestido de oletón;
los niños que lo arrolan
ángeles del cielo son.

Campaniñas de Belén
tocan que rompen las albas;
los pastores que las oyen
bajaron de sus cabañas,
para ver al Niño Dios
que va por tierras extrañas.

—A dónde vas, hijo mío,
hijo de la bendición.
—Voy a ser crucificado
en la Cruz de la Pasión.

Ano novo con ben veñas,
como o sol entre as estrellas,
os cabirtos coas cabras
e os años coas ovellas.

Señor caballero honrado
deanol-o aguinaldo,
se no lo queredes dar,
Dios quiera que de hoy en un año
nos tengan para nos dar (14).

De Cobas tenemos el siguiente villancico:

Años nuevos, años nuevos,
la primer fiesta del año,
entre duques y doncellas
al rey le pido aguinaldo.

No le pido oro ni plata,
ni tampoco su reinado,
que le pido tres mil hombres
para guerrear en el campo.

Tres mil hombres he pedido,
cinco mil me han mandado;
por caminos donde vamos
todo queda destrozado.

No queda cabra ni oveja
ni pastor con su ganado;
sólo queda un pobre hombre
de sus miembros derreado.

A la saltada de un río,
a la salida de un balo,
a la vera de un San Juan
está Cristo enclavado.

La sangre que derramaba
caía en un cáliz sagrado,
y el hombre que al bebiese
sería un bienaventurado;
en este mundo sería un rey
y en el otro un rey coronado.

En Loureiro de Cotobad hemos recogido el siguiente trozo de Xaneiras, que se cantaba por los bandos lo mismo que los Reyes:

(14) Una variante ha sido publicada por Bouza. Op. cit., pág. 93.

Eiras, eiras,
eiras xaneiras,
millaradiñas
as tres primeiras.
Dios nos dea
boas anadas,
bos cabirtos
e boas cabras.

Procedentes de la misma tierra de Cotobad son las siguientes, cantadas en las parroqúias de Borela y Almofrey:

Esta noche cantaremos
la despedida del año,
entrando en otro nuevo
con el bien que deseamos.
Año nuevo, con bien vengas,
con placer y alegría;
los señores de esta casa
lo hacen con bizarría.
Los señores de esta casa
bien saben lo que queremos,
un aguinaldo brillante,
que se lo agradeceremos.
Si venimos por aquí
es por el Niño Jesús,
que nos manda dar dinero,
comer y beber con luz.
Adiós, mozos; adiós, viejos;
adiós, rapaces pequenos;
a la misa de mañana
allí todos nos veremos.
Voy a dar la despedida
como dan los marineros.
con el sombrero en la mano:
abur, abur, caballeros.

Irgase, señora, irgase,
la del pañuelo encarnado;
irgase, señora, irgase,
pa darnos el aguinaldo.

A las seis de las xaneiras,
milloradas as tres primeiras,
ano novo con ben veñas,
casi brincan as sete ovellas
no campiño coas becerras,
atrás destas, outras virán,
milloradas as botarán.
Alegría, mais alegría,
veleiven a Virxen María
co seu fillo que non vía,
o cruceiro de madeira
pesa tanto como d-aceiro.

Irgase, señora, irgase, etc.

De la parroquia de Viascón tenemos el siguiente:

Ano novo, ano novo,
ano novo con ben veñas,
a casa brinca,
e sete ovellas no campiño
e tres buscando a seda.

Escuchaí o que lle queremos de-
duas palabriñas ou tres [cir]
duas palabriñas ou tres,
e o ladrón de xudeo,
e matou e non matou

e puxerono na Cruz
quintafeira pol-a luz
e a cruz era de madeira
e pesaba un mediaceiro.
Alegría e mais alegría,
vel-ahí ben Santa María
co seu meniño nos brazos,
co seu meniño que non ve.
Arimouse a un sant-outeiro
e veu pasar un pregonero desen-
[gañado.
—¿Me vistes por aquí un hijo?
—Por aquí te lo vi pasar,
con tres horas de lunar
que reparta a noite e o día,
e tres cabuchiños, e un de banda
d-aqueles que ten.
d-aqueles que nos da.
Girinaldo de las rosas,
querido, ¿quien te las dió?
—Me la dió un caballero
que por mi puerta pasó (15).

En Tomonde se canta el siguiente aninovo:

Ano novo con ben veñas,
como bailan sete estrellas,
no cortello das ovellas.
Ergase d-ahí, señora:
veña dar o aguinaldo.
pra honrar a San Bernaldo.
Tenemos mucho que andar.
Galicia y Portugal.
Esta casa caleada
por dentro como por fora.
el señor que en ella vive
por muchos años la goce.
No le pedimos doblones.
ni tampoco plata fina;
le pedimos boas cousas,
un pernil bueno sería.
Si ustedes no tienen d-eso,
quédense ustedes con Dios;
a los buenos pareceres
alto reino dea Dios.
Abre a porta e trai a luz,
que aquí ven a Santa Cruz.
Para que lle alumbremos
un Santo Cristo traemos.
Aquí ven a bota
pra levar o viño
e pros ovos un cestiño (16).

En Villestro, el canto de aninovo comprende una serie de dichos relacionados con el petitorio:

Entrada de año nuevo.
salida de viejos años:
los señores de esta casa
que gocen por muchos años.
A porta desta señora
habemos de cantar ben.
ela e muller honrada.
hanos de dar do que ten.
Deanos, señora, deanos,
o oviño da sua pola,
San Antonio lla defenda
o raposo non lla coma.
Se ista casa fora miña
como é destos señores,
lle puxera en cada esquina
un ramillete de flores.

15) Recitado por Modesto Fraguas Vidal.
16) Recitado por José Gamallo Añón.

Se esta casa fora miña
cómo é deste galán,
lle puxera en cada esquina
seu ramallo de mazans.
Deanos o aguinaldo,
señora, por Dios,
pol-o nacimiento
do fillo de Dios.
Aquí vimos catro
cantaremos oito,
deanos o aguinaldo,
fociño de cocho.
O aguinaldo vimos,
o aguinaldo andamos,
se nos dan touciño
tamén o levamos.
Deanos aguinaldo,
anque sea pouco,
un touciño enteiro
e a mitá d-outro.

Como remate de este petitorio cantan una copla alusiva a Mondoñedo:

Mondoñedo está nun baixo,
Vilanova nun baixiño,
Nosa Señora da Gracia
na beiriña do camiño (17).

En las rías altas existe una fórmula muy semejante:

Angelitos somos,
del cielo venimos,
bolsillos traemos,
dinero pedimos.
Manden aguinaldos,
señores, a nos,
por el nacimiento
del Hijo de Dios.
Manden aguinaldos,
si los han de dare,
que somos de lonxe,
queremos marchare.
Moitos anos viva
a dona da casa
pra dar aguinaldos
nunca foi escasa.
Moitos anos viva
o dono tamén,
temos por noticias
que é home de ben.
Aquí hai mociñas
que gastan salero,
que nos han de dar
o viño do xerro.
Aquí hai mociños
que gastan sombreiro,
que nos han de dar
a real enteiro.
Aquí hai mociños
que gastan chaqueta,
que nos han de dar
a media peseta (18).

(17) Recitado por José Ramón Quintans Trenco.
(18) Facilitado por el alumno de la Facultad de Letras de Santiago don Francisco Presedo Velo.
Como variantes de los petitorios tenemos las dos siguientes:

Deanos, señora,
aunque sea pouco,
cacheira e media
e mais parte d-outra.

Como final acostumbran a cantar una copla alusiva al aguinaldo que reciben:

Aquí nos deron
a recadadiva.
quen nos la deu
que moitos anos viva.

Eles que vivan
e nos que vivamos.
e ronguen a Dios
que xuntos no Ceo nos vexamos.

Deánolo, señora,
se no lo ha de dar,
que somos de lonxe
queremos marchar.

Cuando no reciben aguinaldo acostumbran a cantar:

Aquí non nos deron
do demo cousa;
inda doxe nun ano
estén debaixo da lousa.

REYES

El último capítulo del ciclo de Navidad lo constituyela Epifanía, y es la que tiene mayor persistencia en toda Galicia. La comarca que mejor conserva esta fiesta es la tierra de Cotobad.

Levamos a bota
pra levar o viño.
pra levar os ovos
un carabeliño.
e mais os chourizos
que nos ha de dar.

Nesta casa hai mozas
que gastan chaqueta,
que nos han de dar
la media peseta.
Nesta casa hai mozas
que gastan salero,
que nos han de dar
viño pol-o xerro.
Nesta casa hai mozas
que gastan mandil,
que nos han dé dar
o medio pernil.
Tus cabellos, madama,
son campo de guerra,
donde el Rey de España
planta su bandera.
Levántese, señoriña,
dese banquiño dourado,
e tráiganos o aguinaldo
que llo temos ben ganado.

En Portugal existe un petitorio semejante:

Ou da carne do fumeiro,
ou do pão do tabuleiro,
ou da gorda ou da magra,
ou daquela que unta a barba.

Duarte. Op. cit., pag. 95.

De la antigua fiesta religiosa subsiste, en la parroquia de San Miguel de Carballedo, la costumbre de iniciar la salida con el canto del villancico al Santo Patrono.

Hay tres bandos de Reyes en Cotobad: el formado por los niños menores de nueve años, que recorren las casas del lugar pidiendo el aguinaldo, con una llamada a la puerta diciendo: «¿Danol-os reis?» Este es el llamado *bando dos nenos*. Por lo general no cantan villancico, sólo alguna estrofa, y alguna vez recitan una o dos coplas que nada tienen que ver con la fiesta que se celebra, como la siguiente, recogida hace tiempo en la parroquia de Loureiro:

A miña galiña pinta
pon dous ovos cada día;
se me puxera mais outro
millor conta me facía.

Los niños de nueve a quince años forman otros bandos, generalmente tantos como barrios tiene la parroquia, los cuales no llevan instrumento musical alguno, y cantan un villancico en las casas donde le mandan cantar. Para ello preguntan a la puerta: *¿Nos cantamos?* A veces le responden con esta: *¿E vos d-onde sodes?*

La mocedad y personas mayores forman *o bando dos reis*, denominado *Xunta* en Carballedo. El bando no tiene número fijo de componentes, pudiendo llevar toda la parroquia o solamente algún lugar. Cualquiera que sea el número de componentes se ampara en la siguiente copla:

¡Viva el o noso bando!
¡Viva o noso bandiño!
¡Viva el o noso bando,
anque sea pequeniño!

El aguinaldo que reciben es diferente, según la vecindad de los componentes del bando y la capacidad económica del donante.

Los niños pocas veces cantan sin ser mandados, y si al-

guna vez no reciben el aguinaldo se despiden de la casa con alguna de estas coplas:

Cantámosche os reis
canela da cabra;
cantámosche os reis,
non-os deches nada (19).

Cantamos e recantamos
e volvemos a cantar;
estas cascas de farelos
non tiveron que nos dar (20).

La hora de salir el bando a cantar los reyes es el atardecer y se anuncia con una bomba de palenque. Reunidos los componentes van primero a la casa del cura. Los de Carballedo van a la iglesia y empiezan cantándole las coplas al San Miguel, Patrono de la feligresía:

Al glorioso capitán
de la milicia del cielo
le venimos a cantar
la juventud de este pueblo.

San Miguel pesa as almas,
San Miguel pesaas ben;
San Miguel pesa as almas,
pésame a miña tamén.

San Miguel de Carballedo
ten un sombreiriño blanco (21);
pasease pol-o adro
domingos e diasantos.

San Miguel de Carballedo
e moi amigo das uvas;
San Martín de Rebordelo,
das sardiñas cabezudas.

San Miguel de Carballedo
e un general precioso:
venceo batalla co demo,
púxolle o pe no pescozo.

(19) Variante de las rías altas:

Cantamos ch-os reises,
orellas de cabra,
cantamos ch-os reises,
nonos deches nada.
Cantamos ch-os reises,
canela de cabra,
focińo de cocho,
orella queimada;
cantamos ch-os reises,
nonos deches nada.
Cantamos che os reis
do quiquiriquí;
se non nos dan nada,
marchamos d-aquí.

(20) En Portugal:

Cantemos e recantemos,
tornemos a recantar,
estes barbas de farelos
não ten nada que nos dar.

(21) Variante: cos seus zapatiños brancos
para pasear con eles.

Terminada la última copla cantan el villancico completo. Al salir de la iglesia se dirigen a casa del párroco y cantan antes de entrar una folíada, con acompañamiento de panderetas, acordeón, ferriños, flauta o gaita; silenciada la música, *botanlle as coplas*, que recita un mozo en alta voz:

Saludamos nuestro cura
como los Reyes a Crísto,
de los hombres el más docto
y curas el más bien visto.
Es usted, señor cura
del corazón, muy amado;
presidente de la Iglesia,
jefe del Apostolado.
Es usted, señor cura,
hombre de mucho criterio;
usted nos enseña el bien
y el camino para el cielo.

Alguna vez se traduce el humorismo del coplero en una alusión intencionada:

Boas noites, señor cura;
non teño nada de meu:
zocos, polainas prestadas
o impermeable elle seu.

El bando va recorriendo las casas de los vecinos, y casi siempre inician con la copla recitada el saludo a la familia, con distinción de cualidades de los componentes, alusiones a la buena posición económica y social, viajes, hijas casamenteras y notas de buen humor, tan característico de esta tierra.

Al jefe político de la comarca, don Lorenzo García Vidal, le echaron la siguiente:

Es usted, don Lorenzo,
abogado muy capaz;
diputado provincial
y el amo de Cotobad.

En elogio de una joven:

Del cielo cayó una estrella
que a todos nos dió envidia,
y todos adivinamos
que la estrella era Placidia.

A un vecino comentando su valor:

Es usted, don Francisco,
hombre de mucho valor;
no le asustan bayonetas
ni el Jaime conquistador.

Al empresario de autos, hombre que, por su honradez y buen humor, cuenta con el aprecio unánime de los vecinos:

O señor Emilio da Chan
e un lamben reñnado.
come o caldo con carochas
e as veces reformado.

As perdas non dan ganancia;
as perdas tocan a porra,
o señor Emilio da Chan
morreulle a sua motora.

A la dueña de la carnicería del pueblo:

Baos noites, *Monterilla* (22);
non che vimos nada fartos,
se nos deras un becerro
non che queriamos cartos.

En Carballedo, mientras el bando recorre los lugares de la parroquia, se reúnen las mozas en una casa llevando harina de maíz de las espigas llamadas reis, con la cual hacen bollas en el horno. Al llegar *la Xunta* toman una cena de bacalao con patatas, bollas y vino. A veces había algún ingrediente de lo reunido en la parroquia. El bacalao y el vino se pagaban con los cuartos del bando. Al día siguiente mandaban vino a las personas mayores de la parroquia.

En las demás parroquias de Cotobad no siempre corresponde el bando a la feligresía, constituyendo grupos, por lugares, con su villancico.

El bando del lugar de Insuela, en la parroquia de Loureiro,

(22) Nombre vinculado a una familia que usó la última *montera* en Cotobad.

cantaba como introducción, con música de vals y acampañamiento de panderetas, lo siguiente:

Ya no se pasa a Melilla,
ya no se puede pasar,
porque me ha dicho un moro
que hay guerra en la mar.

Artillero valiente,
dime adónde vas.
—A preparar los cañones
para poder pelear.

En general, todos los bandos cantan coplas de elogio para las familias que visitan, como la siguiente, cantada en Rebordelo:

Esta casa sí que es casa;
este sí que es un convento:
nacieron curas y frailes,
hombres de mucho talento.

Al terminar de cantar el villancico tocan una muiñeira y despiden la foliada con una copla alusiva al aguinaldo:

Si nos han de dar los Reyes
no nos han de dilatar,
que somos de largas tierras,
tenemos mucho que andar.

Señora ama da casa,
cachee ben os bolsillos;
se non-os ha de dar cartos
deános ovos e chouriciños.

A sua porta nos ten
como un feixe de leña,
a esperar pol-a resposta
que da sua man nos veña.

O señor Manuel da Portela
é un home moi capaz
de meter man no bolsillo
e darnos trinta reas.

N-esta casa hai boas mozas,
e tamén hai un bo mozo,
e si non nos dan un peso
afogámolos no pozo.

Esta casa ten bo cortizo,
e tamén ha ter bo mel;
nos vimos buscar un peso
que nos mandou señor Manuel.

Esta casa está fayada,
fayada de papeletas,
o señor que vive n-ela
hanos de dar cen pesetas.

En algunas casas bailan una pieza corta, siendo tradicional en la Rectoral de Rebordelo que el bando de la parroquia cante en la sala principal y al terminar bailan una muiñeira.

Antes de abandonar la casa donde cantan, bien en el pa-

tio o delante del portal, *botanlle o Viva*. Para ello un mozo con buena voz dice: *Que por moitos anos*. Respondiendo todo el bando: *¡Vivaaa!* El viva es indispensable para recibir el aguinaldo, hasta el punto de que en algunas casas no cantan, por no estorbar el descanso, pero echan el *viva*. Lo mismo hacen en las tabernas donde los mozos acostumbran dar aguinaldo sin cantar el villancico, pero con el viva individual.

Referencia especial merece la fiesta de Reyes en la parroquia de Tomonde (Cerdedo, Pontevedra). El bando se constituye a veces el día 4 y empieza ese día el recorrido por los lugares de la feligresía y por las parroquias vecinas; al frente del bando, y como jefe del mismo, van dos individuos disfrazados: *o vello e a vella*. Llevan antifaz y ropa llena de remiendos. Son dos individuos mayores que se repiten en la función varios años, y llevan dos escobas de retama, con las cuales barren el lugar donde bailan, pero su principal mision es la de robar algún chorizo y algún trozo de jamón por las cocinas de los vecinos en donde canta el bando, procurando distraer la atención de los de casa con algún cuento. Con lo que reúnen hacen una gran fiesta, con opulenta mesa, invitando a todos los de la parroquia; tienen musica, gaitero o acordeón, y la fiesta recibe el nombre de *gaiteirada de reis*.

En la misma localidad de Tomonde los niños cantan sus villancicos el día de Año Nuevo y Reyes, y con el dinero reunido celebran una comida, llamando para cocinar a las niñas, las cuales acompañan a la mesa a los niños.

En casi todas las localidades el dinero reunido se destina a una fiesta, con su correspondiente cena; pero es necesario hacer una distinción. En algunos lugares la fiesta se limita a la comida que celebran los participantes del bando. En Cotobad la fiesta de Reyes se llama *morada* o *broma*. Las mozas y mozos de la parroquia o lugar del bando invitan a su fiesta a los de las parroquias vecinas, con los que tienen toda clase de deferencias. Esta noche asisten tambien las personas mayores, a las que se obsequia con pan y vino y les reservan asiento preferente, que nadie les disputa. Los del bando tie

nen una cena de bacalao con patatas y chorizos. Cuando la *broma* es de un lugar pequeño asisten a la cena la mayor parte de los vecinos. La fiesta dura hasta las tres o cuatro de la mañana y ha constituído motivo de hermanadad entre las parroquias.

A continuación incluímos una selección de villancicos procedentes de distintas localidades de Galicia:

I

Esta noche celebra la Iglesia
la Epifanía de los Santos Reyes;
del Oriente salieron diciendo:
Que el Verbo Encarnado al mun-
[do amanece.

Una estrella le sirvió de guía
y bajó rompiendo el sol oriciente,
más brillante que no tiene el cielo
lucero ni antorcha más resplande-
[ciente.

A este Niño hermoso
le damos mil parabienes,
que es un jardín de flores
lleno de claveles.

¡Vivan los Reyes del Oriente!
¡Que viva el Niño omnipotente!
Por las orillas del mar se pasea
una doncella toda vestida de blan-
cubierta de gracia llena. [co,

Si la quieres ver bajar
diciendo de esta manera:
Aquí murió Jesucristo,
Rey de los Cielos y Tierra;
no murió por sus pecados,
que por nosotros muriera (23).

II

Atención, señores nobles,
que venimos a cantar
la historia de los tres Reyes,
si la quieren escuchar.

Del Oriente salen tres Reyes
por una estrella guiados;
entran por Jerusalén
y a voces van preguntando
por un niño que ha nacido,
rey de todo lo creado.

Preguntóles Herodes
con gran soberbia a ellos:
¿Qué venís buscando
por estos mis reinos?

Ellos respondieron
con grande humildad:
El Rey de los cielos,
que ha nacido ya.»

(23) Recogido en Cotobad.

Por allí darán la vuelta,
por allí traerán recado,
por allí no la darían,
porque no les convenía.

Andando por sus jornadas
a Belén llegado habían.
Unos le ofrecieron oro,
otros incienso, otros mirra,
le acabaron de ofrecer
con bastante profecía.

Vaise un dicho despachado:
en este reino se publica
que mueran todos los niños
y los pasen a cuchillo,
pensando también matar
al Niño recién nacido.

El Niño, como es del Cielo,
caminando va para Egipto:
con El van en compañía
María, su esposo, y madre,
en el alto poderoso
hallaron con un vasallo.

¡Ay! qué bien les convenía
para curar nuestro mal
Hoy es día de los Reyes,
es principio de buen año;
donde hay damas y doncellas
el Rey pide el aguinaldo;
también nosotros pedimos
a aquel labrador honrado
que les dea de lo suyo,
de aquello que Dios le ha dado.

Dios le dea mucha salud
a la gente de su casa;
mucha paz y sosiego
y después su santa gracia (24).

III

De las partes del Oriente,
tierra del sol y candela,
salieron los tres Reyes magos
guiados por una estrella.

Sin saber unos de otros
en el camino se encuentran:
se saludan y preguntan
qué destino es el que llevan.

El destino que llevamos
es el de una inocente estrella
que mis ojos nunca han visto
otro semejante a ella.

Fueron a casa de Herodes,
que era rey de aquella tierra:
le preguntan por el Niño
y también dónde naciera.

Turbado se pone Herodes
con sus expresiones nuevas,
dónde se pudiera hallar
Niño de tanta grandeza.

Buscaremos; si le encuentran
y me dicen dónde queda,
que yo le quiero adorar
y darle de mis riquezas.

Llegaron a la ciudad,
volvieron a ver la estrella
y vieron al Niño Dios
en brazos de una doncella.

(24) Recogido en Sobrado de los Monjes.

A los diez años de edad
El un oficio seguía;
era el de carpintero,
que de su padre aprendía.

A los treinta años contados
Jesucristo represaron,
clavado de pies y manos
y llagas en sus costados.

Después de ir a los Cielos
a la tierra ha bajado;
ha premiado a los buenos
y a los malos castigado (25).

IV

Los tres Reyes de Oriente
éntran por Jerusalén;
a voces van preguntando
por el portal de Belén.

Que la gloria cantemos a coro
y los Angeles alcen la voz,
que los Reyes de Oriente llegaron
a la humilde morada de Dios.

Donde vive el que ha nacido,
el Niño Dios encarnado,
el que siempre lo será,
Rey de todo lo creado.

Que la gloria, etc.

En el portal de Belén
nació el Niño Jesús,
y los profetas le dicen
que ha de morir en la cruz.

Que la gloria, etc.

Fueron siguiendo la ruta
de una estrella que los guía;
hallaron al Niño Dios
en los brazos de María.

Que la gloria, etc.

Luego corrió la noticia;
Herodes quedó turbado,
receloso de que el Niño
le privara del reinado.

Que la gloria, etc.

Unos le ofrecieron oro,
otros le ofrecieron mirra,
otros le ofrecen incienso,
con que se celebra misa (26).

V

Felices fiestas de Reyes,
después de las de nadal,
tengan vuestras señorías,
con vuestra salud y paz,
y por seren de alegría
tengan éstos muchos más.

De Oriente salen tres Reyes,
todos tres en compañía,
con tres caballos hermosos
que relumbran como el día,
y los tres que en ellos iban
como el sol de mediodía.

(25) Recogido en Cobas.
(26) Recogido en Valongo de Cotobad.

Caminan para Belén
por ver si llegan con día.
—¿Adónde van los tres Reyes?
—¿Adónde llevan su guía?
Llevan de su capitán
una estrella que los guía.

La estrella que los guiaba
en Belén se les metía,
y los vió el rey Herodes
del palacio que tenía.
Allí los mandó llamar,
que preguntarles quería
—¿Adónde van los tres Reyes?
¿Adónde llevan su guía?
—Vamos a adorar un Rey
que nos din que nado había.
—Por aquí darán la vuelta;
respuesta me traerán.

Le hicieron reverencia
a la Sagrada Familia;
al esposo, San José;
a su santa compañía (27).

VI

Maravillas en los cielos;
en Berú milagro tal,
que nació el Niño Dios
pobremente nun portal.

De largas tierras tres Reyes
vienen adorar al Niño.
Una estrella que los guía
cierta muy bien el camino.

Maravillas, etc.

Antes de llegar al sitio
donde el Redentor estaba
se encontraron con un rey
que Herodes se llamaba.

Maravillas, etc.

Herodes, lleno de envidia,
mandó una orden luego:
que a todos los niños tiernos
les cortasen pronto el cuello.

Maravillas, etc.

Herodes, lleno de soberbia,
les dijo de esta manera:
—¿Qué venís aquí buscando,
debajo de mi bandera?

Maravillas, etc.

Con humildad le responden:
—¿Por qué os alzáis en guerra?
Venimos a visitar
al Rey de Cielos y Tierra.

Maravillas, etc.

María y San José,
por un ángel avisados,
se marcharon para Egipto,
siendo de Dios amparados.

Maravillas, etc.

Pasados por algún tiempo
con sus siervos estuvieron
hasta que murió Herodes,
cuyas noticias tuvieron

Maravillas, etc. (28).

(27) Recogido en las Baiñas de Vimianzo. Otra versión de la misma localidad dice: De Oriente faltan tres reyes,
todos tres faltan de un día.

(28) Recogido en Carballedo de Cotobad.

VII

CORO DE HOMBRES:

I.—Venimos a dar noticias,
II.—Y buenas nuevas también,
I.—Que nació el Niño Dios
II.—En el portal de Belén.

CORO DE MUJERES:

¡Ay, Jesús, qué prodigio!
¡Ay, qué portento!
En el portal naciste
siendo Dios mesmo.

CORO DE HOMBRES:

María y San José
de gozo los dos lloraban.

CORO DE MUJERES:

Que llorasen de gozo
no me admira;
ver a Dios delante,
causa y prodigio.

CORO DE HOMBRES:

I.—Y después la Santa Gloria
II.—Por no tener otro abrigo
I.—Se arrimó a aquel portal
II.—Donde el cual nació su hijo.

CORO DE MUJERES:

Ingratitud tan grande,
¿dónde se ha visto?
en negar la posada
siendo Dios mismo.

CORO DE HOMBRES:

I.—Y después desque nació
II.—El Niño Dios inocente,
I.—Le ofrecieron sus promesas
II.—A la manera siguiente.

CORO DE MUJERES:

Y me parece poco
que le ofreciesen
oro, incienso y mirra,
pues más merece (29).

VIII

Era una noche de enero,
de invierno crudo y frío
allá en Belén nació un niño
que Mesías se llamó;
y por eso hoy nosotros,
por ser la noche de Reyes,
le cantamos los laureles
al Divino Salvador. } bis.

Salen los tres Reyes Magos
para adorar aquel Niño,
que tiritando de frío
daba mucha compasión.
Se fijaron en la Virgen,
que lloraba sin consuelo.
sentada en el duro suelo.
que partía el corazón. } bis.

Estribillo

(29) De igual procedencia que el anterior.

A Belén, pastores
Vamos a adorar
al Rey de los Cielos,
que ha nacido ya,
que ha nacido ya. } bis.

Envuelto entre pajas
allí estará,
¡ay!, el pobrecito
cómo llorará.

Estribillo

Estrella de Oriente,
con su clara luz,
a Belén nos guía
a ver a Jesús.
En ricos pañales
envuelto estará,
y los Reyes Magos
le van adorar,
le van adorar (30).

Estribillo

IX

Señores que viven
dentro desta casa,
oigan los misterios.
desta noche santa.

Largaron sus tierras
los Santos varones;
se fueron por otras
extrañas naciones.

Que viva, que viva,
que viva y que reine
el Verbo Encarnado,
el Rey de los Reyes

De los claros cielos
salió clara estrella;
los tres Reyes Magos
se guían por ella.

Que viva, que viva, etc.

Les pregunta Herodes
con soberbia a ellos:
—¿Qué venís buscando
por estos mis reinos?

Respondieron ellos
con grande humildad:
—El Rey de los Reyes
en tu tierra está.

Trece días hace
que andamos buscando
al Niño hermoso,
sin poder hallarlo.

Hallaron María,
San José con ella,
hallaron el Niño,
que lo tenía ella.

—¿Dónde está el Niño?
—Aquí está presente.
Se arrodillan todos
muy ligeramente.

Oro, incienso y mirra
le ofrecen al Niño,
para más grandeza,
el oro más fino.

Con esto concluyo,
le doy el remate;
para mal cantado
ha sido bastante (31).

(30) Recogido en Loureiro de Cotobad, adonde fué llevado por Amando Quintans, natural de Mourente (Pontevedra).
(31) Recogido en Rebordelo de Cotobad.

X

Los tres Reyes Magos
salen del Oriente
en busca del Niño
que es el Dios naciente.

En los claros cielos
brillaba una estrella
por gracia divina
se guían por ella.

Llegan a Judea,
van a ver Herodes,
y le dicen: —Nació
el Hijo del hombre,
tuvo que nacer
en tus posesiones.

Y dudando Herodes,
preguntó a sus sabios;
mas dijeron éstos:
—Aciertan los Magos,
que hasta los profetas
así lo anunciaron.

Por ser los profetas
los que así hablaron,
los Magos se fueron
y al Niño buscaron.

Mientras tanto la Virgen
a Belén llegaba,
y al Niño paría,
al que se esperaba.

Los Magos llegaron,
presentes trajeron,
que al Niño ofrecieron
y luego adoraron.

Tuvo miedo Herodes
del poder del Niño,
y quiso matarlo
con mucho sigilo.

Pero no sabiendo
dónde El se hallaba,
decretó la muerte
mientras lo buscaba (32).

XI

Camina la Virgen pura
de Egipto para Belén,
llevaba un niño en los brazos
a Jesús de Nazaret.

En el medio del camino
el Niño pidió de beber;
las aguas iban avueltas
que apenas se podían ver.

Un poquito más alante
ricas manzanas había,
el pastor que las guardaba
era ciego y no las veía.

—Dame una manzana, ciego,
para este Niño comer.
—Pase usted, buena Señora,
y coja las de menester.

Cogía una por una,
florecían de tres en tres.
Empezó el Niño a comer,
empezó el cieguecito a ver.

—¿Quién te ha dado la vista, ciego,
quién te ha dado tanto bien?

(32) Recogido en Viascon de Cotobad.

—Me la ha dado una Señora
que iba para Belén;
llevaba un niño en sus brazos
a Jesús de Nazaret (33).

XII

Vivan los Reyes,
los de Oriente,
que viva el Niño
Omnipotente.

Por las orillas del mar
se pasea una doncella,
toda vestida de blanco,
cubierta de gracia llena.

Preguntó San Juan a Cirsto:
—¿Quién es aquella doncella?
San Pedro le respondió:
—Nuestra Madre verdadera.

Si la quieres ver bajar,
diciendo de esta manera:
—Aquí murió Jesucristo,
Rey del Cielo y de la Tierra;
no murió por sus pecados,
que por nosotros muriera.

Acabemos de cantar
estos Reyes con alegría;
acabemos de decir:
¡Viva la Virgen María!
¡Viva, viva para siempre,
para siempre viva!
¡Viva el dueño de la casa
y toda su compañía! (34).

XIII

Aquí vimos os dos reis
dispostos para cantar;
si ustedes nos dan licencia
iremos a principiar.

En el portal de Belén,
ciudad de Galilea,
donde la Virgen María,
donde la Virgen doncella,
donde la Virgen parió
una relumbrante estrella.

Sin tener en que le envuelva,
sino en una poquita hierba.
La mula bien se la come
y el buey bien se la lleva.

Maldito sea la mula
que tanto se la franquea
a un Hijo tan amado
que la muerte se le ordena.
Irás al Monte Calvario
y hallarás una escalera
con un letrero en la cima
que dirá de esta manera:
«Aquí murio Jesucristo,
Rey de los Cielos y Tierra.
Murió por los pecadores
que tanto los redimiera.
Pilatos tuvo la culpa,
Herodes culpa tuviera,
y Judas la tuvo toda,
que fué el que lo vendiera.»

(33) Versión procedente de Cotobad. Composición muy extendida. Vid. Bouza Brey. Op. cit., pág. 94. *Terra de Melide*, pág. 554. Casto Sampedro-Filgueira. Op. cit., pág. 143, melodía 283. Menéndez Pidal: *Los Romances tradicionales en América*, «Col. Austral», núm. 55, pág. 27. Menéndez Pelayo, *Antología de Poetas líricos*, tom. IX, pág. 322.

(34) Recogido en Viascon.

Aunque por treinta dineros,
aunque por un le pidieras,
aunque por treinta dineros,
a Jesús no le vendieras.

Hoy es día de los Reyes,
día de grande alegría.
¡Viva el señor de esta casa
y toda su compañía! (35).

XIV

Cuando el Angel San Gabriel
vino dando la embajada
que María le trajera,
y al punto quedó turbada.
María le dijo:
—Qué esclava soy yo
del Eterno Padre,
camino soy yo.
Estando un día María
ocupada en sus faenas,
la mira el tierno José
y al punto asustado queda.
—¿Qué es esto que miro?
¿Qué es esto? ¡Qué espanto!
Mi esposa está encinta,
si yo no me engaño.
Tan jovencita y tan bella
me la tengo de dejar.
Y en vista tan amorosa,
el pobre viejo ¿qué hará?
Yo me iré a un desierto
y allí rogaré
a Dios que te ampare,
vida de mi bien.
Al punto ha de partir,
él suspenso se quedó,
mas bajó un ángel del cielo
y la verdad declaró.
Tu esposa en estado,
y tú estás ausente;
mas cuando se sepa,
que dirá la gente
José le dijo a María,
ropa hemos de llevar,
porque somos forasteros
y nadie nos mirará.
María le dijo:
—No tengas cuidado
que vendrá constante
Dios a nuestro lado.
Emprendieron el camino
y llegaron a Belén,
en un portal sin abrigo
nació Jesús, nuestro bien.
Allí le adoraron
angeles, pastores;
los tres Reyes Magos
le ofrecieron dones.
Huyendo del Rey Herodes,
un labrador encontraron.
María le preguntó:
—Labrador, ¿qué andas sembrando?
El labrador dijo:
—Sembrando estoy piedras.
—Pues si piedras siembras,
piedras te se vuelvan.
Fué tanta la multitud
que Dios le mandó de piedras,
que se le puso el bancal
como si fuera una sierra.

(35) Recogido en Tomonde. En Portugal existe esta maldición para la mula:

Maldiçao te deito mula,
que não paras cria alguma;
cria alguna se parires,
dela não teñas ventura.

Vid. Duarte, op. cit., pág. 31.

Este fué el castigo
que Dios le mandó,
estando sembrando
aquel labrador.
Un poco más adelante,
otro labrador que vieron.
María le preguntó:
—Labrador, ¿qué andas hacien-
[do?
El labrador dijo:
—Señora, sembrando
este poco trigo
para el otro año.
—Vuelva mañana a segarlo
sin ninguna dilación,
porque este favor le hace
el Divino Redentor.
Y si por nosotros
vienen preguntando,
dirás que nos viste
estando sembrando.
Llamó, pues, los segadores,
otro día de mañana,
para ir a segar trigo,
que de seco se pasaba.
Que ni los nacidos,
ni los por nacer,
vieron en el mundo
trigo como aquél.
Estando los tres segando,
cuatro hombres de a caballo,
por una mujer y un niño
y un viejo van preguntando.
El labrador dijo:
—Yo sí que los vi;
estando sembrando,
pasar por aquí.
—¿Qué señas lleva esa gente?
Dijo al punto el labrador:
—La mujer es muy bonita,
el niño parece un sol.
El hombre parece
ser algo más viejo,
que la lleva a ella
quince años lo menos.
Miran unos para otros
y mil reniegos echaban,
porque no habían cumplido
el intento que llevaban.
El intento era
de llevarlos presos,
y de presentarlos
a Herodes soberbio (36).

XV

Yo soy un pobre gitano
que vengo de Egipto a aquí,
y al Niño Jesús le traigo
un gallo quiquiriquí.

Yo soy un pobre gallego
que aquí vengo de Galicia,
y al Niño Jesús le traigo
lienzo para una camisa (37).

XVI

San José e mais María
eles iban pra Belén;
iban cantando nos reis,
cantemol-os nos tamén.

San José iba mui triste
porque iba pol-as montañas.
María iba moi leda,
lleva a Cristo en las entrañas.

(36) Recogido en Loureiro de Cotobad.
(37) Recogido en Rubiana.

Iban de vila en vilá
e de lugar en lugare,
en busca de Jesucristo
non-o puideron hallare.
Foron dar con El a Roma
revestido no altare,
misa nova quel decía,
misa nova quel cantare.
Quen é a paloma branca
que está o pe do altar?
Aquel é Noso Señor
que nos ven a visitar (38).

XVII

Hai que Neno, que Neniño,
que bonito e lindo está;
xa o corazón relouca
de contento que El está.

Repiquemos as campanas
para festexalo ben,
dan, darandán, darandán,
e xoguemos noite e día
xunto ô portal de Belén (39).

XVIII

A la puerta llora un niño
más hermoso que un sol bello;
parece que tiene frío
y el pobrecito está en cuero.
Dícele que entre,
se calentará,
porque en este pueblo
no hai caridad (40).

(38) Recogido en Sobrado de los Monjes. En Arzua hay una variante, a la cual van unidas las siguientes coplas, al modo de las xaneiras:

Tu cabello, dama,
es un tesoro de oro,
que cuando lo peinas
desengrella todo.
Tienes dos ojos en cara
que parecen dos luceros,
que alumbran de noche
a los pasajeros.
Tus orejas, dama,
excusan pendientes,
que las adornas tú,
con caras y dientes.
Tus pechos, dama,
son fuentes de agua,
donde yo bebía,
si tú me dejaras.
Tu cintura, dama,
es muy chiquita,
en donde el Rey Supremo
pone su justicia.
Zapatito bajo,
media resalada,
eres buena moza,
pero resguardada.

En Portugal existe un paralelo de las primeras estrofas:

S. José e mais María
forom ambos a belem,
se eles foram cantar os reis,
cantémolos nos tamén.

Duarte, op. cit., pág. 123.

(39) Recogido en tierras de Deza.

(40) Recogido en Sobrado. Tal como se canta está formado por dos composiciones: *El Niño perdido* y *El Ciego*.

Entra el niño y se calienta,
y después de calientado,
le preguntó la señora
de qué pueblo era, reinado.
Respondió el niño:
—Yo soy de Belén,
mi madre del Cielo,
mi padre también.
—Voy hacer la cama al Niño
en el primero balcón.
—No la haga usted, señora,
para mí basta un rincón.
Mi cama es el suelo
desde que nací,
hasta que me muera
ha de ser así.
En aquella huerta
ricas manzanas había;
en el cielo hay muchos bienes
y con ellos quedaremos.
el pastor que las guardaba
era ciego y no veía.
Dame, ciego, una manzana
para este Niño comer;
el Niño come manzana,
el ciego empezó a ver.
¿Quién te dió la vista, ciego?
¿Quién te hizo tanto bien?
—Me lo hizo el Rey del Cielo
y Jesús de Nazaret.
Y si no lo encuentro
volveré aquí,
a darle las gracias,
bien las merecí.
Quédense con Dios, señores,
hasta el año que volvamos;
si para el año no volvemos,
en el cielo nos veremos;

En Loureiro se cantaba con la denominación de *Reis do Sol bello* y con la variante:

Dice que no tiene frío,
y el pobrecillo anda en cuero.
Abrele la puerta,
se calentará,
porque en este pueblo
no hay caridá,
que nunca la hubo
ni la haberá.

Variantes en Casto Sampedro-Filgueira, op. cit., melodía 265. *Terra de Melide*, pág. 552. En Villestro hemos recogido la siguiente versión, recitada por Domingo Codesido Quintans:

Por el mundo anda un Niño
más hermoso que un sol bello.
—Pedí a la puerta de un rico,
no me dieron nada;
me echaron los perros,
así Dios castigue
a los más soberbios.
—Pedí a la puerta de un pobre.
—Madre, a la puerta hay un niño
más hermoso que un sol bello;
él dice que tiene frío,
el pobrecito está en cuero.
—Pues dile que entre
y se calentará,
aunque en esta tierra
no hay caridad.
El niño entra pra dentro
y después de calentado
le preguntó la patrona:
—¿Dónde está tu Padre?
—Mi Padre en el Cielo,
mi Madre en la Tierra,
y yo he nacido
en Galilea.
—Hacerle la cena al Niño,
hacerla con pichones;
hacerle la cama,
hacerla con colchones.
El Niño responde:
—Mi cama no es esa;
mi cama son rincones.
Allá por la media noche,
el Niño se levantó.
¡Ay qué Niño éste!;
Niño tan gracioso,
en mi vida he visto
Niño tan hermoso.

XIX

De Oriente salen tres Reyes
que adorar al Niño van.
Uno se llama Melchor,
otro se llama Gaspar,
Baltasar es el postrero
que adorar al Niño va.
Pastores del valle,
venid y llegad
a Belén, que esta noche ha na-
[cido
segunda persona de la Trinidad.
Que la gloria cantemos a coro
y los ángeles alcen la voz,
que los Reyes de Oriente llega-
[ron
a la humilde morada de Dios.
Trece días anduvieron
desde su patria oriental,
guiados por una estrella
que excelsa luz les da.
Pastores del valle, etc.
Cuando a Belén llegaron,
la media noche sería;
hallaron al Niño Dios
en los brazos de María.
Pastores del valle, etc.
Al entrar por el portal,
los ángeles que allí había
le pusieron tan hermoso
que al Cielo se parecía.
Pastores del valle, etc.
Qué colegios ni qué fiestas
a aquel Santo no le harían;
dispusieron de cenar
de lo poco que allí había.
Pastores, etc.
Acabado de cenar,
alzó los ojos arriba,
encendida en caridad
en las sus entrañas mismas.
Pastores, etc.
Saliera el recién nacido
que tenía en las rodillas,
ese Manuel Dios y hombre,
rescate de nuestras vidas.
Pastores, etc.
Bajan ángeles del cielo
cantando con alegría:
Gloria in excelsis Dei
al Redentor de la vida.
Pastores del valle, etc.
Avisan a los pastores,
corriendo a toda prisa.
Unos le traen pañales,
otros las mantillas finas.
Alabado sea el Niño
y bendita sea María.
Quedaos con Dios, Virgen
[Santa,
Sagrada Virgen María,
que nosotros caminamos
con gran placer y alegría.
Si nos han de dar los Reyes,
no nos han de dilatar;
somos de lejanas tierras,
tenemos mucho que andar (41).

XX

De Oriente salen tres Reyes,
todos tres en compañía,
por capitán de ellos va
una estrella que los guía.
Uno se llama Melchor,
otro se llama Gaspar,

(41) Recogido en Loureiro.

Baltasar es el postero
que adorar al Niño va.
Uno le ofreció el oro,
otra le ofreció la mirra,
otro le ofreció el incienso
con que se celebra Misa (42).

XXI

Los pastores en Belén
todos juntos van a leña
para calentar el Niño
que nació esta Nochebuena.
Pastores del valle,
venid y llegad
que en Belén esta noche ha na-
[cido
segunda persona de la Trinidad.
En el portal de Belén
hacen lumbre los pastores,
para calentar el Niño
que nació entre las flores.
No ha nacido entre las flores,
ni tampoco entre el romero,
que nació en un pesebrito
entre la paja y el heno.
Cuando la Virgen lavaba
y tendía en el romero,
los angelitos cantaban
y el agua se iba riendo.
La Virgen se está peinando
debajo de la alameda,
los cabellos son de oro,
la cinta de primavera.
Pasó por allí José,
le dijo de esta manera:
—¿Cómo no canta la blanca,
cómo no canta la bella?
—¿Cómo quieres que yo cante
si estoy en tierras ajenas,
y un hijo que yo tenía,
más blanco que la azucena,
me lo están sacrificando
en una Cruz de madera?
Sube, sube al Calvario,
y verás las escaleras;
aquí murió el Redentor,
Redentor de Cielo y Tierra (43).

XXII

De Egipto salió la Virgen
huyendo del Rey Herodes;
por el camino pasaron
grandes fríos y rigores.
Al Niño lo llevan
con mucho cuidado,
porque el Rey Herodes
quiere degollarlo.
Anduvieron adelante,
y a un labrador que vieron
la Virgen le preguntó:
—Labrador, ¿qué estas haciendo?
Y él le contesta:
—Señora, sembrando
un poco de piedra
para nuevo año.

(42) Lo hemos recogido, como el anterior, en Loureiro. Alguna vez se añadía la siguiente composición:

Cuando llegan a Belén
la media noche sería;
hallaron al Niño Dios
en los brazos de María.

(43) Recogido en Loureiro. Recitado por Raimunda Proenza. En esta composición hay dos romances: *Los pastores en Belén* y *La Virgen se está peinando*. Vid. Menéndez Pelayo, op. cit., pág. 321.

Tanta fué la multitud
que el Señor le dió de piedra
que parecía un peñasco
aquella escarchada siembra.
Este fué el castigo
que le dió el Señor
por contar mentiras
aquel labrador.
Anduvieron adelante
y a otro labrador que vieron
la Virgen le preguntó:
—¿Labrador que estás haciendo?
Y él le contesta:
—Señora sembrando
un poco de trigo
para nuevo año.
—Anda, vete a tu casa
y trae hoz para segarlo;
trae carros y trae fanegas,
que el trigo está madurando.
Y si por aquí
pasan por mí preguntando,
dile que me has visto
estando sembrando.
Quédense con Dios, señores,
hasta el año que volvamos;
si por aquí no nos vemos,
en el Cielo nos veamos (44).

XXIII

Las nuevas entradas
de reises traemos,
cuatro niños nuevos
cantarlos queremos.
Si nos dan licencia,
señor, cantaremos;
con buenas palabras
encomenzaremos.
Vamos, Baltasar,
Gaspar e Melchor,
preguntando alegres
por el Rey de amor.
Entran por Jerusalén,
de voces van preguntando
por el niño que ha nacido,
Rey de todo lo criado.
Herodes les dijo:
—Aquí está presente.
Y así se arrodillan
muy ligeramente.
Unos le ofrecieron oro
y otros incienso y mirra,
y caminan para sus tierras
con grande gusto y alegría.
Con sus diestras luminarias
caminaban noche y día;
más de mil y tantas leguas
las andaban cada día (45).

XXIV

De las partes del Oriente,
tierra de sierra y candela,
salieron tres Reyes Magos
guiados por una estrella.
Sin saber unos de otros,
en el camino se encuentran,
y admirados se preguntan
qué destino es el que llevan.

(44) Variante del número 14. Recitado por Isaac Carracedo Sanjuas de la Estrada.
(45) Nos lo ha facilitado el señor Presedo.

Se dice que van siguiendo
una muy lucida estrella,
que sus ojos no han visto
otra semejante a ella.

Llegaron a la ciudad
y se les escondió la estrella;
siguieron con sus jornadas
de las divinas muy ciertas.

Fueron a casa de Herodes,
que era Rey de gran soberbia,
preguntando por el Niño,
Rey de los Cielos y Tierra.

Vayan Reyes diligentes,
nos diréis en dónde queda,
que yo también quiero adorarle
y llevarle una grandeza.

Al salir de junto a Herodes,
se le apareció la estrella,
y encontraron al Niño
en manos de una doncella.

Levántese, señoriña,
dese seu tallo dourado;
levántese, señoriña,
veña dar o aguinaldo (46).

OS REIS DE XACOBE

Os reis de Xacobe
vamol-os cantar,
dice que Xacobe
que se vai casar.

Si se vai casar
non é o primeiro;
casa coa Avelina
que veu do Riveiro.

Si veu do Riveiro
é moita grandeza,
ca tranca da porta
partiulle a cabeza.

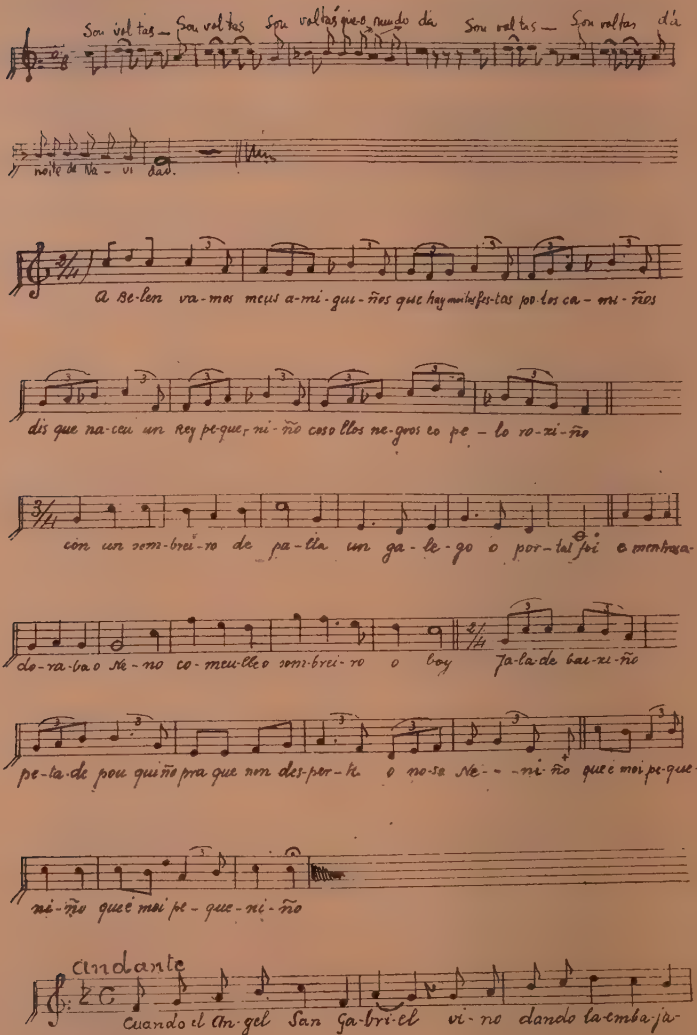
Ela é mala alma,
ela é condenada,
sacarlle a peluca,
deixalo pelado (47).

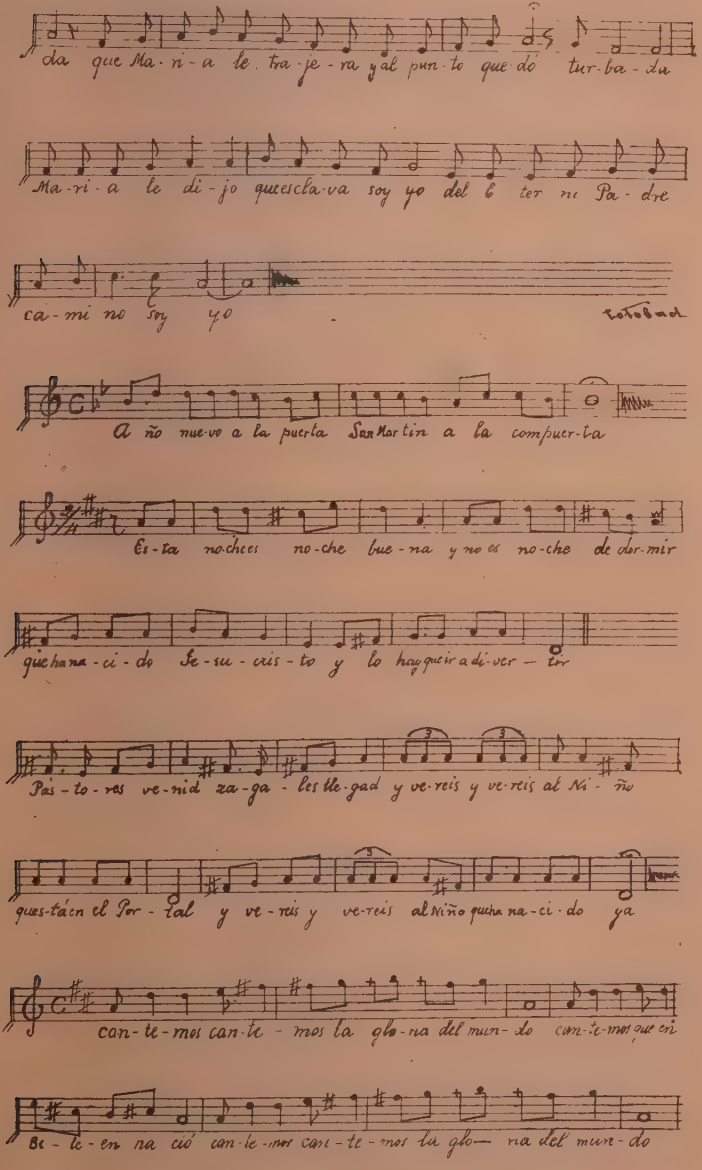
Antes de finalizar este trabajo hemos de hacer constar nuestro agradecimiento a don Antonio Vidal Proenza y don Manuel García por las notas que nos han facilitado, y lo mismo a don Paulino Castro y Castro, don Luis Vázquez Santamaría y don Ramón Castromil Ventureira, por la anotación musical que acompañamos.

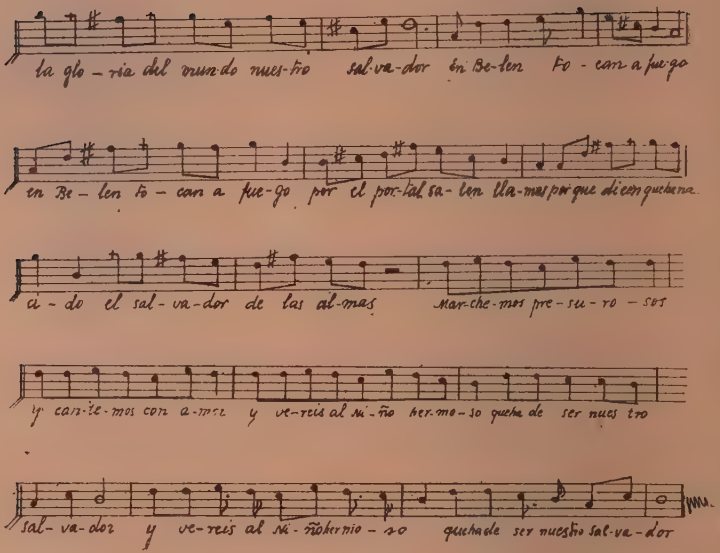
Antonio Fraguas Fraguas

(46) Recogido en tierras de Deza.
(47) Composición que recuerda el *Casamiento de Xan Guindan.*

Melodías


Son voltas — Son voltas Son voltas que o mundo dá Son voltas — Son voltas dá
noite de Nª - vi dad.
A Be-len va-mos meus a-mi-gui-ños que hay maravillas-tas po-los ca-mi-ños
dís que na-ceu un Rey pe-que-ni-ño coas llos ne-gros co pe - lo ro-xi-ño
con un rom-brei-ro de pa-lla un ga-le-go o por-tal foi e mentras
do-ra-ba o Ne-no co meu-lleo rom-brei-ro o boy ja-la de bai-xi-ño
pe-ta-de pou quiño pra que non des-per-te o no-so Ne- -ni-ño que é moi pe-que-
ni-ño que é moi pe - que - ni - ño
andante
Cuando el An-gel San Ga-bri-el vi-no dando la emba-ja-


da que Ma-ri-a le tra-je-ra y al pun-to que do tur-ba-da
Ma-ri-a le di-jo que es cla-va soy yo del E ter ni Pa-dre
ca-mi no soy yo
A ño nue-vo a la puerta San Martin a la compuer-ta
Es-ta no-che es no-che bue-na y no es no-che de dor-mir
que ha na-ci-do Je-su-cris-to y lo hay que ir a di-ver — tir
Pas-to-res ve-nid za-ga-les lle-gad y ve-reis y ve-reis al Ni-ño
ques-tá en el Por-tal y ve-reis y ve-reis al Niño que ha na-ci-do ya
can-te-mos can-te-mos la glo-ria del mun-do can-te-mos que sí
Be-le-en na ció can-te-mos can-te-mos la glo— ria del mun-do


la glo - ria del mundo nues-tro sal-va-dor en Be-len to - can a fue-go
en Be - len to - can a fue-go por el por-tal sa- len lla-mas porque dicen que nace
ci - do el sal - va-dor de las al-mas mar-che-mos pre-su-ro - sos
y can-te-mos con a-mor y ve-reis al ni-ño her-mo-so que ha de ser nues tro
sal- va-dor y ve-reis al ni-ñoher-mo - so que ha de ser nuestro sal-va-dor

El habla de Oroz-Betelu

A D. Rafael Lapesa.

I. INTRODUCCION

1. Los estudios dialectológicos en España se han visto enriquecidos en los últimos años por una serie de publicaciones interesantes [1], sin embargo, apenas se ha comenzado la labor. Se ha investigado en las hablas locales, en los documentos, pero no se han tocado los problemas de fronteras, ni se ha insistido en un campo casi virgen: las formas que adopta el castellano en las regiones que lo adquieren como medio de expresión.

Hoy publicamos nosotros unos breves apuntes sobre un enclave de lingüística vasca en el que Castilla va ganando terreno. Creemos que esta clase de estudios tienen interés, ya que permiten mostrar al vivo problemas tan apasionantes como los de «estrato» y «superestrato».

Oroz-Betelu se encuentra en una comarca donde lo vasco ha tenido hasta hace muy poco una vigencia extraordinaria. Hoy el eúzkera se bate en retirada. Nosotros apenas hemos encontrado conocedores de la vieja lengua y, desde luego, casi no hay ya casas en que se considere como habla familiar. Interesa señalar el hecho porque en los valles próximos se encuentran regiones en que aún tiene notable vitalidad. (Es curioso cómo una separación de 8 kms. escasos marca hondas diferencias en lingüística, etnografía, etopeya,

[1] Para una bibliografía completa, vid. MANUEL GARCÍA BLANCO y ANTONIO TOVAR, *Bibliografía lingüística española* (1936-1946), en prensa.

Ochagavía
Oroz
Roz
Pamplona
Estella
Tafalla
FRANCIA
Roncesvalles
Pantano de Irabia
Río Irati
Burguete
Orbaiceta
Orbara
Aria
Villanueva de Aézcoa
Garralda
Arive
Garayoa
Ochagavía
Uztarroz
Fábrica
Abaurrea Alta
Ezcároz
Abaurrea Baja
Jaurrieta
Oronz
Esparza
OROZ-BETELU
Arce
Río Irati
0
10 Kms.
Escala.
Región de Oroz-Betelu

etcétera: Oroz aparece siempre más cordial y ribereño, frente a la retracción y frialdad de Garralda, por ejemplo). A la pérdida de la lengua vascónica contribuyen dos hechos fundamentales: la emigración y la riqueza de las regiones próximas. Los varones, al cumplir sus 18 años, abandonan con frecuencia la tierra para marchar a buscar buenos salarios a Estados Unidos —pastores y leñadores en Nevada, California, Arizona—, allí permanecen habitualmente más de diez años y, al regresar, si no han olvidado el vasco, hablan mejor el castellano. Por iniciativa de uno de estos «americanos» la cuenca del Irati ha sido totalmente industrializada y la explotación del bosque del mismo nombre atrae a las «cuadrillas» de mozos que, al cumplir los 18 años, abandonan sus hogares en busca de mejor sustento. La industria maderera y la explotación eléctrica del río han producido un trasiego de gentes y una intensa comunicación que antes no existían: factores ambos que determinan una paulatina evolución, fácilmente apreciable.

2. La villa de Oroz-Betelu [2] pertenece al partido judicial de Aoiz (Navarra), situada a orillas del río Irati se comunica con la cabeza del partido y con el próximo valle de la Aézcoa por la carretera provincial de Itaoiz a Garralda —21 kms. [3]—. Su término municipal está rodeado por los de Garralda, al N.; Azparren, al E.; Muniain, al S., y Gorraiz [4]; al O. y tiene como agregado el barrio de *La Fábrica*, antiguo centro productor de papel, más tarde fundición y hoy importante central eléctrica.

Cuenta Oroz con una población, datos de 1940, de 545 habitantes.

El terreno no es tan fecundo como en pueblos cercanos; se cosechan cereales, legumbres y patatas, estableciéndose

[2] Vid. *Oroz-Betelu* (monografía geográfica), por Leoncio Juan Urabayen. Madrid, 1916.

[3] Vid. Leoncio Urabayen, *Una interpretación de las comunicaciones en Navarra* (tirada aparte de RIEV), San Sebastián, 1927.

[4] Debe corregirse el *Dic. geogr. estad. hist.*, de Madoz, t. XII, p. 377: *Muniain*, no Murisain.

la rotación de los cultivos. El monte no ofrece leña en abundancia, base de la economía de los Ayuntamientos, lo que determina cierta escasez de medios, frente a la riqueza de otros municipios próximos. La pesca es numerosa —truchas, «chipas» y «madrillas»—, de ahí la abundante terminología piscatoria que leeremos en las páginas que siguen.

Hemos señalado en líneas anteriores la intensa industrialización del Irati, aparte los numerosos canales laterales, citaremos ahora las centrales de La Fábrica —Olaldea— y otras a 2 y 4 kms. al S. de Oroz, aparte la establecida en el mismo pueblo.

También hemos hablado de la carretera de Itoiz-Garralda que establece el principal sistema de comunicación; el resto, caminos vecinales a Gorraiz, Lacabe, Azparren, pueblos próximos.

3. El propósito de este trabajo es investigar la aclimatación del castellano en una zona lingüística no romance. Un estudio sistemático de estos elementos podría tener carácter general —no olvidemos que el latín pugnó en condiciones y contra elementos semejantes a los que hoy el castellano—. Las peculiaridades de las dos lenguas que se enfrentan crearán una serie de motivos del mayor interés. Para facilitar su estudio tendremos en cuenta los siguientes apartados: *a*) Influjo de la fonética vasca. *b*) Voces vascas adaptadas a la gramática castellana y voces castellanas con elementos eúzkeras. *c*) Calcos lingüísticos. *d*) Voces híbridas.

Hemos cuidado recoger siempre nuestros materiales de gentes que no conocieran el vasco, de esta forma trabajamos con un castellano adaptado anteriormente y los restos vascónicos son pervivencias ajenas a la persona hablante. El bilingüismo nos hubiera equivocado con frecuencia.

4. El habla de toda esta zona de Navarra —y con mayor razón la de los valles del E., Salazar, Roncal— interesa en su proceso de castellanización por otros motivos. Los hablantes, al tener conciencia de la pérdida de su lengua vernácula y al necesitar, al mismo tiempo, en sus relaciones económico-sociales, de un habla más universal que la suya

familiar, buscan apoyo en regiones ya castellanizadas, la más próxima y necesaria para ellos es Aragón. De esta forma se crea una nueva corriente lingüísticamente inmigratoria, corriente que determinará matices dialectales en las formas hoy vivas.

Así, pues, al analizar el habla de la Alta Navarra tendremos que considerar, después del sustrato vasco, las formas dialectales que establece el nuevo superestrato. El habla, en definitiva, constará de elementos eúzkera, castellano y dialectales. Hemos dicho algo del primero y del último, ahora consideraremos el segundo.

5. La castellanización de la zona es muy antigua. En el estudio lingüístico veremos conservación de consonantes sordas intervocálicas, mantenimiento de voces ya perdidas en el habla oficial y algunos conceptos que obligan a admitir esta antigüedad, ya que no podemos creer sean estos rasgos dialectales por haberse transmitido al vasco de otras regiones donde nunca ha influído el navarro-aragonés (así la -t- y la -c- conservadas parecen remontarse a una época de latinización).

Junto a esta pervivencia de arcaísmos —lento proceso de castellanización— se acusa un aguzamiento en el mismo proceso: en líneas anteriores hemos hablado de la industrialización y del comercio maderero de la región, estos motivos han precipitado la marcha del proceso con una serie de motivos nuevos —vulgarismos— frente a la anterior tendencia arcaizante.

II. ABREVIATURAS BIBLIOGRAFICAS [1]

ALAVA.—*Vocabulario de palabras usadas en Alava*, por FEDERICO BARÁIBAR Y ZUMÁRRAGA. Madrid, 1903.

BORAO.—*Diccionario de voces aragonesas*, (2.ª edición). Zaragoza, 1908.

COLL.—*Colección de voces usadas en la Litera*. Zaragoza, 1908.

CONTRIBUCIÓN.—*Contribución al diccionario hispánico etimológico*, por Vicente García de Diego. Madrid, 1943, (2.ª edición).

ELCOCK.—*De quelques affinités phonétiques entre l'aragonais et le bearnais*. París, 1938.

GAVEL.—*Elements de Phonetique Basque*, «Revista Internacional de Estudios Vascos», XII, 1921.

HANSSEN.—*Gramática histórica castellana*. Buenos Aires, 1945.

INDURÁIN.—*Contribución al estudio del dialecto navarro-aragonés antiguo*. Zaragoza, 1945.

Khochpyrenäen.—Die Hochpyrenäen, por FRITZ KRÜGER. Nos ha interesado para este trabajo, *D. Hausindustrie-Trach-Gewerbe, VKR*, IX.

KUHN.—*Der Hocharagonesische Dialekt*. Leipzig, 1936.

LATHI.—*La métathèse de L'R dans les idiomes romans*. Helsinki, 1736.

LÓPEZ PUYOLES.—*Colección de voces de uso en Aragón*, por ... y VALENZUELA LA ROSA. Zaragoza, 1908.

LLORÉNS.—*La negación en castellano antiguo*. Madrid, 1929.

M. PIDAL, *Orígenes.—Orígenes del español*. Madrid, 1929 (2.ª edición).

M. PIDAL, *Introducción.—Introducción al estudio de la lingüística vasca*. San Sebastián, 1921.

PARDO.—*Nuevo diccionario aragonés etimológico*. Zaragoza, 1938.

Problemas.—Problemas de dialectología hispanoamericana. IX. Apéndices al t. I de la «Bib. de Dial. Hip. Amer.», por A. ALONSO. Buenos Aires, 1930.

Pronunciación.—Manual de pronunciación española, por TOMÁS NAVARRO TOMÁS. Madrid, 1932 (4.ª edición).

RFE.—«Revista de Filología Española». Madrid, desde 1914.

[1] Otras obras, citadas *in extenso* a lo largo del estudio.

RFH.—«Revista de Filología Hispánica». Buenos Aires, desde 1939.

Vera.—*La vida rural en Vera de Bidasoa*, por JULIO CARO BAROJA. Madrid, 1943.

VIANA.—*Crónica de los Reyes de Navarra*, por el PRÍNCIPE DE VIANA. (Edic. Yanguas). Pamplona, 1848.

VKR.—«Volkstum und Kultur der Romanen». Hamburg, desde 1928.

WAGEVAR.—*Etude sur la négation en ancien espagnol jusqu'au XV^e siècle*. Groningen, 1930.

III. ESTUDIO LINGÜISTICO

A) Relaciones bilingües

6. Influjo de la fonética vasca

Es mucho menor que en comarcas próximas —la Aézcoa, por ejemplo—. Se manifiesta de dos formas: evitando sonidos extraños al vasco o influyendo con fonemas ajenos al castellano. Al grupo primero pertenecen *borca* < f ŭ r c a (cfr. *bortxa* 'fuerza') y *farmatoria* 'palmatoria' (es curioso señalar este hecho: por evitar *f*, fonema extraño al vasco, según Arana-Goiri, se adquiere otro, *f*, igualmente ajeno).

Al grupo segundo pertenecen los cambios θ > ŝ y s > ŝ (vid. Gavel, p. 175, Amado Alonso, *Consonantes de timbre sibilante en el dialecto vascobaztanés, Tercer Congreso estudios vascos*, San Sebastián, 1923, y Navarro Tomás, *Pronunciación guipuzcoana. Homenaje a Menéndez Pidal*, III. 610-620).

La falta de θ en la fonética vasca y la disposición de los órganos para pronunciar *s* (vasc. *z*), más cerrada al principio que al final, determinan fácilmente el cambio: *alŝe*, *pedaŝo* y *peloŝa*, *beŝa*. Hay un caso en que evoluciona a un sonido sonoro: *ẑebo* 'cebo'.

Existe también la ś apicoalveolar [miśkiṇóso] procedente de θ. (V. Navarro Tomás, loc. cit., p. 610).

8. Adaptación de formas vascas

Hay diversos medios: el más sencillo y extendido es el de crear plurales y diminutivos con terminaciones románicas: *chitas* (vasco t x i t a 'polluelo'), *choas* (vasco t x o 'corneja') [1], *niñares* (vasco i ñ a r 'vencejo'), *escalapuinas* (vasco e s k a l a p o i n 'zueco'), *gorringo* (vasco g o ŕ i n g o 'oronga, cierta seta') y *arramillete* (vasco a ŕ a m i t x a 'rasguño'), *cozcorrico* (vasco k o z k o ŕ 'corteza de pan').

[1] La *-a* puede ser bien mentificación con la vocal final de los femeninos castellanos, bien el artículo vasco.

Junto a las anteriores en importancia (téngase en cuenta el enorme valor efectivo que tienen los diminutivos en el habla popular) está la derivación adjetival, con carácter participal o no: *zocotero* (vasco z o k o t e n 'haragán'), *arramascada* (vasco a ŕ a m i t x a 'arañazo' esta forma pudiera aceptarse sin dificultad como híbrida), *chicharriada* (vasco t x i t x a ŕ 'cigarra'), *sabayao* (vasco s a b a i 'desván').

Adaptaciones independientes a las anteriores son *lacho, -s* (vasco l a t x 'amargo', 'áspero'), donde se busca una regularización de la terminación, y *lleco* (vasco l e k u 'lugar, sitio'), con diptongación de una ę̆, como en los más antiguos testimonios de pervivencias ibéricas (*leku* l ŏ c u, M. Pidal, *Introducción*, 17).

Más raro es el caso inverso a los que estudiamos en este párrafo: voces castellanas con elementos eúzkeras. Citaremos uno: *trebedia* (t r i - p e d e s), con *-a*, artículo vasco.

8. Formas híbridas

Siempre que se ponen en contacto dos lenguas diferentes ha de producirse una interferencia al no poder deslindar los hablantes las áreas de cada una. El fenómeno coincide en esencia con otro que apuntaremos acerca de la pervivencia de formas vascas en un romance generalmente aceptado. Recordemos la existencia de regiones románicas en las que se producen motivos idénticos (citaremos ejemplos en el punto siguiente). En Oroz podemos incluir en este apartado de voces híbridas las siguientes: *a*) vasco + castellano: *arrapapájaros* 'milano' (< a ŕ a p a t u [2] 'arrebatar, apresar' + pájaro). *b*) castellano + vasco: *robachitas* (<robar + t x i t a 'polluelo').

Este procedimiento se sigue, a veces, no sólo dentro de la palabra, sino también en la oración *casi m'has tirao burucha taca* 'casi me has tirado de golpe'.

[2] Téngase en cuenta que la raiz es erdérica. De ella derivan abundantes formas: a ŕ a p a r i 'ladrón', a ŕ a p a r i y a k 'rapiña', etc.

9. Calcos lingüísticos

(Cfr. CHARLES BALLY, *El lenguaje y la vida*, Buenos Aires, 1941, p. 175, traducción de AMADO ALONSO. Allí se emplean las denominaciones de «locuciones traducidas textualmente» y «clisés de sintaxis». Ejemplos en la referencia. Interesa también *Le Langage*, de VENDRYES. París, 1921, págs. 241-42 y el cap. IV de la Parte IV). Nosotros recogemos uno: *lengua* 'badajo', según la forma m i i a 'lengua' y también 'badajo'.

10. Alternancia de formas

No es raro encontrar restos vascónicos en el habla, restos que, con frecuencia, no son percibidos por los hablantes. Así el azadón es *ajau*, la a s c i a t a *jada* y la azada pequeña *alchurco* (< a i t z u r c o < a i t z u ŕ 'azada' + -k o 'sufijo de diminutivo'). Tienen plena vida *burete* 'rodete', *bustin* 'arcilla' y con ligeras variantes semánticas *birica* 'embutido', *biscorrico* 'viejo bien conservado', *catamusas* 'amapola' (k a t u 'gato' + m u z a 'mancha'). Estas pervivencias no pueden sino recordar otras de la misma índole producidas en las hablas réticas: *uaul*, *gōt* < wald, *lon*, *liẹt* < *liuti* < leute, *tsaunga*, *tsaindya* < zunge, etcétera, etc., todas ellas pervivencias y préstamos germánicos. (Vid. ASCOLI, *Saggio di morfologia e lessicologia Soprasilvana*, en el *Archivio glottologico Italiano*, VII, páginas 406-602, y BOURCIEZ, *Éléments de linguistique romane*, 3.ª edit., Paris, 1930, § 519).

B) FONÉTICA

11. Acento

La acentuación es muy vacilante; la misma indeterminación que hemos recogido en la Aézcoa se documenta en Oroz. No es sólo la repugnancia al esdrújulo que se da en la Ribera y en Aragón, sino una fluctuación, sin norma al-

guna, derivada de la falta de pericia en la lengua oficial y del carácter especial de la acentuación vasca. Citaremos algunos casos: a) Esdrújulos perdidos: *agíles, aréa, pertíca, practíca*. b) Formaciones proparoxitónicas: *pántano, cámpana, embútido, járabe, lámprea*. c) Diptongos que deshacen el hiato: *almádia, ráiz, máiz*. d) Otras formas: *Anso* [3], *arból, menós, guardiacívil*.

A veces el artículo atrae el acento: *ál reves* 'al revés'.

Por último interesa señalar que las partículas repetidas sufren traslación acentual: *méjor, méjor; ási, ási*. Todas las formas anotadas en este párrafo son frecuentes en las clases altas y aún cultas.

12. Vocales tónicas

AE: t a e d a *tieda, tiedero* (como en el Campo de Jaca). Ŏ: no diptonga: *porro* 'puerro' (la forma diptongada se oye con mucha más frecuencia).

Hay un caso en que ī diptonga: v ī m i n e *miembre*.

13. Vocales átonas

a) Inicial: e > —: *drechura*; e > i: *istaba*; e > o: *roscoldo*; en contacto con r̄, e > a: *varraco, tarreno*; i > e: *chemenea*; o > u: *sustenér, sulían, pudrido, cubertera* (en estos últimos casos podrían haber influído esquemas fónicos con *u*).

b) Protónica: a > e: *comendante*; e > —: *adrezo*; e > i: *impidimento, chiminea* (usada por Bartolomé Leonardo), cambios producidos por asimilación; e > u: *inturrumpir*; i > e: *veático*.

c) Postónica: * c a n n a b u l a *canabla* (lo mismo que en Hecho, Vid. Kuhn, § 4, y *RFE*, VII, 25).

d) Final: e: b ŏ v e > * b o e > b u e e > buey > *bué*; o > —: *pajuz*.

e) Diptongos: AU: aulaga + aliaga *ollaga* (puede ser

[3] Localidad del Pirineo oscense.

forma etimológica ŭ l i c e , 9034 [4]); ei > ai: *hai* < *hei*, como en aragonés.

14. Hiato

Presenta dos soluciones: de una parte eliminación del sonido más débil, de otra intensificación del cierre e > i. Ejemplos: a d - ŭ n d e > adonde > aonde > *ande*; aunque > *anque*; leído > leído > liído > *lido*, prueben > *preben*. Careada > *cariada*, peleado > *peliao*, peores > *piores*, traerán > *trairán* (para la cuestión en América, vid. A. Alonso, *Problemas*, p. 330 y ss.).

Hay un hiato de origen romance formado al deshacer diptongos: *raíz*, *maíz*. Estos fenómenos «son el cumplimiento de una tendencia fonética del español, y no dislocaciones debidas a analogías aisladas» (*Problemas*, p. 343).

15. Consonantes desarrolladas por vocales

Sabido es que las vocales velares, por su propio carácter, tienden a desarrollar un elemento consonántico del mismo grado: h ŏ r t a > huerta > *buerta*, en aragonés se tiende a una diferenciación mayor del elemento consonántico y w- > gw (para el fenómeno en general, vid. Navarro Tomás, *Pronunciación*, § 281. En Oroz hay un grado de intensión superior al anterior: no es precisa la existencia del diptongo para desarrollar el elemento: alholva > *albolva* (Borao testifica *albolga*).

16. Consonantes iniciales

J- se conserva donde el castellano la pierde: * j e n i - p e r u > *jinebro*, j u n g e r e > *juñidera* (formas del alto Aragón).

C- > *g*: c a m e r a > *gambara*, el cambio aunque se da alguna vez en latín vulgar parece característico del vasco.

F- se conserva: f a s c i u > *fajo*, f o c a l e > *fogal*.

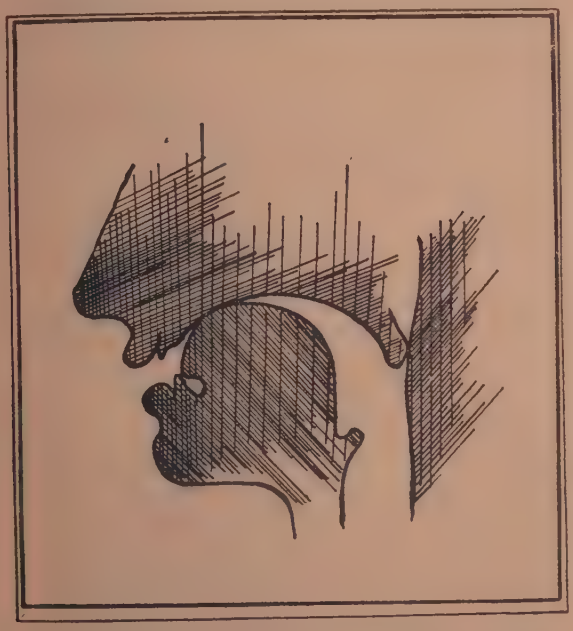
La consonante ŷ- desarrolla un elemento velar *g*: *guaer-*

[4] Las cifras junto a la palabra indican referencia a la 3.ª edición del *REW*, de Meyer Lübke.

ba, guierbín, guierro. El fenómeno ya había sido anotado por NAVARRO TOMÁS, *Pronunciación*, p. 129 n.: «en el habla de algunas regiones se pronuncia gjél por *hiel*-yel; gjérro por *hierro*; gjéso por *yeso*-yéso, etc.» El fenómeno atrae á otras voces que no tienen y-: f e r r a g i n e > *guerrén*. Esta misma ŷ- > dj. He aquí la explicación que proponemos:

Sabido es que en castellano y-, tiende muy fácilmente hacia una pronunciación oclusiva, es decir, ŷ-, con frecuencia producto enfático (vid. NAVARRO TOMÁS, *Pronunciación*, § 119).

Este sonido de ŷ- puede representarse según los fonetistas por dž [5], es decir, dental oclusiva sonora + prepalatal fricativa sonora. La representación de esta ŷ- pudiera ser también dj: prepalatal oclusiva sonora + palatal fricativa sonora. En su articulación lengua y paladar adquieren esta posición:



y- > ŷ

[5] MENÉNDEZ PIDAL, *Orígenes*, § 8.

Si el punto de contacto avanzara un paso se produciría inmediatamente dŷ. Al perder ḍ su carácter palatal y convertirse en dental, atrae a ŷ, que vuelve a ser y, como originariamente (en este caso j semiconsonante), y obtenemos la forma dj que se documenta en Oroz: ŷ = dž (según PIDAL), ḍj > dŷ > dj.

Ahora bien, el mismo razonamiento podemos aplicar para comprender el paso ŷ- > gj. Aquí en vez de adelantamiento de la articulación hay retroceso: ŷ- no se articula palatal sino velar, dando origen a gŷ > gj, por el mismo proceso anterior.

En ĕ q u a > djégwa pudiera haber repugnancia a articular un sonido velar inicial, ya que gw aparece en la sílaba siguiente (sencilla disimilación).

Tenemos dos formas de interpretación vacilante, *talla, tallar*, ya que podemos pensar en un ensordecimiento de la consonante inicial, o bien en formas directas de t a l a r i a r e [6].

El grupo inicial CR- se muda en *gr-*: c r i b r a r e *gribar*.

17. Consonantes intervocálicas

-P-sonoriza, como el aragonés, frente a la norma castellana: *raboso*.

-D- se mantiene: *radido, tieda, tiedero*, rasgo peculiar del aragonés, según UMPHREY, *A study of the aragonese dialect*, página 28.

-C- > g > — (vulgarismo general): a c u c ŭ l a (119) > *aúja*, m ī c a (5559) > *miaja*.

-V- > —: c a v u > *cado*. MENÉNDEZ PIDAL, *RFE*, VII, 25, explica esta forma como una falsa corrección: *cao > *cado*.

-y- > —: *aer*, vulgarismo.

[6] Para este ensordecimiento por falsa corrección, vid. M. PIDAL, *Introducción*, 14.

18. Grupos de dos consonantes

El grupo -PL- tiene el mismo tratamiento que el inicial: *replegar*.

Interesa señalar cómo las consonantes geminadas *n* y *l* en vez de palatalizar eliminan uno de sus elementos: * c a n n a b ŭ l a > *canabla*, s ŭ l l a > *chula* (*Contribución*, 585).

-LV-: p u l v i s d i s p u l v i n a r e > *espolinar*.

-LT-: c ŭ l t e r > *colde* (Elcock, p. 170).

-LG-: *indul*[u]*gencia* [7]. Sabido es que entre dos consonantes que se enfrentan hay siempre un elemento vocálico latente. Este elemento puede o no manifestarse, su diferenciación más acusada se da en la pronunciación enfática (verdad > *veredad*, crin > *quirín*). En vasco es bastante fácil adquirir este elemento en las voces de importación: c r u c e > *gurutz*, c l e t a > *guereta*. El ejemplo que nosotros traemos adopta el timbre de su vocal de la precedente, no de la tónica, por un proceso de comodidad articulatoria: el paso vocal velar ⟶ vocal palatal oscura ⟶ vocal palatal pura es más violento que el vocal velar pura ⟶ vocal velar oscura ⟶ vocal palatal; el primero es bruscamente ascendente; mientras el segundo tiene una base intermedia. Además, y esto es lo principal, en la línea l—g el sonido *u* representa un estadio intermedio en la disposición de los órganos articulatorios. Para el carácter de la *u* relajada vid. Pidal, *Orígenes*, § 40 3 y 5, y Navarro Tomás, *Pronunciación*, § 63. De estos sonidos de transición trata el mismo autor en *RFE*, IV, *Cantidad de las vocales inacentuadas*, pg. 374).

-ULT- > -ut-: * v u l t u r i n o > *butrino* (en aragonés *butre* < v ŭ l t u r e y *cutre* < c ŭ l t e r).

-GN- > n: *insinia*.

[7] Vulgarismo. En murc. *indilugencia*.

19. Otros grupos de consonantes

De tres: -CHL- > j: c ŏ c h l ĕ a r e s > *cujares*.

Secundarios romances: s ĭ f ĭ l u > *chillo*, como en aragonés, r a d ŭ l u > *rallo*.

20. Consonante + yod

-BY- > y: r ŭ b ĕ u > *royo*.

-LY- > ḷ: a c u l ĕ o > *acullo*; > y: *acuyo*, *acuyar*, formas en relación, sin duda, con los términos vascos *akulu*, *akulu-gain*, etc., tomados del aragonés (M. Pidal, *Introducción*, 17). Para los problemas y extensión de las formas romances vid. *Contribución*, 9, y *VKR*, IX, 69. Por último, el mismo grupo -LY- puede convertirse en j: a l i a > *aja*.

-RY- metatiza: b o r ĕ a s < *boira* (*Contribución*, 80.)

-SCY- > j, como en aragonés: *ajau*, *fajo*. El mismo grupo puede convertirse en *s*: r o s c i a t a > *rosada*.

C) Morfología

21. Género y número

Hay cambio de género en *el labor* (¿pudiera relacionarse con adjetivos masculinos y femeninos en *-or*?) y *la reuma*.

A veces se oyen femeninos inusitados: *Javiera*, *Vitóra*.

El plural se forma añadiendo *-s* allí donde el castellano presenta mayores complicaciones: *jabalís* (aunque tal vez el *jabalíe* del § 34 sea una formación sobre el castellano *jabalíes*), *bués* 'bueyes', *rees* 'reyes' (Hanssen, *Gramática*, § 164, explica *rees* y *bues* como formas que, tal vez, representan el desarrollo fonético. Esta teoría está, razonablemente, impugnada por Américo Castro, *RFE*, I, p. 183, en cuanto tiene de exagerada al aplicarla a casos como *bueyes*. Vid. también Menéndez Pidal, *RFE*, V, p. 237: b ŏ v e > *buey* > *bué*.

22. Nombre, pronombre y adjetivo

Sólo interesa señalar cómo el habla de Oroz usa de los mismos recursos que el castellano general: la *mariquita* se denomina *catalina* y la posición define como *cola* a la mancera del arado.

De entre los pronombres señalaremos sólo: *cualesquiera*.

Entre los adjetivos interesa *antigüísimo*, superlativo que no recurre a la forma latina.

23. Prefijos

Con carácter intensivo, igual que en Castilla, vive *re-*: *resaque* y sus derivados. (Vid. *Vocabulario*.)

Des- se sustituye por el adverbio *mal*; de esta forma se logra una intensificación muy expresiva: *malperdiciar*.

24. Sufijos

a) Derivativos. Indican lo que es propio de algo y dependencia: *balsada, coradas*.

b) de oficio: *hierrero*.

c) instrumentales: -era: *serradera, tovadera*; -or: *regador*.

d) locativos: *setal*.

e) colectivos: -o: *encino* 'encinar'; -ía: *vaquería, cabrería*.

f) despectivos y peyorativos con idea de aumento: -arrio: *atarrios*; -acho: *esquilacho*; -ano: *mardano*; -uzo: *pajuz*; -urra: *tapurres*.

g) aumentativos: -ón: *arvejón, cabezón*. Falsos aumentativos: *varada*.

h) diminutivos: -ete: *auganetas, arramillete, cuerdeta, mocé, moceta, rodete*; -ana: *perdigana*; -ón: *tetones*; -ico: *lueguico, mejorico*.

i) iterativos: *añero*.

j) procedencia: *vitoriana*.

Hay algún cambio de sufijo, *mordida* 'mordedura', y alguna regresión, *cascas* 'cáscaras' [8].

25. Verbo

Las vocales ę, ǫ *en los verbos en* -er *y en* -ir-. En el primer caso diptonga normalmente: *apriendo, empriende*; mientras en el segundo se mantiene la vocal sin cerrazón alguna: *podiera* (en este caso la cercanía de *poder* es muy próxima).

26. Acento

Como en todas las hablas vulgares hay tendencia a la unificación: *íbámos, llamabámos, llegabámos, santigüés*.

27. Desinencias

De infinitivo: se pierde la *-r* cuando hay un pronombre enclítico: *dales, cogeles*, etc.

28. El presente

Señalemos los de *haber* y *compadecer*. El primero hace *haiga*, vulgarismo inspirado en los verbos cuyo presente tiene ny, ly. También se nos muestra como analógica la persona *yo* del segundo: *compadezgo*, imitación del tipo yago + yaces > *yazgo* (tratamiento distinto de -C- según vaya ante vocal palatal o velar).

Entre los verbos cuyo tema tiene ę u ǫ debemos señalar las anomalías que siguen. *Cegar, empezar* y las restantes formas débiles presionan sobre las fuertes y se obtiene: *cegan, empeces*. En *fregan* no hay atracción, sino que domina la etimología, f r ĭ c a n t. En los verbos con ǫ se produce el fenómeno inverso: las formas débiles son influídas por las fuertes: *puedemos, tiendrá, tiendría*. Del mismo

[8] Claro que ésta es la forma primitiva.

modo en los verbos con *u* es la analogía quien domina: *ruempen* (como en el español de Buenos Aires y Montevideo).

En el imperativo señalemos cómo la *-e* de la persona Tú se muda en *-i* cuando hay un pronombre enclítico: *súbilo* 'súbelo', *súbite* 'súbete', *sacúdite* 'sacúdete', etc.

29. Irregularidades

El gerundio toma el tema de presente: *dormiendo*.

HABER.—Igual que en aragonés la primera persona es *hei* < h a i, como en Chile, la *-i* imitada de *doy, soy, estoy*. También, como en aragonés, este diptongo evoluciona a *ai*: *hai*. Vosotros *héis* es etimológica < h a b e t i s.

30. El perfecto

La persona Yo presiona sobre Nosotros: *anduvemos, compremos, pusemos*. *Dicemos* es etimológica y *dijieron* analógica de los verbos en *-ir* (escribieron, murieron). En *saléis* hay un cruce de sale- + salís > *saléis*.

31. Regresiones participiales

Son triviales *canso* 'cansado', *colmo* 'lleno', *nublo* 'nublado', aunque alguna de ellas no pueda considerarse sino como vulgarismo y otras como habituales en la lengua más o menos literaria. (Espronceda, por ejemplo, usa *nublo*.)

32. Derivaciones y habilitaciones verbales

Es muy intensa la tendencia a formar verbos de sustantivos, tendencia que obliga hasta a las propias voces vascas: *charradar* t x a r á n t x a < t x a r 'malo', *matasar* < m a t a z 'madeja', *cutriar, brabaniar, capuciar, barranquiar*.

Entre las habilitaciones verbales señalemos *cucla, empedrao, herbajantes*. (Vid. *Vocabulario*.)

33. Partículas y expresiones adverbiales

Son vulgarismos *aer* y *ande*; la preposición *hancia* muestra su *n* por analogía con las partículas que la tienen. Como locuciones adverbiales citamos: *a las noches, a la mañana* 'por la noche', 'por la mañana', *de noches* (nótese la *s* característica de los adverbios), *a oscuro* 'al anochecer', *de gratis* 'gratis', a *tres menos cuartillo* 'sin blanca', *de seguida* 'en seguida', *después y más* 'cada vez más'.

D) Cambios esporádicos

Intencionadamente hemos dejado para el final el análisis de estos fenómenos, ya que aunque muchos sean meramente fonéticos otros entran ya en el campo de la morfología; razón ésta que nos ha decidido a incluirlos inmediatamente después del estudio de las partículas.

34. Refuerzo de articulación

a) Prótesis: la más extendida es la de *a-*, como en Mérida, Jaca, etc.: *adotar, amoto, aviático, arrastrillo, asimplaos*: los otros casos de prótesis obedecen probablemente a fonética sintáctica: el encino > *lencino*, un niñar > *niñar*.

b) Epéntesis: de -r-: *arrastrillo*, normal tras *-st-*; de -g-: *puga* (como en aragonés *pagul*); de -y-: *caye* 'cae', *criyada* 'criada'; de -n-: *mansadería* 'masadería'.

c) Paragoge: *jabalíe*, para esta *-e* vid. punto 21.

d) Repercusión: de -n-: *Gurmensindo, mansandería*; de -i- *diferiencia*.

35. Aféresis

Las dos frécuentes, de *a-* y de *d-*, son vulgarismos muy usados en aragonés, sobre todo la segunda: *bujero, delgazar, parador*, a f a t z a > *ranchal* y *espensa, estrozo*.

36. Metátesis

a) Simple progresiva: *trempano, craba, Gurmensindo, polciga. b*) Recíproca de consonantes no contiguas: *nesecitan.* (Vid. LATHI, pgs. 23 y 25.)

37. Equivalencia acústica

B = J: *bujero.*
θ = S: *cegalla,* s o c c u s > *zoqueta.*
CH = S: *chocles, chotos, chula.*
CH = ŝ: *alchurco.*
L = R: *fogal* y R = L: *farmatoria.*
N = M: *horniguero.*
N = L: *canzoncillo,* aunque no sería difícil creer en una repercusión de *n.*
R = D: *cerazo* (pudiera influir *cera*).

38. Error lingüístico

Comprendemos en este apartado los cruces de palabras y las falsas etimologías. En el primero cabe situar: *arcullo* 'aguijada' < a c u l ĕ o + vasc. arku 'ijada'; *eslegidos* < elegidos + escogidos; *piripicio* < peripecia + precipicio: *pimientón,* influído por *pimiento*; *ampoderar* < *ampliar* + apoderar < poder.

Entre las falsas etimologías colocamos *admiento* 'amianto' < adviento; *alchurco,* buscando un prefijo *al-* inexistente.

Frente a todas estas formas cabría situar fenómenos inversos, de ultracorrección; t a f a r r a > tarria > *tarrea* (la forma intermedia es familiar en el Alto Aragón); *zurreamos,* frente a los muchos verbos en que -ear > -*dar.*

E) Sintaxis

39. Nombre, adjetivo, pronombre y artículo

Señalemos la elisión del sustantivo *día*; el giro en que falta puede hacer pensar en fenómenos de otro orden: *el víspera* 'el día de la víspera', el motivo se extiende por gran parte de Navarra. Para otra elisión semejante a la nuestra vid. Fuero de Navarra, IV, I, 3, citado por Menéndez Pidal en *RFE*, I, p. 86 «de corderunas yerbas que matan por la Sant Juan» y esta otra nota: «et puédenlos tener y del primer dia de mayo ata la Sant Martin, et de la Sant Martin atal al marzo deben ser por yvierno ayllobre» (FGNavarra, edic. Ilarregui, pg. 127 b y 129 a).

Se emplea el adjetivo neutro con carácter adverbial: *hace bueno, hace màlo* 'hace buen o mal tiempo', *ahora poco* 'hace poco rato', y calificando: *es mucho bueno* 'es muy bueno', cfr. Viana, p. 37, *fueron mucho quebrantados*. La fórmula en Cid, Hita, etc.

La comparación se hace por medio de *tan... que* 'tanto... como': *tiene tanta cabida que...* El superlativo relativo concierta con el sujeto: *los que mejores viven* 'los que viven mejor'.

Como distributivo se emplea *cada* sin el correlativo *uno*: *un vaso a cada*, ya en el Fuero General de Navarra, 26: «Ayan el alcalde et los tres cauaylleros cada diez sueldos». (Vid. Induráin, p. 97.)

El pronombre se usa con carácter expletivo: *los corderos cuando los sacan a pastarlos al monte*.

40. Verbo

Se usan casi siempre como reflexivos tres verbos que en castellano no lo son: *pastarse, comulgarse* y *cosquillearse* 'pastar, comulgar y cosquillear'.

El verbo *hacer* rige siempre *de*: *hacían de bailar, hacer de poner, les hace de ir*. Consignemos que este empleo

es mucho más frecuente que en Aézcoa, Cfr. BERCEO, *San Millán*, 197.

Como en toda Navarra el condicional reemplaza con frecuencia a otros tiempos verbales:

al imperfecto de subjuntivo: *para que se emocionarían*, éste es el más frecuente y geográficamente extendido.

al imperfecto de indicativo: *hace cuatro años, cuando yo enseñaría a coser.*

El imperfecto sustituye al presente de subjuntivo: *cuando irá a Pamplona traerá telas* 'cuando vaya...'.

Dar ocupa a veces el sitio de *ser*: *'el inviérno dió muy seco'* '...fué...'.

41. Partículas

Interesa el uso de *a* por *d*: *peligro a morir* y el de *para* por *de*: *es algo pariente para nosotros.*

La preposición *de* se elide: *ganas tiene marchar.*

En la exclamación, las palabras, como en toda afección psíquica, cobran valores nuevos. Apuntaremos *qué casco garganta tiene*! '¡qué garganta tan grande!' y *¡qué paliza cogimos*! '¡cuánto nos cansamos!'.

42. Negación y posesión

Las partículas negativas aparecen reforzadas casi siempre. Los tipos de negación a que dan lugar son:

pronombre + neg.: *nadie no* se ocupa.

conjunción + neg.: *ni* caso *no* hacen.

adverbio + neg.: *tampoco no* tengo (como en el XV, LLORÉNS, p. 83).

neg. + sustantivo: *no* entiendo *cosa*. (Recuérdese es el *non... res* tan usado en la Edad Media, cfr. WAGENAAR, 68 y ss. y LLORÉNS, p. 113.)

neg. + conjunción: *no* nieva *ni* nunca.

La posesión de propiedades se expresa por medio de *lo*, idéntico procedimiento se emplea para indicar términos mu-

nicipales o terrenos: *lo de Jabat, lo de Garralda, lo del encino*. El recurso se sigue en Jaca, Magallón, Cespedosa y, fuera de España, en Chile. Tal vez el origen de este empleo —aparte raíces en la lengua vasca— por el romance se deba a un tipo de artículo demostrativo: *los de myo Cid* y *lo de Siloca* (Poema de Mio Cid, v. 35 y 635, respectivamente. Apud Hanssen, § 538).

IV. LEXICOGRAFIA

En esta parte vamos a analizar una serie de voces que para facilitar su estudio dividiremos en varios grupos: voces vascas con valor distinto del que se las conoce, vulgarismos castellanos, arcaísmos y vocabulario de Oroz. De esta forma creemos se podrá establecer qué es lo propio y típico de la localidad que nos ocupa o al menos servirá de punto de partida para ulteriores investigaciones. Como lo que perseguimos en nuestro estudio es analizar el habla de Oroz, no desestimaremos en la última parte aquellas voces ya recogidas en diccionarios alaveses o de Aragón: es preciso construir el «Atlas Lingüístico de España» y en tanto falte una acción de conjunto las hablas locales podrán ir delimitando áreas. Además interesa señalar, como conclusión a que hemos llegado en este análisis, que la presión aragonesa es muy fuerte en esta zona, o que, al menos, el antiguo dialecto navarro-aragonés continúa hoy teniendo la unidad lingüística que señalan los textos medievales (v. Iduráin, p. 91). Por eso el recoger voces aragonesas en regiones donde el vasco se retira, tiene tan hondo valor como las cosechadas por Torres Fornes en Segorbe.

43. Cambios semánticos en voces vascas

birica.—vasc. b i r i k a 'pulmón'. Chorizo hecho con las peores carnes. Cfr. arag. *beritaco* (Banaguás, Ulle), *beritaca* (Novés), *buritaco* (Larrés).

chascada.—corte: vasc. t x a k a d a 'choque, tocamiento'.

chincho.—derecho: vasc. t x i n t x o 'fel, honrado'.

chirrica.—ingenio en forma de T, provisto de dos ruedas y que sirve para llevar sobre él los aperos de labranza: vasc. t x i r r i k a 'carrete, carreta, rueda de carro, polea' (figura. 1).

churlo.—el hongo *psalliota campestris*: vasc. t x u r - l o 'nieve pegada al calzado' < t x u r 'agarrado, avaro'.

gorrillón.—espino blanco; g o r i 'rojo' + l u (lo) 'sufijo despectivo'.

gorringo.—amapola. Esta flor requiere cierto momento: *gorringo* es forma usada solo por gentes de edad madura, en tanto que los jóvenes la llaman *froile* y los viejos *caumusas*: vasc. g o r i n g o 'cierta seta', h. *agaricus pascoreus Scop.*

masquilda.—haz, fajo: vasc. m a z k i l d u 'revolver'

orrasia.—cardador de lino, rastrillo para cardar: vasc. o r a z i 'peine'.

44. Vulgarismos castellanos

ande, anque, nun 'muy', *nesciano, pal* 'parece', *tos* 've' (verbo ir), etc.

45. Arcaísmos

dispertar (como en la Edad Media y en el Siglo de Oro), *encina* 'encina', *grandura* 'grandor', *jinebro* 'enebro', *manojar* 'manejar', *polido* 'bello' (como en el romance de Gerineldo y Lucas Fernández), *puga* (muy difundido en Aragón), *rancados* 'arranques (sust.)' (así en el Campo de Jaca, en el aragonés de Fernández de Heredia, en el *Poema del Cid*, en el de Fernán González, etc.), *roido* 'ruido' (con acentuación etimológica, como todavía en el XVI, r u g i - t u s, *tardano* 'tardío' (también muy frecuente en Aragón), etc., etc.

V. VOCABULARIO [9]

abelarte.—especie de tirantes que unen el trillo a la caballería.

acundares.—renacuajo.

acuyar.—aguijar. De * a c u l ĕ a r e . Vid. García de Diego, *Contribución*, 9, y para su extensión en otras zonas, *KHochpirenäen*, IX, 69.

acuyo.—acicate de la aguijada. Fig. 6 b. Esta forma es la más usada por las personas de cierta edad; los jóvenes emplean *acullo*. De a c u l ĕ u , tal vez forma rehecha sobre el falso aumentativo a c u l ĕ o n e . Las formas vascuences son también de importación: *akuļu* 'aguijón', *akuļu-gain* 'punta de la aguijada'.

admiento.—amianto.

adotar.—dotar. La *a-* es un vulgarismo bastante extendido. Zamora Vicente lo reconoce en Mérida, nosotros en el Campo de Jaca y ya se documenta en los primeros diccionarios aragoneses. Borao: *adote*, Coll: *adotar* y en las Glosas Emilianenses: *amuestra*.

adrezo.—aparejos de pesca. De aderezo. Borao: *adrezos* 'aperos'.

ajas.—ajos grandes. Del ac. n. pl. a l i a . Para las cuestiones planteadas por esta formación, vid. Wartburg, *BDC*, IX, 51 y ss., *Substantifs féminins avec valeur augmentative*.

ajau.—azada. a s c i a t a .

albolva.—alholva, *trigonella faenum graecum*. Borao, *albolga*, en Jaca, *olva*.

alera.—*narria*. Fig. 8.

[9] Este trabajo es anterior a otro nuestro, *Palabras y cosas en la Aézcoa*, «Pirineos», V-VI, 1947; sin embargo, diversos motivos personales lo han mantenido inédito. En *Aézcoa* publicamos las fotos y algunos de los gráficos que ahora interesan. Los repetimos, al final del trabajo, para facilitar la comprensión de estas páginas.

allaga.—aliaga.

amar.—moto.

ampedorar.—ampliar.

anganeras.—jamugas. En arag. *anganillas* (Borao). En algún diccionario vasco, Vera-Mendizábal, por ejemplo, se interpreta como voz euzkera. Fig. 9.

añen.—Se dice del que confiesa una vez al año (de año en año).

apero.—arado romano. Como en Banaguás (Huesca), **apparitu* 539.

arvejon.—guisante. *Pisum sativum aphaca*. De *ervilia* (2909).

arzullo.—como *acuyo*, sólo los jóvenes. Tal vez sea un cruce de acullo + vasc. arku 'ijada', según decimos en el párrafo 38.

area.—grada, instrumento empleado para trabajar la tierra. (*Vera*, p. 91 y fig. 53).

ariar.—trabajar con la area; primera operación que sufre la tierra.

arraclán.—alacrán. Como en Borao. En Oroz se oye el mismo adagio que en Zaragoza: «Si te pica un arraclán no comerás más pan».

arramascada.—arañazo hecho por unas ramas. Del vasco *aramitxa* 'arañazo'.

arramillare.—extremo inferior o contera de la *pertica* acabado en un hierro plano. De la misma raíz que el anterior. Fig. 6 a.

arrapapájaros.—milano. Véase punto 8.

arrastrillo.—rastrillo. La a- puede explicarse como una analogía con los muchos vasquismos en ar-. De *rastrellu*.

arrrijos.—atadoras.

arsiño (estar a la).—estar alerta.

arviático.—viático.

Balsada.—pantanada pequeña.

bardia.—como *barria.*

barranquiadores.—hombres que echan al río la madera retenida. El vasco b a r é n influye sobre el castellano *barranco, barranquear.* Vid. foto 4.

barria.—trascal del yugo. Fig. 10.

batajo.—badajo. Así siempre entre los pastores. De b a t t ŭ a c u l u m (994).

bigos.—horca de dos dientes empleada para remover la paja en la era. Fig. 3.

bisalto.—especie de guisante. Como en aragonés.

biscorrico.—viejo bien conservado. Del vasco b i z k o r.

boira.—niebla densa y baja. Ya está recogida por Borao. García de Diego, *Contribución*, 80, da la etimología b o r ĕ a s. Para otros derivados interesa el estudio de Menéndez Pidal, *Notas de léxico románico*, *RFE*, VII, 34 y siguientes.

boque.—macho cabrío (Borao). De b u k k (1378). Cfr. cat. *boc*, arag. *buco*, fr. *bouc.*

borca.—horca.

brabanïar.—arar con el *brabán*, marca de fábrica de estas máquinas.

braguero.—ubre de las vacas, * b r a c a r i u. Forma que recoge Coll y que nosotros hemos oído en las cercanías de Zaragoza (Alfajarín, la Puebla de Alfindén). Otros valores en *RFE*, VIII, 25. Para otros derivados románicos de * b r a c a con este mismo sentido, vid. Zamora, *Sobre léxico dialectal*, *RFE*, XXVI, p. 315.

broquil.—brécol (arag.).

butrino.—buitrón, ingenio de pesca. De v ŭ l t u r e, vid. *VKR*, IX, 92. En Alava, *botrino*, lo mismo que en Cervera de Río Alhama, *Berceo*, I, 1946.

Cabezana.—cabezada. En Borao 'cabestro'.

cabezón.—renacuajo. Formaciones como las que anotamos pueden oírse en aragonés, *cabezudo*, y en vasco *kaikuburu* 'cabeza de cuenco'.

cabrería.—rebaño de cabras. El *DRAE* dice es arcaísmo.

cabrita.—cabra de menos de un año.

cado.—hura, madriguera. Es forma muy difundida por Aragón. MENÉNDEZ PIDAL en el artículo citado, *RFE*, VII, 25, propone la etimología c a v u , con una falsa corrección; un diminutivo de esta forma sería *cadolla* 'hoyo para recoger agua' que documenta COLL.

caloyo.—cría recién nacida o todavía sin nacer. BORAO.

canabla.—aro de madera con que se sujeta la esquila al cuello de la res. En el Campo de Jaca recogemos *cañabla*; KUHN, § 4, en Hecho la misma forma que en Oroz; en la Litera *canaula*; para otras áreas *VKR*, VIII, 36, fig. 11; Menéndez Pidal, *RFE*, VII, pg.

cansera.—cansancio. La misma forma en murciano y leonés.

cansos.—cansados. Hemos visto esta voz en textos navarros medievales, *Crónica de Viana*, pg. 84, para Aragón la recoge BORAO.

canzoncillo.—calzoncillo.

capuciar.—bucear. En Aragón *capucear*. De c a p u t é a r e .

carnero.—morueco castrado.

cascas.— cáscaras (BORAO).

casco.—rafe del tejado.

catalina.—mariquita, *coccinella septenpunctata*.

catamusas.—amapola. Del vasco k a t a + m u z a 'mancha'. El cambio -u > -a se da en todos los compuestos del primero de estos elementos: *katazulo* 'gatera', *katapurixint* 'ardilla', *katagure* 'garduña', *katalingori* 'cochinilla'. Este primer elemento, como se ve, es latino, c a t u s .

cegalla.—vid. *segalla*. Recogido por BORAO.

cerazo.—cedazo.

cola.—mancera del arado.

colde.—especie de arado en el que la *reja* rodea por completo al *dental*. En el alto aragonés recibe el nombre de *guambre* v ŏ m e r e . Su etimología c ŭ l t e r . «El arado —«goldia»— que se usó en Vera hasta las postrimerías del

siglo XIX es el arado timonero que todavía se ve en otros pueblos más incomunicados de la montaña de Navarra» (VERA, p. 51).

colmo.—colmalo, lleno. c ŭ l m u s . En Alava *colme*.

comulgarse.—comulgar.

corchilda.—pajera, cajón en el que se guarda la paja. Del vasco k o r t x e l 'cortijo descubierto'.

cosquillarse.—cosquillear.

cozcorrico.—corazón de la manzana. Vasco k o s k o r 'pedazo'.

cualesquiera.—cualquiera. Según HANSSEN, § 566, solecismo castellano.

cuatrimudadas.—cabras de más de dos años. También en BORAO.

cucu.—cuclillo. En vascuence tiene la misma forma; sin embargo, nos decidimos a incluirlo por su proximidad con el aragonés *cuco*. En Oroz, lo mismo que en Jaca, se oye: «cucu de mayo, cucú de abril cuántos años me das para vivir». En el Pirineo de Huesca, *cuculo*, forma derivada directamente de c ŭ c ū l u . Vid. *REW*, 2360.

cuela.—recipiente en el que se pone la ropa en lejía.

cuerdeta.—cordel.

cujar.—cazo. Palabra citada en VERA, p. 86, en documento de 1772. En los *Documentos lingüísticos de España*, año 1262, *cuiares* (p. 168).

cutre.—v. *colde, cutriar*.

cutriar.—labrar con el cutre; es la segunda operación que se realiza con anterioridad a la siembra. En el Fuero General de Navarra *cuytre* y *bueyes acuytrados* 'uncidos al cuytre', INDURÁIN, s. v. A nuestro propósito interesan estas otras dos referencias del mismo fuero: «et si convinent faz por aradro, con el buy del cuadro; si convinent faz pora en *cuytre*, con el *buy de cuytre*» (p. 61 a de la edic. de ILARREGUI); «et buy ninguno non deve paszer daquia que de primer aradro sia; maguer sea del primer aradro non deve paszer daquia que aya *acuytrado* o sempnado» (ib, 124 a). Su etimología, la misma que *colde*, sólo que aquí nos en-

contramos con solución vasca a un préstamo latino y en *cutre* se da una evolución románica

Chandra.—mujer poco trabajadora. Es el mismo significado que tiene en Zaragoza. BORAO documenta 'ramera', lo mismo, poco más o menos, que en Orante (Huesca) y se extraña del significado que Yanguas da a la voz: 'dueña', siendo este valor puramente etimológico, e t x e + a n d r e a. V. INDURÁIN, pg. 92.

charras.—malviz.

charradar.—quitar hierbas, escardar. De la raíz vasca t x a ŕ 'malo'; otro derivado: *txaŕantxa* 'carda para el lino'.

chemenea.—Chimenea. c a m i n a t a.

chicharriada.—abrasada. Vasco t x i t x a ŕ 'cigarra'.

chillo.—grito. En BORAO *chilo*. s i f i l u.

chimínea.—chimenea.

chocles.—zuecos. Figs. 12 y 13. Según GARCÍA DE DIEGO, *Contribución*, 554, el latino s ŏ c c u s produce una serie abundante de derivados hispánicos: arag. *zoqueta, zueca, choca*; cat. *soc, soch*; cast. *zoco, zoquete*; salm. *socaño, zocaño*; nuestra nueva forma viene a enriquecer la amplia enumeración.

chotón.—macho cabrío sin castrar. En el altoaragonés es, por el contrario, el «macho cabrío castrado antes de ser padre» (PARDO). Su etimología es dudosa, puesto que mientras GARCÍA DE DIEGO, *Contribución*, 580, propone s ŭ c t u s, ROHLFS cree en un postverbal de *chotar* 'mamar' (formación onomatopéyica). Para los problemas que plantea la voz, vid. WAGNER, *RFE*, XI, 276.

chula.—Tajada de carne de cerdo. BORAO recoge *chulla*, lo mismo nosotros en el Campo de Jaca. Su etimología viene dada en la tantas veces mencionada *Contribución* del Profesor GARCÍA DE DIEGO. Además conviene tener en cuenta las anotaciones que el mismo autor hace a la *Inflexión de las vocales en español*, de MAX KREPINSKI. Madrid, 1923 § 33_1, n. 1. s ŭ ĭ l l a (*Contribución*, 585).

Delgazar.—trabajar, adelgazar el pan.

de seguida.—enseguida.

después y más.—cada vez más.

diegua.—yegua. ĕ q u a .

diferiencia.—diferencia.

diñar.—guiñar.

drechura. (venir en).—ir en dirección a.

dula.—hato de ganado. Como en Borao *adula* y *dula*.

Empedrao.—cirros, nubes. Se oye decir: «cielo empedrao, suelo mojao».

encino.—encinar.

entabladica.—tarima colocada para sostener las tejas.

escalera.—apero agrícola empleado para romper los terrones. Fig. 2.

eslegidas.—elegidas, escogidas.

espolinar.—quitar el polvo. López Puyoles cita *expolsar* e x p ŭ l v i n a r e . Meyer Lübke, *Grammaine*, I, página 145 acepta la base p o l l e n semejante a p u l v i s

esquilacho.—ave de gran tamaño.

estar tieso.—estar de pie.

extremadora.—mujer que hace la limpieza. Es voz usada en toda Navarra. El verbo *extremar*, de uso muy frecuente, aparece recogido por Borao.

extremos.—limpieza.

Fajo.—haz. Como el aragonés. En el Fuero General de Navarra *faysa*, *faisso* (Induráin, p. 102). Su etimología es bien sabida, f a s c i a .

farmatoria.—palmatoria.

fato.—olfato.

fogal.—hogar.

frailes.— amapolas. Vid. cuanto decimos en el punto 43, s. v. *gorringo*. En Alava la flor *orchis maculata*.

friega.—desove de las truchas.

frutilla.—espino cerval.

fuerte.—abundante, como en BORAO.

fuina.—garduña, lo mismo que en BORAO.

Gabacha.—bellota de haya. En LÓPEZ PUYOLES 'peonza'.

gambara.—habitación central en las casas típicas. Sobre el arag. *cambra* [10] < c a m e r a se produce anaptixis de -a- y sonorización de c-. En un doc. de la Rioja Baja *canbara* en 1262 (*Doc. ling.*, 164).

gancho.—hierros o maderas en forma de V empleados para transportar a lomo. Cuando el vértice de esta V es articulado reciben el nombre de *artolas*. Figs. 14 y 15, respectivamente.

garba.—gavilla de mieses, avena sin trillar. Recogida por BORAO y anotada como aragonesismo por la Academia; sin embargo, es voz frecuente en murciano.

gardacho.—lagarto. Voz tachada de aragonesa por la Academia. ELCOCK, en su mapa 24, sitúa una zona de esta voz en Sigüés (Huesca). Su etimología pudiéramos establecerla por cruce de fardacho + sargantana. Fardacho del ár. ḥ a r d û n. Como en Alava.

garrote.—gancho de madera que sirve para sujetar fuertemente las cuerdas a la albarda, cuando se transporta la carga a lomo. || Palo en el que se dispone una serie de cuerdas con anzuelos para pescar anguilas.

gerón o *girón*.—especie de veza.

granero.—arcón en el que se guardan cereales. En las casas típicas suele haber tres de gran tamaño, colocados en el pasillo que da acceso a la cocina.

gribar.—cribar.

grumo.—flor de la col.

guerrén.—espeto. f e r r a g i n e. *Vera*, pg. 90 y figura 70, *guerrena*.

guierba.—hierba.

guierbín.—cizaña.

[10] Ya en las *Glosas Emilianenses*.

guierro.—hierro.
guío.—grillo de la patata.

Hallado, -a (estar muy).—encontrarse bien.
hancia.—hacia.
herbajantes.—pastores de ganado trashumante. Ya en BORAO.
herencio.—herencia (BORAO).
hierrero.—mercader en hierros.
horniguero.—hormiguero. Se hace de bojes. La equivalencia m = n se da en el altoarag. y, fuera de la Península, en rumano.

Insinia.—saludo.
inturrumpir.—interrumpir.
irasco.—macho cabrío castrado. BORAO no especifica. En ALAVA 'chivo o macho cabrío', vasco i r a t x o.

Jadiar.—trabajar con la azada. También en BORAO.
juñidera.—coyunda, como en Jaca.

Lacho.—cordero de lana larga, pero de carne deficiente. Del vasco l a t x 'amargo, áspero'.
lardeca.—timón del trillo.
layar.—la última de las operaciones que preceden a la siembra. De l a y a, ésta en el Fuero General de Navarra (INDURÁIN, p. 91). La voz originariamente es vasca, l a i, pero se ha formado sobre ella un verbo románico. En vasco l a y a t u. Fig. 16, vid. VERA, p. 115.
lencino.—encina.
lengua de la esquila.—badajo.
lieco.—lugar sin cultivar, baldío. Del vascuence l e k u 'lugar, sitio'.
liz.—cordel, bramante. De l ī c i u m (5020).
lucerna.—alfalfa.

Madrilla.—BORAO: boga.
malperdiciar.—desperdiciar.

manga.—ingenio de pesca consistente en un rectángulo de madera de 0,90 × 0,35 ms., al que se adosa una especie de red cónica en la que el trenzado disminuye de espesor a medida que lo hace el cuerpo de la red. Fig. 5.

mardano.—carnero padre. Recogido por BORAO. Interesa señalar su etimología m a s , - r i s (*Contribución*, 392) y las notas que le dedican ROHLFS, *Le Gascon*, p. 384, y ELCOCK, *De quelques affinités*, pg. 107.

masto.—*el macho* (sólo del cerdo). En el Campo de Jaca, el de cualquier especie.

matasar.—madejar. Cfr. vasco m a t a s 'madeja'.

media luna.—hoz sin dientes. Fig. 4.

menucial.—mezcla de cereales. De * m i n u t i a l e . En BORAO, *menuceles*, 'los frutos de poca monta que se percibían del diezmo'. Añadamos que en Zaragoza son 'el menudo de las reses'. En ALAVA *menucia* 'semillas de poco precio'.

miembre.—mimbre. v ī m i n e (9336).

misquiñoso.—egoísta.

mocé, -eta.—muchacho. Como en BORAO.

mordida.—mordisco.

Ñañarra.—pequeña ; en BORAO 'enana'. Del vasco ñ a ñ o 'pequeño'.

Ollaga.—aliaga. Tal vez cruce de aulaga + aliaga. Pudiera asimismo haber influído la vocal inicial del vasco o t e 'aliaga'. En ALAVA *olaga*. Vid. § 13 e.

orillo.—orilla, ribazo. También en BORAO.

oscuro (a).—al anochecer.

Pajuz.—desperdicios de la trilla. Así en BORAO.

paniquesa.—comadreja. Como en Aragón. Interesa ver MENÉNDEZ PIDAL, *Orígenes*, § 84_3, y mapa, frente a la página 432. ALAVA *paniquesilla*.

pantanada.—crecida que experimenta el rio Irati, cuando se abren las esclusas del pantano de Irabia. La regulariza-

ción de la corriente tiene por objeto el transporte de madera desde Orbaiceta hasta las fábricas de Aoiz. Foto 4.

parador.—vasar, aparador.

pasaderar.—aechar.

pastencos.—corderos que ya pueden salir al monte a pastar. Esta voz se recoge en el DRAE y en el de Borao.

pasto.—bellota de roble.

pasto de lecino.—bellota de encina.

pelosa.—una clase de ciruela pequeña. p ĭ l ō s a (6505).

perdigana.—perdigón, pollo de la perdiz. Se documenta en Borao. Apréciese el carácter diminutivo del sufijo, lo mismo que en *sargantana* 'lagartija', por ejemplo.

perejil de barro.—cicuta. En Alava *perejil de macho.*

pertica.—pértiga, una de las partes de que consta la aguijada. Las otras dos son: *acullo*, punzón o acicate, y *arramillete*, hierro plano que sirve de contera. Vid. fig. 6.

piripicios.—peripecias.

plato royo—cazuela.

polciga.—pocilga. Nos parece más fácil la metátesis que la equivalencia acústica. Para *pocilga* vid. *RFE*, VII, 138.

porrear de trabajo.—cargar de trabajo, estar lleno de ocupaciones. En Alava *porrada* 'gran cantidad', pero no es alavesismo.

porro.—puerro.

porrón.—especie de botijo de cinc.

primal.—cerdo menor de ocho meses.

Quio.—chico.

Raboso.—raposa. Como en Coll.

raclas.—esquilas pequeñas que llevan las ovejas. Fig. 11.

radido.—raído, roído. Ya se sabe, *rader* es aragonesismo.

rafe.—alero del tejado. Borao recoge esta misma voz y Coll consigna *rafil.*

rallo.—botijo. Lo mismo que en Borao y en casi todos los pueblos de Huesca y Zaragoza.

ramilleta.—como *arramilleta*.

ranchal.—nasa, cesta de pesca. Del vasco a f a n t z a 'pesca'.

rapiño.—milano.

raspa.—rastrillo de la guadaña, especie de recogedor.

regacho.—regata. Borao.

regador.—regadera.

rejuntar.—reunir. También en alavés.

rellenar.—amontonar la tierra desprendida en los caballones.

replegar.—recoger. Es el mismo valor que nosotros hemos oído en el Campo de Jaca. Borao y Pardo documentan otros significados.

resaque.—acción de buscar y excitar al jabalí.

resaquear—verbo correspondiente a la palabra anterior.

resequeadores.—los hombres duchos en la búsqueda del jabalí. Borao cita *resacador*.

robachita.—como *rapiño*. De robar + t x i t a 'polluelo'.

robo.—medida de áridos; equivale a unos 22 kgs. En el Fuero General de Navarra, *rouo* y *arrouo* (Induráin, páginas. 110 y 96).

rodete.—el eje que une las ruedas del carro.

rosada.—escarcha. Recogida por la Academia y Borao. r o s c i a t a . Cfr. rum. *roă*, sardo *rosu*, pr. *ros*, bearnés *arrus*, fr. *arros*, *-er*, it. *rugiada*, arag. *ružada* = ros-iata. todas ellas en Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, II, p. 23.

roscoldo.—rescoldo.

rotura.—acción de roturar.

royo.—vasija de barro. En Borao no tiene otra acepción que la de 'rojo'.

Sabayao.—Desván alto. En Hecho *sabaya*. Vid. el párrafo 7.

segallas.—cabras hasta los dos años. Los diccionarios vascos dicen *segail* 'cabra de un año' y Borao 'cabrito desve-

zado hasta llegar a primal'. Nosotros en el Campo de Jaca hemos recogido los siguientes valores: 'cabrito de un año' (Navasilla, Larrés), 'cabrito sin castrar' (Badaguás) y 'cabrito castrado' (Araguás). Cast. *cegaja*.

serradera.—sierra, aserradero.

setal.—campo de setas, como en ALAVA.

sogardina.—lagartija. Después de las investigaciones de COROMINAS, *RFH*, V, 1-20, y ELCOCK, mapa 23, podemos analizar fácilmente la forma de Oroz. La sonorización -rt- > -rd- es rasgo característico del vasco y del pirenaico; apuntábamos anteriormente, s. v. *perdigana*, que -ana era sufijo diminutivo, pero cuando la conciencia del hablante pierde esta noción se reemplaza por otro más gráfico, en este caso -ina, igual que en Magallón. Queda únicamente por explicar el paso sa- > so-, creemos que ha podido influir en el cambio la raíz vasca s o 'atento, mirando', que tan próxima está a las características de vivacidad de la bestezuela [11]. Sería ésta una nueva forma con que aumentar la ya muy complicada serie de los derivados hispánicos de * l a c a r t a .

suavecer.—suavizar. Lo mismo que en Salamanca.

sanša.—poco.

Tajudo.—tejón. En COLL *tajugo*. Cfr. port. *teixugo*. La etimología * t a x u c u es un diminutivo de t a x o , vid. GARCÍA DE DIEGO, *Falsos aumentativos españoles*, *RFE*, VI, pag. 289.

talla.—guadaña. El verbo es *tallar*.

tapurres.—migajas que se echan en la sopa o en el vino. Vasco a p u ŕ + *tapar*.

11 Bien entendido que el origen latino de la voz nos parece irrecusable. SCHUCHARDT (*Baskisches und Romanisches*, p. 16) pretendió explicar algunas formas por medio de raíces vascas. En nuestro caso la etimología románica nos parece obvia, aunque pueda estar influída por las formas vascas. Para éstas deben tenerse en cuenta las palabras del Sr. GARCÍA DE DIEGO: «La larga lista de variantes vascuences creo que arranca de *suga* 'culebra' y *anguila*; de *suganguila* proceden *sugalinda*, *surànguil*, etc.» (*RFE*, IX, p. 150).

tárrea.—ataharre.

tarreno.—terreno.

telas de la cama.—cada uno de los travesaños laterales.

terreros.—canastos pequeños. Igual que en el alto Aragón.

tetones.—cerdos hasta los dos meses.

tieda.—tea (Coll).

tiedero.—utensilio de cocina en el que se ponían las teas. Esta forma y la anterior todavía viven en algunos lugares del Campo de Jaca.

tomadera.—ingenio de pesca en forma de red y provisto de un largo mango; se emplea en la captura de peces pequeños. Fig. 7.

tordancha.—Una especie de tordo. Pidal, *Orígenes*, § 27₄, cita esta nota de Fr. Pedro de Alcalá: «tordencha [ave] conocida: *tordilla*».

tormo.—terrón (de tierra, de azúcar). Lo mismo que en Aragón. Vid. Gavel, 439: «Dans *tormo*: motte de terre (basnav. de Salazar y roncalais) le *t* initial, n'a rien de surprenant si le mot est emprunté à la même racine romane que le mot sp. *terrón*, qui lui correspond pour le sens. Mais si, au contraire, il est de pure souche basque, on peut admettre une influence analogique exercée par ce même mot *terrón*, ou par des équivalents romans de même famille».

tórtola.—v. *perdigana*.

Varada.—acción de arrojar el anzuelo al agua. Téngase en cuenta que en Oroz se usa habitualmente la *vara* y sólo para pesca selecta —truchas— se emplea la caña.

vitoriana.—esquila grande para cabras. Fig. 11.

Zaranda.—v. *arca*. pers. s a r a n d (7596).

zarpao.—lo que se coge con una mano. Como en aragonés.

zocotero.—curioso, entrometido. Del vasco z o k o t e n 'haragán'.

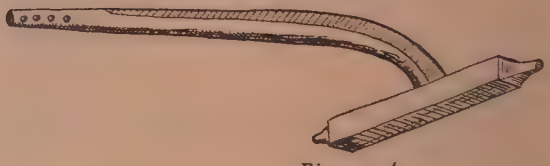


Figura 1.

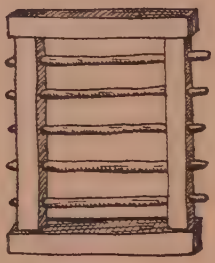


Figura 2.

Figura 4.

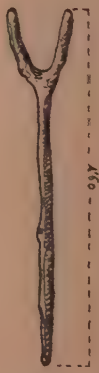


Figura 3.

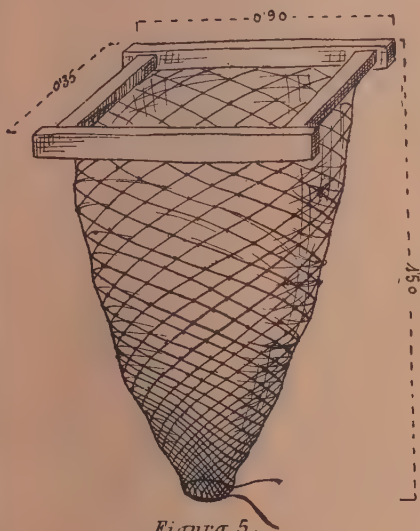


Figura 5.

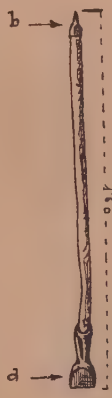


Fig. 6

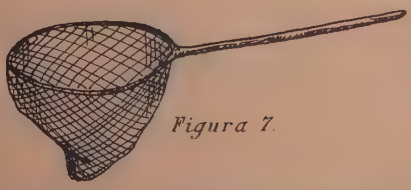


Figura 7.

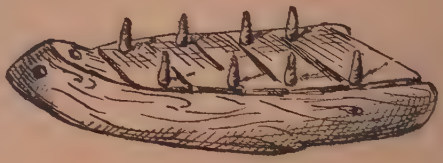


Figura 8.

Figura 9.

Figura 10.

Figura 11.

Figura 12.

Figura 13.

Figura 14.

Figura 15.

Figura 16

zoquera o zoquete.—especie de guantelete de madera con que los segadores cogen la hoz. Ya se cita en COLL y LÓPEZ PUYOLES. Nosotros la hemos recogido en Bergosa (Huesca).

zurriar.—zurrar.

MANUEL ALVAR

Universidad de Salamanca.

Los Pastequeiros de Santa Comba y San Cibrán

CONSIDERACIONES GENERALES

A la iglesia parroquial de Santa Comba y a la capilla de San Cibrán (así llama el vulgo a la de Santa Columba de Bértola y a la de San Cipriano, en la de San Pedro de Tomeza), sitas ambas en las inmediaciones de Pontevedra, concurren desde muy antiguo, y en tal sentido gozan de gran fama, gran número de enfermos del «Meigallo» para ser sometidos a la práctica curativa del «Pasteco» por unos individuos conocidos por tal motivo con el nombre de «Pastequeiros».

La palabra «Pasteco» se deriva del latín *Pax tecun* («La paz sea contigo»), pues como casi todos los enfermos que llegan a manos de los curanderos tienen el «Meigallo» (1), enfermedad que éstos describen diciendo que son los malos espíritus, el demonio que tienen dentro del cuerpo, y creen perturbada su tranquilidad, la paz del mismo, de ahí el dar el nombre de «Pasteco» a la práctica de los exorcismos para su curación.

En Portugal las «sabias» emplean una oración para levan-

---

(1) Don Juan Cuveiro Piñol, en su *Diccionario gallego*, define la palabra «Meigallo» como Hechizo (pág. 204), y don Manuel Valladares Núñez, en su *Diccionario gallego-castellano*, como Feitizo o Meiguería (página 373).

tar «a espinhella», en la que mencionan la palabra «Pasteco», análoga a las de esta zona. Dicha oración en la siguiente: *Na casa en que Deus naceu —todo o mundo resplandeceu; —na hora en que Deus foi dado —todo o mundo foi allumiado; —seja en nome do Senhor —ese teu mal curado, —espinhella caída, —ventre derribado —eu te ergo e curo, en Nome do Padre, Fillo e Espíritu Santo, —fuxa o teu mal para aquelle conto —en honor dos Apóstoles benaventurados, —santos marteus e doutores; —virgens, patriarcas, confesores; —aujos, arcaujos, serafis e robis. —Amén, Jazur, María, José, —ficate a espinhella en pe; —Santa Ana, Santa María, —pas teco, aleluya* (2).

Pero a los referidos sitios y a consultarse con los «Pastequeiros» no sólo consurren enfermos, sino también lo hacen otras personas, en averiguación de hechos sucedidos o por suceder, de noticias de individuos ausentes, de autores de robos, de causantes de enfermedades, de seres queridos, etcétera, etc., y los enfermos que lo hacen son en su inmensa mayoría del sistema nervioso (desde el simple dolor de cabeza hasta la idiotez o demencia, pasando por la neurastenia y el histerismo), y procedentes de los más apartados rincones de la región gallega, pero el vulgo funde todas estas enfermedades (mal de brujería, mal de envidia, dada, feitizo, mal de ollo, etc., etc.) en una sola dolencia, conocida, como queda consignado, con el nombre de «Meigallo», de «Meigo», que deriva «Magicum».

Los «Pastequeiros» son también conocidos con el nombre de «Brujos», siendo el primero el nombre usual en la comarca y el segundo el que emplean los clientes de fuera. Este último nombre obedece al hecho de que muchos de éstos se creen enfermos del «mal de brujería», pues desconocen la otra denominación de «Meigallo», si bien el vulgo los clasifica de modo diferente, dando este último nombre, como

(2) Del libro *Supersticiones de Galicia*, por Jesús Rodríguez López (página 77).

ya dijimos, a aquella enfermedad producida por los malos espíritus o por el demonio cuando están dentro del cuerpo, y el «mal de brujería» a una enfermedad producida por la ingestión de pelos, pan, vino, frutas, dulces y comidas en general que otra persona embruja para hacer daño. Vese en elio una marcada analogía con el «mal de ojo», pues es siempre una segunda persona la causa de la enfermedad: en aquél, dando alimentos embrujados, y en este último, mirando con mala intención, con mal deseo.

La mayoría de los «Pastequeiros» han heredado de sus antepasados dichas prácticas y procedimientos, habiendo varias familias de abolengo «Pastequeiro» (la del Berjo, Carrizo, que fué discípulo de Narciso Couto; Malolemos, de gran fama en sus tiempos; Rechina, Manga, Ligera de Tomeza, Valja de Bértola, padre del actual Garamillas; los Piscos, de la misma parroquia; Ricardo da Carballa, cuñado del Garamillas, cuya mujer continúa después de su muerte practicando el «Pasteco»; Santiago Rial, al que se supone el fundador del mismo, etc., etc.), pues siempre en ellas hubo algún miembro dedicado a lo que constituye para ellos una profesión, y no sólo por razón de tradición familiar, sino también por los buenos ingresos que perciben. Los restantes lo han aprendido de personas a quienes se lo vieron practicar o que buenamente se lo enseñaron, y pertenecen en su inmensa mayoría al género masculino, a excepción de las mencionadas y de Dolores la Cipriana, de Marcón, tal vez por las distancias que tienen que recorrer y a las salidas que hacen, como demuestra que tanto aquéllas como ésta únicamente practican el «Pasteco» en sus casas, sin salir a parte alguna, y además no se atreven a manejar determinados atributos religiosos.

Si se estudian psicológicamente hay que clasificarlos en dos grupos: el de los que practican el «Pasteco» por la utilidad que les produce y el de los que lo hacen por su fervor religioso, por su amor al prójimo. Los que actualmente trabajan, tienen fama y muchos clientes son seis, que residen en

las parroquias de Bértola, Tomeza y Marcón, y conocidos con los apodos del Garamillas de la Ramalleira, de Bértola; el Concho, de la misma parroquia; el Manso y el Macolos, de Tomeza, y el Estevo y José del Alma, de Marcón. Pero además citaremos a Dolores la Cipriana, de esta última parroquia, que si bien no actúa en iglesias y capillas emplea procedimientos parecidos a los de los «Pastequeiros», por haberlos aprendido del de más fama en sus tiempos: el Brujo, de Fornelos de Montes; a Juan el Portugués, de Marín de Arriba, que también actúa de forma análoga, y a la Rosa, de Mirón, que aun cuando no emplea oraciones, guarda cierta relación con los «Pastequeiros» no sólo por razón de vecindad, sino también por utilizar las misas como medio curativo.

Es tal la fama de los «Pastequeiros» que se va extendiendo, no sólo a parroquias limítrofes (así se explica que siendo Tomeza y Santa Comba la cuna del «Pasteco», los haya actualmente en Marcón y antiguamente en Salcedo), sino también a sitios lejanos, como Fornelos de Montes, Tourón y Marín de Arriba, en donde hay los famosos Brujos, la Rosa de Mirón y Juan el Portugués, ya mencionados, y que demuestran mi anterior aserto. A pesar de ello, no deben confundirse los procedimientos de los «Pastequeiros» con los de otros muchos «Brujos» y «Curanderos» esparcidos por esta provincia, pues los de aquéllos son claros y determinados, al usar estolas, medallas, rosarios e imágenes, y sus oraciones guardan una gran analogía y marcada relación, aparte que actúan siempre en iglesias y capillas o en sus atrios y cementerios, mientras los otros mixtifican estos procedimientos, utilizando objetos que no son religiosos y actuando únicamente en sus domicilios, en donde tienen montados sus «despachos» y «consultorios», y en el de los enfermos. Incluiremos en el primer grupo de la mencionada clasificación al Garamillas de la Ramalleira, al Manso y al Macolos de Tomeza, y en el segundo, al Estevo y José del Alma, de Marcón, y al Concho, de Tomeza.

Guardan entre ellos buenas relaciones profesionales, y aparte de que ya tienen clientes fijos que vienen directmente a cada uno de ellos, es curioso el hecho de que cuando aparece un desconocido preguntando por un «Brujo» sus convecinos los van repartiendo entre los que trabajan, sin tener la menor preferencia por determinado «Pastequeiro», pues no en vano se aprovechan indirectamente de los beneficios que producen estos enfermos, al recibir propinas unas veces y otras disfrutar de las meriendas que llevan, como igualmente del pan y del vino, elementos tan necesarios para que produzca su fruto la acción del «Pasteco», como más adelante mencionaremos.

Los «Pastequeiros» trabajan en cualquier día de la semana, pero lo hacen con más frecuencia los sábados y siendo raro lo hagan en día festivo; en cambio, es tradicional practicar el «Pasteco» y desconjurar casas y animales el día de Santa Comba, que se celebra el 31 de diciembre. Los mejores colaboradores y clientes indirectos que tienen los «Pastequeiros» son las «Barajeras», a las que concurren también gran número de enfermos, que se los envían una vez que han actuado con poca fortuna y se hace público su fracaso, y como algo inherente o continuación de su arte y procedimientos.

ESTUDIO DE LOS SEIS «PASTEQUEIROS» QUE ACTUALMENTE TRABAJAN

Vamos a estudiar separadamente a los seis «Pastequeiros» que actualmente trabajan, y a los que nos hemos referido anteriormente.

El Garamillas de la Ramalleira.

Este, que, oriundo de la Ramalleira, vive actualmente en el lugar de Santa Marta do Pombal, en la parroquia de San Pedro de Tomeza, es el «Pastequeiro» de mayor prestigio y

clientela. Ya su padre había tenido gran fama como tal, y al regresar su hijo de América, teniendo a la sazón treinta y seis años, y toda vez que aquél era viejo y no podía practicar sus exorcismos en la capilla de San Cibrán, ya que sólo los practicaba en la iglesia de Santa Comba, aprendió del mismo dichos procedimientos y entonces ya iba el hijo a la referida capilla, pero muerto su padre recoge toda su clientela, amplía sus conocimientos con la lectura que otros le hacen de diferentes libros, especialmente de *El Ciprianillo*, y se dedica de lleno a la práctica del «Pasteco», no solamente en la mencionada capilla, sino también, al igual que su padre, en la iglesia de Santa Comba, en su domicilio y en el de los enfermos, siendo, como antes hemos dicho, el «Pastequeiro» de más clientela y el que sale con más frecuencia, no sólo a los pueblos de esta provincia, sino también a los restantes de Galicia.

Dice que los enfermos ya piden expresamente que los lleven a un sitio determinado, pero casi siempre van a los dos mencionados; de ahí tal vez nazca el tan conocido refrán: *O que vay a Santa Comba e non vay a San Cibrán, fay o viaxe en van.*

Parece ser que cuando sus clientes no tienen presencia de adinerados o pudientes, como si desconfía de que sean buenos pagadores, no los lleva a los sitios referidos, sino, por el contrario, a la capilla de Santa Marta, sita en las inmediaciones de su casa, y cuando se equivoca en su recelo y le abonan bien sus honorarios, les propone llevarlos después a cualquiera de los otros dos sitios ya conocidos. Me refirió que en una época en que estuvo al frente de la parroquia de Santa Comba un cura que, como es natural, era enemigo de estas prácticas y le prohibió efectuarlas, no sólo en la iglesia, sino también en el atrio, tenía que hacerlas debajo de los hórreos, llevando el San Cipriano y los demás atributos que mencionaremos más adelante.

Para trabajar en su casa tiene colocado sobre una mesa, en una sala dedicada al efecto, un San Cipriano de madera de

unos 20 centímetros de altura, y al fondo, colgado de la pared, un crucifijo, también de madera, de unos 40 centímetros también de altura. Frente al primero coloca al enfermo de rodillas y le cuelga del cuello una estola y una Cruz de Caravaca, y con otra igual que él tiene en la mano le hace cruces sobre la cabeza y le dice o la oración principal, que mencionaremos más adelante, o cualquiera de las otras relacionadas con la hora o la posición social del enfermo. Cuando va a trabajar a casa de éstos utiliza una chaqueta a la que hizo en el forro un gran bolsillo, en donde mete una bolsa, en cuyo interior coloca unas veces el crucifijo y otras a San Cipriano, pero siempre la estola y las dos Cruces de Caravaca, y si el estado del enfermo lo permite coloca el crucifijo y el San Cipriano en la pared o encima de una mesa, respectivamente; lo pone de rodillas y frente a éstos y, al igual que hace en su casa, coloca la estola y la Cruz de Caravaca colgando del cuello, haciendo cruces sobre su cabeza con la otra Cruz de Caravaca, le dice o la oración principal o la que cree más acertada, por las causas antes mencionadas, y cuando el enfermo no puede levantarse cuelga el crucifijo a la cabecera de su cama o coloca el San Cipriano en la mesa de noche, actuando como en los casos anteriores, previa también la colocación de la estola y la Cruz de Caravaca.

De cómo actúa en Santa Comba y San Cibrán.—Veamos ahora cómo actúa en Santa Comba y San Cibrán y mencionemos la oración principal que le dice a los enfermos y las otras que, relacionadas con la hora, dice solas o a continuación de la primera, pues parece ser que, a veces, considera que con una sola no van los enfermos conformes, y prolonga la ceremonia con otra más o con otra práctica, que también hemos de mencionar.

Cuando llega un cliente a su casa le interroga por si quiere someterse allí a la práctica del «Pasteco» o prefiere ir a alguna iglesia y a cuál. En el primer caso procede en la forma conocida; en el segundo lo lleva a la iglesia o al atrio de la misma, si hubo dificultad de conseguir la llave de aquél-

lla; le coloca la estola y la Cruz de Caravaca colgadas del cuello y en posición de pie o de rodillas, según lo permita su estado de salud, con las manos juntas en posición de orar; sitúa al enfermo a su izquierda. En este momento, con la otra Cruz de Caravaca que tiene en su mano derecha, le hace cruces sobre la cabeza, diciendo al mismo tiempo estas palabras:

Si eres de mal hechizo, líbérame, dómine; si eres tocado a gente ediversa (la que hace mal con la vista), *líbérame, dómine, y si eres tocado a Satanás, requien en paz.*

A continuación, junta las manos y con la mirada dirigida al cielo, dice la oración principal y que es base de sus exorcismos, en la siguiente forma:

Dios grande y poderoso, sea vuestro Nombre glorioso, y por vuestra santa intercesión, sean obligados a retirarse todos los males que padece este enfermo. Yo, Cipriano, y con el poder que en este acto Nuestro Señor me concede, sáneme mediante los espíritus superiores, el gran Adonay, Alain, Geová, Meon (3), *sean obligados a retirarse este mal que padece este enfermo, sean cumplidos por mujeres o hombres o otra cualquiera cosa; si no les mandaré amarrotar con la cadena del Arcángel San Miguel y disciplinaré con la oración de San Cipriano, que está dispuesta a deshacer toda clase de hechizos, cuando sean promovidos por hombres, mujeres o otra cuaquier cosa, en el cual cuerpo hago tres cruces y le vendigo en el Nombre del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo. Amén.*

A su terminación comen o meriendan, pues es de ritual el que lleve el enfermo tres cuartillos de vino y tres libras de pan, todos menos aquél, y su parte se tira al cementerio

(3) Estos nombres y algunas palabras los aprendió por intermedio de otras personas del libro *El Ciprianillo. Exorcismos para librar a las personas de los malos espíritus e invocación a los espíritus celestes superiores*, y cuyos nombres verdaderos no son los que él cita de un modo mixtificado, sino los siguientes: Adonay, Eloim, Jehovan, Mitraton.

a las ánimas; pero antes el «Pastequeiro» moja el pan en vino y hace cruces con él sobre la cabeza del enfermo, diciendo al mismo tiempo la oración que ya hemos mencionado: *Si eres de mal hechizo*, etc.

Pero además de esta oración dice, según la hora, una de las siguientes. Al toque de alba y al de oración, ésta:

¡Oh, la Santísima Trinidad! —Siempre acompañe mis pasos —y me extienda amigos brazos —en las horas de infelicidad. —Que me ayude el Padre Eterno —y me bendiga Jesús; —que el Espíritu me dé la luz —contra las tentaciones del infierno; —que empleemos toda existencia —en practicar siempre el bien; —que la Trinidad Sacramentísima nos guíe en esta vida. Amén.

A las doce del día la oración que dice es ésta:

¡Oh, Virgen de los cielos, —sagrada Madre de nuestro Redentor. —que entre las mujeres tienes la palma! —Da alegría a nuestra alma, —que se me llena de dolor; —ven a poner en nuestros labios —palabras de puro amor. —en nombre de Dios de los mundos, —y también del Hijo amado, —bendito sea y alabado —en esta hora venturosa. Amén.

A las doce de la noche emplea la oración siguiente:

¡Oh, mi buen Angel de la Guarda! —Estés con nos ahora —y venir siempre a esta hora —a librarnos de fantasmas, —y que Dios guarde mi alma —de algún pecado mortal, — que evite sueños e ideas —de mis hermanos el mal. —¡Oh, mi buen Angel de la Guarda! —Pide a la Virgen nuestro bien, —que nos aparte del pecado —por toda esta vida. Amén. (4).

Y cuando a pesar de hacer sus exorcismos sobre la base

---

(4) En una edición en portugués de San Cipriano (librería J. Pinto de Sousa, rua do Almada, 18 a 20, Porto) se citan tres oraciones muy parecidas a las del Garamillas, y que también se dicen a distintas horas del día como exorcismos para ahuyentar los demonios del cuerpo, demostrando con ello, y como hemos citado en este trabajo, la influencia de las costumbres portuguesas y del libro de San Cipriano en los Pastequeiros que describimos en el mismo (págs. 21-22).

de la oración principal y de una de estas últimas cree que el enfermo no va bien curado, le aconseja que durante tres mañanas y en ayunas barra su casa al revés con una «boxoira de xesta» (escoba de retama), que reúna la basura en un papel y se vaya a la orilla de un río y tire con ella por encima de su cabeza y hacia atrás, diciendo tres veces estas palabras: *Así como esta broza foy votada, —mal e envidia da casa sea cortada.*

Esta es la forma como practica el «Pasteco» el famoso Garamillas, según su propia referencia y ampliado por datos suministrados por enfermos y clientes suyos. Persona analfabeta y a pesar de todo de buenos sentimientos, y con un aspecto que le favorece para el ejercicio de su profesión, pues bizco y con la cara llena de arrugas y algo zarabeto al hablar, tales cualidades le dan una presencia muy en armonía con el objeto que ha de cumplir. Sus honorarios oscilan actualmente entre cinco, diez y veinticinco pesetas (antes cobraba dos o tres pesetas), incluyendo la parte que él tiene que abonar para conseguir la lleve de la iglesia, extremo éste que merece la más acre censura y que debo pasar por alto por razones que saltan a la vista.

El Manso de Tomeza.

El Manso de Tomeza es descendiente de la familia de los Piscos, de esta parroquia, y entre sus antepasados hubo varios que se dedicaron a la práctica del «Pasteco», de los que aprendió algunos detalles. Es un borracho habitual, que no en valde juega el vino un papel importante en sus exorcismos, y es además un pendenciero, y al igual que el Garamillas, analfabeto.

Hará unos dieciocho años que trabaja como «Pastequeiro», habiendo sido su maestro un vecino suyo apodado el Berjo de Tomeza, que había regresado de América y practicaba el espiritismo, y viendo que había llegado a practicarlo

mejor que él y con el recuerdo de lo que había aprendido de sus antepasados y el consejo de sus familiares, se dedicó de lleno a lo que hoy constituye para él una profesión, por los ingresos que le produce, pues acostumbra a cobrar cantidades elevadas, y no sólo trabaja en San Cibrán (a Santa Comba no va), sino que también sale de casa para visitar en la suya a los enfermos. Es hoy de una gran fama en Tomeza, aun cuando es temido por su carácter duro y violento.

Recuerda que sus primeros clientes fueron dos mujeres de Bayona, madre e hija, y que ésta estaba loca.

No trabaja en el interior de la capilla de San Cibrán, tal vez porque no le es posible conseguir la llave, y lo hace en el atrio de la misma.

Coloca al enfermo de rodillas y le cuelga del cuello una estola y una Cruz de Caravaca, y con otra igual le hace cruces por encima de la cabeza, pronunciando al mismo tiempo estas palabras: *Abernuncio us «Pasteco» con espiritu tuas e de labatorios sanates cues justo Nazareno, Hijo de la Virgen María, quita o teu pauto do corpo da hechicería*, palabras que repite nueve veces.

Como también exige los tres cuartillos de vino y las tres piezas de pan, al terminar las anteriores palabras se ponen a comer o merendar, según la hora, no pudiéndolo hacer el enfermo, y de la parte que correspondería a éste coge un trozo de pan, que moja en vino, y con la sopa así formada le hace tres cruces sobre la cabeza, diciendo estas palabras: *Con este pan, con este vino, corto la plaga de muerto y la plaga de vivo*, repitiendo estas palabras por tres veces y tirando después con la sopa, pues es de ritual que no la coma nadie.

Entre las anécdotas de su profesión refiere dos interesantes, aun cuando la segunda ha sido vista en el conocido cuento «de la gallina negra». Viene a consultarse con él una mujer que decía tener los espíritus en el cuerpo. La lleva al atrio de San Cibrán y pone en práctica sus exorcismos, pero su gran intuición le dice que no va curada, y entonces la acon-

seja que tiene que repetirlos a las doce de la noche en el cementerio de su aldea para buscar con ello una teatralidad más tenebrosa. Aquella misma noche, y en el cementerio de Poyo Pequeño, que era la parroquia adonde pertenecía la enferma, le practica el «Pasteco», al igual que lo había hecho antes en el atrio de la capilla de San Cibrán, y como se daba perfecta cuenta de que nuevamente era con resultado negativo, viendo en el suelo un trozo de tabla que había sido de un ataúd, mientras la enferma estaba de rodillas y de espaldas al «Pastequeiro» éste le dió con ella un golpe en la cabeza, preguntándole a continuación: «¿Sintió algo?...» Y cuál no sería su sorpresa cuando súbitamente se pone en pie y dice: *¡Gracias a Dios que ya me salieron los espíritus por la cabeza para arriba!* Y así quedó curada.

Otra vez vinieron a consultarse con él unos armadores de La Coruña, en averiguación de quién era el que les robaba pescado y útiles de la pesca. Les dijo que tenían que llevarlo allá, y así lo hicieron en un estupendo coche, tratándole a cuerpo de rey. Una vez en La Coruña pidió una sartén sucia del fuego, aceite y una gallina blanca, y con el aceite que había ensuciado en la sartén embadurnó la gallina; mandó formar a los marineros y les ordenó pasasen de a uno frente a la misma y con la palma de la mano derecha la tocasen en el lomo, diciéndole a los armadores que cuando hiciese esto último el ladrón cantaría la gallina. Fueron pasando todos, y cuando lo hizo el último les mandó volviesen la palma de la mano hacia arriba, encontrándose que todos la tenían sucia menos uno, que no le había tocado por temor a que cantase, y el cual resultó ser el ladrón, que se declaró convicto y confeso, por lo que los armadores le dieron una gratificación de mil pesetas.

El Macolos de Tomeza.

Fallecido hace poco, residía en el lugar de la iglesia de la referida parroquia, y al igual que el Concho, su clientela

era escasa, trabajando únicamente cuando estaban ausentes los más destacados «Pastequeiros», pues los enfermos, como en su inmensa mayoría vienen de lejos, no querían marcharse sin ser sometidos a la práctica del «Pasteco».

Era analfabeto, de gran estatura y rostro cetrino; su conversación estaba saturada de incoherencias y palabras entrecortadas, y al hablar hacía unos gestos impropios de un hombre normal, que, unido a su aspecto general de sucio y repugnante, lo ponía en carácter para el desempeño de su cometido, que únicamente efectuaba en el atrio de la capilla de San Cibrán.

Lo poco que sabía lo aprendió del Manso, que cuando su estado alcohólico se lo impedía, lo llevaba a él a San Cibrán para que le ayudase, y con tal motivo veía cómo trabajaba. Se proveyó de una estola y de una Cruz de Caravaca (atributos éstos indispensables para todo «Pastequeiro») y cuando le aparecía un cliente lo llevaba ante la puerta de la capilla mencionada, le colocaba la estola colgada del cuello y con la Cruz de Caravaca le hacía cruces sobre la cabeza, al mismo tiempo que hacía que leía en un libro, entendiéndosele únicamente la palabra Abernuncio, que pronunciaba al principio y al fin y alguna que otra vez en medio de su enigmática lectura. A su terminación daba tres vueltas con el enfermo alrededor de la capilla y a continuación disfrutaba de la merienda que llevaba, y lo hacía con gran fruición, pues tenía fama en la parroquia de ser un gran comedor y bebedor. Era muy egoísta y se gastaba el truco de hacer que no quería cobrar a sus clientes, esperando una buena propina, pero cuando no se la daban o era exigua protestaba enérgicamente, causando a veces cierto temor en los mismos por su aspecto y su gran estatura, y los honorarios que percibía los empleaba en comer y beber.

El Estevo de Marcón.

Se llama así porque su abuelo se llamaba Esteban, quedando a su casa dicho nombre, que heredó primeramente su

padre, que también fué «Pastequeiro», y a su muerte repentina se dedicó éste a trabajar, utilizando para ello un libro titulado *Nuevo manojito de flores del P. Fr. Buenaventura Teilado*, en el que lee los Evangelios, y un manojo de cruces de rosario, medallas y una Cruz pequeña de Caravaca.

Dice que todos los clientes que acuden a él tienen el «Meigallo» o los diablos en el cuerpo, y para curarlos los lleva a la capilla de San Cibrán y una vez dentro de ésta y de pie se persignan el enfermo y el «Pastequeiro». A continuación éste rocía a aquél con unas gotas de agua bendita, diciendo al mismo tiempo: *En el nombre del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo. Amén.* Después lee los cuatro Evangelios de Jesucristo, haciéndole una cruz sobre la cabeza con el manojo de medallas y cruces al empezar cada uno, y a su terminación rezan un Padrenuestro, un Avemaría, un Credo y algunas veces una Salve. No consiente el pan ni el vino ni usa estola para nada, pues dice que ésta es propia de los sacerdotes.

Es hombre serio y formal y de temperamento religioso, diciendo que él no cura a nadie, que quien lo hace es Dios y los Santos.

José del Alma de Marcón.

Conocido también con el apodo de Mercurio, siendo su profesión la de tornero.

A los veinte años tuvo una enfermedad que le obligó a recorrer muchos médicos, los que le decían que no tenía nada, y como cada vez se encontraba peor su familia lo llevó a la capilla de San Cibrán, en donde rezó al Santo pidiéndole su curación, encontrándose desde aquel día cada vez mejor, hasta que curó por completo, y este hecho, unido a los consejos de sus convecinos y a su vocación religiosa, pues quiso ingresar en la Orden de la Merced, en el convento de Poyo, fueron la causa de que se dedicase a la práctica del «Pasteco».

Los que van a consultar con él son enfermos *que no están*

tranquilos, y para curarles los lleva a la capilla de San Cibrán, los sienta en un banco, les coloca la estola y una Cruz de Caravaca, igual que hace el Garamillas, y con otra Cruz de Caravaca les hace cruces sobre la cabeza, diciéndoles al mismo tiempo estas palabras: *Justo Juez de Nazaret, Hijo de la Virgen María, que en Belén fuiste nacido entre los idólatras, os pido por vuestro sexto día que nunca mi cuerpo se vea preso, ni herido, ni muerto, ni en manos de la justicia. Pastecum, Pastecum, Pastecum. Cristo dijo a sus discípulos: «Si mis enemigos vinieran a prenderme tendrán ojos y no me verán, tendrán oídos y no me oirán, tendrán boca y no me hablarán.» Con las armas de San Jorge serás armado y con la espada de Abrahán seré cubierto, y con la sangre de mi Señor Jesucristo seré bautizado y con la leche de la Virgen seré rociado. En el Arca de Noé me veré puesto a buen recaudo; con las llaves de San Pedro estaré guardado donde nadie me pueda ver, ni herir, ni matar, ni sacar sangre de mi cuerpo. También os pido, Señor, por aquellos tres cálices benditos, por aquellas tres hostias consagradas que consagrasteis desde las puertas de Belén hasta Jerusalén. Dios es tu padre: la Virgen Santa María, tu madre. Con las armas de San Jorge serás armado y con la espada de Santiago te verás guardado de aquí para siempre. Amén.*

A su terminación les reza un Padrenuestro, una Salve y un Credo.

En sus comienzos de «Pastequeiro» no quería que llevasen vino y pan, pero viendo que se le marchaban los clientes, pues creían que el exorcismo no era completo sin este requisito, no ha tenido más remedio que consentirles que lo traigan, pero no los utiliza para ninguna otra manipulación, como hacen el Garamillas y el Manso.

También va algunas veces a casa de los enfermos, pero es hombre desprendido, pues hace sus exorcismos guiado de su fervor religioso, y su temperamento místico y la forma frailuna como actúa le dan un aspecto sacerdotal muy indicado para el fin que ha de cumplir. Usa también un libro re-

ligioso, y algunas veces les lee a los enfermos algunas oraciones además de la mencionada, que tiene varios párrafos copiados de *El Ciprianillo*.

El Concho de Santa Comba.

El Concho de Santa Comba es de los de menos categoría entre los mencionados, pues además de ser cojo y no poder por esta razón trasladarse a San Cibrán, está absorbido por el Garamillas, que tiene más fama, y a cuya casa van directamente los clientes desde la Ramalleira, en donde compran el pan y el vino. Es analfabeto y sacristán en la iglesia parroquial, y a fuerza de presenciar cómo practicaban el «Pasteco» fué aprendiendo unas cuantas cosas. Esto unido a su vocación religiosa han sido causa de que se dedicase al «Pasteco». Ha empezado a trabajar cuando tenía unos cuarenta y tres años de edad, y lo hace únicamente en esta iglesia, por la razón antes apuntada, y la oración que emplea es casi igual a la que utiliza el Garamillas a las doce de la noche.

Para la práctica de sus exorcismos no utiliza la estola ni las Cruces de Caravaca, y sí solamente un rosario.

Una vez él y los enfermos frente a la puerta grande de la iglesia de Santa Comba, se persignan «Pastequeiro» y enfermo, colocándole éste el rosario al cuello. Reza un Padrenuestro por las benditas ánimas, una Salve, un Avemaría y otra Salve Regina Mater a Santa Comba. Al terminar da una vuelta con el enfermo alrededor de la iglesia y al llegar al punto de partida repite las oraciones, y así una vez más, en cuyo momento el «Pastequeiro» dice la siguiente oración: *Virgen de los cielos sagrada, —Madre de nuestro Redentor, —entre mujeres tiene la palma; —trae la alegría a mi alma, —que me llene de dolor.*

Y así termian su cometido, sin que use para nada ni el vino ni el pan, y siendo ésta una de las causas de que los enfermos recurran más tarde al Garamillas, que, aparte de tener más fama, los utiliza para sus exorcismos.

OTROS PROCEDIMIENTOS DE LOS «PASTEQUEIROS»

Además de los procedimientos empleados por los «Pastequeiros» que acabamos de enumerar, sus antepasados en el «oficio» empleaban otros que a veces utilizan en la actualidad el Garamillas y el Manso, y que vamos a citar a continuación:

Cuando los llaman para desconjurar casas y animales utilizan incienso, que queman en una teja virgen, al mismo tiempo que, con la estola puesta y haciendo cruces en el aire con la Cruz de Caravaca, dicen cualquiera de las oraciones que emplean para el «Pasteco». Si se trata de una persona, además de todos los procedimientos mencionados le cuelgan del cuello una bolsita con mirra y le hacen cruces con «merda de demo» (asafétida), al mismo tiempo que lo hacen con la Cruz de Caravaca sobre la cabeza y la espalda, que se tira a su terminación, al mismo tiempo que las sopas de pan y vino. A continuación le ponen debajo de una mano unas bolitas de azogue (mercurio), y haciéndole cruces sobre el dorso de la misma, si aquéllas permanecen en su sitio es señal de que el enfermo cura. Estuvieron tan en boga estas prácticas supersticiosas, y que por lo general hacían los «Pastequeiros» al mismo tiempo en casas, animales y personas, que a la farmacia del fallecido don Perfecto Feijoo, fundador de los coros gallegos, venían con gran frecuencia, y especialmente en los días de feria, gran número de clientes que traían apuntadas en unos papelitos las cosas que habían de comprar y por indicación de los «Pastequeiros», con los que se habían consultado previamente. El señor Feijoo, que a su gran talento musical unía un humor a toda prueba, tenía una caja pintada de negro y con una calavera en la tapa, en cuyo interior guardaba todos esos ingredientes, a saber: papeles de mirra, incienso, laminitas de plata y oro, cuya aplicación se desconoce; «merda de demo» (asafétida) y azogue (mercurio), que contenía en unos alfileteros de madera comprados

a las tenderas de la Herrería, y a todos sus clientes les decía que ninguna de estas cosas servía para nada si no llevaban la «Dómena», que era un trozo de papel escrito en latín y que arrancaba de un libro cualquiera. Era tal el convencimiento en la eficaca de la «Dómena» que ni uno solo de los referidos clientes dejaba de adquirirla.

ESTUDIO DE OTROS BRUJOS QUE EMPLEAN PROCEDIMIENTOS PARECIDOS A LOS DE LOS «PASTEQUEIROS»

Ya dijimos anteriormente que además de los seis «Pastequeiros» ya estudiados había otros brujos que utilizaban procedimientos parecidos. Estudiemos ahora a estos cuatro últimos.

Dolores A Muiñas o la San Cibrana.

Esta, que actualmente cuenta unos setenta y seis años de edad y es analfabeta, vive en el lugar de Alveiro, en la parroquia de Marcón; es de aspecto sucio y repugnante, y con su cara cetrina cruzada de arrugas y su pelo desmelenado tiene todo el aspecto de una bruja y se dedica, según su propia confesión y desde hace unos treinta años aproximadamente, a limpiar una dada y curar el mal de bruxería, el mal de ollada y el meigallo. Refiere que siendo joven se dedicaba a trabajar de jornalera en muchas casas de la referida parroquia y en otras limítrofes, y que a la sazón vivía en la parte de arriba de la iglesia de Marcón un viejo conocido con el nombre de José o Maneco, que tenía mucha fama para curar esas enfermedades y al que el vulgo considera como el fundador de los «Pastequeiros», pues en sus tiempos era el único que lo practicaba. Recuerda que trabajaba en su casa y no iba a ninguna iglesia, con los mismos medios que actualmente utiliza ella, y que cuando iba al pueblo utilizaba un rosario, cobrando una peseta de honorarios y no usando el vino y el pan

para nada. Le encargaba a ella lo avisase para salir a curar enfermos, y como lo hacía con frecuencia, él agradecido le ofreció que le enseñaría todas las oraciones que decía a los enfermos y todas las manipulaciones que ponía en práctica, pero como ella las oía y las presenciaba y como además tenía buena memoria, las aprendió en seguida y se provistó de los demás atributos que usaba el viejo de referencia, llegando al extremo de ir a San Andrés de Teixido a buscar una medalla de este Santo, creyendo de este modo que tenía más virtudes curativas. A pesar de ello no se dedicaba a practicar el «Pasteco», pero teniendo unos cuarenta y tantos años de edad, al pasar por las inmediaciones de una finca en la que estaban trabajando varias convecinas suyas se enteró de que a una le había dado una «dada» y que, a pesar de haberla asistido un médico, no volvía en sí; se ofreció a ir a su casa a buscar los medios de curarla, pero como estaba lejos le dijo sólo las oraciones que había aprendido del viejo, y la otra volvió en sí en seguida. Esto corrió como la pólvora por la parroquia de Marcón y desde aquel momento empezó su fama de «Pastequeira» y a que acudiesen a su casa muchos enfermos de las enfermedades mencionadas, pues no sale de su domicilio no siendo al de algún que otro convecino. Sus honorarios son modestos, y para ella dichas enfermedades son una sola: el «Meigallo», y que obedece a que los espíritus de los muertos se meten en los vivos. Para curar esta enfermedad se vale de un rosario, al que tiene atadas una imagen pequeñita de San Andrés de Teixido, tres medallas (una de Santa Comba, otra de Santa Ana y otra de Santa Emilia) y dos crucifijos, además del que tiene el rosario. Coloca al enfermo frente a sí, coge la imagen de San Andrés de Teixido y haciendo con ella cruces del medio cuerpo para arriba de aquél dice al mismo tiempo las siguientes palabras:

Ridícula de San Andrés de Teixido, desencántame; que Dios che aparte do teu corpo fora, espritus de mortos, de excomulgados ou de vivos. Fulano ... (el nombre del enfermo) se pena por espritus de mortos eu deixollos todos ben

apartados e deixollos ben arretirados a-la a su Santo Reino descanso lugar, donde Dios lle dé gloria a todos eles para que ne-la poidan descansar è si pena por xente viva será consumida, se-e cousa d'algún excomulgado con sal no lume serà ben queimado, pois antes de este mal ser visto primero naceu Dios y la Virgen è Jesucristo. Hombre bueno, mujer mala, saca barrida, saca mollada, aparta à ollada de vinto è un días, con la gracia de Dios è da Virgen María, dinde de agora mismo y en este momento, d'este corpo fora, queda ben apartada esta mala envidia, esta dada donde foy nacida, que se aparte sea de morto, sea de vivo, que vaya pra abaixo quen mal te quere è che ten envidia, co-a gracia de Dios è da Virgen María.

Al terminar cambia la imagen de San Andrés de Teixidó por el crucifijo que tiene el rosario, y haciendo también cruces con él del medio cuerpo para arriba dice las siguientes palabras:

Aquí vay à bendición de San Cibrán: San Cibrán, San Cibrán, San Cibrán, por vuestra pedra de ara, por vuestro libro de vertudes, apártame agora mismo desde corpo, fora esta mala enfermedad. Esa enfermedad, San Cibrán, se-e cometida por espritos de mortos ou por xente viva, que se vaya è que se enterre nos centros do mar, pero a este sitio non poida vir cometer, nin tampouco penar.

Cambia el crucifijo por la medalla de Santa Comba; haciendo igualmente cruces dice las siguientes palabras:

Aquí vay a bendición de Santa Comba; Santa Comba, Santa Comba, Santa Comba, esta enfermedad que Fulano ... (el nombre del enfermo) pena è padece è que no seu corpo ten metida, se-e cometida por brujería de mulleres, Santa Comba, apartádeme, retirádeme todo este mal de brujería cometido en este corpo; fuera, Santa Comba; apartádeme espritus de mortos, personas de malas miradas, envidias encoutadas è se penaràs por sombras cortadas ou por terra dos pes tiradas, esas plagas ¿à dónde las mandades meter? ¿à dónde las mandades entregar? A-o fondo do río, a-os centros do mar,

pero à este sitio nin de noite, nin de día, no ha fagades padecer, nin tampoco penar.

Cambia la medalla de Santa Comba por la de Santa Ana y haciendo igualmente cruces dice las siguientes palabras:

Aquí vay à bendición de Santa Ana; Santa Ana, Santa Ana, Santa Ana. Fulano ... (el nombre del enfermo) se pena por enfermedad e no seu corpo à ten metida e se-e cometida por alguna plaga que lle botaron è debida à enfermedad que por ela esté penando, esas plagas deixoas levantadas è dexoas arretiradas. Santa Ana, se foron causadas por cousa tua, se foron causadas por xente de fora o si ben cha puderon votar os mismos de tua familla, Santa Ana, levantádeme de este corpo fora esas malas plagas, tanto que sin merecerlas, cual que foran acalumniadas, ¡apártate, demonio! ¡Apártate, anamijo! Tamén se apartou ó sol da luna, pois vate a-la à los mares altos donde non haxa pito, nin haxa galiña è non haxa cousa ningunha de este mundo viva.

Cambia la medalla de Santa Ana por la de Santa Emilia y haciendo igualmente cruces dice las siguientes palabras:

Aquí vay à bendición de Santa Emilia; Santa Emilia, Santa Emilia, Santa Emilia, vota de una vez para sempre de este corpo fora, todo ò mal de bruxería que n'el hay, è se enfermou de unha mala ollada ò de unha envidia, que desaparezca para sempre è pene quen ya botou, que sea condenado nos centros da terra, pra que non volva à enfermar à persona nin cousa aljuna.

Al terminar, con un poco de sal le hace cruces en el pecho al enfermo, diciendo:

Sal salada, —naceche na mar sagrada, —apartádame agora mismo —de este corpo fora —esta mala ollada, —así sea de trescientos días dada, —con la gracia de Dios è de la Virgen María, —Fulano queda sano è salvo, —con suerte è fortuna è alegría.

Una vez dichas todas las oraciones rezan la Cibrana y el enfermo tres Padrenuestros a San Cibrán, tres Salves a Santa Comba, Santa Ana, Santa Emilia y a la Virgen María.

Es curioso el hecho de que trabajando de manera desinteresada, pues hoy es el día que apenas cobra y cuando lo hace percibe una peseta por sus manipulaciones, tiene muy poca clientela, haciéndolo casi únicamente en su parroquia y no yendo (tal vez por ser mujer) ni a Santa Comba ni a San Cibrán, siendo, a mi juicio, esta la causa de su escasa clientela.

El Brujo de Fornelos de Montes.

Este o residió antiguamente en Tomeza o aprendió sus procedimientos en este sitio, pues son de lo más parecido y en muchos detalles iguales a los de los «Pastequeiros». Encerrado en un mutismo absoluto sobre el anterior extremo, sólo pude conseguir de él me dijese la oración que emplea y el procedimiento que pone en práctica con los enfermos que llegan a sus manos. Me dice que éstos tienen todos el «Meigallo» o «Feitizo» y que esta enfermedad se produce cuando una persona que quiere mal a otra le da a comer dulces o fruta (generalmente manzanas), pinchadas a propósito con una aguja o alfiler embadurnado de menstruo, flujo blanco u orines o a beber vino al que se le mezcló cualquiera de estas cosas. Para curar a dichas personas endemoniadas, enfeitizadas, y para echar al «Meigallo», lleva al enfermo al atrio de una iglesia o capilla cualquiera, se cuelga una estola, del cuello del enfermo una Cruz de Caravaca y con un crucifijo y una vez colocado el enfermo de rodillas le hace cruces sobre la cabeza, al mismo tiempo que le dice la siguiente oración:

Jesucristo va delante, —la Madre que lo parió, —Santísimo Sacramento, —la cruz onde padeció; —en este corpo todas son cruces, —desde à cabecera hasta os pes; —si tuveras algún demonio, —verbin cruz perpetuo non es, —porque yo bendizo este corpo —desde à cabeza aos pes; —corto plagas, rabias, odios, malas vistas, —endemoniadas, enfeitizadas; —cortoche ò aire e-a envidia, —tamén che corto à bru-

jería, —en este mal morrería, —en este corpo nunca entraría; —cortoche ò aire de morto —e de vivo e de escominicado; —cortoche ò aire de ventana —e si che fixeron algún feitizo —na roupa do corpo —ou en comidas o en bebidas, —sea todo desatado è desconxurado —de aquí pra fora —con la bendición de San Quiatán Avelino, —yo te desconxuro, —te recomiendo a San Vicente —para que ò demo non che atente, —con la bendición de Dios Padre —y de Dios Hijo y del Espíritu Santo —y de la Santísima Trinidad y de Nuestro Señor Jesucristo. Amén.

No utiliza ni el pan ni el vino, pero se aprovecha de las meriendas que tienen por costumbre llevar los enfermos.

Juan el Portugués de Marín de Arriba.

Conocido con este apodo por ser oriundo de la vecina nación portuguesa, cuenta en la actualidad sesenta y tres años de edad, y aun cuando su primera profesión fué la de músico, ahora trabaja como cantero, residiendo en el lugar de Roza, en la parroquia antes mencionada.

Cuando vivía en Portugal tuvo ocasión de conocer a un individuo que se dedicaba a desconjurar personas, recordando que utilizaba una Estola, una Cruz de Caravaca y que leía unas oraciones en un libro llamado *El Ciprianillo*, y habiéndose trasladado al Brasil en el año 1911, al entrar en una librería en Río de Janeiro con objeto de comprar papel y sobres para escribir a su familia, vió anunciada la venta del referido libro, comprando un ejemplar por pura curiosidad y por recordar que lo utilizaba su convecino para ver lo que leía en él. Ya en posesión de dicho libro, a su regreso a España viene a vivir donde reside actualmente y se casa con una sobrina de José Carracelas, que había ejercido el cargo de sacristán en la parroquia de Marín de Arriba y después en la de Marín de Abajo, y resulta que el tal Carracelas se dedicaba a practicar el «Pasteco», y como era viejo lo acompañaba en

sus excursiones, pues iba a varias capillas e iglesias y a casas de enfermos, y lo ve, además, actuar en su domicilio, y todo ello va ejerciendo influencia en su ánimo y predisponiéndolo para actuar él también, hasta que fallece el Carracelas, recoge su clientela y se dedica de lleno a practicar el «Pasteco» Y si todo esto no fuese bastante para dedicarse abiertamente a tal oficio sí había de serlo el hecho de que cerca de Cangas hay un brujo llamado Perfecto de Rodeira, que es espiritista y anda de noche en la Compaña, y en dicha villa una bruja, cuyo nombre desconoce, que le mandan niños y personas mayores que antes se consultaron con ellos para que les corte el aire de muerto, los exconjure con los Evangelios y les bendiga la casa donde viven (1), siendo esta la causa de que tenga muchos clientes y haga muchas salidas, trabajando únicamente en su domicilio y en el de sus clientes, sin ir a ninguna iglesia, ni capilla, pues no se lo permiten los sacerdotes de las inmediaciones.

A todos sus clientes los trata de la misma manera, y el procedimiento que emplea es el siguiente: enciende primeramente una vela; a continuación echa en una lata un poco de incienso y semillas de espliego y en otra lata un poco de agua bendita, se sienta al mismo tiempo que lo hace el enfermo y le pregunta a éste su nombre; calienta al calor de la vela la punta de la navaja y con ésta coge un poco de incienso y semillas de espliego, y mientras arden dice las siguientes palabras: *Antes que este mal sea visto, se retira el mal y viva Jesucristo*. Y esta última operación y estas últimas palabras las repite tres veces. A continuación cuelga del cuello del enfermo una Cruz de Caravaca y coloca sobre su hombro derecho una parte de una Estola y la otra sobre el mismo hombro de aquél, y en *El Ciprianillo* lee la primera, segunda y tercera exconjuración y a continuación los Evangelios, y

(1) Es curioso el hecho que ni Juan el Portugués ni José Carracelas conocían a estos dos brujos y sin embargo no llega enfermo a sus manos que no lo envían a los de éstos.

siempre que aparece una cruz en el libro moja en agua bendita una cruz pequeña de rosario que previamente tiene en la mano y bendice con ella tres veces al enfermo en la cabeza y en el pecho.

En su casa se dedica a cortar el aire de muerto y a desconjurar a las personas por el procedimiento que acabamos de describir, y cuando va a bendecir casas que se suponen embrujadas, entonces lleva el cacharro con el agua bendita y la cruz pequeña, y mojando ésta en dicha agua hace cruces en el aire al mismo tiempo que lee la primera, segunda y tercera exconjuración; esto lo hace en la primera habitación que encuentra al entrar cuando ve que se trata de casa pobre, pero si se trata de casa rica entonces lo hace en todas las habitaciones.

Tiene gran fama en el Ayuntamiento de Marín y percibe honorarios bastante crecidos cuando sale de su domicilio, pero cuando trabaja en éste los cobra más reducidos, pues supone que ya han tenido que pagar al brujo y bruja de Cangas que se los envían.

La Rosa de Mirón.

Esta, que vive en el lugar de su nombre, en la parroquia de Tourón (Puente Caldelas) y en compañía de una sobrina viuda, aprendió a trabajar de su madre, que también había sido «sabia»; es delgada, alta y tiene muy mal humor. Su profesión en su juventud era la de costurera, y teniendo unos treinta años de edad y en ocasión en que transitaba por un camino de su aldea de regreso a su casa, una vez terminado su trabajo, y trayendo la máquina de coser sobre la cabeza, le cayó al suelo y creyendo que aquello era producto de las ánimas, que la elegían para ponerse en convivencia con ellas, empezó a trabajar como bruja, utilizando los mismos procedimientos de su madre y llegando a adquirir tal fama como tal que hoy se le considera como la bruja de más populari-

dad en toda la comarca y viene a Pontevedra a consultar los días de feria.

Recibe a sus clientes sentada en un taburete, unas veces en el corral de su casa y otras dentro de ésta, en la cocina o en la sala, y les somete a un gran interrogatorio sobre personas y hechos de su vida y mencionando nombres de personas fallecidas, hasta conseguir averiguar el motivo que les lleva a su presencia, a lo que contribuyen grandemente unas cuantas personas que tiene escalonadas a los lados del camino que conduce desde la carretera a su casa, y que oyen las conversaciones que sostienen los que van a consultarse con ella y que, como es natural, ponen en su conocimiento antes de que llegue la hora de la consulta.

Terminado el interrogatorio simula un ataque nervioso, cerrando los ojos, temblándole los labios y músculos de la cara y haciendo unas muecas rarísimas, como si en aquel momento estuviese en comunicación con las ánimas para que éstas le digan la causa de la enfermedad o de la desgracia que aqueja a sus clientes. Una vez pasado dicho ataque les dice con voz cavernosa y de ultratumba, simulando la voz de alguno de los parientes más allegados y queridos, que estuvo en comunicación con las ánimas y que éstas le manifestaron que todo lo que les ocurre es debido a una alma del otro mundo que le quiere mal o a que personas de su familia ya fallecidas que no cumplieron en vida promesas que habían hecho, siendo las causantes de sus desgracias y enfermedades, y que desde el otro mundo pedían misas (5) y rosarios para que desapareciesen aquéllas, y entonces a cada uno les dice lo que tienen que oír y rezar, advirtiéndole que pueden hacerlo otras

(5) En el libro *Brujos y astrólogos de la Inquisición de Galicia*, por Bernardo Barreiro de W., publicado en 1885, y en su carta prólogo a don Juan Fernández Latorre, director de *La Voz de Galicia* (página XVIII), dice lo siguiente: *Entonces suelen caer las piedras por las altas chimeneas y se escuchan los ayes de las almas en pena, que piden misas... Y gritan a los parientes (quizá dentro de la conciencia) con voz vibrante y quejumbrosa: «¡Restituid!».*

personas en su nombre, y cuyo número varía según la posición social del cliente, el motivo de su consulta y el éxito obtenido con ésta, pues algunos exteriorizan en su presencia su satisfacción por haber acertado. No percibe, según ella, cantidad alguna por su cometido, y lo mismo si los clientes se comprometen a oír las misas y rezar los rosarios, pero como les puso un número elevado, algunas veces hasta mil misas, y cuando se trata de un buen cliente hace hincapié en que hay personas encargadas de hacerlo, entonces éstos le abonan a ella las misas, con una cantidad variable según los casos, y se encargan de oírlas unas viejas del barrio de la Moureira de Pontevedra, a las que antes les abonaba Rosa 15 céntimos por cada una y ahora 25, pues tienen que ser de un sitio donde digan muchas misas, si no no acaban nunca. Son muchísimas las personas que acuden a consultarse con la Rosa de Mirón, y pertenecientes a todas las clases sociales, no siendo raro encontrar varios automóviles parados en la carretera y a la altura del camino que conduce a su casa o ver transitar por aquél grupos de personas, dando la sensación que van para una romería. Por la anterior razón he podido recoger unas cuantas anécdotas de curaciones y aciertos, pues no en vano las Brujas y Brujos tienen la propiedad de que se conocen únicamente sus aciertos y no sus errores, y siendo ésta tal vez la causa de su gran fama y popularidad.

Anécdotas.—Unas mujeres que habían ido a consultarse con ella dejaron escondidas unas sandías en una finca junto al camino, y su asombro no tuvo límites cuando les dijo: «Id en seguida a recoger las sandías que escondisteis, pues hay gente cerca de ellas», y cuando fueron encontraron a unos individuos trabajando en sus inmediaciones.

Una mujer fué a consultarse con ella y desconfiando que no acertaba en el motivo de su consulta se le ocurrió preguntarle por su marido, de quien no tenía noticias, y entonces le dijo: «¡Vete! ¡Vete! Que tienes en el bolsillo una carta suya», como, en efecto, así era.

Otro día llevó una mujer a consultar con ella a un hijo

suyo que le daba por andar por encima de los tejados y de sitios altos, y desde aquel día dejó de hacerlo.

Una madre cuyo hijo de cinco años padecía de mal del aire (raquitismo), pues tenía el vientre abultado y no tenía ganas de comer, fué a consultarse con Rosa, encontrándola a la entrada de su casa. Esta le preguntó a qué iba, y la madre del enfermo le contestó que ya lo sabía ella, pues es creencia popular que dicha «sabia» lo sabe todo; no obstante, le dijo que tenía un hijo enfermo y que no sabía qué enfermedad tenía, aun cuando desconfiaba fuera «el aire». Rosa se sentó en su mencionado taburete, simuló su consabido ataque y en la fora ya mencionada en este trabajo, le dijo lo mismo que les dice a todos y le fué enumerando misas hasta llegar a 160 misas rezadas (rara vez «receta» misas cantadas), que a medio real en aquel tiempo, que era por el año 1922, importaban cuatro duros, que sufragó la madre del enfermo y el que curó antes de los ocho días.

Cuando llega el paciente o algún familiar a junto de ella, a veces inopinadamente les riñe de manera desconsiderada, pues su gran intuición le hace suponer que no vienen a consultarse con ella con fe. En tal sentido fueron a consultarse con ella unas personas que por el camino comentaban lo inútil de lo que iban a curar o averiguar; ya cerca de la casa de Rosa ésta, que a la sazón se encontraba en el corral, los vió bromear y reír, suponiendo, como es natural, que iban sin fe. Al llegar a junto de ella se desmayó, debatiéndose en el suelo; al pasarle el ataque se puso en pie y empezó a echarles maldiciones como las siguientes: «¡Mala centella vos coma! ¡Mal rayo vos parta!», y poniéndose más excitada y como si estuviese loca continuó diciéndoles: «¿A qué vindes eiquí si non creedes en min? ¡O veros d'esta maneira ó demo quíxose entrar en min!» Después los llevó para su casa y fué tal el efecto que causó en aquellos que en un principio tomaban todo a broma que salieron convencidísimos de sus aciertos y con mil misas a costillas, lo que les supondría unas buenas pesetas.

Muchísimas más anécdotas podría referir de la famosa Rosa de Mirón, que harían interminable este trabajo ; mujer hábil y astuta, sabe explotar sus éxitos y su servicio de «escucha», pues en la inmensa mayoría de los casos su trabajo se basa en lo que ve desde su casa o en lo que le refieren sus colaboradores, y para los casos oscuros y dudosos deja el interrogatorio y el mencionar nombres de personas fallecidas, que al ser vulgares tiene facilidad en acertar alguna, y que le permite que sus mismos clientes sean los que, sin darse cuenta, le proporcionan los datos para lo que ellos llaman aciertos y que tanto cacarean y propagan.

CONCLUSION

Así quedan enumerados los que actualmetne trabajan como «Pastequeiros» y aquellos otros que utilizan procedimientos parecidos, y cuyo estudio se presta a determinadas consideraciones, algunas ya mencionadas a través de este modesto trabajo y otras que haremos a continuación, por juzgarlas de interés.

No se sabe a ciencia cierta quién fué o quiénes fueron los fundadores del «Pasteco» y desde cuándo trabajan, como asimismo si nació en Tomeza o si fué importado de algún sitio de España o del extranjero, dada la gran cantidad de Brujos que estuvieron en América y allí aprendieron todas sus prácticas y procedimientos.

En el libro *Brujos y astrólogos de la Inquisición de Galicia* por don Bernardo Barreiro de W., ya mencionado en este trabajo, no habla para nada de los «Pastequeiros» y sí en cambio cita actas de dicho Tribunal referentes a los siglos XVI y XVII, y en las que aparecen encartados varios Brujos de esta provincia y en particular de la comarca de Pontevedra ; ello hace suponer que por aquellas épocas no existían los «Pastequeiros», pues de lo contrario los perseguiría la Inquisición y aparecería algún acta que hiciese mención de ellos.

Como, por otra parte, las personas ancianas de las parroquias de Tomeza y Bértola hacen referencia a individuos que se dedicaban a practicar el «Pasteco» en el siglo XIX, es casi seguro que en dicho siglo fué cuando empezaron a trabajar los primeros «Pastequeiros», y suponen que lo fueron Santiago Rial y el Valja, pues los mencionados ancianos recuerdan que cuando eran niños iban a tomar las sopas de pan y vino sobrantes al atrio de Santa Comba cuando actuaban los mismos.

El «Pasteco» tal vez sea una práctica supersticiosa importada de Portugal por los canteros de Tomeza, que gozaban y gozan de mucha fama como tales y trabajaron en el siglo pasado en la construcción de la vía férrea de Valenza a Oporto, y especialmente en sus túneles, y aboga en favor de tal afirmación el hecho de aparecer la palabra «Pasteco» en ciertos ensalmos de la nación vecina, como el que citamos al principio de este trabajo en la página 491, y que en la edición en portugués de *El Ciprianillo* aparecen también en varias oraciones parecidas a las que emplea el Garamillas cuando practica el «Pasteco». Y si todo esto no fuese suficiente para demostrarlo sí deben de serlo las manifestaciones de Juan el Portugués, de Marín de Arriba, cuando refiere cómo actuaba en Portugal aquel Brujo que utilizaba una Estola y una Cruz de Caravaca, atributos, como ya dijimos, indispensables a todo «Pastequeiro», e igualmente como él actúa, parecido en un todo a los «Pastequeiros« de Tomeza y San Cibrán, de los que se diferencia en el hecho de no actuar en iglesias y capillas, si bien es cierto que no lo hace porque no se lo permiten los sacerdotes de la comarca en donde actúa.

No cabe duda alguna que los «Pastequeiros», como tratamos de demostrar, actúan desde el siglo pasado y llegan a curar por sugestión; la naturaleza de los enfermos, la clase de dolencia que aquejan (en su inmensa mayoría histéricos y neurasténicos), el ambiente religioso en que actúan (glesias, capillas, atrios, cementerios), los medios de que se valen (oraciones, misas, estolas, cruces, rosarios e imágenes), constitu-

yen, unidos a la tradición, un marco adecuado para las actividades de los «Pastequeiros» y para que logren conseguir por tales motivos bastantes éxitos. Entre ellos se advierten marcadas diferencias. Unos actúan, como queda dicho, por los beneficios que les producen sus exorcismos, y de ahí el gran número de individuos que hasta hace poco se dedicaban al «Pasteco»; otros, por fervor religioso. Unos se valen de estolas, misas, imágenes y Cruces de Caravaca (acaso por el efecto que la cruz doble tiene para ahuyentar a los malos espíritus), y otros se valen de libros y rosarios. Mientras algunos se aprovechan del pan y del vino de los enfermos, llegando a estar alcoholizados (hubo una época en que hasta los pequeñuelos se embriagaban con el sobrante), otros huyen de esta costumbre y por lo general actúan en la iglesia o capilla más próxima a su residencia, a fin de no pisar el terreno a los demás; con la única excepción del Garamillas, que, viejo, cargado de reuma y saturado de alcohol, trabaja en cuanta iglesia y capilla existe en la comarca, a más de hacerlo en su propia casa y de realizar innumerables viajes o salidas de su domicilio. Pero no todo son éxitos y beneficios, pues aparte de los casos en que fracasan ocurre muchas veces que no les pagan y llegan inclusive a robarlos al verles dinero en la cartera o por la fama de adinerados de que gozan algunos.

Existen varios sitios de esta provincia, como El Corpiño y Santa Justa de Moraña, adonde concurren muchos enfermos y enfermas del «Meigallo», pero a ningún sitio lo hacen con tanta fe y tienen tanta fama como a los «Pastequeiros», a cuyas manos llegan, como ya dijimos, personas de todas las clases sociales, pues es de conocimiento vulgar que los procedimientos de éstos son los únicos eficaces para curar la referida enfermedad, y buena prueba de ello es que a Santa Comba y San Cibrán concurren enfermos del «Meigallo» después de haber ido a los sitios anteriormente mencionados; bien es verdad que hay un grupo de enfermos, principalmente muchachas jóvenes, que ven en el «Meigallo» la ocasión de

andar de fiesta en fiesta y no trabajar, y al simular dicha enfermedad convencen a sus padres de que deben llevarlas a tal santuario y después al otro, coincidiendo, como es natural, con un día de fiesta, y cuando ya no hay más sitios adonde ir, y al fin de su ruta veraniega, entonces es cuando van a Santa Comba y a San Cibrán, quedando completamente curadas algunas y otras mejorando en su dolencia hasta el año siguiente, que repiten su ruta de tratamiento, y así se explica el caso que en algunas aldeas, del mismo modo que hay un grupo de vecinos que todos los años pasa una temporada tomando baños de mar o de Cuntis o Molgas, o las aguas de Mondariz, Carballino o Verín, hay también alguna mocita que pasa una temporada dedicada a ir a Santa Justa, el Corpiño y a consultarse, por último, con los «Pastequeiros».

Todo en Galicia es propicio a la práctica del «Pasteco». El poeta, sintiéndose «Pastequeiro», nos decía: *Con la moza consumida del mal de amor preguntaba a Rosiña: «¿Qué mal «Meigallo te apena? ¿Qué mal cativo te roe? ¿Que che dòe, branca nena? ¿Qué che dòe?»* (7), y en sus cantos descriptivos de la tierra gallega otros poetas nos hablan del «Meigallo» bajo diferentes nombres y de sitios y lugares que, al igual que Santa Comba y San Cibrán, son propicios para su curación.

Así, poesía y tradición, como la fantasía popular, creadora de leyendas, cuentos y augurios, mantienen siempre encendida la llama del exorcismo, que ayudan a sostener y avivan en muchos casos, quienes debieran ser los primeros en apagarla, acaso por el beneficio indirecto que les reporta. Todavía es creencia general la de que las gallinas y el perro del cura de Santa Comba, por comer del pan de los enfermos, nunca están gordos.

Frente a todo esto se alza como un verdadero remedio la

---

(6) Del libro *No desterro* (pág. 74), composición «A Rosa», de Ramón Cabanillas, editado en la imprenta La Universal, de Habana, en 1913. Dicho libro fué el primero publicado por el referido poeta.

pureza de sentimientos de muchos «paisanos» que suelen recordar con fe la vieja leyenda de San Cibrán: *Un cantero que arrancaba piedras en las cercanías de la capilla del Santo, como lloviese torrencialmente, corrió al abrigo de la ermita, mas como imputase a San Cibrán la culpa de haberse mojado, con su hierro de monte dió vuelta a la venerada imagen, dejándola de espaldas al altar. Cesada la lluvia reanudó su tarea el cantero, pero en ella sufrió un accidente, pasando al hospital, donde fué menester amputarle una pierna.*

VÍCTOR LIS QUIBEN

1 de noviembre de 1947.

Testamentos de bestias

No solamente los viejos romances tradicionales han de poder pasar del vivo vuelo de los pliegos de cordel al lento planear de las publicaciones graves y concienzudas. También los modernos y torpes romances vulgares han de poder, alguna vez, detener y plegar sus alas en un campo acotado por el interés científico. Si, en el aspecto literario, su valor es, por lo general, insignificante, desde algún otro punto de vista, suelen presentar, con relativa frecuencia, elementos muy dignos de observación y estudio. Tal, por ejemplo, estos romances de *Testamentos de bestias*, que ahora vamos a someter a examen.

La primera faceta merecedora de consideración y análisis está constituída por la costumbre en que se hallan injertados estos romances. En una zona de la isla de La Palma integrada, según las exploraciones efectuadas hasta ahora, por los términos municipales colindantes de Mazo, Breña Alta y Breña Baja, se suele aprovechar la ocasión de la muerte de alguna bestia para componer su testamento. En él, con intención satírico-burlesca, el caritativo animal, huérfano de mayores bienes, aparece repartiendo, entre los vecinos más conocidos del pueblo, las distintas partes de su cuerpo y de sus arreos: a un tuerto le deja un ojo; a un cojo, una pata; a alguna vieja desdentada, la dentadura; a alguna persona muy bruta, la silla o la albarda, y así sucesivamente.

Como es fácil de suponer, estos testamentos no surgen con motivo de la muerte de cualquier bestia, que hay bestias, como personas, que viven casi sin ser notadas, y se van del mundo calladamente, sin pena ni gloria. Los mulos o caballos que reciben el homenaje póstumo de un testamento son los que, bien por sus propios méritos, bien por los de sus dueños, se han hecho populares: caballos o mulos que han ganado muchas y reñidas carreras, mulos que tienen una buena planta o que, por el contrario, la tienen muy ridícula; mulos o asnos pertenecientes a personas que, ya por sus altas y buenas dotes, ya por malas y bajas condiciones, o por cualquier otra circunstancia, gozan de gran popularidad. Estas son las bestias de los testamentos. La publicación o «apertura» de éstos se hace casi siempre por el propio autor del romance en un baile, en una fiesta, en una romería; a veces se presenta, incluso, como número regocijado del carnaval. En algunos testamentos, el poeta popular que los ha compuesto se asigna a sí mismo alguna parte del animal con el fin de mitigar los efectos que, en sus convecinos, puedan hacer sus burlas o sátiras.

Estos testamentos, como es costumbre en los romances vulgares, suelen comenzar con una invocación adecuada al caso:

El mar detenga sus olas,
el sol vístase de negro,
el día vuélvase noche
anunciando sentimiento,
... ...
Atención pido a los bobos
y silencio a los discretos;
al dios de los Longabardos (*sic*)
pido que me dé su acierto
para que referir pueda
una historia en breve tiempo,
pues voy a tratar de un mulo,
que nació en mil setecientos.

Luego sigue la autobiografía de la bestia desde su nacimiento hasta su muerte:

Fuí nacido en Santa Cruz,
donde dicen el Realejo;
fuí querido en mis principios;
mas, como dice el proverbio
que los goces de este mundo
todos son perecederos,
cuando menos lo pensaba,
me trataron, me vendieron;
vine por trampas y engaños
aquí, a este suelo palmero...

No suele faltar la relación de todos sus trabajos, hambres y sucesivos dueños. La relación misma y más de una frase nos hacen pensar en las novelas picarescas. Por ejemplo:

De esta enfermedad y de hambre
mucho tiempo hay que padezco.

Termina con la muerte y el entierro, y el larguísimo testamento:

...Dejo un ojo a Pepe Méndez,
pa que pueda ver el hilo;
una pata a Blas Palmero
para cabo del martillo;
el redaño pa Fidela
para adornar un vestido;
la albarda y los aparejos,
se los dejo a tiú Narciso,
... ...
para mi dueña le dejo
los olores a podrido...

Entre las fórmulas finales, hay alguna curiosa:

...Donde el alcalde me llame,
al mismo alcalde le digo
que el testamento fué hecho
bajo una juma de vino;

y si acaso hubiera alguno
que no quede complacido
y quiera darme las quejas,
las dará esta tarde mismo;
ya mañana será tarde,
que hoy mismo entra en el archivo...

La tradición de estos testamentos de bestias, en la Palma, puede haber tenido su origen en una imitación, adaptada a algún caso real, de un conocido romance vulgar de la Península: el *Testamento del asno, donde se refiere su enfermedad, las medicinas que le aplicó un doctor de bestias, y las mandas que hizo en su testamento a todos sus amigos y parientes, con el llanto que los jumentos hicieron por su muerte*. Impreso en cuatro hojas en 4.°, a dos columnas, y con una figura, en Córdoba, por Gabriel García Rodríguez, poco después de 1822. Lo registra don Agustín Durán en su *Romancero* (1).

Este romance, que muy bien pudo pasar desde Andalucía a Canarias, como tantas otras cosas, ¿estaría vinculado en el sur de la Península a una costumbre semejante a la que hemos referido de La Palma? Nada a este respecto nos dice don Agustín Durán. Unicamente añade, en la nota de la página LXXXV, que «casi todos estos romances pertenecen y son reimpresiones de aquellos que se compusieron en el siglo XVII, porque en el XVIII casi se hicieron los romances políticos concernientes a la Guerra de Sucesión, etc.». Como no reproduce el *Testamento*, es imposible fechar con alguna exactitud este romance en particular.

Mucho más explícito es el ilustre etnógrafo portugués doctor Jaime Lopes Dias en su copiosa e interesantísima *Etnografia da Beira* (2), donde nos dice que «entre outros divertimentos ainda em uso, durante o ciclo do Carnaval,

(1) Cfr. BAE, tomo X, que es el I del *Romancero*, págs. XCIII y LXXXV, nota 1. El romance primero empieza: «Yo, triste asno cansado». El segundo: «Era el tiempo de calores». El tercero, que es el testamento: «Cuanto a lo primero mando». Y el cuarto: «Cinamomos y laureles».

(2) Ed. Lisboa, 1942, vol. VI, págs. 66 y sigte.

nos concelhos de Oleiros e Sertã, merece especial registo o da *divisão do burro*». Y explica con todo detalle:

«Um grupo de rapazes, formando a «Ronda», sobe a um cabeço ou elevação dos arredores das povoações ou a balcão de quinta próxima acompanhado de chocalhos, pífaros, latas velhas, tambores, harmónios, etc. Os componentes do grupo, falando através de um cabaço partido em forma de funil (alto falante rústico), distribuem as diversas partes do burro por pessoas suas conhecidas a quem desejam surriar ou irritar, em quadras improvisadas de que a seguir damos algumas recolhidas no Nesperal:

Aí vai a cabeça
P'ro senhor Zé Monteiro,
A que êle tem não presta;
A do burro vale mais dinheiro.

Um pedaço do burro
É para a Maria Padeira;
O que ela precisa é a pele
P'ra fazer uma peneira!

Lá vai o burro inteiro
P'ra casa do Sr. Lopes
Quando os dois se encontrarem
Começarão ambos aos pinotes.

Como se ve, esta *divisão do burro*, aunque no reviste la solemnidad del testamento y está hecha en forma de *cuadras*, guarda una innegable relación con el romance canario: la adjudicación de las diversas partes del burro a los vecinos o conocidos, la intención de satirizarlos o molestarlos, etc.

El parentesco, sin embargo, se muestra muchísimo más estrecho, si cotejamos los *testamentos* palmeros con los *bandos* azoreanos del Fayal y el Pico, recitados por un enmascarado en la fiesta del Carnaval sobre un muro o desde un balcón. «O bando é a revista do ano, a crítica engraçada um tanto humorística e burlesca de qualquer facto retumbante na vida popular aldeã, ocorrido durante o ano. Umas vezes são alusões bem achadas, em verso e numa linguagem ni-

velada pela intelectualidade do meio, a alguma personalidade regional. A morte de um burro dá quási sempre lugar a um bando com alusões relativas à doença e sua origem, cuidado dos tratadores e ao testamento em que o animal reparte os órgãos por diversos burros e habitantes da localidade, conforme supostas necessidades» (3).

En estos testamentos azoreanos, como puede comprobarse en un fragmento recogido por Manuel Dionísio (4), las relaciones con los testamentos de Canarias son, según se ha indicado, mucho más estrechas. En primer lugar, la forma es la del documento expresivo de última voluntad; no es una simple *divisão do burro*. El autor del bando empieza por declararnos que posee el diploma de *tabelião*, y en términos más precisos añade:

Sou formado em Coimbra,
grande escola de talentos,
em linguagem de burro
para fazer testamentos.

En segundo término, figura el episodio del traslado del animal de un lugar a otro para tratarlo y venderlo:

Adoeceu um cavalo
para as bandas da Prainha,
por isso vieram vende-lo
ao lugar da Ribeirinha...

No falta tampoco la relación de sus trabajos y hambres:

O passadio do cavalo
era andar pela ribeira,
a procurar nos buracos
os ninhos de vinagreira.

(3) Cfr. Manuel Dionisio, *Costumes açoreanos*, Horta, 1937, pág. 41, citado en *Algumas palavras sôbre o vilão do teatro popular da ilha de São Miguel*, por Luís da Silva Ribeiro (ed. Angra-do-Heroísmo, 1945), págs. 21 y 22.

(4) *Loc. cit.* Lo conozco gracias a una copia que debo a la exquisita amabilidad de mi ilustre amigo y colega el citado Dr. Da Silva Ribeiro, a quien repito aquí mi agradecimiento.

Termina, como todos, con la muerte de la pobre bestia y con el testamento, en que se reparten todas las partes de su cuerpo. Hay, sin embargo, algunas diferencias dignas de notar en el contenido de las disposiciones testamentarias. Tanto en los testamentos de La Palma como en el que hemos visto de Beira, figuran como beneficiarios únicamente vecinos del pueblo; en éste de las Azores, en cambio, los principales herederos son otros cuadrúpedos. «vecinos o parientes» del causante:

Deixo a minha cabêça,
a que nunca faltou tino,
ao cavalo do João Biscaia
porque ele tambem é meu primo.

Agora o resto que fica,
até mesmo o coração,
é p'ra minha velha amiga
a burra do Alemão.

Por último, podrían señalarse otras diferencias: el testamento azoreano está compuesto en *cuadras* como el portugués continental ya visto, y no en romance como los de La Palma. Además, éstos suelen estar concebidos en forma autobiográfica, mientras que, en el azoreano, es el supuesto notario quien redacta y da lectura al documento.

¿De dónde llegaría, pues, a La Palma la idea de componer estos testamentos de bestias? ¿Llegaría de Andalucía, como ya supusimos? ¿Arribaría de Portugal, directamente o por mediación de sus islas? Por una y otra vía arribaron a Canarias numerosos e importantes elementos de su cultura. Algunos de éstos, es posible, incluso, que llegaran por ambos caminos. Así, importaciones análogas de diversas procedencias se entrecruzan y completan en el ambiente limitado de las islas. En el caso presente, mientras no se tengan datos más precisos, habrá que limitarse a consignar los hechos y sus relaciones, tal como se ha visto.

Otro aspecto que convendría aclarar con investigaciones más detenidas es el constituído por la determinación

del área en que la costumbre de los testamentos es conocida. ¿Se conoce en alguna zona importante de Andalucía? ¿Existe, en Portugal, en más lugares que los registrados por el Dr. Lopes Dias? ¿Se podría, por último, pensar en una amplia zona lusitano-andaluza de esta costumbre, derramada de allí a las islas del Atlántico?

Más al Norte, en Galicia, parece que han existido testamentos, si no de burros y mulos, sí de otros animales. Puede comprobarse su existencia en el *Cuestionario del Folklore Gallego* citado por Menéndez Pelayo en su *Antología de poetas líricos castellanos* (5). En él aparecen citados, entre los romances jocosos, *O testamento do Gato* y *O testamento do Galo*. ¿Guardarán alguna relación con los testamentos de caballos y mulos? Sin conocer su contenido, es imposible, como se comprenderá, traspasar el umbral de la simple interrogación.

Formando grupo con ellos, aparece, además, *O testamento do Antroido*, del que tampoco se reproduce sino el título. Sería, también, en alto grado interesante poder conocerlo íntegramente, por la posibilidad de relacionarlo con los testamentos que estudiamos. Ya hemos visto que, tanto en Portugal como en sus islas, los testamentos de bestias están vinculados a la celebración del antruejo.

Por último, en Francia, en los *Lais de Maître François Villon*, más conocidos por el título de *Petit Testament*, nos encontramos, salvadas las naturales distancias, con una obra de estructura análoga a las que estudiamos. El inquieto maleante y magnífico poeta acribilla a sus contemporáneos con dardos satíricos mediante la ficción de los legados que un moribundo hace antes de abandonar la vida. Entre las cosas que reparte con intencionada malicia, se encuentran marcas o muestras de establecimientos, de tabernas, de cabarets, pero también sus bienes y objetos de uso personal, como sus viejos zapatos y hasta residuos del propio aseo, como las re-

(5) Vid. ed. 1945, tomo IX, págs. 314 y sigte. El *Cuestionario* fué editado en Madrid por R. Fe, en 1885.

cortaduras de sus cabellos. En este cuadro facticio del *Petit Testament*, así como en el *Grand Testament*, es donde Villon, considerado, en general, como el primer poeta francés, que en el siglo xv se muestra ya francamente moderno, aparece más ligado todavía a la Edad Media. Este aspecto tradicional de los *Testaments* y el haber sido escritos precisamente en la época en que el autor convivía con individuos de los bajos fondos sociales nos hacen concebir la sospecha de la existencia de testamentos en la literatura popular francesa. De ellos pudo Villon tomar idea para los suyos. Se nos hace difícil juzgarlo completamente original en la estructura de estas dos obras. Refuerza esta suposición, el encuentro, dos siglos más atrás, en la misma Francia, de un título que parece relacionarse estrechamente con nuestros testamentos de bestias: el del conocido *Testament de l'ane*, atribuído a Ruteboeuf. La estructura de este célebre fabliau, así como la manda testamentaria que en él figura —no constituída por cuartos del cuerpo del causante, sino por buenas monedas de oro—, y la intención satírico-religiosa, muy de aquella época, es verdad que lo apartan bastante de los vulgares e improvisados testamentos que hemos examinado. Sin embargo, ¿no cabría imaginar la existencia de un amplio cauce tradicional común a todos ellos? Muy bien pudieron entrecruzarse, y hasta juntarse, sus raíces en la abigarrada epopeya animal de la Edad Media, y aun penetrar, más atrás, hacia los orígenes de ésta y de los fabliaux. La determinación y precisión de todas estas fuentes y relaciones quizá resultase labor hacedera con un abundante material bibliográfico; en el apartado lugar en que estas líneas se escriben —¡sin una biblioteca!— es de todo punto imposible.

* * *

Otro aspecto de estos romances vulgares muy digno de atención y estudio es el representado por su abundante contenido dialectal. Un contenido de valor auténtico y exacto. En estos romances no hay, como pudiera temerse, un inten

to de imitación, exagerada y caricaturesca, del habla rústica de Canarias. En las islas no han faltado —ni faltan— poetas cultivadores de una jerga campesina rebuscada y artificiosa, con intenciones casi siempre festivas o satíricas. Pero en los *testamentos* no nos encontramos con esta labor falsificada, de un valor científico muy bajo. Los *testamentos* están compuestos por auténticos campesinos, y es la propia habla rústica la que en ellos campea; el habla natural y corriente de los medios rurales, sin deformaciones que exageren o disimulen su rusticidad característica. Ni siquiera la tendencia a la ultracorrección, tan propia y explicable en los romances vulgares, se muestra en un grado superior al de la realidad. Unicamente en la invocación inicial, se advierte cierta manoseada afectación literaria ajena al sobrio y espontáneo decir del pueblo. Mas la intensidad con que se destaca de las demás partes del romance es, más bien, una clara prueba de la autenticidad de éstas. Las invocaciones de los romances vulgares están constituídas, en general, por una serie de fórmulas tradicionales ya estereotipadas que, en conjunto, forman clisés fácilmente intercambiables de unos a otros romances. Podemos, pues, aceptar los *testamentos* como reflejo fiel del habla rústica de La Palma, sin otra salvedad que dejar un poco al margen ese preámbulo constituído por la invocación formularia, que, en algunos casos, apenas se relaciona con el romance mismo.

Como comprobación de este indudable valor dialectal, voy a transcribir a continuación uno de estos curiosos e interesantes *testamentos*. Se refiere a un mulo que murió en 1902 en el pago de Monte Breña (Mazo), y fué compuesto por Diego Pérez Díaz, vecino de dicha villa y verdadero pozo de romances propios y ajenos. Este amable anciano, de cuyos labios he recogido buena parte de su inagotable tesoro, anda actualmente por los setenta y cinco años de edad, y conserva en envidiable estado tanto sus fuerzas físicas como sus facultades mentales. En estos mismos días en que escribo los presentes comentarios, anda él enredado en la composición de no sé qué *escoplias* de circunstancias.

Mas antes de insertar aquí el indicado romance, me parece oportuno ordenar, en forma resumida, el contenido dialectal del mismo. Así, al leerlo, se podrá ir fácilmente comprobando cómo están representados en él casi todos los elementos constitutivos del dialecto canario.

Lo que primero debe señalarse, por representar el factor más decisivo de la rusticidad característica del habla campesina palmera, es el importante grupo de formas determinadas por fenómenos fonéticos no extraños en su mayor parte, al español vulgar de diversas regiones peninsulares. Así, por ejemplo, formas producidas por aféresis: *hora* por *ahora*; por síncopa: *desparecer* —aunque es forma admitida por la Academia—, *alredor*, *petrechos*, *mieo*, *cumplío*, *sofocao*, *pasao*; por apócope: *contesta* por *contestación*, *pa* por *para*, *almú*; por epéntesis, determinada por analogía: *cayí* por *caí*; y al contrario, por reducción con fines ultracorrectos: *traeron* por *trajeron*; por metátesis: *cabresto* e *insencio*; por asimilación: *longabardos*: por disimilación: *prencipio*. Hay que incluir en este mismo grupo las formas resultantes de aspiración de la *h* inicial: *jocico*, *joya*, *jacienda*, *juma*; de equivalencias acústicas: *güeso*, *güele*, *güerta*: de cierre de la vocal inicial inacentuada: *dispués*, *sipultura*, *intierro*, *suciego* (este fenómeno está a veces determinado por la influencia de la *yod* siguiente). En algún caso —*orizo* por *erizo*— el trueque de la vocal inicial inacentuada no está producido por un fenómeno de cierre. Y análogamente, no faltan ejemplos, como el de *Satornina*, en el que la vocal inacentuada interior, en lugar de seguir la general propensión a relajarse y reducirse, se abre y se refuerza, quizá por hallarse en sílaba trabada por *r*. Otros cambios fonéticos frecuentes en el habla vulgar isleña los encontramos en *bocanero* por *mocanero*, donde aparece, además, un ejemplo del sufijo *-ero* de que tanto se usa y abusa en las Islas (en el mismo *testamento*: *armadero*, *maretero*, etc.); en *celebro* por *cerebro*, *caravélico* por *cadavérico* y *gorgüelo* por *gargüero*. En *caravélico*, además de la sustitución de *r* por *l* entre vocales, hay un

caso de trueque de la *d* por *r*, como en *barajo* por *badajo*, aunque este cambio en *caravélico* podría explicarse mejor por etimología popular. Y en *gorgüelo*, el cambio del elemento onomatopéyico *garg-* por la raíz *gorg-* (de *gurga*). Por último, debe registrarse la palatalización de la *t* hasta dar *ch* en *chu* «tío», que en La Palma presenta, además, las formas con sinéresis *tió* y *tiá*, que, con la palatalización indicada, dan también *cho* y *cha*.

Como casos corrientes de fonética sintáctica merecen anotarse: *po'l*, «por el»; *p'un*, «por un»; *p'una*, «por una»; *p'onde*, «por donde»; *l'alcalde*, «el alcalde»; *l'intierro*, «el entierro».

Para el estudio del nombre en el habla vulgar de Canarias, ofrece interés el cambio de la vocal final para señalar mejor el género, *parcho* por *parche*, o para adaptar un nombre a un sexo contrario al usual, *brevo* «apodo de un hombre» y *nuero* «yerno». Y el empleo casi exclusivo del sufijo *-ito*, *-ita*, para la formación de los diminutivos, *crucita*. En algún caso, *carnerito* «osario», la forma diminutiva se emplea con valor positivo.

Entrando ahora en el estudio del léxico del *Testamento*, habrá que señalar en primer lugar un pequeño grupo de formas que, con alguna de las alteraciones fonéticas ya indicadas, fueron empleadas con valor literario por los autores de la Edad de Oro española y hoy sólo circulan como vulgarismos: *dende*, *mesmo*, *cas*, *rebatar*.

Entre otros elementos léxicos, merece indicarse la derivación de nombres verbales de significados arcaicos de algunos verbos: *fletación* «fricción», del valor de «frotar, dar friegas» que *fletar* tiene todavía en Chile y Guatemala (*Dicc. Acad.*). *Cuasi*, aunque figura en el *Dicc. Acad.* sin ninguna indicación restrictiva de su uso, es forma anticuada que ha sido desplazada del uso general por *casi*.

Un grupo interesante de voces dignas de anotación y estudio está constituído por las que presentan cambios semán

ticos de importancia: El adjetivo *limpio*, aplicado a la carne, designa la magra, sin hueso; la que lo tiene se llama generalmente *carne sucia*. *Guisar* vale por «cocer»; todo el mundo lo emplea: *leche guisada*, *papas guisadas* por «leche hervida», «papas o patatas cocidas» (6). *Recalcar*, con el valor de sufrir un esguince en cualquier articulación. Es, con frecuencia, respecto de las articulaciones del pie o de la pierna, el resultado de lo que en Andalucía se entiende también por *recalcarse* «dar un paso en falso por mala postura del pie o por falsear el terreno, lo que obliga a inclinarse violentamente de lado» (ALCALÁ VENCESLADA). *Medianero*, con el significado de «aparcero» como en Puerto Rico. No me decido, sin embargo, a suponerle un origen portorriqueño a este valor de *medianero*, porque las corrientes culturales más bien aconsejan pensar lo contrario. En Puerto Rico, especialmente entre los habitantes de las regiones de «Quebradillas, Isabela, Camuy y Hatillo, prevalecen los canarios y sus descendientes» (7). Puede pensarse en un origen canario de este significado de *medianero*, si no es acepción conocida ya, como creo más bien, en alguna región de la Península. *Tambor*, con el valor de «tamboril»; esta forma, «tamboril», no es popular en La Palma. *Mareta*, voz recogida ya por MILLARES, en Gran Canaria, con el significado de «depósito de agua de cortas dimensiones, estanque pequeño», designa en La Palma «cada uno de los pozos abiertos a poca distancia de la orilla del mar con una profundidad casi siempre muy reducida, pero suficiente para que, en los reflujos, el agua se eleve desde el fondo hasta cierta altura; la conveniente para sumergir en ella una regular cantidad de *chochos* «altramuces», con el fin de que se «curtan» o «endulcen». Al frente de un grupo de *maretas* está el *maretero*, que, en una choza levantada en la misma playa, como habitación y

(6) Cfr. Sebastián de Lugo, *Colección de voces y frases provinciales de Canarias*. La Laguna, 1946.

(7) Cfr. María Cadilla de Martínez, *La poesía popular en Puerto Rico*. Cuenca, 1933, pág. 213.

puesto de guardia, recoge los «chochos amargos» que le llevan los vecinos y se los devuelve a su debido tiempo, ya curtidos o endulzados. *Armar* «acompañar la bebida con algún *armadero* «encurtidos, aceitunas, etc.». *Pajero* «establo, cuadra». *Bichillo* «solomillo». No incluyo *establecimiento* «comercio, tienda» en este grupo de voces con cambios semánticos porque con dicho valor figura, como de uso general, si no en el léxico oficial, sí en otros diccionarios españoles.

Como galaico-portuguesismos, deben señalarse: *iscado* «amagado de enfermedad»; *rendir* «herniar»; *payo* «panza, barriga, vientre» y *torno* «tapón, por lo general de madera de palma, en los fondos o cabezas de las pipas o barricas» En casi todos se advierten ligeras desviaciones semánticas respecto del valor de las formas portuguesas de que se derivan, pero, no obstante, la relación parece indudable. Ya se verá con más detalle y precisión más adelante. Las acepciones canarias de *canga*, *clin* y *verija* se muestran también más conformes con las definiciones de los diccionarios portugueses que con las de los españoles.

Otro de los elementos integrantes del léxico canario del que aparecen muestras en el *Testamento* que estudiamos es el representado por los americanismos. Esta consideración merecen *empella* y *potrero*, voces ambas que en Canarias únicamente se oyen en boca de personas que han vivido algún tiempo en América, como el autor del *Testamento*.

El factor indígena parece mostrarse, por fin, en *tadaigo*, nombre de un arbusto, y *mocanero*, árbol cuyo fruto es el *mocán*.

De todas estas voces, se encontrarán más detalles en las notas de pie de página ilustrativas de la transcripción del *Testamento*. Aquí, como se advirtió al principio, sólo se ha intentado presentar una esquemática ordenación de conjunto.

TESTAMENTO DEL MULO

PRIMERA PARTE

Tengan compasión y duelo
del muerto que está en el suelo (8).

El mar detenga sus olas,
el sol vístase de negro,
el día vuélvase noche
anunciando sentimiento.
Cúbrase de luto el aire;
guarden los mudos silencio.
Oído pido a los sordos;
la vista pido a los ciegos;
atención pido a los bobos
y silencio a los discretos.
Al dios de los longabardos, (*sic*)
pido que me dé su acierto
para que referir pueda
una histor'a en breve tiempo,
pues voy a tratar de un mulo
que nació en mil setecientos (9).
El año de veintidós,
el día siete de enero,
fuí nacido en Santa Cruz (10),
donde dicen el Realejo.
Fuí querido en mis prencipios;
mas, como dice el proverbio
que los goces de este mundo
todos son perecederos,
cuando menos lo pensaba,
me trataron, me vend'eron;
vine por trampas y engaños
aquí, a este suelo palmero,

(8) Este pareado constituye el «responder» o estribillo del romance. Se repite por el coro cada cuatro versos, y no hay romance en La Palma que no tenga el suyo. He recogido cerca de un centenar y ya he terminado un breve estudio sobre ellos que publicaré próximamente.

(9) Hace el autor más lejana la fecha del nacimiento del mulo, que, como se ha dicho, murió en 1902, porque con ello le parece que le da más importancia al asunto.

(10) Da a la isla de Tenerife, por confusión o ignorancia, el nombre de la capital.

a parar a las Mesitas,
en un áspero terreno,
en un barrio desgraciado,
habitado por barqueros,
donde un almú de cebada
no se ha visto en ningún tiempo;
es que de trigo tampoco,
y mucho menos centeno;
y creo que el otro grano
pa nada lo nombraremos,
que allí un grano no se ha visto
ni por un vidrio de aumento.
Mas poco tiempo pasó
sin que cambiase de dueño.
Donde dicen la Crucita,
fué verdad que me traeron.
Es cierto que allí encontré
más estrechos los graneros;
otra ración no me echaban,
sólo tadaigos (11) y insencios (12):

(11) *Tadaigo*. Arbusto propio de las zonas costeras. Su madera rojiza sirve para caños de cachimbas, tranquillas de collares de cabras, etc. Es planta forrajera. Y, por lo visto, muy conocida en los campos de La Palma. Véase también en esta copla recogida en Fuencaliente:

Este año es un año bueno,
que está la costa mojada,
que revientan los tadaigos,
mudan los burros la lana.

Según Alvarez Delgado, *Ecero*, en «Rev. de Historia», La Laguna de Tenerife, tomo XII, 1946, pág. 159, también se conoce con el mismo nombre en El Hierro. Viera y Clavijo lo describe en su *Diccionario de Historia Natural de las Islas Canarias*, Santa Cruz de Tenerife, 1942, sub *Azaigo*, «planta que también se suele llamar «tazaigo» entre nuestros paisanos» y dice que es la *Rubia tinctorum*, Lin. Luis Diego Cuscoy, *Excursión a los concheros de Teno*, en «Rev. de Hist.», t. XI, 1945, página 430, da a esta planta los nombres de *azaigo*, *tasaigo* y *jaseigo*. Pero el *tasaigo* aparece, por otra parte, clasificado como *Rubia fructicosa* Ait., peculiar de Canarias. ¿Existen dos especies parecidas o hay sólo una, y, por lo tanto, *tadaigo* y *tasaigo* son sinónimos? Esta es cuestión que no puedo resolver ahora y que dejo para los especialistas. *Tasaigo* está considerada por varios autores —Berthelot, Millares— como voz de procedencia indígena. Viera y Clavijo dejó también escrita una *Memoria sobre la Rubia silvestre del país, llamada vulgarmente Tayzaygo o Raspilla, su uso para el tinte de lanas, y su cultivo*, etc. Se conserva, en copia ms. hecha por D. Luis Maffiote, en la biblioteca del Museo Canario, de Las Palmas de Gran Canaria, secc. Maffiote.

(12) *Insencio*, metátesis de incienso. La *Artemisia canariensis*. Less.

sarmientos algunas veces
y gajos de bocanero (13).
Cuasi siempre me tenían
suelto en la Joya del Mieo..
Días, meses y semanas,
siempre las cargas traendo,
con que mi dueña surtía
un gran establecimiento.
Mas poco tiempo pasó
sin que cambiara de puesto:
Marchamos a La Sabina,
rico cuartel de este pueblo.
Allí estuve varios años
siempre con el mismo empleo.
Los trabajos que pasé,
aparte los dejaremos,
y volvamos a mi casa
a referir el suceso...
Al cabo de pocos meses
de estar aquí de regreso,
en mil novecientos dos (14)
—atención pido de nuevo
pa referir los pesares
que luego me acontecieron—
me encontraba un poco iscado (15)
del maldito pasmo negro (16)

(13) *Bocancro* o *mocanero* —la alternancia de *m* y *b* es corriente en el habla vulgar— es la *Mocanera Canariensis Visnea*. Lin. hijo. Arbol endémico y privativo de Canarias.

(14) Este muío era, por lo visto, un Matusalén de los cuadrúpedos: Nace en 1700 y muere en 1902. El autor del romance seguramente no puso estas fechas por descuido, sino con la intención ya indicada, o con una finalidad cómica.

(15) *Iscado* «amagado de enfermedad» es corriente en los medios rurales palmeros y, según mi amigo el Dr. Max Steffen, en los de Tenerife. En Portugal tiene un valor muy semejante. J. L. Roquette en su *Nouveau Dictionnaire portugais-français*, París, 1860: *iscado* «infecté (de la peste)». Y en todos los diccionarios portugueses —Figueiredo, Moreno, etc.— *iscar* «pôr isca em; untar, cevar» tiene además el valor figurado de «contaminar», del que parece derivar el que hemos visto en *iscado*. Esta voz se aplica también en La Palma al «fruto que tiene algún picotazo de aves o al que se le ha dado un pellizco». Lo registra Maffiote en su vocabulario canario, inédito. Sus papeletas, en la biblioteca de El Museo Canario, Las Palmas: secc. Maffiote.

(16) El *pasmo negro* no es ninguna clase especial de pasmo. El autor, por influencia de alguna otra enfermedad —vómito negro, por ejemplo— le aplica el adjetivo para hacer más grave la dolencia que aquejaba a la pobre bestia.

—de esta enfermedad y del hambre,
mucho tiempo hay que padezco—,
a la ciudad me llevaron,
y tanta carga me han puesto,
que, sin poder soportarla,
tres veces me caí al suelo.
Por último, me caí
en las puertas de mi dueña.
Iba un hombre po'l camino
y que entrara le dijeron.
Ayúdanme a levantar
dándome palos muy recios;
me sacan p'un callejón,
me meten en el pajero (17),
y, dispués de dentro estar,
muchos remedios me hicieron:
Me echaron seis lavativas,
tres por fuera y tres por dentro (18).
Viendo que nada valía,
me quitaron el cabresto;
del pajero me sacaron
dándome palos soberbios;
dispués de en la güerta estar,
recuerdo que me dijeron:
Salta y ándate liviano,
que hora vas para el potrero.
Yo, que confiado salté,
de una pared cayí al suelo;
quebréme por la cintura:
mis dos piernas se partieron:
rendime (19) p'una verija,
recalcándome (20) el pescuezo;

(17) *Pajero* «cuadra, establo». Es voz corriente. Góngora parece emplear la voz *pajar* con el valor de «establo» en los siguientes versos citados por Bernardo Alemany Selfa en *Vocabulario de las obras de Luis de Góngora*, Madrid, 1930, sub *pajar*:

Aunque entre el mula e il vaquilio
Nacer en este *pajar*
O estrelias mentir, o estar
Califa, vos chequetilio.

(18) Disparate con finalidad cómica.
(19) *Rendir* «herniar». En port., *render* «adquirir hérnia».
(20) *Recalcar* «sufrir un esguince en cualquier articulación». Véase más arriba el valor que tiene en Andalucía, según Alcalá Venceslada.

caravélico, difunto,
quedé, más que vivo, muerto.
Dentro de un parral metido,
muerto el mulo dejaremos,
y pasemos a dar cuenta
al amo de este terreno.
Don Sebastián Arozena,
de la ciudad un caballero,
tiene una finca en el campo,
y tiene de medianero (21)
al señor Pepe Cabrera.
Este, dende que le dieron
la noticia que tenía
en la finca el mulo muerto,
cas l'alcalde se encamina
a dale parte corriendo:
Vengo aquí, señor Alcalde,
atienda lo que le advierto,
de que la Cornica tiene
en la finca el mulo muerto.
Usté mande que lo saque,
pues ya sabe que no quiero
que en la finca de mis amos
al mulo le den entierro.
El alcalde le contesta
diciéndole: Caballero,
tranquilícese, don Pepe;
refrésquese su celebro.
Yo le voy a dar contesta,
póngase de pie derecho:
Vaya usté casa Genaro,
séptimo alcalde del pueblo,
y de mi parte le dice
qu'el bastón del cordón negro
lo empuñe y, con éste, salga
los testigos recogiendo.
Llegó casa de Romualdo,
que fué el testigo primero;
llamó por Manuel Morera;
luego por José, su yerno,
y los cuatro en procesión
marchan al lugar del hecho.

(21) *Medianero* «aparcero». Igual en Puerto Rico, como se ha visto.

Llamó Genaro a la vieja,
y diciéndole muy serio:
En el tiempo de diez horas,
que es el plazo que le dejo,
tiene que enterrar el mulo
y quitarlo de lo ajeno.
El alcalde se despide,
y Satornina, al momento,
anda todos los vecinos,
más veloz que el pensamiento.
A todos, uno por uno,
fué suplicando y diciendo:
¿Tú me ayudas a enterrarlo?
Todos dicen: No me atrevo.
Viendo que en el Monte Breña
no halló gente pa'l entierro,
a loca se rebató,
perdiendo todo sociego.
Salió pa tirarse al mar,
mas la vió Vicente el Brevo
y corriendo fué a atajarla
a la jacienda de Fierro.
La atajó y se la llevó
al Alcalde del Lodero;
se la entregó sofocao,
estas palabras diciendo:
Tú de ella te harás cargo,
y despareció corriendo.
El Alcalde le pregunta,
ya de risa cuasi muerto:
¿Cuál es la causa o motivo
de la tristeza en que os veo?
Es que quiero que me dejen
recorrer todo el trayecto
para contar mis pesares
en el cuartel del Lodero.
Le dió el Alcalde el permiso,
y marchó cas de Juan Brevo
y cas de Manuel Palomo;
cas de Chepito lo mesmo.
Marcha cas de tió Agustín,
que aunque no es sepulturero,
a ver si quería venir
a darle sepulcro al cuerpo.

Dispués de muchas promesas,
todos que sí le dijeron.
Ella, con esta esperanza,
recobró todo el suciego.
Quedan todos avisados
pa la noche del entierro.
Y el mulo, dentro el parral,
muerto está pero diciendo
que no le den sipultura
sin hacer el testamento
y dejar a los vecinos
un pedazo de su cuerpo;
de carne, para comer,
ya que no dejó terreno.
Esta es la primera parte,
y en la segunda prometo
que bastantes probarán
la carne del mulo muerto.

SEGUNDA PARTE

En el suelo estoy caído,
muerto y no pierdo el sentido (22).

Ya dije en la primer parte
como dejo referido.
Y ahora voy en la segunda
a dar claro el contenido,
porque quiero ver si puedo
conformar a mis vecinos,
y que no quede ninguno,
de mí, mal agradecido.
Y para el caso abreviar,
hora qu'el notario vino,
y voy hacer testamento,
siéntese sobre este risco.
Que a mí cruces no me pinten,
porque no entiendo esos signos;
lo que quiero que me pinten
es un cuerno retorcido.
Y empiezo po'l espinazo,
qu'es la quilla del navío,

(22) *Responder* de la segunda parte.

que se lo dejo a Romaldo
p'arreglar el barco chico.
En segunda, Doña Petra,
que muchos favores me hizo,
que me daba los manchones
pa correr con alvedrío,
seis libras de carne limpia (23)
de la pierna le remito.
También a Manuel Morera,
qu'es un maretero (24) antiguo,
éste le dejo el pizpierno (25)
para asar o comer frito.
Para su hija María,
pa que le lleve al padrino,
le dejo en el testamento
kilo y medio de bichillo (26),
que, como todos sabemos,
es pa don Lorenzo Grillo.
Y al nieto de las Barreras,
el que le dicen Isidro,
éste le dejo el cogote
para una canga (27) de tiro.
También a Félix Rechupa
la cabeza le remito,
pa que le sirva de banca,
que es un zapatero fino.
También a José Carmona,

(23) *Carne limpia*, como se dijo, «carne magra, sin hueso».

(24) *Maretero* «encargado de una o varias *maretas*». Véase lo que se ha dicho más arriba de una y otra voz.

(25) *Pizpierno*. No he hallado quien me precise el valor de esta voz en La Palma. En la Villa de Mazo, en la cual el romance fué compuesto, se emplea mucho *pizpierno* con valor despectivo y un vago sentido figurado de cosa pequeña, enteca, raquítica. De una mujer, incluso, que se casa con un hombre de poco partido y figura poco airosa, se dice que se ha casado con un *pizpierno*. *Pizpierno* tiene, además, cierto valor amplio de carne mala, cargada de tendones y muy escasa en parte magra. «No me dieron sino *pizpierno*» dice en son de queja el comprador de carne que la recibe de la clase indicada. Con terminación femenina, *pizpierna* —seguramente por etimología popular— es, también en Mazo, «el conjunto de músculos comprendidos entre la rodilla y la articulación con el tronco en cualquiera de las extremidades de una bestia». El *Dic. Acad.* lo registra como leonesismo con el valor de «brazuelo del cerdo, y especialmente, su carne curada». García Rey, *Voc. del Bierzo*, ed. 1934, lo da con igual valor y con el de «patas del cabrito, cordero, etc.».

(26) *Bichillo* «solomillo». Cfr. Zerolo, *Legajo*; Millares, *Léxico*; y *Dicc. Salvat.*

(27) *Canga* «yugo del pescuezo para dos animales».

que ayer llorando me dijo
que le guardara el vergajo
pa una caña, que es marino,
y no se lo puedo dar
porque también Pancho Pijo
ya me lo tenía encargado
con bastante compromiso.
Vamos casa de Genaro,
Alcalde d'este distrito,
a llevarle la ración,
porque el mulo mismo dijo
que, si él pudiera pagarle
como está de agradecido,
el corazón de las tripas (28)
se lo dejara todito,
ya que al fin mi sipultura
por su respeto se hizo.
Le dejo un kilo de sebo
pa dejarlo complacido,
y, si con lo que le dejo
él no queda complacido,
le dejo treinta y tres p...
pa que arme (29) y tome vino.
Dejaremos a Genaro
y vamos cas de Cirilo:
Le dejo en el testamento
cuatro kilos de tocino
para que guise (30) con coles
y con rábanos tardíos.
Vamos cas de Vitoriano,
otro cercano vecino,
que a convidar pa'l intierro
fueron a su hijo Jacinto,
y no quiso acompañar,
y bastante mal lo hizo,
porque mañana o pasao
viene pa lomo del Pino.
Como no vino al intierro,
le niego todo servicio:

(28) *Corazón de las tripas*, eufemismo por «excremento».
(29) *Armar* «acompañar las bebidas, al tomarlas, con *armaderos* «aceitunas, tapas de embutidos, mariscos, etc.»
(30) *Guisar* «hervir, cocer». Es de uso corriente. Cfr. Sebastián de Lugo, *Colección*, La Laguna, 1946.

para su padre le dejo
de la rodilla al tobillo
pa que haga una maseta
y no aprete a puño limpio
los tornos (31) que puestos tiene
en las pipas y le digo.
En la bodega de arriba
y en la jacienda de Brito,
vamos cas de José Antonio,
alcalde de otro partido;
éste le dejo la empella (32)
de alredores del ombligo
pa dale una fletación (33)
de la molleja (34) al tobillo
para ver si se endereza
porque está un poco torcido.
¡Caracoles, me olvidaba!:
medio cuero a Lagartijo,
pa cuando va a las maretas
se tape y abrigue el frío;
y el otro medio que queda,
para el hijo de Cirilo
pa los parchos del tambor (35)
para cuando nasca el niño;
y que saque una correa
y se la dé a chu (36) Francisco
para que haga un braguero
el nuero del viejo Pijo.
Dispénsenme que hora voy
a repartir más seguido:
Dejo un ojo a Pepe Méndez
pa que pueda ver el hilo;

(31) *Torno* «tapón, por lo general de madera esponjosa, que se pone en los fondos o cabezas de las pipas en las bodegas». Las llaves sólo se emplean en los comercios en que se vende el vino al detalle o por menor. En port., *torno de pipa* «robinet». Cfr. Roquette, *ob. cit.*

(32) *Empella* «manteca de puerco tal como se quita de él». Según el *Dicc. Acad.*, se emplea en Colombia, Chile y Méjico. En Canarias no se matan y descuartizan mulos ni caballos; los animales que más se sacrifican son los bueyes y los cerdos y, por consiguiente, es la anatomía de éstos la que el autor tiene presente cuando reparte el cuerpo del mulo.

(33) *Fletación* «fricción, friegas». Véase lo dicho más arriba sobre esta forma.

(34) *Molleja* es corriente en el campo con el valor de «mollera».

(35) *Tambor* «tamboril».

(36) *Chu* «tío». Véase lo que más arriba se ha dicho sobre esta forma.

una pata a Blas Palmero
para el cabo del martillo;
el redaño, pa Fidela
para adornar un vestido;
la albarda y los aparejos,
se los dejo a tiú Narciso;
la cadena del cabresto,
a los hijos del Chepito.
Me olvidé de la plomada (37),
que es de José Antonio Pijo.
Y también a Wenceslado,
yerno de Antonio Remijo,
la azadura y los riñones,
que está medio decaído.
Y la tripa del gurgüelo (38)
se la dejo a Antonio Sixto
pa que haga unos anteojos
de dos metros de cumplío.
Dejo las clines (39) del rabo
a mi abuela, pa unos lisos;
y también a Pepa González,
muelas, dientes y colmillos;
y el payo (40) a Pepe Cabrera
pa una cuna de los niños.
Dejo a tiú Francisco Santos,
de bastante compromiso,
los pulmones pa que pueda
hablar por esos caminos;

(37) *Plomada*, eufemismo por «testículos».

(38) *Tripa del gurgüelo*. Seguramente el esófago. *Gurgüelo* «garguero o gargüero». En Asturias, *gargüelo*, según Acevedo y Fernández, *Vocabulario del Bable de Occidente*, Madrid, 1932, sub *gorgoleiro*. Como se ha dicho más arriba, en *gorgüelo/gurgüelo* se ha cambiado el elemento onomatopéyico *garg-* por la raíz *gorg-*.

(39) En español parece que *crines* o *clines* son únicamente las cerdas que algunos animales tienen en la parte superior del cuello. En Portugal, en cambio, *clina* «pêlos do pescoço e cauda do cavalo ou doutros animais».

(40) *Payo* «panza, barriga vientre». Aunque es voz bastante usada en los medios rústicos de La Palma, y es de suponer que también en los de las demás islas, sólo la registra Juan Reyes Martín en su *Serie de barbarismos, solecismos, aldeanismos y provincialismos que se refieren especialmente al vulgo tinerfeño*, Santa Cruz de Tenerife, s. a. Seguramente se relaciona con el port. *paio* «carne de porco ensacada em tripa de intestino grosso» y con el león. *bayos*, «partes de tocinó gordo del puerco, que se derriten para manteca».

a Eugenio, la pajarilla,
y lo dejo por escrito,
que éste le hizo un favor
a mi dueña en el jocico
un día de carnaval
casa las de Pedro Grillo,
que le dió unos bofetones
y bastante bien lo hizo;
a Josefa Bentancora,
unos chicharrones fritos
pa enamorar con León
cuando viene a buscar vino;
pa la monja Bentancora,
vara y media de cañizo (41);
también a Pedro Cabrera,
el güeso del tarabico (42)
pa que mate las morenas,
que éste es el gato marino (43).
Diez kilos p'onde los pida
me le dan a Maurício,
que éste me dió sepultura
y d'el vivo agradecido,
que me tiró tierra al c...
y dijo que dentro ha caído.
Para mi dueña le dejo
los olores a podrido,
que ahora mi sipultura
güele como el carnerito (44).
Los sesos, lengua y orejas,
con otros petrechos chicos,
éstos se los dejo todos
al que el testamento hizo.
Y si mañana o pasado
hubiera algún compromiso,
donde el Alcalde me llame,
al mismo Alcalde le digo
que el testamento fué hecho
bajo una juma de vino;
y si acaso hubiera alguno

(41) *Cañizo*, «el rabo desprovisto de la piel».
(42) *Güeso del tarabico*. Según el propio autor, hueso imaginario, que incluye entre los del animal con el único fin de hacer gracia.
(43) *Gato marino*. Lo llama así por su destreza para pescar morenas.
(44) *Carnerito*, «carnero, osario». Sólo se usa en la forma diminutiva. Es de empleo general.

que no quede complacido
y quiera darme las quejas,
las dará esta tarde mismo;
ya mañana será tarde,
que hoy mismo entra en el archivo;
antes firmo el testamento
en unión de los testigos;
y por si acaso mi nombre
no lo tienen aprendido,
firmo que soy Ajo Porro,
Castaña, Breva y Orizo.
Ya acabé mi testamento,
ya al otro mundo camino;
adiós, pues, señores todos,
ya de todos me despido,
que ya voy a descansar
por un siglo y otro siglo.
Antes de finalizar,
aquí, al notario rendido,
pido perdón de las faltas
y los yerros cometidos,
que si en estos fueron grandes,
en otros serán más chicos.

JOSÉ PÉREZ VIDAL.

Santa Cruz de La Palma.

El testamento en la tradición popular

Este testamento del mulo ofrece analogías con el tradicional «Romance del Marinero», que en muchas versiones se halla fundido al romance infantil de Santa Catalina, *Al subir Catalinita, cayó un marinero al agua*, que cantan las niñas, y en la mayoría de las variantes el testamento del marinero se reduce a entregar «el alma a Dios y el cuerpo a la mar salada». Existen, sin embargo, otras versiones, como las siguientes, que conservan con más detalles el «testamento», y que constituyen además un romance independiente:

Voces daba un marinero,
voces daba, que se ahogaba.
Le respondiera el demonio,
del otro lado del agua:
¿Cuanto dabas, marinero
a quien te saque del agua?
—Eu darei os meus navios
cargadiños de oro y prata.
—Non che quero os teus navios
nin o ouro nin a prata,
quero que cuando te mueras
a mi me dejes el alma.
—Mi alma la dejo a Dios
y a la Virgen Soberana.
y la cabeza a los peces
y a los gusanos del agua,
para que con ella...
hagan ellos su morada.
Los ojos los dejo a un ciego
pra que vea por onde anda,
y los oídos a un sordo
pra que sepa lo que hablan.

La lengua la dejo a un mudo
pra que sepa lo que habla.
Los brazos a un jornalero
pra que gane su jornada,
y los dedos a un gaitero
para que toque la gaita.
Las tripas las dejo a un músico,
para cuerdas de guitarra.

Recitado por Saturnina López, de 76 años. San Pablo de Correjanes (Orense).

Voces daba un marinero
bajo de la mar salada,
que clamaba a nuestro Dios
que le sacase del agua.
—Tres navíos traigo al mar,
cargaditos de oro y plata.
—Yo no quiero tus navíos
cargaditos de oro y plata,
quiero que cuando te mueras
a mí me mandes el alma.
—Arriba, arriba, demonio,
que de mí no sacas nada.
El alma mando a mi Dios,
que me la ha dado prestada,
y el corazón a María,
que es la Virgen Soberana.
Los ojos mando a los peces,
y las tripas a las ranas,
la cabeza a las hormigas,
que hagan casa en la muralla.

Recitado por Tomasa García Robles. Santelos (Oviedo).

Cuatro versiones de este romance recoge José M.ª Cossío y Tomás Maza Solano, en su *Romancero Popular de la Montaña*. T. II, pág. 199. Véase uno de ellos:

La mañana de San Juan
cayó una borrasca de agua,
de relámpagos y truenos,
que al mundo aterrorizaba.

—¿Qué me das marinerito
por sacarte de esas aguas?
—Yo te daré mis navíos,
cargaditos de oro y plata,
a mis hijos, que te sirvan,
y a mi mujer por esclava.
—Yo no quiero tus navíos
cargaditos de oro y plata,
ni a tus hijos que me sirvan,
ni a tu mujer por esclava,
que quiero, cuando te mueras,
que a mí me entregues el alma.
—Mi alma es para Dios.
Y el cuerpo para la nada.
Y el pellejo al sacristán,
para hacer una campana,
para que toquen a misa
por nuestras benditas almas.
Y los dientes a una vieja,
para que rumie castañas.

Recogido en San Miguel de Aras (Voto). (Santander).

He aquí los finales de dos versiones más.

.....
Yo no quiero tus navíos,
ni tu oro, ni tu plata,
quiero que cuando te mueras
a mí me entregues el alma.
—Mi alma la entrego a Dios
y a la Virgen Soberana.
Mi cuerpo, doy a los peces,
y a las anguilas del agua.
Las uñas, a un guitarrista,
pa que toque la guitarra.
Mis huesos, al campanero,
pa que toque las campanas.
Los dientes, para las viejas,
pa que ronchen las castañas.
El pellejo para el cura,
pa que se haga una sotana.

Oña. Burgos. En *Rev. Lusitana*, t. 30, p. 185.

.....
El alma no puede ser,
que a Dios la tengo entregada.
Mi cuerpo para los peces,
pa que coman carne humana.
Mi huesos para la iglesia,
pa badajo de campana.
Mi pellejo para el cura,
pa que se haga una sotana.
Mis dientes para mi abuela,
pa que masque las castañas.
Mi alma doy a la Virgen,
pa que vaya asegurada.
Y así se acabó la historia,
del marinero del agua.

Aranjuez (Madrid). En *Rev. Lusitana*, t. 30, pág. 184.

Como puede verse, el testamento del mulo tiene grandes semejanzas con las anteriores variantes del romance del marinero, de las cuales puede derivar.

La invocación de «El testamento del mulo»:

El mar detenga sus olas,
el sol vístase de negro,
el día vuélvase noche.

Recuerda este romance religioso recogido en Miño de San Esteban (Soria), y publicado en esta Rev., t. I, pág. 360.

Viste el sol bayeta negra
y la luna monjil basto,
capuces la tierra y cielo,
que son del muerto criados.
La noche colgó de luto
las paredes del Calvario.

El mulo empieza su testamento, teniendo presente la quilla del navío, para compararla con su espinazo:

Y empiezo po l'espinazo,
qu'és la quilla del navío,
que se la dejo a Romaldo,
p'arreglar el barco chico

En el testamento del marinero ¿no dispondría también del navío?

He aquí algunos fragmentos que pueden servir de comparación entre el «testamento del mulo» y el «romance del marinero»:

Dejo un ojo a Pepe Méndez,
pa que pueda ver el hilo.

Los ojos los dejo a un ciego,
pra que vea por onde anda.

También a Félix Rechupa
la cabeza le remito,
pa que le sirva de banca,
que es un zapatero fino.

La cabeza a las hormigas,
que hagan casa en la muralla.

Medio cueró a Lagartijo,
pa, cuando va a las mareas,
se tape y abrigue el frío.

El pellejo para el cura,
pa que se haga una sotana.

Y la tripa del gurgüelo
se la dejo a Antonio Sixto,
pa que haga unos anteojos
de dos metros de cumplío.

Las tripas las dejo a un músico
para cuerdas de guitarra.

Y también a Pepa González,
muelas, dientes y colmillos.

Mis dientes para mi abuela,
pa que masque las castañas.

El testamento de Maladrós.

En el nombre del gran Colme
que el alto crió y la tierra
y de su Madre bendita,
del claro estrellado Reina,
ordeno mi testamento
yo, Maladrós, en la trena,
puesto en el último paso
para vasir por sentencia,
etc.....

Digo que otorgo y conozco
por esta forma y manera
todo lo que aquí dijere,
presentes mis albaceas,
etc.....

quiero y es mi voluntad
que muca la fría tierra
en el corral de los Olmos,
do se junta la braveza.
Iten mando que mi farda
se venda en una almoneda
y den a la cofradía.
que aquí está dentro en la trena.
un cuero de tiple godo
con que consuele su pena.
etc.....

Se haga mi enterramiento
por el orden que convenga.
yendo mizo mi chulamo
y mi mandil Palomera.
con caperuzas de luto
y capuces de bayeta.
acompañando el navío
deshecho de la tormenta.
etc.....

De Juan Hidalgo, que recopiló los romances de germanía. En BAE, t. XVI; A. Durán, *Romancero*, t. II, página 584.

También aquí se compara el que hace el testamento con el navío, destruído por la tempestad.

Entre los testamentos de animales existen: «El testamento de la zorra», cuyo romance empieza: Atención, todos me escuchen..., registrado por A. Durán en su *Romancero*, t. I, página XCIII.

El testamento del gato:

.....
.....
Hicieron llamar al médico
juntamente al escribano,
hicieron el testamento
de todo lo que había robado:
siete libras de tocino
y otras tantas de pescado,
un tarrito de manteca,
para los días de fiesta,
y un tarrito de porotos
pa los días de alboroto.

Catamarca. I. Moya, *Romancero*, t. I, pág. 568.

Otra versión cuyo final es:

.....
Ya se murió ese traidor,
ya se murió ese buen gato;
en su testamento deja:
no me entierren en sagrado
.....
que me entierren en un campo
donde pacen las ovejas
toda la rueda del año.

Salcedo. Santander. Cossío y Maza Solano, *Romancero Pop. de la Montaña*, t. II, pág. 132.

PILAR GARCÍA DE DIEGO.

ARCHIVO

Vida del individuo

Tierra de la Gudiña (Orense)

Las edades del hombre

La vida humana, desde el nacimiento hasta la muerte, se puede considerar dividida, para su estudio, en las siguientes edades:

Meniño.—Desde el nacimiento a los tres años.

Rapá.—De los tres a los catorce años.

Mozote.—De los catorce a los diecisiete años.

Mozo.—Hasta casarse, o haber cumplido los cuarenta años.

Home.—De los cuarenta a los setenta.

Vello.—De los setenta hasta la muerte.

Concepción

Medios para evitar el embarazo.—Existen los dos siguientes:

1. Tomar diariamente, la mujer, una infusión de quina en cualquier líquido, preferentemente vino, en la proporción de una onza de quina por litro de vino. Dosis diaria, una copita mediana, tomada con preferencia al acostarse (1).

2. Durante la menstruación, comer diariamente una manzana del *alcipreste*. Remedio nada fácil de utilizar, porque las manzanas son de *pau* (1 a), el árbol que las produce está

(1) Información de Cecilia Fernández, de Carracedo.

totalmente erizado de espinas, sus ramas son muy largas y se hallan muy separadas; además, es requisito imprescindible cogerlas a mano, pues pierden su virtud si se derriban sacudiendo el árbol o utilizando cualquier otro procedimiento que no sea el manual (2).

Medios para conseguir la concepción.—El más eficaz consiste en tomar baños de mar. También da buen resultado ofrecerse la mujer al Santo de su devoción.

El embarazo

Si la mujer embarazada es casada, merece todas las consideraciones de sus familiares, que se esfuerzan en cumplir todos sus deseos y antojos. Es creencia general que el incumplimiento de sus antojos puede acarrear consecuencias funestas al feto; consecuencias que no saben definir con claridad; se trata de cierta influencia morbosa, indefinida.

De muchas cosas tiene que privarse la gestante, para disfrutar un embarazo feliz y no perjudicar al feto.

Entre los manjares prohibidos, en primer lugar se halla el *pulgo* (3) porque puede salirle pintado al niño, sobre todo si es pescado cuando *anda ao macho* (4). En el mismo caso está la sandía (5). Tampoco debe comer liebre, para que el niño no salga con labio leporino (6). No debe andar con flores, ni menos colocarlas en el pecho, porque puede suceder lo dicho del pulpo.

Algunas se enferman si mondan patatas (7). Otras se desmayan en la Iglesia porque las marea la blancura de sus paredes (8).

(2) Información de Tía Balbina, de Carracedo.
(3) Creencia general en todos los pueblos.
(4) En la época de celo.
(5) En todos los pueblos.
(6) Ascensión Rúa, de Barja; también en Erosa.
(7) Esperanza Fernández, de Pentes.
(8) Se cree en todos los pueblos.

Jamás debe pasar bajo el ronzal de una caballería o la prisión de una res vacuna (9), ni del mango de la pala en el acto de enhornar el pan (10); tantas veces lo haga, tantas vueltas dará la *vide* (11) alrededor del cuello del feto, corriendo, así, el peligro de ahorcarse al nacer.

Es recomendable la fruta ácida, porque estimula el apetito, evita los mareos propios del estado y favorece el desarrollo del feto.

Queda dicho, que la mujer embarazada es bien considerada por su familia cuando es casada; no cuando es soltera, que además de perder el afecto de los suyos, ya no debe vestir de claro como las demás mozas, no va al baile, ni se peinaba, antiguamente, *á carreira* (11 a).

Las señales para conocer el sexo del feto, son éstas:

Será niño si el feto se mueve por primera vez en el lado derecho del vientre, éste se presenta aplanado y la cara de la embarazada se presenta sin *pano* (12).

Será niña si el primer movimiento del feto tiene lugar en el lado izquierdo del vientre y presenta una curva muy pronunciada, proyectada hacia adelante, y la cara de la embarazada está *apanada* (13). También si a la madre se le antoja la verdura con frecuencia (14).

Un procedimiento utilizado para predecir el sexo del primogénito, solamente, consiste en sumar las letras de los nombres y de los apellidos de los padres; si la suma da nones será varón, si da pares será hembra (14 a).

(9) En La Gudiña, San Lorenzo, Carracedo, Pentes.
(10) Eros, La Gudiña.
(11) Cordón umbilical.
(11 a) Peinado con raya al medio.
(12) Paño.
(13) Que tiene paño.
(14) Adelina Rodríguez, de Carracedo.
(14 a) Eudosia Ballesteros, de Carracedo.

Los años bisiestos nacen más hembras que varones, aunque la concepción haya tenido lugar en el año común anterior (15).

El parto

Desde comienzos del siglo actual va extendiéndose la costumbre de que la mujer dé a luz acostada; pero aún quedan muchas que prefieren hacerlo de rodilla en el escaño o en el piso, porque se cree que tal posición favorece el parto, abreviándolo (16).

Asiste a la parturienta cualquier mujer que haya presenciado algún parto y tenga suficiente presencia de ánimo para realizar los actos pertinentes al caso.

Si el parto es laborioso, o difícil, se enciende una vela a la Virgen del Buen Suceso, y en último recurso va a buscarse la estola existente en la Venta de la Capilla, procedente de una capilla dedicada a su culto en dicho lugar. Para disponer de fuerzas suficientes bebe vino bueno, o coñac, hasta alegrarse, y toma caldos de manteca de vaca y miel (17). En Pentes, para el mismo fin, tomar caldos hechos con un trozo de *bicho de coller* (18), al que se le haya cortado la cabeza inmediatamente después de haberle dado muerte (19).

Nacida la criatura, se liga el cordón umbilical en dos lugares separados unos cuatro dedos; con unas tijeras se corta entre las dos ligaduras y se ata a una pierna de la parturienta el trozo de cordón que queda unido a la placenta, para favorecer el libramiento.

Los niños que nacen en la semana de la Ascensión del Señor, vienen sin orejas (20). Es de buen augurio nacer de

(15) Esperanza Fernández, de Pentes.
(16) Es general en todos los pueblos.
(17) Sara Pousa, de Erosa.
(18) Esperanza Fernández, de Pentes.
(19) El bicho de coller es la víbora.
(20) Sara Pousa, de Erosa.

pie. Serán felices los que nazcan en la posición de presentación de nalgas.

Inmediatamente después del nacimiento, la partera procede al arreglo de la cabeza del recién nacido, comprimiendo con las palmas de las manos en las regiones parieto-temporales; y para que no quede *nacho* (21) le tira de la nariz, cogiéndola por su base con los dedos pulgar e índice; hecho esto entrega la criatura a otra persona para que la lave y vista, procediendo a fajar a la recién parida. Si ésta no expulsa las *libres* (22) se le dan infusiones de una planta llamada *ortomixe*, y en último caso se le introduce en la boca la trenza del pelo para provocarle vómitos que favorecen la expulsión de la placenta (23). Un medicamento considerado muy eficaz para favorecer el libramiento, consiste en administrar a la parida *cagallois de rato* (24), molidos y puestos al sereno durante veinticuatro horas, y después desleídos en vino.

Hoy se viste el niño conforme a los consejos del médico, antes se vendaba con un orillo, de abajo arriba, sujetándole los brazos paralelos al cuerpo (25). Para preservarle de malas vista, envidia o brujería, se le cuelga al cuello una medalla, un crucifijo, un rosario de azabache o un trozo de *pedra d-ar* (25 a). Para que no le ataquen las lombrices un rosario de ajos al cuello; en Erosa ha de ser un *allo rei* (26).

La madre es atendida con caldo de gallina durante dos días; después, si no tiene fiebre, toma una ala de la gallina, y poco a poco de todo. El vino de buena calidad la ayudará a reponer en seguida.

En caso de que la parida sienta dolores en el vientre, se

(21) Chato.
(22) Placenta.
(23) La Gudiña.
(24) En Carracedo.
(25) De ahí el dicho: «Maldita seia o ourelo que te atóu».
(25 a) Ara del altar.
(26) Ajo de un solo diente.

le dan caldos de conejo manso, de *pigorro* (27) o de *pega* (28).

Sus amigas vendrán a verla y a traerle la *visita*, consistente en una gallina, o en chocolate, o manteca de vaca, o miel

El bautizo

La criatura sin bautizar es considerada como un *animaliño*. El bautismo no solamente hace cristiano al bautizante, sino que le da categoría de humano.

Los padrinos obligados son los mismos de la boda, que se mostrarán ofendidos si se eligen otros sin su consentimiento. Puede servir de padrino un niño de pecho, siempre que otra persona conteste por él. La madrina era la encargada de elegir el nombre que había de ponérsele, generalmente el del Santo del día. Cuando se trata de hijo de una soltera es muy corriente que el sacerdote le ponga un nombre raro y estrambótico, para que sirva de escarmiento a las demás.

El padrino regala al bautizante la capa que llevará al bautizo, la madrina la demás ropa.

La partera es la encargada de llevar el niño hasta la puerta de la iglesia, donde se lo entrega al padrino.

Después de la ceremonia, el padrino da cigarros y pitillos a los hombres; la madrina arroja almendras, caramelos o perras a la chiquillada del pueblo, que las recoge del suelo gritando (29):

—¡*Viva o señor padriño*! ¡*Viva a señora madriña*!

Y cuando no hay nada siguen detrás de los padrinos hasta que se recogen en la casa del bautizado, gritando:

—¡*Padriños pelóis*! ¡*Padriños pelóis*!

Padrino y madrina van a comer a casa de su ahijado, lle-

(27) Grajo.
(28) Urraca.
(29) Es general en todos los pueblos

vando un nuevo regalo, que también se llama *visita*. También va la partera.

Puericultura

Siempre que su estado de salud se lo permita, es la madre la que cría al niño, dándole el pecho. Y si no fuese buena lactante, antes recurría al *leitoario* (30) para mejorar la secreción láctea, y no dando éste el resultado apetecido, se recurría a la *mamadeira*, que consistía en un frasco con un tapón de esponja, que sobresalía del gollete unos dos centímetros, cortado en forma de pezón, por medio del cual succionaba el niño la leche del frasco. La mamadera actual, o biberón, consiste en un frasco con una tetilla de caucho.

Ahora ya no es tan frecuente llevar al recién nacido a mamar a una mujer que está criando, como era regla general antiguamente, porque se opina que se le pueden *pegar ao meniño as ideias*, o *xenio* (=*os males* de la mujer que le dé de mamar (31); prefiriendo darle a chupar chocolate envuelto en un trapito, o caldos de los que toma la puérpera, edulcorados con azúcar o miel; a los seis meses empieza a tomar una patata cocida con aceite, bien deshecha, una *sopiñas* de pan de centeno; luego empieza a chupar una tajadita de tocino, un hueso y, poco a poco, de todo. Algunas madres, cuando empiezan a dar de comer a sus hijos, primero mastican ellas la comida que le van a dar, para que así la digieran mejor. El pan con aguardiente es considerado como un buen alimento y muy eficaz para combatir las lombrices. Los niños eran destetados a los tres años, las niñas mamaban un año o dos, porque se creía que cuanto más tiempo mamasen, más tendencia tendrían a entregarse a los hombres al llegar a la juventud.

(30) Informa Adelina Rodríguez, de Carracedo, que era una piedra *amarela e relumbrona*. Nadie sabe cómo se aplicaba.

(31) Creencia general en todos los pueblos.

Las enfermedades del niño

Los niños mal *atoldados* (32) suelen padecer el *bainto* o *adecima* (33), enfermedad leve, generalmente, que consiste en una erupción general; sin consecuencias si se tiene cuidado de que no le dé un *mal aire*, pues en este caso *recólleselle as tripas*. produciéndole una diarrea con *lixos* verdes, que puede ser mortal (34).

Las lombrices constituyen el más peligroso enemigo del niño, sobre todo la lombriz *maestra* (35). Ya se han enumerado los preservativos empleados. Los remedios consisten en darle unas gotas de zumo de apio, o de hortelana en leche. Llevar la criatura al sacerdote para que lo bendiga. De la eficacia del apio se dice:

Téndel-o meniño morto; i-o apio no horto (36).

Otros medicamentos eficaces contra las lombrices, al mismo tiempo que preservativos, consisten en hacer una camita al niño con hojas de *asente* o de *carrapito*.

Es perjudicial para los niños de pecho estar al sol o recibir un *mal aire*. Este mal aire parece que viene a ser el aire atmosférico, mezclado con alguna influencia extraña, indeterminada; de ahí que un niño puede recibir un *mal aire* acostado y sin cambios de temperatura.

Otra enfermedad infantil es el raquitismo o *arangaño* (37). Si el niño *nace arangañado*, o se contagia de un gato (38), se recurre a distintos remedios en cada pueblo. En Erosa, administrando al enfermo nueve piojos en ayunas, nueve días

(32) Mal cuidados.
(33) En Barja, adecima; en los demás pueblos, bainto.
(34) En todos los pueblos.
(35) La solitaria.
(36) Ascensión Rúa, de Barja.
(37) Tarangaño, en los alrededores de Orense.
(38) Información de Ascensión Rúa, de Barja; en Erosa.

consecutivos (39). En Carracedo, átansele las piernas con un hilo de lana trabajado en casa, y se lleva a un cruce de caminos por donde haya de regresar del trabajo un hombre con una yunta uncida, a quien se le entregan unas tijeras, y se le ruega que corte el *barazo* que ata las piernas del niño, ruego expresado sin fórmula especial. En Barja, también con una *barazo de lá*, se atan los dedos de las manos y los de los pies del enfermito, de la manera siguiente: Empezando por un dedo cualquiera, indiferentemente de pie o mano, se le ata un extremo del hilo haciendo un anillo; sin cortar se hace otro anillo en el dedo siguiente, y así en todos los dedos de cada mano o pie. La madre lleva el enfermo a un cruce de caminos, entregando unas tijeras a la primera persona que pase, diciéndole:

—*Hombre (o mujer) de la buenaventura; córtelleme o arangaño a esta criatura.*

Esa persona ha de cortar el hilo entre todos los dedos de cada mano y de cada pie (40).

Los remedios empleados en Barja y Carracedo ofrecen gran similitud con el adoptado en Asturias para curar el *ingalius* (41).

El niño puede nacer herniado, herniarse de un golpe o de llorar mucho. El remedio consiste en abrir longitudinalmente un *negrillo* (42), sin derribarlo, de tal manera que por la hendidura pase el niño comodamente. Lo toma en brazos un hombre llamado Juan y se lo da a través de la hendidura a una mujer llamada María, nueve veces consecutivas. Después se liga la hendidura del árbol con unas pajas. Si el árbol une, también unirá la hernia del enfermo (43).

Para curar la *tos arruladora* (tos ferina) se emplean los

(39) Sara Pousa, de Erosa.
(40) Ascensión Rúa, de Barja.
(41) C. Cabal, «El individuo», pág. 25.
(42) Especie de árbol.
(43) Recogido en Carracedo, La Gudiña, Erosa.

siguientes remedios: colocar el enfermo sobre el *farneiro* (44) del molino, para que aspire el polvo más fino de la harina (45). Otro: dar el enfermito nueve vueltas alrededor del rodezno del molino (46). Pasarlo nueve veces por el arco de un puente que cuente tres. Darle azufre desleído en leche (47).

Omorto. Es el nombre que se da a las aftas. Para curarlas, se limpia la boca del niño con un trapito húmedo, que hay que tirar contra una pared, sin mirar, y donde no vuelva a verse (48). Frotar las aftas con un objeto de plata (49). Aplicarle miel rosada (50). Frotarlas con un cuchillo de acero (51).

Para combatir la incontinencia de orina, darle caldo de ratón (53).

Contra los cólicos, coger al niño por los pies y ponerlo unos momentos boca abajo, para que se le deshaga un nudo que se le hace en las tripas (54).

Para combatir las molestias de la dentición, untarle las encías con miel. Es bueno darle una cortecita de pan para que muerdan en ella.

Algunos niños no hablan bien porque tienen la *veta* (55) *o trabaxe* (frenillo), que le impide mover la lengua. Hay que cortarle el *nervio* que le sujeta la lengua con unas tijeras; es mejor que lo haga un médico.

Los niños que no hablan bien o tardan mucho en hacerlo es porque el padrino se equivocó al rezar el Padrenuestro

(44) Depósito adonde cae la harina desde la muela.

(45) Remedio anotado en «El folklore sobre los niños, en Cariño (Coruña)», J. Ramón y Fernández. Rev. de Tradiciones Populares, tomo I, 1944, cuad. 1.º y 2.º.

(46) Sara Pousa, de Erosa.

(47) En Erosa y en San Lorenzo.

(48) Ascensión Rúa, de Barja.

(49) Ascensión Rúa, de Barja.

(50) Es general.

(51) En Erosa.

(53) En Carracedo.

(54) En Carracedo y en La Gudiña.

(55) Trabaxe, en Barja. Veta, en los demás pueblos.

o el Credo, al bautizarle. El remedio consiste en hacerle comer masa *léveda* (56) y pan caliente. También es conveniente para los niños que hablan normalmente, porque les ayuda a hablar mejor (57).

La diarrea infantil se combate dando a beber al enfermo refrescos hechos con jugo de un racimo de uvas verdes y azúcar. También es muy bueno darle *auga cimpre* antes de mamar (58).

La educación del niño

Cuando realiza esfuerzos para ponerse de pie, se le ayuda a incorporar cogiéndole de las manos y diciéndole:

—Ao ter-ter, meniño, ao ter-ter.
—Ter-ter, meniño, ter-ter.

También se le canta:

—Ter que se tén,
que vale un bintén;
que se teña que non
vale un millón.

Para enseñarle a andar se le construyen *andadeiras de bimes* (59) y *carriños*.

Lo más frecuente es cogerle de las manos y tirar de él suavemente, diciéndole:

—Ao andar-andar. Andar o meniño, andar.

Con los primeros balbuceos comienza la enseñanza del lenguaje, repitiéndole frecuentemente las palabras *teta, papá, mamá*. Preguntándole: *¿Onde está o meniño?* Y se le enseña a contestar *tá, tá* (por está, está), señalando su pecho. Más tarde se le enseñan palabras onomatopéyicas, que desig-

(56) Creencia general.
(57) En todos los pueblos.
(58) Agua hervida, sin sal.
(59) Bimes = mimbres.

nan animales generalmente ; así, *mau*, el gato ; *mu*, la vaca, etcétera. De no ser onomatopéyicos se le enseñan nombres que resulten de fácil pronunciación, como, por ejemplo, *tis*, el perro ; *mau*, el gato ; *bois*, la vaca. Poco a poco forma un vocabulario que le sirve para nombrar los objetos que le rodean. Después se le enseñan las acciones que realizan estos seres.

La enseñanza de trabalenguas, ejercicios memorísticos, oraciones, cantos y juegos, comienza en edad temprana, en cuanto el niño principia a expresarse con alguna claridad (60).

En cuanto a los primeros trabajos que se le encomiendan, consisten en pastorear los cerdos, barrer y mondar las patatas, aprendizaje del punto de media, más tarde zurcido, las niñas. Los niños también comienzan siendo pastores de los cerdos ; después ayudan a sus padres en lo que pueden. Se dice :

—*O traballo do meniño é pouco, e quen-o perde é un louco.*

El aprendizaje se realiza por imitación.

Supersticiones y mitos infantiles

Los nidos.—Cuando un niño sabe de un nido de un pájaro, si tiene huevos dice que tiene *aréas*, y si tiene pájaros dice que tiene *sapos*. No puede nombrar el contenido del nido por su propio nombre, porque en este caso la *páxara, enxeita*, es decir, abandona los huevos y acuden al nido las *formigas cabalarias*, que devoran los huevos o los pájaros (61). Junto de la lumbre no se puede decir que se sabe de un nido, porque la *páxara* se *enoxa*, e irán a él las *formigas cabalarias* (62).

La *páxara enxeita* o se *enoxa*, por otras causas : por visitar el nido con frecuencia, por remover los huevos o por

(60) Se publicarán en «Literatura de La Gudiña».
(61) En Carracedo.
(62) En Pentes.

deseos de otro niño, que ha de pronunciar determinada fórmula para conseguir su objeto. Así, cuando un niño dice:

—*Sei un nino e non cho quero enseñar.* El otro contesta:

—*As formigas cabalarias cho vaian a visitar. Se é prá alí... ¡Tuí!* (Salivazo.) *Se é pra alí... ¡Tuí!* (Salivazo.) El maldiciente, después de pronunciar la fórmula antedicha, va girando sobre sus pies y escupiendo en todas direcciones (63).

Los dientes.—Las piezas de la primera dentición han de ser arrojadas a la lumbre, a fin de evitar que las gallinas las ingieran, porque en este caso no nacen otras (64).

La bebida.—No se puede beber al estar comiendo el caldo, porque nacen sapos en la barriga. Esta creencia seguramente procede del precepto higiénico de que no es conveniente beber mientras no enfríe la boca (65).

Las setas.—Según una creencia infantil, los *cogordos* (setas) se crían a pares. De modo que cuando un niño halla un *cogordo*, pronuncia el siguiente conjuro para que aparezca el compañero:

—Choupín, cogordín,
cacamelo da rodela;
para mí, para ti,
para Santa Madanela (66).

El cuco.—Habiendo oído cantar el cuclillo, aprovecha un silencio del ave entre dos cantos para decirle:

—Cucú, rabo de zorra;
¿cuántos años me das
de eiquí á miña boda? (67).

Y cuenta los *cucús*, hasta que el ave cesa de cantar.

El procedimiento anterior, para saber los años que tarda-

(63) En Pentes.
(64) Es creencia general.
(65) En Carracedo y en San Lorenzo.
(66) En Carracedo.
(67) En Carracedo.

rá en casarse; el siguiente para conocer los años que le quedan de vida:

—Cucú, rabo de anguila;
¿cuántos años me das de vida? (68).

Pitasol.—Es la mariquita de Dios. Puesta en la mano, cuenta sus dedos si se le dice:

—Pitasol, pitasol,
conta os dedos
e vaite ao sol (69).

Mitos infantiles.—Para amedrentar al niño cuando no quiere dormir o estarse quieto, se le amenaza con el *rampoño* (70) o el *ronco* (71). Se le dice que lo lleva; al mismo tiempo, la persona que trata de amedrentar al niño produce un ruido gutural, parecido al del *ronco* de la gaita, cubriéndose la cara con un pañuelo algunas veces.

Otro mito es la *Mariamanta*, que se lleva a los niños envueltos en una manta. La *Mariamanta* es una mendiga, de gran fealdad y con bocio muy desarrollado; por eso se dice:

—Ahí ven a Mariamanta
cua trìpa na garganta (72).

El *home do unto*, en el que creen también muchos adultos, es un hombre que aparece de vez en cuando, robando los niños que halla solos, para extraerles el unto y la sangre, para componer ciertas medicinas.

El *home do saco* se identifica con el home do unto. Tuvo aterrorizada la comarca durante la primera guerra mundial; sin que se registrase ningún caso criminal que sirviera de base.

(68) En Carràcedo.
(69) En Carracedo.
(70) Rampoño, en Erosa, en Pentes.
(71) En Carracedo.
(72) En Carracedo.

La mocedad

Con los catorce años de edad finaliza la infancia, y entonces el individuo recibe los nombres de *mozote* ó *zagalote*.

El ingreso en la mocedad tiene lugar desde los catorce a los dieciséis años, según el desarrollo del muchacho; unas veces porque los demás mozos no lo admiten; otras porque sus padres no se lo permiten. El ingreso suele tener lugar las vísperas de la fiesta del patrón del pueblo, previo acuerdo de todos los mozos. Hoy apenas se le da importancia a este acto. Antiguamente era de más trascendencia. El novicio era aconsejado por los mozos más viejos en la conducta que debía observar; recomendándole sobre todo que nunca buscase líos ni se metiese con nadie, pero que o *atopen cando o busquen*. Asimismo estaba en la obligación de acudir en auxilio de sus compañeros si había palos. Era frecuente que cuando un mozo de un pueblo era atacado en una fiesta por los mozos de otro, lanzase el grito de ¡*A min, hirmáus*! Había un jefe de los mozos; algunas veces el más viejo, otras el más astuto. Existía una gran unión en la mocedad de cada pueblo. Cuando iban a una fiesta de otro pueblo, lo hacían todos juntos y obsequiaban a las mozas. Hoy han desaparecido esas costumbres.

El mozo es el que lleva el trabajo más pesado de la casa bajo la dirección del padre; por eso se dice:

—*Se o vello pudera, i-o mozo quixera; non había cousa que non se fixera.*

Era frecuente la mutilación del dedo índice para eximirse del servicio militar.

El noviazgo.—El amor se insinúa por medio de cantares o apoderándose del pañuelo de la persona amada; el mozo suele guardarlo; la moza acostumbra a devolverlo después de haberlo lavado y planchado con esmero.

Para conseguir el amor de una persona, se habla del *azougue*, que nadie conoce y muy pocos saben cómo se aplica; algunos dicen que derramándolo sobre la ropa de la per-

sona amada (73). Un medio para conseguir la mujer ansiada consiste en atravesar la cabeza de una víbora con una aguja enhebrada, y después dar una puntada en la saya de la moza (74).

Se habla de una hierba denominada *caralleira*; pero según parece más bien constituye un afrodisíaco que un filtro amoroso (75).

Existen *cantares de parrafeo*, que no se emplean para enamorar, sino solamente como literatura.

La mayoría de los noviazgos se formalizan cuando el mozo está cumpliendo le servicio militar, desde donde escribe declarándose. Desde luego, ninguna moza contesta hasta la tercera carta. Cuando la declaración es de palabra, tampoco la moza contesta hasta haber pasado algún tiempo.

Iniciado el noviazgo, los enamorados se hablan en la fuente, en las fiestas, y los domingos suele ir la moza con las vacas para dar ocasión a que el mozo la acompañe.

Cuando una persona se halla al lado de una pareja que habla de amores, se dice que *leva a cesta*, y también que *roe cuaños* (76).

Es obligación del novio bailar con su moza en las fiestas después de haber cumplido con sus hermanas, si las tiene.

A veces sucede que el novio no es del pueblo, y como no sea muy amigo de todos los mozos o no los invite a beber, una vez es esperado por dos o tres mozos del pueblo, que le dan a conocer la costumbre de que los forasteros han de pagar el *piso*. Si accede a la demanda, invita a todos los mozos a beber. El que se niega es conducido a un pozo, donde es sumergido sin contemplaciones.

De las mujeres que quedan solteras se dice que quedan de *poula* (77).

(73) Constantino Barja de Carracedo.

(74) Recogido, también el de las montañas de Lugo. Rev. de Dialectología y Tradiciones Populares, tomo I, 1945, cuadernos 3.º y 4.º

(75) Información de Tía Balbina.

(76) Cuaños = Paja trillada.

(77) Tierra cansada que se deja de barbecho varios años.

La boda

El domingo que se leen los primeros *pregóis*, no van a misa los novios; quédan cada uno en su casa para obsequiar con una copita de aguardiente u otro licor a los que van a desearle la *enhorabuena*, que brindan con la frase:

—*Que sea pra bén.*

Los padrinos son generalmente elegidos entre la familia.

El padrino obsequia a los hombres con cigarros y pitillos; la madrina arroja *á rapañiña*, almendras, caramelos o fruta.

Antiguamente el padrino regalaba al novio un sombrero *bastardo*, y la madrina, un pañuelo de la cabeza a la novia. Hoy el regalo consiste en vajilla o ropas de casa. Es obligación del padrino pagar al cura y al gaitero.

El martes no es buen día de casamiento; mejor un día que no lleve la letra *r*. Se dice:

—*Ao martes, nin a tua teia urdas, nin a tua filla cases.*

Las bodas de hoy ya no se amoldan a las reglas clásicas; cada uno la hace como mejor le parece.

He aquí cómo se celebraba una boda a principios de siglo aún:

La mañana del día de la boda, en cuanto llegaba el gaitero, los mozos se armaban de escopetas, y acompañados de aquél y seguidos de toda la rapazada, recorrían las calles del pueblo disparando tiros al aire, deteniéndose delante de la casa del novio, *dándole vivas*. Salía el novio de su casa para dirigirse a la de la novia (llevando de comitiva a la mocedad y al gaitero), que le esperaba luciendo el pañuelo que le regaló la madrina y capa de *montilla* o de *panomonte*. Camino de la iglesia, iba delante el gaitero, a continuación el novio dando el brazo a la madrina, y la novia del brazo del padrino; a continuación los invitados, los mozos que disparan sus escopetas de vez en cuando, las mozas y los curiosos.

Ya en la puerta de la iglesia, las mozas abrazaban a la novia, y los mozos daban la mano al novio, diciendo:

—*Que seia para ben.*

Se celebraba la ceremonia y los correspondientes *sí* de los contrayentes eran acompañados de numerosos tiros de escopeta. Después pasan a la iglesia para oír misa.

Existe el agüero de que morirá más pronto el contrayente que, en la parte del altar correspondiente a su lado, titile más la luz de las velas o se apague alguna.

Si llueve el día de la boda se dice que los novios son muy golosos.

El regreso desde la iglesia a casa de la novia se realizaba en el mismo orden que la idea; pero entre muchos más disparos de escopeta y *vivas* a los novios.

En Pentes se ha recogido este *ramo* de boda.

El *ramo* consistía en un armazón de hierro formado por un vástago principal, del que salían numerosas varillas de hierro, en forma arbórea. En la cima se colocaba un *roscón* (78); de las ramas, manzanas, naranjas, higos secos, rosquillas, etc. Una manzana con alfileres clavados representaba los dolores que la vida ofrece.

Después de la ceremonia nupcial, una de las amigas de la novia ofrecía el *ramo*, recitando:

—Se ostedes nos dan licencia,
imos de subir arriba,
delante de estos señores
iremos con cortesía.
Esta niña foi pra a iglesia;
solta foi e volvéu presa,
presa veu co seu marido
con cadeas de ouro fino;
presa veu co seu amado
con cadeias de ouro claro.
Así relampre casada
nos brazos do seu amado,
como relampra o ouro
cuando sale amartillado.
Así relumbres casada
nos brazos do teu marido,
como reulmbra o ouro
cuando sale del martillo.
Ya se deshojó la rosa,
la rosa de la rosera,
ya se despidió la niña
de la mocedad soltera.
Despídete, niña hermosa,
de todas tus camaradas,
que te vas de nuestra banda
para a banda de casadas.
Toma, niña, esta manzana,
toda llena de alfileres,
que te la dan tuas amigas,
aquellas que más te quieren.

(78) Típico dulce, de forma cilindro-cónica, que lleva huevos, azúcar y harina; cocido al horno.

Levántese o señor novio, con el sombrero en la mano;
se él era ben cortesano, levántese el señor novio
de rodillas por el suelo, a recoger este ramo.

El novio, descubierto y arrodillado, recibía el *ramo*, que entregaba a su esposa.

En casa de la novia es donde ce celebraba la comida de la boda; pero si por ser la novia huérfana, casarse a disgusto de sus padres u otra causa, hubiese de celebrarse en casa del novio, la novia sería recibida en el primer peldaño de la escalera por su suegra, que la besaba en presencia de todos.

La comida no ofrecía particularidad alguna. Muchos y abundantes platos, seguidos de los más variados postres.

Terminada la comida principiaba el baile, al que los recién casados tardaban un poco en ir. Al llegar, era de ritual que bailasen una *muiñeira*. Después el novio bailaba con la madrina, y la nòvia con el padrino y con todos los mozos del pueblo.

Durante el baile, las mozas obsequiaban a la novia con una o más *rocas*, iguales en su forma al *ramo* descrito. La moza que ofrecía la *roca*, si tenía novio, lo invitaba a bailar; si no lo tenía, a un hermano, tío, padrino, y bailada la muiñeira ofrecía el *bico* de la roca al bailarín (79) y el resto a la novia.

La casa de la boda está a disposición, hoy como entonces, del que quiera beber.

Después de cenar y un rato de baile, la mocedad cantaba la *ronda* (80) a todas las mozas, deteniéndose, al final, en casa de la novia, a la que cantaban durante largo rato cantares alusivos a su nuevo estado.

Si el novio es forastero, en la actualidad aún, tiene que dar el convite a los mozos vecinos de la novia, consistente en el vino que quieran beber, y si es su voluntad, algo más *pra que corra o viño*, pan, bacalao, sardinas en escabeche, etc.

(79) El bico de la roca es el roscón.

(80) Cantares dedicados a las mozas todos los sábados. Costumbre que está en la agonía.

La muerte

Cuando una persona enferma se agrava, después de recibir los auxilios espirituales, a la cabecera de la cama quedaba antiguamente la cruz y al lado de la cama el caldero del agua bendita.

En caso de defunción, se procede a lavar la cara y las manos del cadáver, afeitándole si es hombre. Hoy se amortaja con la mejor ropa que tenga; antes se envolvía en una manta o en una sábana. No llevará ninguna joya, porque le serviría de tormento en el otro mundo.

Antiguamente había en las iglesias *o escano dos difuntos*; una especie de camilla de madera que servía para transportar el difunto a la iglesia y después al cementerio. Hoy se encierra el cadáver en un ataúd, que permanece en casa hasta el momento del entierro; antes era conducido en el *escano* a la iglesia en cuanto estaba amortajado, permaneciendo allí hasta que se enterraba. El alumbrado es igual que antes, con velas, y velones de aceite. El *velatorio* no ofrece particularidad notable.

El muerto ha dejado el *caxato* al que ha de morir después de él. Si era hombre y quedó con el ojo izquierdo un poco más abierto que el derecho, le seguirá una mujer. Si ha fallecido una mujer y quedó con el ojo derecho un poco más abierto que el izquierdo, le seguirá un varón.

El cadáver ha de salir de casa con los pies hacia adelante e ir así hasta el cementerio, para no acarrear desgracias a la familia. El entierro se detiene en algunos cruces de calles (varía de pueblo a pueblo), y por último en la puerta de la iglesia, desde donde continúa al cementerio.

En aquellos tiempos en que la exposición del cadáver tenía lugar en la iglesia, se ofrendaba un mendrugo de pan envuelto en una servilleta, que se colocaba dentro de una cesta; el mendrugo se le daba a la persona más necesitada del pueblo al terminar el entierro.

Antes, los acompañantes besaban un puñado de tierra y

lo arrojaban sobre el cadáver. Aún es frecuente que algunos encarguen al muerto que dé recuerdos a las personas que han fallecido antes.

Las *honras* no ofrecen nada de particular. Hasta que se celebra el aniversario, todos los domingos, antes de la Misa, una mujer, más o menos allegada al muerto, se acerca al altar con una vela encendida; el sacerdote reza un responso, y al terminar la mujer besa la estola.

LAUREANO PRIETO RODRÍGUEZ

DRAMATICA

Auto de los Reyes Magos

PAREDES DE NAVA.—(Palencia)

La más antigua pieza dramático-litúrgica es el Misterio de los Reyes Magos.

En las «Siete Partidas» se habla de estos *Misterios* (Ley 34, título VI, Partida I): Después de prohibir a los clérigos la asistencia a los juegos que se llaman de *escarnio*, hace una excepción a favor de los *autos* o *misterios*: *Pero representación ay que pueden los clérigos fazer; assi como de la nascencia de Nuestro Señor Jesu Cristo, en que muestra como el angel vino a los pastores, e como les dixo como era Jesu Cristo nacido. E otrossi de su aparación, como los tres Reyes Magos le vinieron a adorar.*

El presente «Auto de los Reyes Magos» viene celebrándose por tradicional costumbre en la imperial villa de Paredes de Nava (Palencia) desde tiempo inmemorial. Se representa en la barbacana del palacio de los Manriques; la ceremonia se lleva a cabo con gran vistosidad y aparato; el pueblo sigue entusiasmado todos los movimientos de los personajes.

Si esta representación no es un modelo de valor artístico-literario, es, en cambio, una joya de inestimable precio, por ser la sincera expresión del alma popular, que bajo el tosco ropaje del rudo idioma sabe conservar sus exquisitos senti-

mientos religiosos. Este auto puede gloriarse de ser hijo de nuestros autos medievales.

Consta esta representación de una segunda parte. Después del auto de los Reyes Magos, tiene lugar un diálogo; los dos personajes son: uno, cristiano, que defiende la virginidad de María, y otro, moro, que la niega. Discuten y luchan, venciendo el primero con las armas y demostrando al moro la verdad del misterio que él defendía. El moro, convencido, pide ser bautizado y promete defender también él la pureza de María.

Personajes. { *Un angel*..... *Los tres Reyes Magos*....
Un pastor (tio Gil).... *Un zagal* (Colás).....
El rey Herodes..... *El diablo*.....

Escena: Ante el portal de Belén

ESCENA PRIMERA

HERODES.

Yo, rey de Jerusalén;
Mi nombre Herodes, por cierto,
Y me acaban de decir
Que ha nacido el verdadero.
Yo de nadie tengo pena,
Ni de nadie tengo miedo,
Ni de ricos, ni de pobres,
Ni de reyes forasteros.
(Se presentan los tres Reyes Magos.)
¿Adónde van por aquí?
¡Respondedme claro y presto!

LOS MAGOS.

Vamos en busca de un niño (1)
Que es el Rey del universo,
Y para adorarle vamos
Guiados por un lucero.

HERODES.

¡Por aquí no pasa nadie
Si no doy consentimiento!
¡Ah de mis guardias! *(Pausa.)*
¡No vienen!
¡Mis órdenes no cumplieron!
(Vanse LOS MAGOS.)
Y en tanto los que al Monarca
Del mundo es, según dijeron,
Van a rendir homenaje,
De mi presencia se fueron.
¡Ea, soldados, venid!
Escuchad mi llamamiento:
Id por todos mis dominios,
Por los campos y los pueblos,
Y ya que rey se proclama

(1) Véase el *Auto de los Reyes Magos*, recogido en Daimiel (Ciudad Real) y publicado en esta REVISTA, tomo I, 1945; cuad. 3.º y 4.º, pág. 730.

Quien nació bajo mi cetro,
Degollad a los infantes
(Mi rival es uno de ellos).
No os conmuevan sus madres,
Ayes, lágrimas ni ruegos,
Y cumpliendo mi mandato,
Hacedlo pronto y sin duelo,
Hasta que queden sin vida
Cuantos ha poco nacieron,
Entre los que está el que quiere
Despojarme de mi reino.

ESCENA II

El Angel *y el* Pastor.

Angel.

Por mandato del Eterno,
En este dichoso día
Al mundo vengo a anunciar
Del Mesías la venida.
En la ciudad de David,
En Belén, ciudad notable;
En un humilde portal
Ha nacido el tierno Infante;
El que dió aroma a la rosa
Y luz al astro brillante;
El que viene a redimir
A los cautivos mortales.
En días tan venturosos
Se han visto grandes señales.
En la parte del Oriente
Se ha divisado una estrella,
Que a tres reyes ha guiadó,
Que vienen de lejas tierras.
Sin que el rigor del invierno
Ni lo largo del camino
Les acobarde, han llegado
Para adorar a este Niño.
No os turbéis con mi presencia,
Rudos pastores sencillos;
Soy el ángel San Gabriel,
Que en nombre de Dios os digo
Que llegó para salvaros
El Mesías prometido.
¡Id a verle y adorarle!

Pastor.

Mas ¿cómo quieres que vaya
Dejando el hato a merced
De las fieras alimañas?

Angel.

Vete y no temas, pastor;
Que El que lo es de las almas,
Mirará por tus ovejas
Y que daño no las hagan.

(*Desaparece el* Angel.)

ESCENA III

El Pastor *y el* Zagal.

Pastor.

Un ángel, con alegría,
Ha llegado a mi rebaño
Para decirme que hogaño
Nació en Belén el Mesías;
Que junto con mi zagal,
Al instante y sin recelo,
Para ver al Dios del cielo,
Me acercase a este portal.
Mas antes que llegue aquí
Mi zagal y compañero,
Adorar al Niño quiero,
Diciéndole al Niño ásí:
«Yo te adoro y te suplico
Ahora y siempre jamás.»
Pero... Se siente algún ruido.
Sin duda será Colás.

ZAGAL.

Muy buenas noches, tío Gil (2).

PASTOR.

Buenas las tengas, rapaz.

ZAGAL.

¿Se acordaba usté de mí?

PASTOR.

Como de mí mesmo. Di:
¿Tan entretenido estás
que no ves lo que hay allí?

ZAGAL.

Algo veo que encandila
Con su mucho relucir.

PASTOR.

¡Oh, qué necio de zagal!
¡Cuán escasa es tu cordura!
Que te aventaja la burra
Que anda suelta en el corral.

ZAGAL.

Y usté, que todo lo sabe,
Dígame, ¿qué gente es ésta
Que anda aquí tan peripuesta?

PASTOR.

Déjate de preguntar
Y con grande reverencia
Adora al Dios de clemencia
Acercándote a ese altar.

ZAGAL.

¿Cómo se adora, tío Gil?

PASTOR.

Rezando las oraciones
Que aprendiste tiempo ha.

ZAGAL.

Bien, tío Gil, ya soy maestro.
Voy al Dios-Niño a adorar.
«Yo te adoro, gran Señor.»
Mas... Se oye ruido. Acaso
Será algún mal tentador,
Que no faltan tentadores
Cuando está uno en oración.

(*Entra el* DIABLO.)

PASTOR.

Si, Colás; un diablo mudo,
Pues me paice que no habla,
Más rabilargo y más feo
Que mi perrilla «La Chata».

ZAGAL.

Pues verá usté al diablo mudo
Qué pronto me lo conjuro
Y de aquí largo se ya
El maldito Satanás.
«Por la virtud de este palo
Que he de hacerlo mil astillas
Rompiéndole las costillas,
Huya el enemigo malo.

(*Desaparece el* DIABLO.)

¿Se fué ya el diablo, tío Gil?

PASTOR.

Ya se marchó a los Infiernos,
Con la cola entre los cuernos,
Amedrentado de ti.
Pues se marchó, es muy justo
Que dejes de conjurar
Y tratemos de cenar.

---

(2) También es Gil el nombre de uno de los pastores en los *Coloquios pastoriles* de Ubeda. «Biblioteca de Autores Españoles», tomo 35, pág. 216.

ZAGAL.

Nunca lo oí con más gusto.
Usté, tío Gil, no habrá visto
En su edá un abecedario,
Pero, a ocurrente y a listo
No le gana ningún sabio.

ESCENA IV

El rey MELCHOR.

Una estrella reluciente,
Colmándonos de alegría,
Siendo nuestro amparo y guía,
Nos trajo desde el Oriente,
Buscando al Omnipotente
Hijo de Dios inmortal,
Que en este humilde portal
De Belén hemos hallado,
Entre pajas reclinado
Llorando como un mortal.
Yo, el Rey Melchor, el primero
Que de ellos me presento
A ofrecer con rendimiento
Y el afecto más sincero
La debida adoración
A este niño tan hermoso,
Dulce hechizo de Israel,
Deseado tantos años
Por este su pueblo fiel.
Dadme licencia, Señor,
Rey de infinito poder,
Para llegar a ofrecer
De vuestro nombre en honor
Este precioso tesoro
Que la Arabia ha producido,
El metal más puro de oro
Que para vos he traído.
Para tan gran Majestad, Señor,
Es pequeño el don,
Pero supla su humildad
El amor con que le doy.
Con la sumisión debida,
Esta ofrenda os hago a Vos,
Que sin dejar de ser Dios
Sois el Hijo de María.
¡Niño bendito y amado,
Que ocultando tu grandeza,
Por nuestro bien, en pobreza
Naciste de frío helado!
¡Que de una casta doncella
Nació Dios, dejando a ella
Virgen pura y sin mancilla!
Y con gran benignidad
Quisiste bajar del cielo
Para remedio y consuelo
De la triste Humanidad,
Que del viejo Adán caído
Recogió fatal herencia
Del pecado original,
Que nos cerraba las puertas
De la gloria, que ahora Vos
Nos dejáis de par abiertas.
¡Ciudad santa de Belén,
Dichosa y feliz mil veces,
Tú sola eres quien mereces
El más alto parabién!
¡Ciudad que la Providencia
Te quiso ver tan honrada
Que te eligió por morada
De la Suma Omnipotencia!
¡Dichoso portal humilde,
Albergue de fieras antes
Y ahora del Niño-Dios
Y de sus padres amantes!
¡Dichoso eres, pues en cielo
Te contemplo transformado
Por todo un Dios habitado
Oculto en humano velo!
Los coros angelicales
Sus dulces voces levantan,
Y el *Gloria in excelsis* cantan
Con acentos celestiales.
Con la mayor alegría,
Con regocijo y contento,

En alabanzas a Dios
Suenen ya los instrumentos.
¡Anuncien ya sin tardar
Nuestro júbilo sin par!

ESCENA V

El Rey GASPAR.

Yo, el segundo de los Reyes,
Gaspar, que rige el Oriente,
Región donde el sol fulgente
Cría fragantes claveles.
Yo, que la Arabia domino,
Donde el incienso oloroso
Doquier esparce abundoso
Su aroma agradable y fino.
Ante Vos, Jesús divino,
En nombre de mi nación,
Con toda veneración,
Humilde me postro y digo:
«Como a Rey de cielo y tierra,
Donde todo bien se encierra,
Vengo a hacer adoración;
Fuí guiado de una estrella
Que resplandeció muy bella
En mi reino, junto a Oriente.
Y juzgando sabiamente,
Conforme a las profecías,
Que eran cumplidos los días
En que Vos habéis nacido,
A adoraros he venido
Mi gran Dios, Rey y Mesías.
Mi corazón y mi alma
Os ofrezco, Niño Hermoso.
Aceptadlo cariñoso,
Niño de consolación,
Redentor de los mortales,
Que en unos pobres pañales
Estáis envuelto, Dios mío,
Helado y yerto de frío;
Ante Vos puesto de hinojos
Con rendido corazón,
Os suplico que aceptéis
El que os traigo humilde don.

(*Se arrodilla y ofrece incienso.*)

Solamente a Dios se debe
Rendidamente adorar,
Darle culto y reverencia,
Publicar su Omnipotencia
Y su infinita Bondad.
Y como al Unico inmenso,
En esta cueva, hoy altar,
Arda en su honor el incienso
Que le vengo a tributar.

(*Se levanta.*)

Adornados con sus galas
También llegan a ofreceros
Leche, quesos y corderos
Los pastores y zagalas,
Y a vuestras plantas postrados,
Al son de la chirimía,
Con cánticos de alegría
Celebran alborozados
De Jesús el nacimiento,
Que llenando de contento
A todas las criaturas,
Con los ángeles exclaman:
«¡Gloria a Dios en las alturas!»

ESCENA VI

El Rey BALTASAR.

Yo, el negro más obsequioso,
Me presento en este día
A rendir adoraciones
Al Dueño del alma mía.
Desde hace ya muchos siglos
En la Historia se leía
Que la luz de nueva estrella
A los magos guiaría.
La vimos desde el Oriente
Resplandecer muy hermosa,
Que ella misma demostró

Ser estrella misteriosa.
Convencido que sería
Como dice la Escritura,
Mi alma se conmovió
Llena de gozo y ternura.
Dejé mi reino y palacios,
A mis gentes y a mis tierras
Y haciendo acopio de mirra
Seguí el curso a la carera,
Y encontrando señaladas
En el camino las huellas,
Me hallé con los otros Reyes
Que, guiados de igual ciencia,
Venían buscando al Niño
Dueño Rey de la Judea.
El uno le ofrece incienso,
Como a Dios; oro le entrega
El otro, como a Monarca;
Yo de mirra os hago ofrenda.
Soy el Rey de la Etiopía;
Aquí os rindo mi espada;
Con ella todo mi reino
Y toda mi gente armada.
¡Adiós, hermoso tesoro!
¡Adiós, Niño de Belén!
Eternamente os adoren
Hombres y Angeles, Amén.

ESCENA VII

DIABLO.

Del averno tenebroso
A la lúgubre morada
Llegó la nueva esperada
Del hecho tan portentoso
De que el Dios Omnipotente
Al que infiel e ingrato fuí,
Por lo cual, ¡triste de mí!,
Me condené eternamente,
Tomando forma humana.
En una casta doncella,
Sin poner mácula en ella,
En el seno virginal,
Ha bajado a redimir
A los míseros mortales.
¡Ea, furias infernales,
Aprestaos a combatir,
Declarando cruel guerra
A cuantos siguen a Cristo,
A cuyo poder resisto.
¡Que no haya paz en la tierra!
¡Cunda el mal y los pecados!
Y que nuevos moradores
Del infierno a los horrores
De él se vean condenados.

ESCENA VIII

El PASTOR *y el* ZAGAL.

ZAGAL.

¡Con qué olor a chamusquina
Se fué el demonio maldito!
¡Qué rabioso debe estar,
Por lo que dice y le oímos!

PASTOR.

Es aquel a quien tu echaste
Hace poco los xorcismos,
Que han debido asentarle
Como si fueran un tiro.

ZAGAL.

¡Voto va! Que si otra vez
Vuelve a asomar el hocico
Lo he de matar como, pongo
por comparanza, un cochino.

PASTOR.

Bien sé que en los estudios
Nunca has andao de los libros,
Pues dijeras un marrano
Supiendo hablar por lo fino.

ZAGAL.

Y dígame usted, tío Gil,
Aquellos tres, ¿quiénes eran,

Que tan suflantes venían,
Con tanto lujo y fachenda?

PASTOR.

Eran los tres Reyes Magos,
Que desde lejanas tierras
Al Niño a adorar llegaron
Guiados por una estrella.

ZAGAL.

¿Por las estrellas vinieron?

PASTOR.

Me alegro que así lo entiendas.
Que en entender tú las cosas
Te aventajan las ovejas.

ZAGAL.

Pues yo quisiera ser rey,
Y en dispués que yo lo fuera
Daría al niño mi reino
Ajunto... con la montera.
¿Cómo se llama, tío Gil,
Lo que usan en la cabeza
Los reyes?

PASTOR.

Pué que se llame...
Vamos... de muchas maneras.
Pero no hay necesidá
de rompernos la mollera
Llamándolo de otro modo
Pa que to el mundo lo entienda.
Pero como no eres rey
Ni de los naipes siquiera,
Ofrece humilde al Señor,
Con la mayor reverencia,
Lo que con gran voluntá
Puedas darle en tu pobreza.

ZAGAL.

Pues si le paice, tío Gil,
Haré así mi ofrecimiento:
«Os doy, Niño de Belén,
Cuanto en mi pobreza tengo:
El pelotín de to lana,
La churumbela, un pimiento,
Seis docenas mal contadas
De pollos, digo de huevos,
Aunque estarán empollaos,
Según con certeza creo,
Pues me los dejó en herencia
Mi difunto bisabuelo;
La cencerrilla que lleva
La burra parda...

PASTOR.

¡Jumento!
¡Aparta, Colás, aparta!
De esta manera siguiendo
Serías, por lo cerril,
Verguenza de nuestro gremio.
A este Niño se le ofrece
La pobreza de este modo:
«Yo soy el pastor que guarda
ovejas y contra el lobo
Las defiendo; tengo lana,
Tengo cecina y adobo,
Tengo queso, tengo cuartos,
Más relucientes que el oro,
Y la perra que ya tengo,
Con la su cría el cachorro,
Valen más que los tres Reyes
Y sus reinos, que no es poco.
Todo lo que ya va dicho
Es para ti, Niño hermoso;
Todo con mi alma y vida,
Todo te lo ofrezco, todo.»

FIN

Defensa de la virginidad de María, que se representaba a continuación del anterior auto:

DIALOGO (3)

Personajes: Dos militares; uno cristiano y otro moro.

MORO.

Antes que salga la aurora
Coronada de jacintos
Quiero, como general
Y como cauto caudillo,
Vigilar mis centinelas
Para ver si están dormidos,
Que el general que no vela
Al frente del enemigo
Bien podrá ser arrogante,
Valeroso y entendido,
Mas no bastan tales prendas
Para cumplir con su oficio
Si no añade la de ser
Diligente y precavido.
Hoy que celebra el cristiano
Con fiestas y regocijos
Aquel día en que nació
A quien llaman Jesucristo,
Yo he de llamar por si tienen
En ese fuerte castillo
Algún cristiano valiente
Que quiera luchar conmigo,
Y a su propio general
Para que muestre su brío,
Y si humillarle en la lucha,
Como es seguro, consigo,
Yo reprimiré su orgullo
Y haré que su regocijo
Se trueque en hondo pesar,
Porque es un gran desatino
El que a mi presencia estén
En fiestas tan divertidos.
De coraje estoy que ardo
Y acariciando el designio
Que de sangre nazarena
Mi alfanje se vea tinto.
Mas... ¡Cielos, qué es lo que veo!
Confuso estoy y aturdido.
¿Quién tuvo el atrevimiento
De poner en este sitio
La imagen de esa mujer
Que llaman Madre de Cristo?
¿No soy yo aquel a quien temen
Los héroes más aguerridos?
¿No soy quien una leona,
En el desierto nacido,

---

(3) Semejante en el tema, aunque en él intervienen numerosos soldados, en el *Combate entre moros y cristianos en la Sainza* (*Orense*), recogido por J. Ramón y Fernández y publicado en esta REVISTA, tomo I, 1945; cuadernos 3.º y 4.º, pág. 554.

Véanse los «Dances», publicados por Ricardo del Arco en su obra *Notas de folklore altoaragonés*, C. S. de I. C., Madrid, 1943.

Véase también T. García Figueras: *Notas sobre las fiestas de moros y cristianos en Benadalid (Málaga)*. II. *Las fiestas de San Jorge en Alcoy*. III. *Las fiestas de Nuestra Señora de Gracia en Caudete*, etc. etc.

Me crió más que con su leche
Con su furia y con su brío?
¿Cómo no tiembla el cristiano
Al ver que soy su enemigo?
¡Salid cuantos estéis dentro
De ese fuerte guarecidos!
¡Salid pronto, que yo solo
A todos os desafío!
Y si tuvisteis valor
Para andar tan atrevidos
Y colocar en mis reales
La imagen de vuestros ídolos,
Tenedlo para salir
A la batalla conmigo,
Y si cobardes no ois
Este reto que os dirijo,
¡Juro por Alá y Mahoma
Que en este retrato mismo
De la que tanto estimáis
Me ensañaré vengativo,
Convirtiéndole en pedazos
Que al suelo irán esparcidos!

CRISTIANO.

¡Detente, feroz muslime!
¡Detente, bárbaro impío!
Si te sufrió mi valor
De llegar tan atrevido
A desafiar a cuantos
Defienden la ley de Cristo,
Yo no puedo soportar
Que intentes el desatino
De hacerle ofensa a María,
De pureza espejo limpio;
Aquella Virgen sin mancha,
Aquel raudal cristalino
De gracias; aquella Reina
Del cielo, y a quien suplico
Que me ampare para ser
De los infieles cuchillo.
Cansado de tu arrogancia,
Soberbio y provocativo,
Vengo a que sepas, tirano,
Que habrá quien te dé castigo.
Moro, que tanto blasonas
De valiente y aguerrido,
Saca ese brillante acero,
Saca ese cortante filo
Y verás en breve tiempo
Que el más humilde caudillo
Que tiene la cristiandad
Te verá a sus pies tendido.

(*Desenvainan las espadas y luchan, cayendo a tierra el moro.*)

Ya está humillado tu orgullo
Y castigada tu infamia,
Y si a Dios no te conviertes
Y de tu error no te apartas,
Te he de cortar la cabeza
Y en la punta de mi espada
La he llevar cual trofeo
Como triunfo de mi hazaña.
¡Ea, moro, a Dios confiesa
Y a su Madre soberana!

MORO (*Tratando de levantarse.*)

¡Oh, valeroso cristiano,
Detén tu potente arma;
Ayúdame a levantarme,
Pues venciste en la batalla!
Si me vencen tus razones
Cual me ha vencido tu espada,
De recibir el bautismo
Te doy solemne palabra,
Y de confesar a Cristo
Y a su Madre Inmaculada.

CRISTIANO (*Ayudando a levantar al moro.*)

¡Que ella sea nuestro amparo!
¡Levanta, moro, levanta!
Propón tu dificultad,
Que confiado en la gracia
De María, estoy seguro
Que he de vencerte. ¡Habla!

MORO.

Digo que no puede ser
Que de una doncella intacta
Naciera ese Dios y Hombre,
Quedando ella pura y casta.
Esa es la dificultad
Que a mí me confunde y pasma:
Parir y virgen quedar
Parece cosa de fábula.

CRISTIANO.

No tiene que caber duda
Que en Ella mancha no ha habido.
Del sol brillante los rayos
Por terso cristal, ¿no has visto
Penetrar, sin que la luz
Empañe ni rompa el vidrio?
Así Jesús en María
Entró, dejando purísimo
Aquel seno virginal,
Que por secretos designios
De Dios, cuya Omnipotencia
Y saber son infinitos
(Y el hombre debe acatar),
Que así sucediera quiso.
Declara que es convincente
El razonar que has oído.
Confiesa, pues, sin tardanza
El Santo Nombre de Cristo
Y de la Virgen María,
El ser siempre puro y limpio,
Y me tendrás a tu lado
Como el más leal amigo.

MORO.

Basta, valiente cristiano,
Que dos veces me has vencido:
Ahora con el argumento,
Antes con tu acero invicto.
Llévame pronto, te ruego,
Donde reciba el bautismo,
Que cada instante que pasa
Me parece que es un siglo,
Y a Vos, piadosa María,
Os prometo agradecido
Defender vuestra pureza,
Ya que os debo haber salido
De la triste ceguedad
En que hasta ahora he vivido.

FIN

Recogido por TOMAS TERESA LEON
Presbítero.

EL DANCE DE CALAMOCHA (TERUEL)

Avanzan al centro del tablado el gaitero y el tamborilero, siguiéndoles cinco CRISTIANOS con su CAUDILLO y el ANGEL al frente, brillando las muchas lentejuelas de sus vestidos, especialmente el del rabadán.

Tras éste preséntanse cinco MOROS con su jefe, a quien llaman Muza, junto al cual va el DIABLO haciendo muecas y travesuras.

Todos saludan con la cabeza a San Roque y al Ayuntamiento. Los del bando cristiano se colocan agazapados detrás de la peana del Santo y en medio del tablado se quedan los del bando moro, cuyo caudillo empieza declamando lo siguiente:

CAUDILLO MORO

Antes que salga la aurora
coronada de jacintos
quiero como general
y como recto caudillo,
registrar mis centinelas,
para ver si se han dormido;
que el general que no vela
al frente de su enemigo
no es personaje arrogante,
ni espabilao, ni atrevido.
Hoy que celebra el cristiano
con gritos y regocijo
aquel día en que nació
el que llaman Dios devino,
quiero saber si es que tiene
este altanero castillo
algún general valiente
que quiá pelear conmigo.
Porque ardo ya de coraje,
y de mi cuchilla el filo
está rabiando por dales
muerte, a cuantos atrevidos
se pongan frente a los brazos
deste trigue vengativo,
que quiere pronto espiazar
u comese a un hombre vivo.

(Repara en el cuadro de la Virgen del Pilar, que está a los pies de San Roque entre los dos faroles delanteros.)

Mas ¡cielos! ¿Qué es lo que miro?
¿Estoy u no esturdecido?
¿Quién el mentecato fué
que con su esmenguado brío

se atrevió a poner allí
esa fegura, ese hechizo
que los de la Cruz le dicen
María, Madre de Cristo?
¿Cómo el cristiano abatido
no ha temblao al ver que yo
soy su más fuerte enemigo?
Voy a llamar a esa puerta,
que no estaré satisfecho
hasta que l'inque este sabre
a su defensor po el pecho.

(Da un fuerte golpe con la espada en el suelo, como si llamara, y continúa.)

¡Ah deste insizne castillo!
Salir cuantos estís drento,
que hay aquí juera un león (1)
de voraz temperamento,
y si pronto no salís,
por ser unos cobardazos,
sus juro que ese retrato
lo voy a hacer mil pedazos.

(Va a coger el retrato y es detenido por el ángel y demás cristianos, que salen de detrás de la peana que figura el castillo.)

CAUDILLO CRISTIANO

¡Detente, impío bárbaro!
que si te sufrí el valor
para llegarte atrevido
a desafiar a cuantos
defienden la ley de Cristo,
ya no puedo aguantar más
al ver tu infernal desiznio,
porque tocando a María,
de pureza claro almiño
y hermosa y suprema Reina
de los ángeles devinos,

(1) RICARDO DEL ARCO: V. «Dance de Robres», *N. de Folk. Alto-aragonés*, pág. 251.

es como ofenderme a mí
y herirme en lo ques más vivo.
Aquí me tienes delante,
bien sereno y no mohíno,
a icite en tu cara mesma
que eres un vil y un cochino.
Y ya que ahora te las echas
de matón y fementido
saca tu encorvada espada,
saca ese cortante filo
y verás en poco tiempo
al más humilde caudillo
cortarte las dos orejas,
como te mereces, ¡pillo!
¡Ea, africano de Africa,
desenvaina ese cuchillo!

CAUDILLO MORO (*Preparándose a la pelea.*)

Desenvainado está yá.
¡Asísteme, gran Mahoma!

CAUDILLO CRISTIANO

De nadie auxilio tendrás,
porque vas a morir. ¡Toma!

(Hace como que le clava la espada y cae el moro. A la vez los cinco cristianos luchan con los cinco moros y caen éstos vencidos por aquéllos. El DIABLO cae también boca abajo vencido por el ANGEL, que queda en actitud de clavarle su espada.)

CAUDILLO MORO (*Cayendo.*)

¡Ay de mí, que ya la tierra
que pisaba me ha faltado!

CAUDILLO CRISTIANO

Estás vencido, tirano,
y castigada tu infamia.
Si ahora a Dios no te conviertes

ni de tu secta te apartas
te cortaré la cabeza,
y en la punta desta espada
la llevaré por bandera
y por triunfo de mi hazaña.

CAUDILLO MORO

¡Oh, valeroso cristiano!
Detén tu tajante espada
y ayúdame a levantar.
que me duelen las espaldas.
Me venció ya tu argumento,
y agora te doy palabra
de recibir el bautismo
y, asistido de la gracia,
confesar de Dios el nombre
y el de su Madre sagrada.

(EL CAUDILLO CRISTIANO le ayuda a levantarse, como también lo hacen LOS CRISTIANOS con LOS MOROS.)

Dudaba no poder ser
que de una mujer intauta
naciese Dios hecho hombre,
quedando ella inmaculada.

CAUDILLO CRISTIANO

No tienes que poner duda,
pues no hubo en el acto mancha.
¿No has visto tú en un cristal,
allá en tus falsos rituales,
que el sol sorprendente entra
sin causar al vidrio males?
Pues asina el sol devino
de Jesús entró en María,
quedándose tan purisma
como luz de hermoso día.
Por tanto sé dende hoy güeno
y no hagas más el babieca,

renegando bien sereno
de Mahoma y de la Meca.
Así serás güen cristiano;
así seremos amigos,
y yo viviré a tu lado
por los siglos de los siglos.

CAUDILLO MORO

Alabo en estos momentos,
gracias a Cristo y su Madre,
la juerza e tus argumentos
y el gran poder de tu sable.

CAUDILLO CRISTIANO

Pues ¡ea! ¡A la mar pelillos!
Seamos dende hoy hermanos.

LOS CRISTIANOS

¡Viva el rey de los caudillos!

LOS MOROS

¡Viva el rey de los cristianos!

Después de este recitado los danzantes hacen varias evoluciones al son de la gaita y palilleo del tamboril, descargando acompasados golpes sobre los broqueles figurados con redondos discos de madera, que los de un bando sostienen para que los de enfrente los golpeen con sus palitroques, alternando y cruzándose con mucho arte y soltura.

En seguida, dejando las rodelas, danzan con los palitroques solos, entrechocándolos en alto, en bajo y de costado, el cual baile, bien hecho, es muy agradable de ver. Termina éste poniéndose el rabadán en medio, el cual fija en el suelo un gran palo, de cuyo extremo superior penden doce cintas.

Cada caudillo y cada soldado moro y cristiano coge una de estas cintas y las tejen y destejen, haciendo bonitos trenzados y formando vistosos grupos, en uno de los cuales los moros doblan la rodilla y los cristianos sostienen al ANGEL en un broquel, colocado sobre la cabeza del diablo, obligando al fin los cristianos a los moros a desfilar bajo una bóveda formada con los palitroques entrecruzados. El ANGEL, desde el broquel en que está subido, se dirige a San Roque y dice:

¡Oh, Roque, patrón glorioso,
que estás gozando en el cielo!
Míranos siempre amoroso
y sé de todos consuelo.
No olvides a estos cristianos
en sus acerbos dolores
y bendice con tus manos
a estos pobres pecadores.

Tras esto hay un breve descanso.

LOS DICHOS

Terminado el descanso pónense en orden moros y cristianos, se coloca el rabadán en medio, sin soltar el palo adornado con cintas. Se descubre ante San Roque y dice:

¡Oh, San Roque verginal,
que presidís el dance este!
Líbranos de todo mal
y en especial de la peste.
Y puesto que aquí ante todos
tengo «los dichos» que icir,
y que de diversos modos
por mi boca han de salir,
sus pido que con presteza
vos, que de amor sois alhaja,
deis a mi lengua presteza
pa no entivocame miaja.

Dicho esto se cubre, se coloca en medio y poniéndose delante del caudillo de los cristianos sigue:

Este chico está esmirriau
dende que asistió a un bautizo
y a juerza e pan se comió
más de un almú de panizo.

A continuación ejecutan una ligera vuelta bailable y se encara con el caudillo moro:

Este mozo p'al trebajo
es mu torpe y es mu brozas,
pero corre como un galgo
a las viudas y a las mozas.

Nueva vuelta bailable al compás de la gaita y el tamboril y habla al cristiano 1.°:

Este sí que es guapo chico,
y amigo de diversiones,
que se come sin pelar
a docenas los gurriones.

Repiten todos el bailable, como se hace al terminar cada estrofa, y se dirige al moro 1.°:

Este se llama Perico,
pero le dicen el Chato,
porque tiene la nariz
como el morro de un zapato.

Hecha la correspondiente evolución el rabadán recita ante el cristiano 2.°:

Este mozo, por lo bruto,
debía llevar ramal,
porque gana a comer paja
a cualisquier animal.

Después de evolucionar, y siempre presentando el palo a aquel a quien habla, dice al moro 2.°:

Este es chico mu beato,
que reza siempre el rosario,
y a luz y a sombra présigue
a la hija del boticario.

Evolucionan y el rabadán dedica al cristiano 3.° el siguiente dicho:

Este sí que es guapo chico,
que tiene ojicos de liebre
y se pirra por comer
con su burra en el pesebre.

Rabadán al moro 3.°:

Este, según mi memoria,
que es mozo tan lechuguino,
fué un día a besar la novia
y le dió el beso a un pollino.

Al cristiano 4.°:

Este sí que es guapo chico,
que empina mucho la bota,
y por eso baila tanto
el bolero de cocota.

Al moro 4.°:

Este, a quien llaman Licer,
es hombre de mucho brío;
pero en tocante a comer
engulle más que un abrío.

Al cristiano 5.°:

Este sí que es guapo chico,
que no tiene nengún diente,

por comer tanto pepino
y beber tanto aguardiente.

Al moro 5.°:

Este de tan mal color
tiene a menudo torzones,
porque una vez se tragó
un zarpau de perdigones.

Terminados los dichos el diablo inclina su chuzo ante San Roque y dice:

Yo, San Roque, te prometo
comprarme una carabina
pa matar a los tenderos
que en el vino echan fuchina.

Seguidamente bajan del tablado los danzantes y recorren algunas calles, haciendo el diablo mil travesuras y asustando a chicos y mujeres, pero huyendo rápidamente en cuanto el ángel aparece.

Recitador: R. Corbaton
Colector: José de la Fuente

Canciones

Ha sido atrevimiento
ponerme a cantar;
habiendo aquí maestros,
siendo yo oficial.
¡Vaya atrevimiento venir yo aquí
a cantar con maestros,
siendo yo aprendiz!

Un juilguero cantaba
de roble en roble,
llamando a su juilguera
con pasión doble.
Y le decía:
«¡Ven acá, no te vayas,
jilguera mía!»

Al estilo de Mondéjar
vengo peinada:
me ha peinado mi tía
la mondejana.
En el baile, bailando, dijo mi tía:
«Tú te llevas la palma,
sobrina mía.»

Los gatos de mi casa
son cazadores:
a la orilla del fuego
cazan ratones.
¡Animalitos! Como cazaban
al amor de la lumbre
se revolcaban.

Aquel que se casa
en día viernes,
vivirá muchos años
si no se muere.
¡Anda morena! ¡Vaya una suerte,
el estar siempre vivo
hasta la muerte!

Caminando a la ausencia
perdí el camino,
tropecé en la inconstancia
y en el olvido.
En las mujeres tengo fortuna,
porque yo quiero a todas
y a mí ninguna.

Labrador, a tu surco
va una paloma;
trátala con cariño,
que es mi persona.
Tírale y dale
a esa blanca paloma
que va en el aire.

El agua de tu pozo
me da ronquera,
pues beberé de tu agua
aunque me muera.
Dímelo andando,

que si tú llevas miedo
yo voy temblando.

Una moza en el baile
se lo miraba,
la punta del zapato,
que le apretaba.
Y eso sería
que el bailador bailando
la pisaría.

El día que me case
me da mi tío
un costal, una manta
y un borriquillo.
El costal está viejo, la manta, ro-
y el borriquillo ciego, [ta,
que no ve gota.

Cuando voy a la ronda
no sé cantares;
cuando vuelvo a mi casa
los saco a pares.
Esto es tan cierto
como aquel que hinca el pico
es porque ha muerto.

A tu puerta he llegado
y a tus umbrales;
cara de sol y luna,
¿cómo no me abres?
Eres bonita, eres lucero,
eres el fino vaso
donde yo bebo.

Eres como los granos
de la granada.
Dios quiera que te veas
bien empleada.
Te daré empleo
si tú me das el óleo
de tu salero.

De rosas, de claveles
y de alhelíes
tienes la cara, niña,
cuando te ríes.
Eres bonita, ya lo sabemos;
pero con tu hermosura
no comeremos.

A buscar una novia
me voy a Ambite,
y si allí no la encuentro
voy a Escariche.
Si en Escariche no me acomoda,
cojo la vega abajo
y me voy a Hontova.

Al pasar el arroyo
de Marchamalo,
una marchamalera
me dió la mano.
Anda vivo y más vivo,
que ese cuerpo merece
mayor castigo.

Una moza con ganas
de tener novio
santas y buenas noches
le dijo a un olmo.
¡Anda y cómo estaría
que un mocito de veinte
le parecía!

No plantes viña
junto al camino,
todo el que pasa
coge un racimo.
Y de ese modo
te la van vendimiando
poquito a poco.

Un cazador cazando
perdió un pañuelo,

pasó por allí una liebre
y se le echó al cuello.
Y eso sería
que el cazador cazando
le perdería.

El día que no veo
a la Vicenta,
aunque coma pichones
no me alimenta.
Dame un pechito
de dos que tienes,
que estoy malo y no puedo
comer de viernes.

Estoy acatarrado,
cantar no puedo,
porque he bebido agua
del pilar nuevo.
Estoy acatarrado
y no puedo cantar,
porque he bebido agua
del nuevo pilar.

Mi amante es pajarero,
me ha traído un loro
con las alas de plata
y el pico de oro.
Mi amante es pajarero,
trajo un lorito
con las alas de plata,
de oro el piquito.

De Madrid han venido
dibujadores
a dibujar tu cara,
ramo de flores.
Aquí está tu amante,
pero no canta,
y un amiguito suyo
suple la falta.

A rondarte venimos
sin tu licencia,
que perdones pedimos
la inobediencia.
Eres la luna, eres lucero,
así fueses la almohada
donde yo duermo.

El primero canto yo,
porque el primero he llegado,
el segundo cantará,
morena, tu enamorado.

¡Viva Alhóndiga y Tendilla,
Moratilla y Peñalver,
y viva Fuentelencina
con su hermoso chapitel!

Alcarreño soy, señores;
provincia, Guadalajara;
Moratilla de los Meleros,
y el partido de Pastrana.

Las dos hermanitas duermen
en su cama de madera,
y por cabecera tienen
la Virgen de la Salceda.

San Martín está en Armuña;
San Maximino, en Renera;
y en el pueblo de Tendilla
la Virgen de la Salceda.

El día que me eche novia
será día de semana,
porque luego los domingos
la más cochina se apaña.

Con ese repicoteo
que llevas en las enaguas,
parece que vas diciendo:
«De los juncos sale el agua.»

Somos amigos leales;
lo somos y lo seremos
hasta derramar la sangre
que en el corazón tenemos.

Los ojos de mi morena
ni son chicos ni son grandes,
que son como las olivas
que tienen los olivares.

Subí la cuesta corriendo
por bailar, y no bailé;
perdí la cinta del pelo,
¡vaya un jornal que gané!

¡Quién fuera clavo dorado
donde cuelgas el candil,
para verte desnudar,
por las mañanas vestir!

Calle de las cuatro esquinas,
¡cuántas veces te he rondado!
y las que te rondaré
si no me toca soldado.

La calle Mayor me mata
por el lado de la umbría;
una niña de quince años
me está quitando la vida.

En esta esquina me paro,
como es costumbre de mozos,
por ver si veo pasar
a la prenda de mis ojos.

Señor alcalde mayor,
tenga usted la vara tiesa,
que los mozos de este pueblo
tienen muy mala cabeza.

A la escuela del amor
de la mano me llevaste,
y a la primera lección
el corazón me robaste.

Vámonos, compañerito,
que las estrellas van altas,
y la luz del día viene
descubriendo nuestras faltas.

¡Qué cuesta tan penosilla,
que al subirla me reviento,
pero tengo una morena
que me ayuda con su aliento!

Una morenita de ojos,
me dijo que si quería
dormir con ella una noche,
que ya me lo pagaría.

Buenas noches nos dé Dios
de San Felipe y Santiago;
vengo a darte la noticia
que ha llegado el mes de mayo.

—¡Ay, madre, que se me ha ro-
—Hija, no digas el qué. [to...
—... el cantarillo en la fuente!
Madre, ¿qué creía usted?

¡Cuánto me gusta la ronda!
Yo por la ronda me muero,
la bandurria y la guitarra,
la pandereta y los hierros.

Para cantar bien la jota
hay que tener gran salero,
para tocar la guitarra,
saber menear los dedos.

¡Qué contentos estarán
los padres de esta doncella!
Estando el cielo tan alto
y en su casa hay una estrella.

No sé cómo no florece
la escalera de esta casa,
subiéndola quien la sube,
bajándola quien la baja.

Portalillo de la iglesia,
¡cuántas ligas habrás visto!
¡Cuántos pecados mortales
habrás cometido a Cristo!

Deseando estoy que llegue
la Virgen de la Olivilla,
para irme a divertir
con mi novia a Moratilla.

Esta es la plaza, señores;
esta es la plaza y no es otra,
donde tiran a la barra
y juegan a la pelota.

¿Que los quintos de este año
dicen que no valen na?
Como los quintos de este año
ni los hay ni los habrá.

Si me quieres dímelo,
y si no di que me vaya;
no me tengas al sereno,
que no soy cántaro de agua.

Si me diste calabazas
me las comí con vinagre,
los besos y los abrazos
que te los quite tu padre.

Alcarreño soy, señores.
yo mi patria no la niego,
que no teme un alcarreño
a veinticinco flamencos.

Soy labrador alcarreño,
hermano de San Isidro;
pero me gusta la juerga,
mujeres, tabaco y vino.

¡Viva la paz y la unión!
¡Viva la tranquilidad!
Y los mozos de este pueblo
que viven con lealtad.

No siento las malas noches
ni el dormir sobre tu puerta;
tú dime a mí que me quieres,
que lo demás no me importa.

Tienes unos ojos, niña,
que causan tranquilidad,
y cuando vas por la calle
vas diciendo soledad.

Tiene la Alcarria las mieles
más dulces del mundo entero,
pero yo te tengo a ti,
niña de los ojos negros.

Buenas chicas hay en Huera,
Fuentelencina y Tendilla;
pero se llevan la palma
las chicas de Moratilla.

Eres, eres, eres, eres,
eres, eres y serás,
la perdición de los hombres
y la causa de mi mal.

Eres, eres, eres, eres,
eres, eres y serás.
entre todas las mujeres
una como las demás.

Una mujer fué la causa
de mi perdición primera,
y también de la segunda,
y también de la tercera.

Hermosas he visto yo,
pero como tú ninguna,
en el carrillo derecho
llevas el sol y la luna.

Eres pequeña y menuda
y te aprietas el corsé;
me gustas por lo bonita
por lo que yo sólo sé.

A mi suegra la llevé
a la feria de Tendilla,
y no la pude vender
por unas matadurillas.

Tienes unos ojos, niña,
como huevos de perdiz,
tus labios son dos corales
debajo de la nariz.

Me casé con un pastor
por comer arroz con leche;
todas las noches me daba
con el garrote en los dientes.

Esta es la ronda, señores,
la ronda de la alpargata:
dos primos y tres hermanos
y entre todos cuatro ratas.

—¿Con qué te lavas la cara,
que te reluce la frente?
—Me lavo con agua clara
de los caños de la fuente.

Eres una cachiguarra,
que tu madre te lo dijo.
Cuando tu madre lo dice
señal de que algo habrá visto.

La ronda va por la calle,
madre, yo me voy con ella,
que ya cumplí los quince años
y he pagado la peseta.

Hasta las doce la noche
en la ronda beben vino,
y luego de madrugada
aguardiente por cuartillos.

Pedimos, Santa Quiteria,
y lo mismo San Isidro,
que no nos hielen las viñas,
que nos gusta mucho el vino.

La moza quiere saber
quién la ronda y la divierte:
son los mozos de tu pueblo,
que tienen gusto de verte.

La panda de los chavales
dicen que no beben vino;
lo que no beben es agua,
aunque les tiren al río.

Una rubia vale un duro,
una morenita, dos.
Yo me tiro a lo barato,
rubia de mi corazón.

Vámonos de aquí, que corre
la mala fortuna nuestra,
que se ha caído la torre,
también se cairá la iglesia.

Hermosa clavellinera
que tienes en la ventana,
si los riegas esta noche
claveles tendrás mañana.

Por niños se va París;
a estudiar a Salamanca.
El mejor vino de Arganda;
la mejor miel en la Alcarria.

Ojillos como los tuyos
no los hay en veinte leguas,
ni una cara tan bonita,
hermosa moratillera.

Que viva Guadalajara,
madre del pueblo alcarreño,
y la Virgen de la Oliva,
la patrona que tenemos.

Desde aquí veo la plaza
y la casa Ayuntamiento,
donde me tocó la suerte
la mañana del sorteo.

A mí me ha tocado el uno
y a mi compañero el dos.
Vámonos a la taberna
a emborracharnos los dos.

Las rosas y los claveles
tuvieron una batalla,
y ganaron los claveles
porque reinan en tu cara.

¡Qué buena va la guitarra
si la prima no se rompe!
¡Qué buena va la guitarra
para rondar esta noche!

Anoche te vi la cara
a la luz de mi cigarro;
no he visto cara más bella
ni labios más encarnados.

Salé el sol por la mañana
y a tu balcón va a parar,
mira si serás bonita
que hasta el sol te va a buscar.

La calle del señor cura
no debía de ser calle,
debía de ser convento
de las monjas o de frailes.

Por Beninches sale el sol,
por Alhóndiga, los rayos,
y en el pueblo Moratilla
los claveles encarnados.

No compres mula en Tendilla
ni en Brihuega compres paño,
ni te cases en Lupiana,
ni duermas en Marchamalo.

La mula te saldrá falsa,
el paño te saldrá malo,
la mujer saldrá frailera
y el posadero muy caro.

Todita la sal de Dios
está en el mundo bailando,
quien no lo quiera creer
a la vista el desengaño.

Me gustas por lo bonita
y lo apañada que eres:
apretada de cintura,
la cara como la nieve.

Ustedes verán, señores,
lo que me quiere mi suegra,
que cuando come lechuga
me da las hojas de afuera.

La Virgen de la Salceda
la celebran en Tendilla;
nosotros en este pueblo,
a la Virgen de la Oliva.

Aquel lucerillo, madre,
que va delante la luna
es el que me alumbra a mí
las noches que voy de tuna.

Despedidas

Despedidas vienen dando,
despedidas de verdad;
despedidas vienen dando
y a tu puerta llegan ya.

Me despido de esta casa
con muchísimo dolor,
en los clavos de la puerta
se queda mi corazón.

Me despido de la rosa,
me despido del clavel,
me despido de mi novia
y de sus padres también.

Una despedida sola
dicen que no vale nada,
a ti te echaremos dos
por ser la más resalada.

Allá va la despedida
con la mano en el sombrero,
que a mí siempre me ha gustado
quedar como un caballero.

Te canto la despedida
con la mano en la pared;
ningún trabajo me cuesta
quedar con la gente bien.

A la Virgen dicen Juana;
al Hijo de Dios, Pedrito;
en acabando esta jota
echaremos un traguito.

Te canto la despedida
debajo de tu ventana.
¡Adiós! y no para siempre.
¡Adiós, cielo; hasta mañana!

Le digo adiós al lucero;
le digo adiós a mi vida;
no me queda más remedio,
y esta va por despedida.

Cantadas y recitadas por el tio Juan, de cincuenta años y por Lope Martínez, de cuarenta y ocho años.—Moratilla de los Meleros (Guadalajara).

Recogidas por E. NAVARRETE

Adivinanzas

Soy insensible y fría
y más dura que la roca,
y a pesar de todo, beso
a los seres en la boca.

—La cuchara.

Soy bueno y malo a la vez;
me buscan y huyen de mí,
y lo que me da la vida
lo acostumbro a destruir.

—El fuego.

Sólo tengo una pata
y camino con tres;
soy recto y delgado
y tengo el cuello doblado.

—El cayado o garrota.

Tengo un can
que de la casa cuida
como un perro fiel;
tengo un dado
y no juego con él.

—El candado.

Soy una mujercita
brillante y delgada;
sólo tengo un ojo
y no tengo cara.

—La aguja.

Una damisela
muy aseñorada;
va metida en coche
y siempre va mojada.

—La lengua.

—¿Cuál es el ave sin ojos
que vale más que con ellos?

—La avellana,
pues la que los tiene
es que está vana.

Una vieja de luto
que cuelga de un canuto.

—La breva.

Un convento
lleno de gente,
pero no tiene puertas
por donde entre.

—La granada.

Un buey bermejo
sobre el pellejo.
que tiene las costillas

—El barril o cuba.

Un convento cerrado
sin campanas ni torres,

con muchas monjitas
que liban las flores.

—La colmena.

Campanario cerrado;
no tiene llave ni candado.

—El huevo.

Doce hermanos son
y el segundo es el menor.

—Los meses.

Un pajarito sin alas
que vuela más que las balas.

—El pensamiento.

Blanca soy, blanca nací;
pobres y ricos gustan de mí.

—La sal.

Una paloma
en su palomar;
se la ve salir,
pero no entrar.

—La saliva.

Una señorita
la mar de delgada,
que salió a bailar,
quedó embarazada.

—El huso.

Va y viene,
y en el camino se entretiene

—La puerta.

Redondita y con melena,
perfumadita y sabrosa,
que le hace llorar con pena
al mismo que la destroza.

—La cebolla.

En el monte fuí nacida,
un hombre me dió figura;
ando a tumbos y chirridos
cuando voy por tierra dura.

—La rueda.

Matrimonio muy unido:
cuando sale la mujer
se queda en casa el marido.

—El candado y la llave.

Cloquea y cloquea,
toma a veces agua,
pero nunca mea.

—La gallina.

Cien damas en un cuartel
y todas mean a la vez.

—Las tejas cuando llueve.

Yo tengo un pozo
con una soga:
si la estiro, no alcanza;
si la doblo, sobra.

—La boca y el brazo.

Una vieja larga y seca
que le corre la manteca.

—La vela.

De La Habana vengo
preso y amarrado;
traigo la sentencia
de morir quemado.

—El tabaco.

Dos banderitas que no ondean
[con viento;
sólo recogen sus ecos
y guardan muchos secretos.

—Las orejas.

Es cama en que nadie duerme
y león a quien nadie teme.

—El camaleón.

Enseña y no es maestro;
tiene hojas y no es árbol;
abre y cierra sus mil puertas,
que no tienen cerraduras.

—El libro.

Soy tu buena amiguita,
sin ojos ni naricita;
mi boquita siempre abierta
traga lunas y lunitas.

—La alcancía.

Centinela cuando llueve
debajo de su capote.
No te asombre:
tiene hileras de dientes,
tiene un hermoso bigote...
y no es hombre.

—La mazorca.

Recogidas por JOSE SANZ Y DIAZ
en los pueblos del antiguo «Señorío de Molina (Guadalajara).

NOTAS DE LIBROS

ESPINOSA (AURELIO M.): *Cuentos populares españoles recogidos de la tradición oral de España*. Madrid, 1946-47. 3 volúmenes.

La bien conocida y estimada colección de *Cuentos populares españoles* del eminente profesor Aurelio M. Espinosa, que en 1920 recorrió una gran parte de España para recoger fielmente de labios del pueblo su rica colección, publicada en tres volúmenes en 1923-26. Con su recogida prestó un servicio singular al folklore español, salvando del posible olvido temas cada vez menos estimados por el vulgo, que pueden perderse en esa destrucción y que en parte se diluyen y complican con las lecturas infantiles de las colecciones internacionales, al divulgarse en las escuelas cuentos extraños inexistentes en la tradición peninsular. Su obra fué además de decisivo interés por el método de rigurosa fidelidad, tan poco respetada por nuestros colectores, que en cada cuento veían un tema literario aprovechable, sin conciencia de la transcendental importancia que un detalle de él podía tener en su estudio comparativo y sin escrúpulo para omitir detalles reputados ingratos y para deformar el cuento con un criterio estético personal. En la edición nueva, de tres volúmenes, el volumen primero lo constituye la colección de 280 variantes, la más abundante de las publicadas hasta ahora. En la nota a la presente edición el autor anuncia la próxima publicación de una colección mucho más rica formada por su hijo Aurelio en el año 1936, y que constituirá con sus 500 versiones la más copiosa colección europea de cuentos populares. Pero, si es de capital interés la obra penosa de la recolección, es aún más interesante el estudio.

El estudio comparativo de los cuentos forma los dos últimos volúmenes. La literatura comparada de temas populares no tiene en España estudio que pueda parangonarse con éste y los más apurados y amplios trabajos europeos, como los de Bolte y Polívka, seguidos y admirados por el autor, no aventajan al suyo ni en el agotamiento de las fuentes his-

tóricas, ni en sagacidad de la investigación, ni en la claridad expositiva. La temática de cada cuento va en la obra del señor Espinosa subdividida en los más menudos temas concretos, y así las comparaciones se refieren no sólo al vago conjunto de una narración, sino a cada uno de los elementos que la integran, lo que permite apreciar mejor la transmisión global, la que es omisión del narrador desmemoriado, lo que es añadido de contaminación, y en fin, lo que es recreación regional o personal.

Las fuentes utilizadas para el estudio comparativo son amplísimas y la bibliografía de los trabajos de literatura comparada es de una impresionante riqueza. En vez de la estrecha visión de cada cuento nuestro, comparado con algún otro extraño con el modesto fin último de buscarle alguna semejanza, la amplitud de visión de los cuentos comparados le permite establecer la temática total del tipo común, y en el catálogo de temas la presencia y ausencia de cada uno y sus variantes permite establecer familias o tipos geográficos humanos asiáticos, europeos, africanos, germánicos, eslavos, finlandeses, románicos y americanos.

La afinidad de cada tema, vista dentro de cada grupo humano, descubre la relación histórica probable, como la descubre la comparación de los caracteres lingüísticos, que con ayuda de la geografía y de la historia llega a fijar la filiación de cada lengua y sus influencias. Sólo así, conjungando los temas de cada cuento y estudiándolos geográficamente, se logra en muchos casos ver el probable punto de origen del arquetipo o primitiva relación y las complicadas transformaciones posteriores que hubo de sufrir.

Es sumamente aleccionador y sugestivo el proceso del tema fundamental refundido y aclimatado en cada región tradicional, proceso no menos instructivo que la evolución histórica de las lenguas, menos sujetas a contaminación que los relatos populares.

Con una clasificación convencional, el libro divide los cuentos estudiados en seis grupos: cuentos de adivinanzas, cuentos humanos varios, cuentos morales, cuentos de encantamiento, cuentos picarescos y cuentos de animales. Como es lógico, los cuentos van estudiados con desigual empeño, limitándose en unos a señalar caracteres comunes de algunos de sus temas, y apurando en otros, como en el del muñeco de brea, los datos más recónditos y extensos de la bibliografía universal.

En todos ellos, sin embargo, brilla el más agudo criterio que llega a las audaces conjeturas o se mantiene en la me-

surada prudencia ante testimonios que la pasión o parcialidad de otros aprovecharía para fomentar rotundas conclusiones. El autor no aparece como adepto de una escuela etnográfica, inclinado a señalar filiaciones míticas o históricas, primitivas orientales o secundarias, sino como sereno juez de hechos, tamizados con furia crítica y expuestos en conclusiones convincentes.

El señor Espinosa ha prestado con este libro a la literatura popular española un servicio que no se estimará nunca bastante, porque en ella señala su obra una fecha inolvidable.

CÂMARA CASCUDO (Luis da): *Geografía dos mitos Brasileiros*.—Río de Janeiro. Livraria José Olympio. 1947.

Nos hallamos ante un libro en que no se sabe qué admirar más: si el material considerable, pacientemente allegado, o la exposición técnica. El autor tiene el entusiasmo del colector incansable y una cultura folklórica de gran calidad y de rara fineza. El autor, modesto y receloso de las leyes etnológicas, valora más el rico caudal allegado en largos años de amorosa curiosidad, que el encaje de estos hechos en los estrechos casilleros de las leyes. No desdeña las luces de las leyes preestablecidas, pero es de los pocos técnicos que saben ponderar bien la urgencia de la recogida de ese rico material popular que se nos va de las manos, avasallado por la cultura uniformadora del cine y de los libros. Lo natural es que el técnico quiera aprovechar también su técnica y se apresure a emplearla con los escasos datos que se le ofrecen: pero el folklorista que lo sea de pasión y sienta el problema de la cultura de su patria, apreciará que aún más valioso que sus clasificaciones y acaso apresuradas referencias, sería una intensa rebusca del material nacional, que sobreviviría así a nuestras discutibles referencias y a nuestra técnica etnológica. Cámara Cascudo ha recogido en los campos brasileños y en los documentos y libros un caudal de datos mitológicos del más subido valor. Con breves y certeros rasgos encuadra los diversos tipos de mitos en las regiones de Acre, Alagoas, Amazonas, Bahía, Ceará, Espíritu Santo, Mato-Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Río de Janeiro, Río Grande, Santa Catarina, San Paulo y Sergipe. La obra se divide en dos partes: la primera, de mitos pri-

mitivos y generales; la segunda, de mitos secundarios y locales.

La mitología americana, sorprendida en plena vigencia por los europeos, de ideas tan distintas, merece ser esclarecida con más interés acaso que las mitologías orientales. Nuestras creencias y nuestra cultura artificiosa y unificada, de repente enfrentadas con las de un pueblo que vivía en el seno de la naturaleza, tenían que chocar con las ingenuas creencias y supersticiones, y los colonizadores tenían que juzgar con una natural incomprensión, según los criterios de sus propias costumbres.

Con fina perspicacia estudia el autor la deformación de la mitología india por los misioneros cristianos. La catequesis se fundaba en una asimilación de la religión india americana a la religión de Cristo, haciéndose del alto dios Tupã, sin liturgia, una denominación del Dios que se anunciaba, y de Jurupari, de culto misterioso, denominación de Satanás. La mitología aborigen quedó desde entonces vista con el cristal de la nueva fe, y el dios más popular, Jurupari, fué para los grandes catequistas el diablo de los indios. Así es aprovechable el caudal de datos de los religiosos sobre el ritual indio; pero la teogonía hay que estudiarla al margen de sus interpretaciones y del expurgo catequístico que convirtió en demonios a Jurupari, Anhanga, Curupira, etc.

Aprovechar con apurada erudición todos los datos de los historiadores de Indias y las observaciones de los misioneros, hasta en referencias transitorias de obras de otra índole, pero sin aceptarlos en su interpretación literal, antes sometiéndolos a un riguroso examen comparativo con lo que en sí y en verdad debió ser la tradición india, tal ha sido el difícil empeño del sabio etnógrafo brasileño, que lo ha realizado con la más fina sagacidad y con singular arte.

Su amplia erudición le permite ver en una perspectiva dilatada muchos de los temas fundamentales, estudiando las semejanzas y posibles relaciones con antiguos mitos del Viejo Mundo, indicando en varios de ellos su probable origen peninsular o africano, y hasta fijando con agudo análisis los diferentes puntos de partida de los mitos portugueses. Los mitos orientales y europeos elaborados en las distintas zonas de Portugal, los difunden los audaces colonos. Su lengua frente al tupí, todavía en el siglo XVIII, había ganado sólo una parte de la población indígena; pero su gracia vital iba al fin a eliminar la lengua indígena. Si por el choque de las dos cul-

turas no cabía propiamente una transacción lingüística, se dió en la mitología, como en el mestizo racial, una inevitable mezcla. Ayudado por la cultura, el portugués tenía que avasallar las hablas indígenas. En cambio, en los mitos, el alma lusitana, abierta y sensible a la superstición, halló en ellos un recreo, y en el misterioso escenario de las nuevas tierras sintió la emocionada curiosidad de sus ritos y de sus creencias, que en parte aprendió y compartió.

En la explicación de los temas el autor concede mayor extensión a algunos de ellos, como el del Lobishomem, señalando antecedentes de la tradición greco-latina y analogías con temas de diversos países europeos.

En dos secciones, ciclo de la angustia infantil y ciclo de los monstruos, analiza temas legendarios de gran interés, unos que obedecen a la transmisión cierta y otros que responden a reacciones comunes de la mente humana.

No se haría justicia a la excelencia de este libro si no se hiciera destacar del modo más expresivo la gracia de su elaboración y la excelencia de su forma. No es el libro frío de lenta acumulación de citas eruditas, sino una obra emocionada, sentida con vehemencia y escrita con lírica belleza. El autor siente apasionadamente los temas y los describe con singular viveza imaginativa y con una plástica expresión de altos quilates literarios.

Bénichou (Paúl): *Romances judeo-españoles de Marruecos.* Instituto de Filología.—Buenos Aires. 1946.

Comprueba este libro cómo el entusiasmo y la destreza técnica del investigador halla modos de captar temas en circunstancias poco adecuadas. Fuera de veinte romances enviados de Orán, el señor Bénichon forma su colección en Buenos Aires, aprovechando las versiones conservadas en la memoria por una familia sefardita trasladada de Marruecos a la Argentina, hasta el número de cincuenta y ocho romances. Esta colección pone de relieve la importancia de los romances marroquíes, cuya riqueza y conservación aventaja a los de los judíos orientales.

Los romances o cantares marroquíes despertaron desde el pasado siglo la curiosidad de algunos eruditos, como lo prueba la colección de Salomón Lévy de Orán, de 1896, y

luego la colección tangerina de Benoliel. *El Catálogo del romancero judío-español*, de Menéndez Pidal, publicado en 1906, ha acrecentado el deseo de la colección completa y del estudio definitivo del romancero. Como contribución a esta gran empresa literaria presenta el señor Bénichon su valiosa aportación, importante por el número y por el análisis de las variantes. Veinte versiones proceden de la señora R. Serfati, de Orán, y el resto de la familia de don Jacobo Coriart, presidente de una comunidad sefardita de Buenos Aires. Por coincidir en los temas, se ofrecen a la vez las versiones de ambas procedencias en los veinte primeros romances. A cada una de las versiones del libro acompañan interesántes observaciones y comparaciones con otras judías o peninsulares. El autor halla coincidencia fundamental con 54 versiones peninsulares, entre sus 68 romances, y trata de valorar unos y otros por el estado de conservación de los temas de cada romance, descubriendo rasgos más arcaicos y mayor fidelidad en los judíos que en los peninsulares, con relación al supuesto tipo primitivo de cada uno. En los 12 romances en los que no halla coincidencia particular, el autor se pregunta discretamente si es carencia por olvido del tema, o es insuficiencia de exploración. Son de un sentido crítico muy afinado sus observaciones sobre la recreación en la transmisión oral, sobre la cronología de los romances y sobre la eliminación de los elementos cristianos en donde se destacaba una discrepancia con su fe. Termina el libro con un interesante estudio gramatical sobre la lengua de estos romances, en parte aprovechando las notas del trabajo de Benoliel en el *Boletín de la Academia Española*, XIII, XIV y XV, titulado *El dialecto judeo-hispano-marroquí*, y en parte con observaciones propias sobre la fonética, la morfología y la sintaxis de este dialecto.

V. García de Diego

Câmara Cascudo (Luis da): *Vaqueiros e Cantadores*. Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraiba, Río Grande do Norte e Ceará.—Biblioteca de Investigacão e Cultura, Direcao Prof. J. de Castro.—Pôrto Alegre. 269 pgs.

El ilustre presidente de la Sociedad de Folclore Brasileiro, y también presidente del futuro Congreso Luso-Brasileiro de Folclore que se celebrará en Portugal, nos presenta este

libro de impresión directa, que si no despertó, sí orientó su investigación folklórica de recogida inédita y directa de datos de la vida real, no de libros ni de acopio literario.

El valor de este libro de ver y oír, como hace muchos años llamó a sus primeros artículos informativos del solar español Ortega y Gasset, está realzado, pero no modificado, por las lecturas e información posterior del autor, hecho esencial que da valor y vida a estos estudios. Tal vez su única falta es el no llevar ilustraciones, puesto que la gráfica es auxiliar indispensable, sin caer en el criterio opuesto de otros autores que reducen a meras fotografías o dibujos sus trabajos de etnografía y folklore.

Al estudiar la poesía «sertaneja», hallamos una distinción al llamarla mnemónica y tradicional, y dar a los romances su base esencial en la finalidad moral de los mismos, «santificando siempre los humildes, premiando los justos, los buenos, los insultados», como utilidad esencial del folklore. Establece que como hijuela de los romances lusitanos y españoles se crean en aquel gran medio americano los brasileños ejemplificados en el de la doncella Teodora, y adaptaciones como la princesa Magalona.

Es curiosa la parte dedicada como complemento de los romances a la poesía, llamados A B C, pues sus ejemplos y transcripciones desde el de Hugolino de Teixeira hasta el de Nossa Senhora Aparecida, siempre de versos narrativos y nunca críticos ni satíricos. Contrastando con los de A B C están los versos de supuestas oraciones, ceíticos o irónicos, en los numerosos ejemplos de la amplia extensión que esta forma tiene en todo el Brasil, y de los que no sería difícil hallar orígenes ni rastros en nuestra Península.

La más estricta conexión entre lo lusitano y aun castellano con lo brasileño, se presenta en las fiestas de animales, no sólo explicables, sino dominantes en un país ganadero, y este «ciclo do gado» va desde las simples carreras de caballos hasta el encierro y apartado, así como las corridas de toros, fundamentalmente en algunas de las provincias del Sur.

Erudita es la investigación acerca del origen de los cantadores, que en el Brasil continúa la tradición juglaresca y medieval de la Península, sin ampliar los horizontes para su búsqueda a los períodos helénicos o a las comarcas escandinavas, y aún nos parece que puede ser autóctono en la esencia, aunque con modalidades morfológicas extrañas, el cantor de los hombres y de las tierras brasileñas.

Siguiendo la teoría de los ciclos en las culturas populares, expone Cámara Cascudo la curiosa figura del Padre Cicero, que caracteriza el ciclo social de gran influencia en los indios de algunas regiones, que han llegado a estimarle en loor de santidad, usando como amuletos bolsitas con arenas del cúmulo de sus enterramientos, y completa este ciclo social con los estudios en favor y desfavor de las damas, recogiendo coplas y formas poéticas acerca del asunto; el negro en los desafíos del Nordeste y otros temas.

Puede generalizarse cuanto a las leyes, reglas y ordenanzas de los cantadores, lo que respecto a los del Brasil insértase en esta obra, pues las mismas particularidades, e incluso la de los improvisadores, se presentan en la Península, y sólo en particularidades que pudiéramos llamar regionales o aclimatativas, distínguense los del Brasil, así como cuanto atañe al desafío lírico poético, que tanta raigambre tiene precisamente en Galicia y, por ende, en todo el Norte de Portugal, rasgo sin duda norteño y occidental, pues no aparece ni en el centro ni en el Mediterráneo peninsular.

El tercio final de este interesante y evocador libro para los investigadores, está constituído por el documentario de la parte general y expositiva, y en él se recogen escritos y biografías acerca de los más destacados temas generales, como el del conocido tipo de Pedro Malas Artes, elevado por Quevedo a la literatura universal, el padre que quería casarse con su hija, jácara de la bella infanta, y varias leyendas y sátiras, insertadas, pudiéramos decir, en el folklore del Brasil. Es de menos interés para el lector extra-brasileño el resumen biográfico de los cantadores y otros datos eruditamente desarrollados en esta obra.

L. de Hoyos Sáinz

Pires de Lima (Augusto César): *Estudos etnográficos, filológicos e históricos*.—Edic. Junta de Provincia do Douro Litoral. Porto, 1947.

Los artículos publicados en periódicos y revistas están condenados al olvido o cuando menos a su inutilidad para la investigación, en la mayoría de los casos, por la dificultad de encontrar estos trabajos cuando se precisan.

No siempre es fácil a los autores poder reunir en un vo-

lumen esos trabajos dispersados en las publicaciones periódicas, pues falta editor que quiera imprimirlas, por entender que esta labor añeja no tiene compensación económica suficiente.

Por ello es de aplaudir a la Junta de Provincia do Douro Litoral, el que generosamente haya acogido esta idea tan sentida y necesaria por los investigadores, de reunir los trabajos difundidos en revistas que, como los del profesor Augusto César Pires de Lima, son de tan fundamental interés para cuantos se dediquen a los estudios folklóricos.

En este primer volumen figuran los siguientes artículos:

O Folclore, en el que predominan las definiciones y los ejemplos de cada una de las materias que comprende el saber popular.

El dedicado al *Museo de Etnografía e Historia de la Provincia de Douro Litoral*, enséñanos las normas para la organización de estos museos bajo la protección del Estado, pues no es posible de un modo particular reunir tantos objetos como se precisan para el conocimiento de un país en sus costumbres, fiestas, industrias, artes y oficios tradicionales.

Dedica a *Nossa Senhora* un extenso capítulo, considerándola en su devoción como protectora de los navegantes, demostrando en el mismo una gran erudición al citar todas las naves que desde antiguo vienen llamándose con el nombre de una advocación mariana, así como romances, plegarias, exvotos y otras expresiones de fe religiosa de los nautas.

El capítulo del *Simbolismo jurídico* contenido en el derecho consuetudinario, es de inmensa enseñanza, por ser núcleo de leyes vigentes.

A Industria agrícola, como elemento da vida da nacionalidade, es otro capítulo que, además del inmenso valor social que encierran los conceptos y costumbres populares, recoge refranes de meteorología y épocas de labranza de indudable sabor práctico.

El último trabajo que figura en este volumen está dedicado a la muerte, *A morte das tradiçoes do nosso país*, y comprende los siguientes aspectos: sinónimos populares y eruditos de la idea de morir; frases comparativas; refranes (setenta y siete), oraciones para evitar la muerte repentina, cantos populares (desesperación, ironía, resignación, temor, luto, etcétera).

Esperamos anhelosamente el segundo volumen, y bien quisiéramos que esta feliz idea de la *Junta de Provincia do Douro-*

Litoral fuese imitada por todos los organismos culturales, por el gran estímulo que significaría para los autores al saber que sus trabajos podían tener perennidad, y además para los investigadores, que, como en este caso, precisan consultar y tener junto a sí los trabajos del gran etnógrafo lusitano Augusto César Pires de Lima.

DR. CASTILLO DE LUCAS

MOYA (Ismael): *Romancero. Estudios sobre materiales de la colección de folklore.*—Buenos Aires, Universidad, 1941. Dos tomos.

Conocíamos ya el excelente método de trabajo del ilustre profesor argentino Ismael Moya; no nos sorprende, pues, esta magnífica obra de su *Romancero*. Aunque sea anómalo, su *Refranero*, publicado en 1944, nos le había dado a conocer, pero por el interés de esta obra debe hacerse una reseña aunque sea tardía, ya que el libro no ha perdido nada de actualidad y merece ser conocido, no sólo por los que se dediquen a estos estudios, sino por todo lector curioso.

El trabajo está hecho con los materiales de la colección folklórica que posee el Instituto de Literatura Argentina, dirigido por don Ricardo Rojas. Merece una mención especial esta colección folklórica, por ser de gran interés, ya que, según nos hace saber el señor Rojas, se refiere a todas las provincias en lo que concierne al saber y arte populares; tan importante protocolo fué recogido bajo los auspicios del Consejo Nacional de Educación por los maestros nacionales, alcanzando la suma de 4.000 legajos. Al fundarse el Instituto de Literatura Argentina, en 1923, el señor Rojas, que ya en el año 1906 había demostrado interés por el folklore al escribir un artículo, «Nuestro folklore», publicado en *La Nación*, recabó y obtuvo los materiales para la Sección de Folklore. Para facilitar su manejo y estudio hizo un minucioso Catálogo, que consta de seis volúmenes, para que todo investigador pueda saber el contenido de los legajos. El Instituto no se propone publicar los materiales en bruto, sino hacer estudios monográficos de los diversos temas, los cuales inicia el presente *Romancero* de I. Moya, el *Refranero* que ya conocíamos, así como las *Supersticiones* y el *Cancionero*, por Carlos Vega.

Enfocando el estudio de un modo amplio para luego seguir la propagación del romance en la Argentina y en general en América, se remonta a los orígenes hispanos para mejor seguir la evolución en el tiempo y en el espacio. Inicia el trabajo con un breve estudio de la formación de las lenguas romances y el concepto de la palabra «romance» en la lengua española, presentando citas para su mejor comprensión.

Inicia el verdadero estudio de los romances desde los más antigos impresos conocidos, señalando el de estribillo, tan abundante en el romancero español, y algunos que pasaron a América y crearon tipos de influencia criolla, como las «vidalas» y el «cielito», aunque no todas estas coplas sean romances.

Con los primeros conquistadores llegan a América los romances, pero no se conforman con repetirlos, sino que los crean. El romance era habitual entre las gentes de Hernán Cortés, Mendoza y Salazar. El auge en el romance colonial se alcanza en los primeros años del siglo XIX; existe el romance de gauchería, que tiene como protagonista al gaucho y es el trovador de las llanuras argentinas, inspirados directamente en la rima y metro del romance español.

El tema de los pájaros es interesante en el romancero criollo; el señor Moya lo hace derivar de ciertos mitos y leyendas en las que hombres convertidos en pájaros expían sus culpas, aunque todavía no se haya encontrado la relación directa. En el capítulo siguiente entra en materia del romancero criollo, estudiando las coplas desprendidas de romances que pasaron a la tradición argentina o a coplas tenidas por gauchescas o criollas. Estudia después el payador o cronista de los acontecimientos populares en la Argentina, semejante al trovador medieval, y entra de lleno en los romances argentinos que exaltan a Quiroga, Ibarra, Taboada y otros héroes y guerreros. Examina lo que los poemas gauchescos y especialmente *Martín Fierro* tienen de romance, y afirma que es a «la vida y la literatura argentinas lo que el romancero y la novela picaresca fueron a la literatura e idioma de España». Compara el «cielito» con el romance fronterizo, por cantar la historia más próxima, destacando a Hidalgo, su principal cultivador.

Pasa al examen del negro y el indio como tema de romances gauchescos. Entre los cantos infantiles no podían faltar los romances, y algunos de sus corros provienen de ellos; añade a este capítulo un pequeño cancionero infantil.

Completa el magnífico estudio una parte documental muy nutrida, en la que transcribe los romances tradicionales en la Argentina, señalando sus variaciones respecto al original español; no faltan los muy conocidos, como *Delgadina*, *Don Bueso*, *Gerineldo*, *Bernal Francés* y tantos otros. Inserta también una serie de romances criollos de aventuras, romances históricos, jocosos, amatorios y algunos otros, que hacen un completísimo trabajo.

MARCOS DE SANDE (Moisés): *Del folklore garrovillano. Usos y costumbres.*—«Revista de Estudios Extremeños», 1945; tomo I, núm. 4, págs. 447-460.

El título nos indica que se trata de unas cuantas notas sueltas del folklore de Garrovillas, en la provincia de Cáceres. Iníciase con una referente al traje regional y su desaparición hace más de cincuenta años. De lo que ya podemos designar como ritos de pasaje, según definición del gran maestro del folklore A. Van Gennep, trata varias veces, desde algunas costumbres supersticiosas relacionadas con el nacimiento, usos en el bautizo, prácticas de la vida amorosa desde las rondas a la boda, y como fase final y no menos interesante, lo relacionado con la muerte y el entierro. No pasa por alto lo referente a fiestas y devociones, desde las generales, como San Blas y San Antón, a las locales y particulares, como la romería de la Virgen de Altagracia, Patrona de Garrovillas, destacando asimismo algunas particularidades de la Semana Santa, Navidad, Todos los Santos y otras celebraciones en que se ve la vida religiosa de los garrovillanos. Complétanse las notas con algunas referentes a la matanza, medicina popular y otros temas folklóricos. Sin duda por no hacer lentas las descripciones, el autor cita instrumentos o alimentos, como las «perronillas», «limas cañaveraliegas» y el garrapiñate», de las que nada dice, descripción que no es necesaria para el lector extremeño, pero que nos deja a los demás con el deseo de saber de qué se trata.

MENDOZA (VICENTE T.): *La danza de las cintas o de la trenza.* «Anuario de la Sociedad Folklórica de México», 1945, VI, págs. 113-137.

El ilustre director del folklore mejicano hace un interesante estudio del tema, considerando esta danza como de

fertilidad de origen prehispánico y muy difundida por toda América, de donde pasó a España y se difundió por toda Europa. Pero pensamos nosotros si no está demasiado relacionada con las «ruedas o trenches» que bailaban los jóvenes en el mes de mayo ya en la Edad Media; mas no es este el momento de indagar sobre el tema, sino de comentar el erudito trabajo. Trascribe documentos de los conquistadores, y algunos de cómo se hacen las danzas en la actualidad, principalmente durante el carnaval, en donde los hombres van vestidos a la usanza española del siglo XVII, y son también hombres los que visten de mujeres, llevando todos máscaras, lo que le da un aire burlesco que los separa de los bailes de cintas de España. Hace descripción del baile en Totoxcan, Jalisco, México y otras poblaciones, con transcripción de música y diagramas de los movimientos del baile.

Al tratar de este baile en España transcribe un párrafo de Ludwig Pfandl describiéndole en el siglo XVI, y de las características y difusión moderna que es sin duda más amplia que la señalada por Mendoza. Termina el interesante estudio con la cita de la danza en Europa, deteniéndose principalmente en Francia e Inglaterra.

ALMELA Y VIVES (FRANCISCO): *Cometas en el cielo de Valencia*. «Valencia Atracción», febrero-marzo, 1947, ilus.

Señala el autor cómo una de las costumbres tradicionales en las comidas campestres de los días de Pascua de Resurrección y San Vicente Ferrer la de lanzar cometas, que en Valencia designábanse «milocha» y llámanse en la actualidad «cachirulo». Consigna las más antiguas citas de la cometa, donde se llaman «milochas» tanto en el siglo XVII como en el XVIII, y la afición continúa viva en el siglo XIX, según testimonio de Echegaray. En la completa historia de las cometas no deja de consignar las exposiciones que de ellas se han celebrado, y los pintores que las decoraron, y el más constante obrero dedicado a confeccionar cacherulos, acabando con un relato de las diversas formas de cometas y sus materiales.

N. DE HOYOS SANCHO.

BIBLIOGRAFIA

LIBROS

ESPAÑA

ALAMO, NESTOR.— *Thenesoya Vidina y otras Tradiciones*, 1945. (Leyendas de las Islas Canarias.)

ALMELA Y VIVES, FRANCISCO.—*Folklore de... Altura. Cometas en el cielo de Valencia.*—Valencia, 1947.

ALVAR, MANUEL.—*Palabras y cosas en la Aezcoa.* Estación de Estudios Pirenaicos del Cons. Sup. de Inv. Cient.—Zaragoza, 1947.

— — *Contribución al Estudio del Dialecto Alto-aragonés.* (Premio Menéndez Pelayo, 1946).—Publ. del C. S. de I. C.

ANGLÉS, HIGINIO.—*Gloriosa contribución de España a la Historia de la Música Universal.* (Discurso pronunciado en la Sesión de Clausura del VIII Pleno del Cons. Sup. de Inv. Cient.), 1948.

AZKUE, R. M. DE.—*Euskaleriarem Yakintza.* (Literatura popular del País Vasco), tercer tomo.—Madrid, Espasa-Calpe, 1945.

BLECUA, JOSÉ MANUEL.—*Cancionero de 1628.* Edición y estudio del Cancionero 250-2 de la Biblioteca Universitaria de Zaragoza.—Publicaciones del C. S. de I. C. Inst. «Antonio de Nebrija», anejo XXXII de «Rev. de Filología Española», 1945.

BORRULL, TRINIDAD.—*La danza española.*—Barcelona, Edit. Sur. de E. Meseguer, 1946.

Cancionero de Upsala.—Introducción, notas y comentario de Rafael Mitjana. Transcripción musical en notación moderna de Jesús Bal y Gay. Con un estudio crítico sobre «El Villancico Polifónico» de Isabel Pope.—México, El Colegio de México, 1944, 157 págs.

CÁRDENAS, G. DE.—*La casa popular española Ensayo.*—Bilbao, Imp. Hispano-americana, 1944.

CARO BAROJA, JULIO.—*Los pueblos de España.* Ensayo de Etnología.—Barcelona, Editorial Barna. (Sociedad Alianza de Artes Gráficas), 1946.

CASAS GASPAR, ENRIQUE.—*Prehistoria de la medicina.*—Madrid, 1944.

CASAS GASPAR, ENRIQUE.—*Costumbres españolas de nacimiento, noviazgo, casamiento y muerte.*—Madrid, 1947.

CASTAÑEGA, MARTÍN DE.—*Tratado de las supersticiones y hechicerías del R. P. Fray ———.* Publicada por la Sociedad de Bibliófilos Españoles.—Madrid (Gráf. Ultra, S. A., 1946).

Catálogo de la colección de pendientes.—Trabajos y materiales del Museo del Pueblo Español.—Madrid, 1947.

CORONA BARATECH, CARLOS.—*Toponimia navarra en la Edad Media.* (Prólogo de F. Idurain).—Huesca, C. S. I. C. Estación de Estudios Pirenaicos, 1947.

Cuentos. Musas lejanas y leyendas de la vieja Rusia.—Traducción de M. Mansahall de Power, tercera edición.—Madrid, Revista de Occidente, 1946.

DALMAU, ANTONIO R.—*Las antiguas rifas barcelonesas* (con gráficos y dibujos de J. Mur).—Barcelona, Edic. Lib. Milla. [Gráf. Favencia], 1946.

DARDO DE LA VEGA DÍAZ.—*Toponimia Riojana.*—La Rioja, 1944. (Publicaciones de la Rev. de Historia y Letras de la Rioja.)

DIEGO CUSCOY, LUIS.—*Folklore infantil.*—Vol. II de Tradiciones Populares, Colección de Ensayos y Notas del Folklore canario. Publ. del C. S. de I. C.

DIRECCIÓN GENERAL DE TURISMO.—*Los pueblos blancos de España.*—Madrid, 1947. *La Semana Santa española.*—Madrid, 1947.

ELÍAS DE TEJADA SPINOLA, F.—*La tradición gallega.*—Madrid, 1944.

ESPINOSA, AURELIO M.—*El muñeco de brea.* Extracto de «Cuentos Españoles», vol II, págs. 163.—Madrid, C. S. de I. C., 1947.

ESPINOSA, A. M.—*Cuentos Populares Españoles.* Recogidos de la tradición oral de España. 3 vols., C. S. de I. C., Instituto «Antonio de Nebrija».—Madrid, 1946.

Fiestas del Corpus Christi en Daroca.—1945. 30 de mayo a 3 de junio.—Zaragoza, Artes Gráficas E. Berdejo, 1945. Programa oficial de las fiestas.

FORNS, J.—*Lo popular y lo culto en la música española.*—Madrid, Ministerio de Trabajo, 1946.

GARCÍA MARTOS, MANUEL.—*Lírica popular de la Alta Extremadura.*—Madrid, Unión musical española, 1944.

GARCÍA OLIVEROS, A.—*Cuentiquinos del Escañu.* Prólogo de C. Cabal.—Oviedo, Imp. Región, 1945.

GONZÁLEZ PALENCIA, ANGEL.—*Versiones castellanas del «Serdebar».* C. S. de I. C. Patronato «Menéndez Pelayo». Instituto «Miguel Asín».—Madrid-Granada, 1946.

GONZÁLEZ IGLESIAS, L.—*La Casa Albercana.*—Salamanca, 1945. (Public. del Colegio Trilingüe de la Universidad de Salamanca. Tesis y Estudios Salmantinos, 1.)

HOYOS SAINZ, LUIS DE, y HOYOS SANCHO, NIEVES DE.—*Manual de Folklore*.—La vida popular tradicional.—Madrid, Manuales de la Rev. de Occidente. (Imp. Vda. de Galo Sáez), 1947.

JAMAR LECLERO, CRISTINA.—*Bordados españoles*.—Madrid, Edic. G. S., 1945.

KRÜGER, FRITZ.—*El léxico rural del noroeste ibérico*. Traducción de Emilio Lorenzo y Criado.—C. S. de I. C., Instituto «Antonio de Nebrija». Revista de Filol. Esp., anejo XXXVI.

LAINA SERRANO, F.—*Historia de la villa de Atienza*.—Madrid [Diana], 1945. Publ. del C. S. de I. C.

LUGO, SEBASTIÁN.—*Colección de voces y frases provinciales de Canarias*. Edición, prólogo y notas de José Pérez Vidal.—Publicaciones de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de La Laguna, número 2,

LLORENTE MALDONADO DE GUEVARA, ANTONIO.—*Estudio sobre el habla de la Ribera* (comarca salmantina ribereña del Duero). Tesis y estudios salmantinos, 5.—C. S. de I. C. Colegio Trilingüe de la Universidad de Salamanca.

MENÉNDEZ PIDAL, RAMÓN.—*Castilla. La Tradición. El idioma*. (Colección de varias conferencias y estudios).—Espasa Calpe, S. A. «Colección Austral», núm. 501.

MINGOTE LORENTE, ANGEL.—*Cancionero de la provincia de Zaragoza*. Antología de canciones folklóricas. (Publ. del C. S. de I. C.)

PÉREZ VIDAL.—*La fiesta de S. Juan en Canarias*.—Vol. III de Tradiciones Populares, Colección de Ensayos y Notas de Folklore Canario. (Publ. del C. S. de I. C.)

PLÁ CARGOL, J.—*La provincia de Gerona*.—Gerona, Dalmau Carles Plá, Edit., 1945.

Poema de Fernán González.—Edición, prólogo y notas de Alonso Zamora, Vicente.—Madrid, Espasa-Calpe (S. a.: 1945). Clásicos Castellanos.

RÉGULO PÉREZ, JUAN.—*Cuestionario sobre palabras y cosas de la isla de La Palma*. (Universidad de La Laguna. Facultad de Filosofía y Letras).—La Laguna, Imp. Curbelo, 1946.

Ritos y costumbres aztecas.—Nota preliminar por J. de Salia (Bernardino de Sahagún).—Madrid, Edic. Altas, 1944.

ROCAMORA, M.—*Un siglo de modas barcelonesas*. 1780-1850.—Barcelona, Edic. Ayma, 1944.

RODRÍGUEZ CASTELLANOS, LORENZO.—*La aspiración de la «h» en el Oriente de Asturias*.—Oviedo, Instituto de Estudios Asturianos». [Imp. la Cruz], 1946

RODRÍGUEZ DE ALMELA, DIEGO.—*Los Milagros de Santiago*. Edición de Casimiro Torres. (Publ. del C. S. de I. C.)

RODRÍGUEZ-MATEO, JUAN.—*La copla y el cante popular en Andalucía*. (Discurso de recepción en la R. Academia Sevillana de Buenas Letras).—Sevilla, Imp. del Maestro Francisco Vera, 1946.

RODRÍGUEZ MOÑINO, A.—*Los bordadores en Badajoz*, 1553-1594. Noticias de archivo.—Badajoz, Monte de Piedad y Caja de Ahorros, 1945.

Romancero heroico y galante.—Selección de romances castellanos. Recopilación y prólogo de Gelmar, Octavio de.—Edit. Quintanilla, Cardona y Cía. (S. a.: 1946).

RUIZ ALBÉNIZ, V.—¡*Aquel Madrid*! (1900-1914).—Madrid, Artes Gráficas Municipales, 1944.

STEFFEN, MAX.—*El falso «Guato» del Torriani*. Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de La Laguna.—La Laguna de Tenerife (Canarias), 1947.

REVISTAS

ALVAR, MANUEL.—*Palabras y cosas en la Aezcoa*.—Pir., año III, enero-junio, 1947, núm. 5, págs. 5-37. Zaragoza, C. S. de I. C.

ALVAREZ DELGADO, JUAN.—*Ecero. Notas lingüísticas sobre el hierro*.—Sep., Rev. de Historia. La Laguna de Tenerife, 1945-46, núms. 72-75.

AYALA DUARTE, CIPRIANO.—*La poesía popular hispano-americana*.—Universidad, año XXIII, enero-febrero-marzo, 1946, núm. 1, págs. 1-26.

BARBERÁN, CECILIO.—*La mantilla española*.—Bl., 1946, núm. 48, páginas 73-81.

BARREDA, FERNANDO.—*Del folklore marítimo santanderino. Los movimientos de las mareas y la muerte humana*.—BBMP., año XXI, número 3, julio-septiembre, 1945, pág. 348-352.

BOSCH DE LA BARRERA, JOAQUÍN.—*Los pammúes*. (Estudia los habitantes de la Guinea Continental Española).—Afr., 1946, junio, núm. 54, páginas 262-264.

BRUGAROLA, M.—*La fiesta del Angel Custodio en Sena*.—Surco, 1945, septiembre, núm. 43, págs. 31-32.

CAGIGAS, ISIDRO DE LAS.—*De etnografía andaluza medieval. Aportaciones a la frontera del andaluz*.—Afr., 1946, abril, núm. 52, págs. 9-13; mayo, núm. 53, págs. 192-197; junio, núm. 54, págs. 248-251.

CALERO MARIÑO, LAUREANO.—*La romería de San Cosme en Bayona*.—F. V., 5 octubre 1946.

CAMPOS, JORGE.—*Notas etnográficas en una carta de Indias*. Miscelánea.—Rev. de Indias, año VIII, núm. 27, 1947, págs. 115-117.

CARO BAROJA, JULIO.—*Representaciones y nombres de meses*.—Separata PV., año VII, núm. 25.

— — *La significación de algunas danzas vasco-navarras*.—PV, año VII, número 23, 1946, pág. 115.

— — *Fiestas de «Mayas»*.—BSVAP, año II, cuad. 4.º, págs. 423-429.

CARRÉ, LEANDRO.—*Papeletas para el Diccionario. Nombres gallegos de algunas plantas que no figuran en ninguno de los diccionarios publicados hasta ahora.*—BRAG, tomo XXIV, noviembre 1944, números 277-280, págs. 123-124.

CASTAÑEDA, V.—*Práctica de conjurar, compuesta por el Rvmo. Padre Fray Luis de la Concepción*, 1721.—BRAH, tomo CXXI, cuad. 1.º, julio-septiembre 1947, págs. 153-164.

CHABÁS LLORÉNS, R.—*Glosario de algunas voces oscuras usadas en el Derecho Foral Valenciano.*—ACCV, segunda época, tomo XIII, enero-abril 1945, págs. 3-27.

CHAO ESPINA, ENRIQUE.—*Galicia a través de sus leyendas.*—Spes. XII, octubre 1945, núm. 130, págs. 15-16.

— — *Sol y montaña en las leyendas de Galicia.*—Spes. XIII, núm. 135, marzo 1946.

— — *El tema marinero en las leyendas gallegas.*—RGM, tomo 130, mayo 1946, págs. 667 y 671.

DIEGO CUSCOY, LUIS.—*La adivina. Contribución al estudio del folklore Canario.*—EMC, núm. 17, enero-marzo 1946, págs. 57-76.

DUARTE INSUA, LINO.—*Las devociones de mi pueblo. Las Santas Reliquias.*—REE, II, III, septiembre 1946, págs. 277-304.

DELGADO CAPEANS, RICARDO.—*Por los rincones de la historia y de la leyenda.*—Spes. XIII, núm. 140, agosto 1946, págs. 6-8.

— — *Miscelánea. La tradición folklórica de Alburquerque.*—REE, 2, II, junio 1946, págs. 231-234.

ECHARI, J. L.—*El bordado en la Edad Media.*—Textil, 1946, marzo, número 27, págs. 30-33.

ESPINOSA, AURELIO M.ª.—*Los agüelos de Nuevo Méjico* (antigua costumbre).—BBMP, año XXI, enero-marzo 1945, núm. 1, págs. 71-79.

FERNÁNDEZ DE AVILÉS, A.—*El carro ibérico de Montjuich.*—AEArq, 1946, núm. 65, págs. 309-333.

FERRERES, RAFAEL.—*Siete romances castellanos tradicionales recogidos en la provincia de Valencia.*—BSCC, tomo XXII, cuad. 6.º, noviembre-diciembre 1946.

FILGUEIRA VALVERDE, JOSÉ.—*Apología del Villancico.*—FV, 24 diciembre 1946.

Folklore.—Mesa Revuelta. Sección de Folklore. «*Amolador público o de puesto*» (*no ambulante*).—*Tira i afluixa. Costumbre infantil en la noche de Reyes en Castellón.*—ACCV, segunda época, año VI, enero-abril 1945, núm. 11, págs. 47-48.

FRAGUAS FRAGUAS, ANTONIO.—*Juegos infantiles de Loureiro de Cotovade.*—BCPM, Orense, tomo XIV (1943-1944), págs. 95-102.

— — *El «Garotiño»* (juego de adolescentes).—Separata do fasc., 3-4, do volume LVI da RG., 1947.

— — *Dous romances de Galicia* («Romance de Xuliana». «A morte da namorada»).—RG, LVI, junio 1946, núms. 1 y 2, págs. 117-121.

GALLARDO DE ALVAREZ, ISABEL.—*Medicina popular supersticiosa.*—REE, tomos I-II, marzo-junio 1947, págs. 179-196.

— — *Del folklore extremeño. Medicina popular supersticiosa.*—REE, tomo I, septiembre 1945; II, marzo 1946, 1, págs. 61-68; III, páginas 359-364.

G. M. DE Z.—*Brujerías. Miscelánea.*—BSVAP, año III, cuad. 4.º, páginas 547-553, 1947.

GIL, BONIFACIO.—*Hallazgo de 28 canciones populares de Extremadura recogidas en los años* 1884-85. Antecedentes.—REE, II, IV, diciembre 1946, págs. 429-447.

GUASTAVINO GALLENT, GUILLERMO.—*La fiesta de moros y cristianos en Juvíes.*—Alam., marzo 1946, núm. 220, págs. 63-68; abril, núm. 221, páginas 95-99.

HOYOS SÁINZ, LUIS DE.—*Los viejos caminos y los tipos de pueblos* («Ensayo geográfico-etnográfico»), E. G. 1947, VIII, 275-312.

— — *Un avance a la etnogenia cántabra.*—BBMP, año XXIII, 1947, núm. 1.º, págs. 29-56.

— — *Avance del folklore y de la etnografía criollas.*—Rev. de Indias, año VIII, núm. 27, 1947, págs. 53-69.

HOYOS SANCHO, NIEVES DE.—*Temas de la Mancha. Los encajes de Bolillos.*—Artes y Oficios, 1947.

IGLESIAS ALVARIÑO, A.—*Miscelánea. Prácticas piadosas de Tierras de Mondoñedo. A. Candeloria. Lume novo. La fuente de la vida y de la muerte.*—CEG, fasc. VII, 1947, págs. 488-490.

— — *Miscelánea. Usos y costumbres de San Juan de Villarente* (*Lugo*) *en los siglos XVIII y XIX* (costumbres canónicas).—CEG, fasc. VII, 1947, págs. 485-487.

IRAVEDRA, LUISA.—*El habla de Cervera de Río Alhama.*—Berceo, 1946, 1, págs. 143-145.

IRIBARREN, JOSÉ MARÍA.—*Refranes y adagios. Cantares y jotas. Dichos y frases proverbiales.*—PV, 1945, núm. 21, págs. 625-645.

ISAÍAS HERNÁNDEZ, E.—*Artesanías artísticas españolas.*—Textil, mayo 1946, número 29, págs. 38-40.

LLATAS, VICENTE.—*Folklore villarense* (canciones infantiles).—ACCV, segunda época, tomo XIV, enero-abril 1946, págs. 51-52.

— — *Folklore villarense* (conclusión).—ACCV, segunda época, tomo [illegible] abril 1947, págs. 101-102.

LACARRA, J. M.ª.—*Rutas de peregrinación. Los pasos del Pirineo y el camino de Santa Cristina a Puente la Reina.*—Pir, 1941, 1, págs. 5-27.

LANUZA, JOSÉ LUIS.—*Las máscaras de Quevedo.*—D.M, 30 noviembre 1947.

LARREA, ARCADIO.—*Cancionero de Pasión.*—EN, 3 de abril 1947.

— — *Aragón a través de sus canciones* (conferencia radiada el 7 de diciembre por Radio Barcelona con ilustraciones musicales del Orfeón y rondalla Goya, y cantado por «El zagal de Mediana».

López Santos, Luis.—*Toponimia de la Diócesis de León.*—Sep. del número 1.º de la Rev. «Archivos Leoneses». León, 1947.

Marcos de Sande, M.—*Del folklore garrovillado, usos y costumbres.*—REE, tomo I, diciembre 1945; IV, págs. 447-461.

— — *Del folklore garrovillano. Tradiciones garrovillanas, leyendas religiosas, caballerescas, tipos legendarios, supersticiones, idioma, refranero y vocabulario.*—REE, tomos I-II, marzo-junio 1947, págs. 76-114.

Magaña, José.—*Notas para un romancero religioso de la Rioja.*—Berceo, número 4, año II.

Martínez Ferrando, J. Ernesto.—*La Masía valenciana.* (Aspectos de la misma a principios del siglo actual).—«Valencia atracción», núm. 154, noviembre 1947.

Martínez Martínez, B.—*Breve estudio del dialecto enguerino.*—ACCV, segunda época, tomo XV, enero-abril 1947, págs. 83-88.

Monteavaro, Magdalena de.—*Trajes y costumbres asturianas.*—Textil, marzo 1946, núm. 27, págs. 10-14.

Moralejo Laso, A.—*Notas a un folleto sobre geografía y toponimia lucenses.*—CEG, 1945, fasc. III, págs. 355-362.

Niemeier, G.—*Tipos de población rural en Galicia.*—(Tradución de J. Gavira).—EG, 1945, VI, 301-327.

Pan, Ismael.—*Supersticiones españolas y portuguesas.*—A. y M. de SEAEP, tomo XIX, cuad. 4.º, 1944.

— — *Aspecto etnológico-geográfico de Portugal.*—A y M. SEAEP, tomo XVIII, cuad. 1.º, 1943.

Pinero, P.—*El bordado con torzal de oro, de origen mahometano, convertido al cristianismo por artesanos españoles.*—Textil, abril 1946, número 28, págs. 28-32.

Placer, Gumersindo.—*El hechizo de un Puente.* Spes. XIII, núm. 141, septiembre 1946, págs. 10-11.

Raurich Ferriol, Salvador.—*La pesca del coral en la costa N. E. de Cataluña.*—BRAH, tomo CXV, cuad. 2.º, octubre-diciembre 1944.

Riquer, Martín de.—*Versión aragonesa de la leyenda de la enterrada viva* (del siglo xv).—RBN, VI, 1945. (Sección de reproducción de textos.)

Risco, Vicente, y Lorenzo, Xaquin.— *As festas do tres de maio en Laza*—. BRAG, XL, tomo XXIV, núms. 281 y 284, págs. 234-264.

Risco, Vicente.—*El fin del mundo en la tradición popular gallega.*—BCPM, Orense, tomo XIV (1943-1944).

Rodríguez Perera, F.—*Aportación al vocabulario. Algunos términos lusos y españoles usados en la frontera con Portugal desde Valencia del Mombuey hasta Alburquerque principalmente.*—REE, tomo II, diciembre 1946, IV, págs. 397-404.

Romance.—Un —— de Santa Agueda recogido por José M.ª de Cossío.—PV, año VII, núm. 24, 1946, pág. 563.

Rosa Oliveira, Leopoldo de la.—*Las señales de los antiguos canarios.*—RH, núm. 76.

Ruiz González, Juan de Dios.—*Carbajales de Alba en la artesanía española.*—Textil, enero 1946, núm. 25, págs. 7-10. (En este pueblo castellano se borda el paño como en el siglo XVII.)

Ruiz Orsatti, Ricardo.—*Yemaa. El Fene.* (Descripción de la plaza de Marrakex).—Afr., junio 1946, núm. 54, págs. 267-269.

Santalices, F.—*La zanfona.*—Fin., IV, núm. 31, octubre 1946.

Terán, Manuel.—*Programa para el estudio del habitat rural.*—EG, 1947, VIII, 418-427.

Toledo Girao, José.—*Un romance valenciano recogido en Smat de Valldigna.*—BSCC, tomo XXIII, cuad. 1.º.

Unzeta y Yuste, Abelardo.—*Etnografía de la Guinea española. Los Bengas.*—EG, mayo 1945, núm. 19, págs. 261-299.

Valle Inclán, Carlos.—*Corpus Christi en Pontevedra.*—Son., núm. 6, primavera 1945.

Villacorta, Juan Carlos.—*Callado primor del traje charro, orillas del Tormes.*—Textil, mayo 1946, núm. 29, págs. 41-43.

PORTUGAL

A. de M.—*Hoje, como há séculos...* (costumbres y privilegios).—DL, 2.ª serie, VII, págs. 36-37, 1947.

Bragança, Manuel.—*Como se divide uma água.* (Felgueiras).—DL, 2.ª serie, VII, págs. 11-12, 1947.

Carneiro Pinto, M.ª Luisa.—*As madrias.*—DL, 2.ª serie, VII, páginas 9-11, 1947.

Ferreirá da Costa, María.—*Jogos e brinquedos tradicionais. A Rossa. O Barqueiro. A Condesa. A Corda Quebrada.*—DL, 2.ª serie, VII, págs. 43-47, 1947.

Jaberg, K.—*Geographia Linguistique et expressivisme phonétique. Les noms de la Balançoire en portugais.*—RPF, VII, tomo I, 1947, página 1.

Leão, Armando.—*Folclore da Póvoa de Lanhoso.* (Ronda Previsao do tempo. Historia da mao do morto. Historia da morte e da comadre).—DL, 2.ª serie, VII, págs. 29-31, 1947.

Lino Netto, M.ª Teresa de M.—*A linguagen dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde.*—RPF, vol. 1, tomo I, 1947, página 59.

Lucena, Armando de.—*Arte Popular. Usos e costumes portugueses.*—Lisboa, 1942.

Mattos, Armando.—*Inventario das inscrições do Douro-Litoral, II parte.* (Continuación).—DL, 2.ª serie, VII, págs. 56-76, 1947.

— — *A proposito da arte dos jugos e cangas do Douro-Litoral.*—DL, 2.ª serie, VII, págs. 23-26, 1947.

MATTOS, ARMANDO.—*Ex-voto... «paniel de milagre... ou tábua votivas»*.—DL, 2.ª serie, VII, págs. 38-39, 1947.

— — *O cruzeiro da Senhora do Vale* (Cete).—DL, 2.ª serie, VII, página 34, 1947.

PAIVA BOLEO, *M.—Aditamento ao artigo anterior. (Les nom de la Balançoire en portugais)*.—RPF, vol. 1, tomo I, pág. 45, 1947.

PAIVA BOLEO e GOMES FERREIRA, A.—*Amostras de uma bibliografía crítica dialectal portuguesa*.—RPF, vol. 1, tomo I, pág. 199, 1947.

PEREIRA MONTEIRO, A.—*Tradições populares do Marco de Canaveses. Quebras e requebras*.—DL, 2.ª serie, VII, págs. 20-22, 1947.

PIEL, JOSEPH M.—*Nomes de lugar referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo*.—RPF, vol. 1, tomo I, pág. 153, 1947.

PINTO DE BARROS, TOMAS AUGUSTO.—*Jogos e Brinquedos Tradicionais*. (Usados na Escola Masculina de Beire Paredes).—DL, 2.ª serie, VII, páginas 40-41, 1947.

PIRES DE LIMA, J. A.—*Quatro Romances Populares*. (Conferencia pronunciada nos estudos portugueses A 5-VII-43).

PIRES DE LIMA, AUGUSTO CESAR.—*Estudos Etnográficos, Filologicos e Historicos*.—1.ª Edição da Junta de Província do Douro-Litoral. Porto, 1947.

— — *Festa de aniversario o folclore musical, evocação da vida de uma aldeia na segunda metade do século XIX*.—DL, 2.ª serie, VII, páginas 3-8, 1947.

SILVA, JOSÉ DA.—*Santa Quiteria em Terras de Felgueiras*. (Notas históricas, bibliográficas e etnográficas).—DL, 2.ª serie, VII, págs. 48-55, 1947.

AMERICA

ACEVEDO DÍAZ, EDUARDO.—*Voces y giros de la Pampa argentina*.—BAAL, tomo XIV, núm. 52, julio-septiembre 1945.

ACOSTA SÁIGNES, MIGUEL.—*Los caribes de la costa venezolana*.—México, D. F. Acta antropologica, 1946.

ACUÑA ESCOBAR, F.—*De la música popular nicaragüense*.—San Sebastián, Elite (Managua), febrero 1946.

ALCOVER, MOSSEN ANTONI M.—*Cuentos populares de Mallorca*.—Selección de «L'aplec de rondaies mallorquines». Traducción de David Huellin. Buenos Aires, Agonía, 1946.

ALMEIDA, A. P.—*Usos y costumbres praianos*.—RAMSP, 1945, año XII, vol. CIV, págs. 67-80.

ANTOLINEZ, GILBERTO.—*El oso frontino y la leyenda del salvaje*.—Acta venezolana, 1945, I, núm. 1, págs. 101-113.

— — *Mitología indígena americana: el monstruo taurepán de los eclipses*. Onza, tigre y león.—Caracas, 1946, VIII, núm. 86, págs. 20-21.

BARBARÁ, FEDERICO.—*Manual de la lengua Pampa.*—Prólogo, E. Amadeo Artayeta. Buenos Aires, 1945.

BENICHOU, PAÚL.—*Romances Judeos-Españoles de Marruecos.*—Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Instituto de Filología, Buenos Aires, 1946.

BOGGS RALPH STEELE.—*El folklore mejicano.*—AFA, 1945, pág. 100.

— — *Folklore Bibliography for* 1946.—SFQ, march, 1947, vol. XI, número 1, págs. 1-11.

— — *El folklore. Definición, ciencia y arte.*—«Revista Venezolana de Folklore», t. I, núm. 1, págs. 9-16.

BOGGS, S. RALPH y MENDOZA, VICENTE T.—*VI Drama Tradicional: Representación del Drama de la Pasión,* en IXTAPALAPA, D. F. México (llamado «Las tres caídas de Jesucristo», y representado el Jueves y Viernes Santo en abril de 1945).—ASFM, año 1945, vol. VI, páginas 139-178.

BRASSARD, FRANÇOIS.—*Refrains canadiens des Chansons de France.*—AFLQ, 1946, I, núm. 1, págs. 41-59.

CADILLA DE MARTÍNEZ, MARÍA.—*Hijos de la raza.*—Cuentos tradicionales y folklóricos. Puerto Rico, 1945, 140 págs en 8.ª.

CAILLAVA, DOMINGO A.—*Historia de la literatura gauchesca en el Uruguay,* 1910-1940.—Montevideo, C. García, 1945.

CAMPOS, RUBÉN M.—*El folklore literario y musical de México.*—Selección y notas preliminares por Alfredo Ramos Espinosa. México. D. F. Secretaría de Educación Pública, 1946. (Bibl. Enciclopédica Popular, volumen 126.)

CAMARA CASCUDO, LUIS DA.—*Contos tradicionais do Brasil, confrontos e notas.*—Río de Janeiro, Americ, 1946.

— — *Los mitos de las aguas del Brasil.*—ASFM, 1944, V, págs. 11-34.

CARCER, MARIANO.—*Pregones y pregoneros sevillanos.*—ASFM, año 1945, volumen VI, págs. 87-105.

CARREÑO, ALBERT M.ª.—*Don Fray Alonso de Montúfar, segundo Arzobispo de México, y la devoción a Nuestra Señora de Guadalupe.*—Abs., 1947, XI, 3, págs. 357-382.

CENITAGOYA, FR. VICENTE, O. P.—*Los Machiguengas.* (Contribución para el estudio de las razas amazónicas).—Lima, 1944.

CODRO, JOSÉ M.ª VALERA.—*Mitología peruana. Por qué creó Viracocha de piedra al hombre.*—Perú, Callao, 1944.

CORTAZAR, A. R.—*Del folklore calchaquí: caminos de los valles.*—Chasquí (Buenos Aires), 1945, I, núm. 1, págs. 6-8-16.

— — *Confluencias culturales en el folklore argentino.*—Buenos Aires, 1945, en 8.ª, 100 págs.

CRUZ, WILFRIDO C.—*Oaxaca recóndita: razas, idiomas, costumbres, leyendas y tradiciones del Estado de Oaxaca.*—México, D. F. Beatriz de Silva, 1946.

DÁVILA GARABINI, J. I.—*La toponimia mexicana en boca de nuestros pregones, copleros, cancioneros y otros ingenios populares.*—México, D. F., Ed. San Ignacio de Loyola, 1946.

— — *Cosas del terruño: aportación mínima al estudio del folklore toponímico de Jalisco.*—México, D. F., Ed. San Ignacio de Loyola, 1946.

DÁVILA, ISIDORO JUAN.—*Difusión tradicionalista.*—Chasqui (Buenos Aires), 1945, I, núm. 1, págs. 13-18.

DELGADO VIVANCO, HILDA ISABEL.—*Los luceros* (cuatro leyendas).—El Aillu. (Cuzco, Perú), 1945, núms. 1-2, págs. 55-57.

DELGADO VIVANCO, EDMUNDO.—*El «mal de ausencia» y las despedidas en el folklore.*—El Aillu. (Cuzco, Perú), 1945, I, núms. 1-2, páginas 29-37.

DI LULLO, ORESTES.—*El folklore de Santiago del Estero. Medicina y alimentación.*—Con un apéndice sobre el Paaj. Santiago del Estero, 1944.

DÍAZ NIESE RAFAEL.—*La alfarería indígena dominicana.*—CDC, 1945, año II, núm. 19.

DORNHEIM, ALFRED.—*Los aperos de cultivo en el valle de Nono.*—Mendoza, Córdoba, 1945.

ESPINOSA, FRANCISCO.—*Folklore salvadoreño.*—San Salvador, Cisneros, 1946.

ECHAGÜE, JUAN PABLO.—*Tradiciones, leyendas y cuentos argentinos.*—Buenos Aires y México. Espasa-Calpe, Argentina, 1944, págs. 453. (Colección Austral.)

— — *La venganza del Aconcagua: del folklore sanjuanino.*—AFA, 1945, págs. 7-13.

ESTRÉLA, RAIMUNDO.—*Pequena contribução ao folclore da cana.*—Brasil açucareiro. (Río de Janeiro), noviembre 1945, págs. 532-533.

FARÉ, SANTO S. *El folklore y su proyección política.*—AFA, 1945, páginas 5-6.

FERNÁNDEZ, JACQUES ELBIO.—*Fisonomías guauchescas.*—Buenos Aires, 1945, 284 págs, en 8.ª.

FERNÁNDEZ, JUSTO.—*Antología de la tradición y la leyenda ancashina.*—Huaraz, Nueva Era, 1946.

CALÍNDEZ, JESÚS DE.—*Cinco leyendas del trópico.*—Trujillo, Imp. de la Opinión, 1944, 66 págs.

GARNHAM, EMILIA.—*La importancia de la danza folklórica.*—Santiago de Chile, La Nación, 1944, pág. 7.

GARRIDO, EDNA.—*Versiones Dominicanas de Romances Españoles.*—Recogidas y anotadas por ———.—Ciudad Trujillo, República Dominicana, 1946.

GONZÁLEZ CASANOVA, PABLO.—*Cuentos indígenas.*—México, D. F. Imprenta universitaria, 1946. (Universidad nac. de México. Biblioteca de filología y lingüística indígenas, 1).

HAGUE, ELEONORA.—*La música en California.*—ASFM, año 1945, volumen VI, págs. 83-86.

HAUSEN COWAN, FLORENCIA.—*Notas etnográficas sobre los mazatecos de Oaxaca.*—México, AI, 1946, VI, núm. 1, pág. 27-39.

HELIODORO VALLE, R.—*Imaginación de México.* (Antología de leyendas mexicanas).—Buenos Aires, Espasa-Calpe. (Colección Austral, número 477), 1945.

HERRERA, JESÚS.—*Leyendas, curiosidades y bellezas naturales de El Salvador.*—Revista del Ministerio de Cultura (San Salvador), 1946, V, núm. 16, págs. 156-158.

JIMÉNEZ, RAMÓN EMILIO.—*Filosofía campesina dominicana.*—BFD, 1946, I, núm. 1, págs. 25-27.

KROEBER, *A. L.*—*Antropología general.*—Versión española de Javier Romero. México, Fondo de Cultura Económica, 1945.

LIESTOL, KNUT.—*Scottish and Norwegian ballads.*—Oslo, 1946 (Studia norwegica, núm. 1).

LISCANO, JUAN.—*Las fiestas del solsticio de verano en el folklore de Venezuela.*—(Conferencia leída el 21 de junio de 1947 en el Instituto Cultural Venezolano-Británico).

MALARET, AUGUSTO.—*Lexicon de fauna y flora* (continuación).—BICC, año II, septiembre-diciembre 1946, núm. 3, págs. 485-500.

MASÓN, BERNARD STERLING.—*Dances and stories of american indian.*—Photograph by P. Boris and others. New York, 1944, 269 págs.

MEJÍA SÁNCHEZ, ERNESTO.—*Romances y corridos nicaragüenses.*—México, D. F. Imprenta universitaria, 1946.

MENDOZA, VICENTE T.—*Mexican and Central American oral literature. Encyclopedia of literature.*—(New York, Philosophical Library), 1946, II, págs. 688-691.

— — *El culto de Mictlantecuhtli y la danza de las cortes de la muerte.*—Filosofía y Letras. México, D. F., 1946, XI, núm. 21, págs. 89-109.

— — *La danza de las cintas o de la trenza.*—ASFM, año 1945, vol. VI, páginas 113-147.

MENÉNDEZ, CARLOS R.—*Las guayabas del padre Cardete* (leyendas).—Previsión y seguridad. (Monterrey, México), 1946, t. X, págs. 65-66.

MÉTRAUX, A.—*El dios supremo, los creadores y héroes culturales en la mitología sudamericana.*—AI, 1946, VI, núm. 1, págs. 9-25.

MORENO ENRÍQUEZ, M.ª DE LOS ANGELES.—*I, II, III. Mitos. Leyendas. Cuentos.*—«Motivos de narración tradicionales en los libros de Esdras».—ASDM, vol. VI, año 1945, págs. 7-45.

NAVARRO DEL AGUILA, VÍCTOR.—*Contribución a la bibliografía del folklore peruano.*—Rev. del Inst. Americano de Arte (Cuzco), diciembre, 1945, págs. 33-52.

NOLASCO, FLÉRIDA.—*La poesía folklórica en Santo Domingo.*—Editorial El Dairío. Santo Domingo de los Caballeros, 1946.

OLIVARES FIGUEROA, R.—*Reflexiones sobre la canción de corro en Venezuela.*—Revista Nacional de Cultura (Caracas), 1945, VII, núm. 52, páginas 145-151.

— — *Cancionero popular del niño venezolano*, 1.º y 2.º grados.—Caracas, Ministerio de Educación Nacional, 1946.

— — *Juegos infantiles.* Onza, tigre y león.—Caracas, 1945, VII, número 76, págs. 15-16, 21-22.

ORTEGA, POMPILIO.—*Folklore hondureño.*—Tegucigalpa, 1946.

PAIVA, MARIO.—*A vida dos animais de Amasõnia, suas lendas e superstições.*—Belem, Brasil. Oficinas gráficas da Revista da veterinaria, 1945.

PÉREZ MARTÍNEZ, HÉCTOR.—*Cuauhtemoc: vida y muerte de una cultura.*—México, D. F. Ed. Leyenda, 1945.

PÉREZ SERRANO, MANUEL.—*Las campanas de mi tierra.*—ASFM, año 1945, volumen VI, págs. 107-111.

PICHARDO, JOSÉ MARÍA.—*Gallos y galleros.*—Santiago de los Caballeros, República Dominicana, 1945.

POMARES, RICARDO.—*La laguna encantada*: leyenda colombiana de Oswaldíaz. Onza, tigre y león (Caracas), 1945, VIII, núm. 77, págs 10-11, 20-22.

PLATH, ORESTES.—*Juegos y diversiones de los chilenos.*—Santiago de Chile, Cultura, 1946.

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE PESQUISAS FÓLCLÓRICAS.—*A Escola Nacional de Música e as Pesquisas de Folclore Musical no Brasil.* Río Janeiro, 1944.

QUIJADA JARA, S.—*Estampas Huencavelicanas.*—Temas folklóricos. Lima, 1944, en 8.º, 191 págs.

RAPELA, ENRIQUE. *Cosas de nuestra tierra gaucha.*—Vocabulario, tipos y costumbres. Buenos Aires, 1945.

ROCHA, JUAN L.—*La laguna de Quingray Quero; leyenda chinchaysuya.*—Rev. del Museo Nacional. Lima, 1944, XIII, págs. 89-92.

RÓMERO, FERNANDO.—*Instrumentos musicales de posible origen africano en la costa del Perú.*—Afroamérica (México, D. F.), 1945, I, págs. 51-62.

RIVERA, PAPITO.—*Costumbres nacionales.*—CDC, 1946, núms. 31-32, páginas 5-37.

RUIZ MEZA, V.—*Los arrieros.*—México, D. F. Vargas Rea, 1946.

SALDAÑA SUAZO, JOSÉ A.—*Album de las tradiciones líricas de Quisqueya y Borinquen.*—Ciudad Trujillo, Imp. Julio C. Pol., 1945.

SAMAYOA CHINCHILLA, CARLOS.—*Los hoyuelos de los cocos: leyendas de Guatemala.*—Revista de América. Bogotá, abril 1945, págs. 93-95.

SEPÚLVEDA MAIRA, MARÍA LUISA.—*Cancionero chileno; canciones y tonadas chilenas del siglo XIX para canto y guitarra.* Segunda serie, recopiladas por ———. Santiago de Chile, Casa Amarilla, 1945.

SILA VALDÉS, FERNÁN.—*Leyendas Americanas.*—Colección Buen Aire. Emecé Edit. S. A., Buenos Aires, 1945.

TOVAR y R. ENRIQUE, P.—*Contribución al estudio del Lenguaje salvadoreño.*—«Algo sobre el léxico de la flora». BICC, año II, septiembre-diciembre, núm. 3, 1946, págs. 421, 459 y 485.

TURCOT, MARIE-ROSE.—*Trois contes populaires canadiens.*—AFLQ, 1946, I, núm. 1, págs. 153-172.

VEGA, CARLOS.—*Panoramas de la música popular argentina.*—Con un ensayo sobre la ciencia del folklore. Buenos Aires, Ed. Lozada, 1944.

VELLARD, JEN ALBERT.—*Folklore de los pescadores del lago Titicaca.*—AFA, 1945, págs. 81-88.

EUROPA

APOLZAU, L.—*La costume et l'industrie ménagerè textile dans les Monts Apunesi.*—Rumania, 1944.

ARCHÉOCIVILISATION.—*1.er conférence internationale de folklore.*—París, 12-13 juil., 1947. París, G. Ph Maisonneuve, 1947, 20 págs.

Atlas de la culture populaire suédoise.—Direction S. Ericxon. Travaux d'elaboration. Semoirs. «Folk-liv», Stockholm, 1946, t. X, p. 127-151.

BARBEAU, MARIUS.—*Alonette.* Montreal, Lumen, 216 págs., 16.ª música.

BAUMGARTNER, WALTER.—*Das Nachleben der Adonisgarten auf Sardanien und im übrigen Mittelmeergebiet.*—(La supervivencia del jadín de Adonis én Cerdeña y en la cuenca del Mediterráneo). «Arch. suisses des trad. pop.», 1946, t. 43, p. 122-148.

COCCHIARA, GIUSEPPE.—*Storia degli studi delle tradizioni populari in Italia.*—Palermo, Palumbo, 1947, 343 págs.

— — *Il diavolo nelle tradizione popolare italiana.*—Parlemo, 1946.

CORSO, RAFFAELE.—*Etnografía, protegomeni.*—4.ª ed. Napoli, Pironti, 1947, en 8.ª, 242 págs. ilus.

- - - *Gli studi del folklore italiano nell'ora presente.*—*SchAV*, 44 Band, Heft. 3; págs. 155-159, 1947.

CHELSEA, ION.—*Die Stangenmacher*, 1944. [Rumania].

DEONNA, W.—*Superstitions à Genève aux XVII.e et XVIII.e s.*—«Arch. suisses des trad. pop.», 1946, t. 43, p. 343-390.

GAGNON, CAMILLE.—*Le folklore bourbonnais. Première partie, la via matérielle.*—Monlins, Crespin-Leblond, 1947, 157 págs. ilus.

GEIGER, PAUL y RICHARD WEISS.—*Aus dem Atlas der schweizerischien Volkskunde.*—«Arch. suisses des trad. pop.», 1946, t. XLIII, p. 221-272, 13 mapas plegados. [Fuegos del 1 de agosto.—Fuegos anuales.—Arbol de Navidad.—Cigüeña.—Aparejos de los bueyes.—Cuando dos personas dicen a la vez la misma palabra.]

GUSTI, PROF. D. Nerej. Un village d'une region archaique.—Monographie sociologique, 1939, vol. II, «Manifestations spirituelles» [Rumania].

HALTSONEN, SULO.—*Eine kurze Übersicht der volkskundlichen Forschung in Finnland während den Jahren*, 1939-1946.—Sch. A. V., 44 Band, Hef. 3, págs. 177-182, 1947.

HOFFMANN-KRAYER, E.—*Feste und Braüches des Schweizelvolhes*, Neu bearbeitet von P. Geiger. (Fiestas y costumbres del pueblo suizo, revisado por P. Geiger). Zurich, Atlantis-Verlag, 8.º, 192 págs.

— — *Kleine Schrifter zur Volkskunde*. (Articulos sobre folklore, publicados por P. Geiger).—Publication de la Société Suisse des Traditions populaires, t. XXX, 1947, 8.º.

HORNELL, JAMES.—*The significance of the ducal element in Brithis fishing boat construction. Derivation and distribution.*—«Folk-liv», t. X, 1946, págs. 113-126.

LA SORSA, SEVERIO.—*Reviviscenze romane nelle feste, nei riti, nei preguidizi e nelle credenze dei nostre volghi.*—Bari, 1945.

LE BRAZ, ANATOLE.—*La légende de la mort.*—Paris. H. Champion et Lib. Celtique, 1945, 2 volúmenes.

LIGERS ZIEDONIS.—*Die Heuernte in Lettland.*—*SchAV*, 44 Band, Heft 3, págs. 186-220, 1947.

— — *Die Volkskunde in Lettland.*—*SchAV*, 44 Band, Heft 3, págs 182-186, 1947.

MAUSS, MARCEL.—*Manuel d'Ethnographie*. (Méthodes d'observation; morfologie sociale; technologie; phénomènes esthetiques; phénomènes économiques; phénomènes juridiques; phénomènes moraux; phénomènes religieux.) París, Payot, 1947, en 8.º, 221 págs.

MUSLEA, ION.—*Le mouvement folklorique roumain de 1940 à 1946.*—*SchAV*, 44 Band, Heft 3, págs. 159-163, 1947.

MILLOUR, G.—*Les Saints guérisseurs et protecteurs du betail en Bretagne.*—París, Lib. Celtique, 1946, 126 págs., 16 láms. 18.º.

MEERTENS, P. J.—*Die Volkskunde-Kommission der Königl. Niederländischen Akademie der Wissenschaften wahrend des Krieges.*—*SchAV*, 44 Band, Heft 3, págs. 169-172, 1947.

PAPAHAGI, T.—*Paralelé folklorice grecq-române.*—Bucarest, 1944.—*Concordances folkloriques et etnographiques.*—1944.

RIVIÈRE, GEORGES HENRI.—*Un Musée-Laboratoire: Le Musée des Arts et Traditions Populaires (París).*—*SchAV*, 44 Band; Heft 3; páginas 146-155, 1947.

SCHMIDT, LEOPOLD.—*Volkskunde in Osterreich* 1945-47.—*SchAV*, 44 Band; Heft. 3, págs. 164-169, 1947.

SOKOLOV, JOURI.—*Le folklore russe* (Rites et chants nuptiaux; rites et lamentations funeraires; prediction et incantation; proverbes et enigmes; chansons épiques; chansons historiques; chants religieux; contes et légendes; chansons lyriques; folklore des fabriques et des usines; folklore soviétique). París, Payot, 1945, 8.º, 387 págs.

TOSCHI, PAOLO.—*Guida allo studio delle tradizioni popolari.*—Roma, 1945.

Toschi, Paolo.—*l'oesia e vita di popolo.*—Venezia, 1946.

— — *Saggi sug'arte popolare.*—Roma, 1945.

Valonen, Nilo.—*Les semoirs finlandais.*—«Folk-liv», Stockholm, 1946, t. X, p. 152-160.

Van Gennep, Arnold.—*Manuel de Folklore français contemporain*: t. I, vol 1, *Introduction générale et du Berceau à la Tombe* (naissence, baptême, énfance, adolescence, fiançailles).—Paris, Picard, 1943, en 8.º, 373 págs. 6 figs., VII planos.—Vol. 2, *Mariage, funérailles*, 1946, 373 a 830 págs. X planos.—Vol. 3, *Cérémonies periodiques cycliques* (Carnaval, Carême, Pâques). Pags. 833 a 1.416, XXII planos.

Weis, Richard.—*Volkskunde der Schweis.*—Zurich, Bugen Reintsch, 1947, 8.º, 294 págs. ilus.

Weiser-Aall, Lily und Nils Lid.—*Volkskundliche Arbeit in Norwegen 1942-1946.*—*SchAV*, 44 Band, Heft. 3, págs. 172- 177, 1947.

INDICE DE ABREVIATURAS

Abs.—*Abside*: Revista de cultura mejicana.
ACCV.—*Anales del Centro de Cultura Valenciana*. Valencia.
AEArq.—*Archivo Español de Arqueología*. Madrid.
Afr.—*Africa*: Revista española de colonización. Madrid.
AFA.—*Anales de la Asociación Folklórica Argentina*. Buenos Aires.
AFLQ.—*Les archives de folklore pub. de l'Université Laval*. Quebec, Canadá.
AI.—*América indígena*: Organo oficial del Instituto indigenista interamericano (Méjico D. F.).
ASFM.—*Anuario de la Sociedad Folklórica de México*. México.
A y M SEAEP.—*Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología y Prehistoria*. Madrid.
Alam.—*Alambra*. Granada.
BAAL.—*Boletín de la Academia Argentina de Letras*. Buenos Aires.
Bercco.—*Boletín del Instituto de Estudios Riojanos*. Logroño.
BBMP.—*Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo*. Santander.
BCPMOrense.—*Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos de Orense*.
BFD.—*Boletín del Folklore Dominicano*. Ciudad Trujillo. R. Dominicana.
BICC.—*Boletín del Instituto Caro y Cuervo*. Bogotá.
BI.—*Boletín Informativo*. Madrid.
BRAG.—*Boletín de la Real Academia Gallega*. La Coruña.
BRAH.—*Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid.
BSVAP.—*Boletín de la Real Sociedad Vascongada de Amigos del País*. Museo de San Telmo. San Sebastián.
BSCC.—*Boletín de la Sociedad Castellonense de Cultura*. Castellón de la Plana.
CDC.—*Cuadernos Dominicanos de Cultura*.—Ciudad Trujillo. República Dominicana.
CEG.—*Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela.
D-L.—*Douro-Litoral*: Boletim da Comissao provincial de Etnografia e Historia. Porto.
DM.—*Diario de la Marina*. Madrid.
EG.—*Estudios Geográficos*. Madrid.
EMC.—*El Museo Canario*. Las Palmas de Gran Canaria.

EN.—*El Noticiero*. Zaragoza.
FV.—*Faro de Vigo*. Vigo.
Fin.—*Finisterre*: Revista de Galicia. Pontevedra.
Pir.—*Pirineos*: Revista de la Estación de Estudios Pirenaicos. Zaragoza.
PV.—*Príncipe de Viana*. Pamplona.
RAMSP.—*Revista do Arquivo Municipal São Paulo*. Brasil.
RBN.—*Revista de Bibliografía Nacional*. Madrid.
REE.—*Revista de Estudios Extremeños*. Badajoz.
RFE.—*Revista de Filología Española*. Madrid.
RG.—*Revista de Guimarães*. Porto.
RGM.—*Revista General de Marina*. Madrid.
RH.—*Revista de Historia*. Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de La Laguna.
Revista de Indias.—C. S. de I. C. Madrid.
RPF.—*Revista Portuguesa de Filología*. Coimbra, Portugal.
SchAV.—*Schweizerisches Archiv. für Volkskunde*. Basel Schweiz.
SFQ.—*Southern folklore quaterly*: University of Florida. U. S. A.
Son.—*Sonata Gallega*. Pontevedra.
Spes.—Pontevedra.
Surco.—*El Siglo de las Misiones*. Bilbao.
Universidad.—Revista de cultura y vida universitaria. Zaragoza.

INDICE DEL TOMO III

1947

INDICE DE AUTORES

Páginas

ALVAR, MANUEL.—El habla de Oroz-Betelu 447
ALVAREZ DELGADO, JUAN.—Notas sobre el español de Canarias ... 205
BOUZA-BREY, FERMÍN y JORGE LORENZO.—La casa, el trabajo y la cantiga en Pías (Mondariz, Pontevedra) 3
CARO BAROJA, JULIO.—Las brujas de Fuenterrabía (1611) 189
CASAS GASPAR, ENRIQUE.—Lecciones de dos maestros, Van Gennep y Corso 256
CASTRO PIRES DE LIMA, FERNÁNDO DE.—Nova contribuição para o estudo das «afinidades galaïco-portuguesas do cancioneiro popular» 325
CHICO Y RELLO, PEDRO.—El portento de caminar sobre el fuego. 78
FRAGUAS FRAGUAS, ANTONIO.—Contribución al estudio de la Navidad en Galicia. Nadales, Aninovos, Xaneiras y Reyes 401
GARCÍA DE DIEGO, PILAR.—El testamento en la tradición popular. 551
GONZÁLEZ Y GONZÁLEZ, JUAN.—Nombres de la codorniz 111
HOYOS SANCHO, NIEVES DE.—Fiestas patronales y principales devociones de la Mancha 113
JIMÉNEZ SÁNCHEZ, SEBASTIÁN.—Danzas y canciones de la Isla de Hierro 302
LA FUENTE, JOSÉ DE.—El dance de Calamocha (Teruel) 589
LARREA PALACÍN, ARCADIO.—Cuentos de Aragón 276
LIS QUIBÉN, VÍCTOR.—Los Pastequeiros de Santa Comba y San Cibrán 491
LÓPEZ PIÑEIRO, PILAR.—Encuesta sinonímica de «hoguera» y «llama» 96
MARCOS DE SANDE, MOISÉS.—Cuentos extremeños 86

Páginas

Montero Pérez, Ana María.—Nombres del corazón de la pera. 151
Morán, P. César, O. S. A.—Lenguaje de la fauna traducido al castellano 68
Navarrete, E.—Canciones 606
— — Devociones típicas 145
Pérez Vidal, José.—Conservas y dulces de Canarias 236
— — Testamentos de bestias 524
Prieto Rodríguez, Laurano.—Vida del individuo. Tierra de la Gudiña (Orense) 558
Regulo Pérez, Juan.—Carta lingüística de «Umbria». (Adiciones y rectificaciones) 273
Risco, Vicente.—Creencias gallegas. Tradiciones referentes a algunos animales 163
— — Creencias gallegas (Conclusión) 371
Sanz y Díaz, José.—Adivinanzas 607
Taboada, Jesús.—La medicina popular en el valle de Monterrey (Orense) 31
Teresa León, Tomás.—Auto de los Reyes Magos. Paredes de Nava (Palencia) 579
Vázquez Cuesta, María del Pilar.—Nombres de la coyunda ... 106
Vergara, Gabriel María.—Apodos que aplican a los naturales de algunas localidades de la provincia de Guadalajara los habitantes de los pueblos próximos a ellas 58

INDICE DE MATERIAS

Parte general

Páginas

CASAS GASPAR, E.—Lecciones de dos maestros, Van Gennep y Corso 256

Dialectología

ALVAR, M.—El habla de Oroz-Betelu 447
ALVAREZ DELGADO, J.—Notas sobre el español de Canarias... 205
GONZÁLEZ Y GONZÁLEZ, J.—Nombres de la codorniz 111
LÓPEZ PIÑEIRO, P.—Encuesta sinónima de «hoguera» y «llama»... 96
MONTERO PÉREZ, A. M.ª—Nombres del corazón de la pera 151
RÉGULO PÉREZ, J.—Carta lingüística de «Umbría» 273
VÁZQUEZ CUESTA, M.ª P.—Nombres de la coyunda 106

Literatura

Dramática.

TERESA LEÓN, T.—Auto de los Reyes Magos 579

Cuentos.

LARREA PALACÍN, A.—Cuentos de Aragón 276
MARCOS DE SANDE, M.—Cuentos extremeños... 86

Poesía.

BOUZA BREY, F. y LORENZO, J.—La casa, el trabajo y la cantiga en Pías (Mondariz, Orense) 3
CASTRO PIRES DE LIMA, F.—Nova contribuição para o estudo das afinidades galaico-portuguesas do concioneiro popular 325
GARCÍA DE DIEGO, P.—El testamento de la tradición popular ... 551
NAVARRETE, E.—Canciones 606

Vida sobrenatural

CARO BAROJA, J.—Las brujas de Fuenterrabía (1611) 189
LIS QUIBÉN, V.—Los pastequeiros de Santa Comba y San Cibrán. 491
MORÁN, P. C.—Lenguaje de la fauna traducido al castellano 68
RISCO, V.—Creencias gallegas. Tradiciones referentes a algunos animales ... ... 163 y 371

Religión

HOYOS SANCHO, N. DE.—Fiestas patronales y principales devociones de la Mancha 113
NAVARRETE, E.—Devociones típicas 145

Saber popular

SANZ Y DÍAZ, J.—Adivinanzas 607
VERGARA, G. M.ª—Apodos que aplican a los naturales de algunas

Páginas

localidades de la provincia de Guadalajara los habitantes de los pueblos próximos a ellas 58

Medicina

Luis Quibén, V.—Los pastequeiros de Santa Comba y San Cibrán. 491
Toboada, J.—La medicina popular en el Valle de Monterrey (Orense) 31

Música, canto y baile

Jiménez Sánchez, S.—Danzas y canciones de la Isla de Hierro ... 302
La Fuente, J. de.—El dance de Calamocha (Teruel) 589

Costumbres sociales y familiares

Pérez Vidal, J.—Testamento de bestias 524
Prieto Rodríguez, L.—Vida del individuo. Tierra de la Gudiña (Orense) 558

Fiestas

Chico y Rello, P.—El portento de caminar sobre el fuego 78
Fraguas Fraguas, A.—Contribución al estudio de la Navidad en Galicia. Nadales, Aninovo, Xaneiras y Reyes 401
Hoyos Sancho, N. de.—Fiestas patronales y principales devociones de la Mancha 113

Animales

González y González, J.—Nombres de la codorniz 111
Morán, P. C.—Lenguaje de la fauna traducido al castellano ... 68
Pérez Vidal, J.—Testamento de bestias 524
Risco, V.—Creencias gallegas. Tradiciones referentes a algunos animales ... ... 163 y 371

Agricultura y ganadería

Bouza Brey, F. y Lorenzo, J.—La casa, el trabajo y la cantiga en Pías (Mondariz, Orense) 551

Alimentación

Pérez Vidal, J.—Conservas de dulces en Canarias 236

Construcción-casa

Bouza Brey, F. y Lorenzo, J.—La casa, el trabajo y la cantiga en Pías (Mondariz, Orense) 3

ÍNDICE GEOGRÁFICO

Páginas

Galicia

Castro Pires de Lima, F. de.—Nova contribuição para o estudo das afinidades galaico-portuguesas do cancioneiro popular ... 325
Fraguas Fraguas, A.—Contribución al estudio de la Navidad en Galicia. Nadales, Aninovos, Xaneiras y Reyes 401
Lis Quibén, V.—Los pastequeiros de Santa Comba y San Cibrán. 491
Prieto Rodríguez, L.—Vida del individuo. Tierra de la Gudiña (Orense) 558
Risco, V.—Creencias gallegas. Tradiciones referentes a algunos animales ... ... 167 y 371
Taboada, J.—La medicina popular en el Valle de Monterrey (Orense) 31

Vasco-Navarra

Alvar, M.—El habla de Oroz-Betelu 447
Caro Baroja, J.—Las brujas de Fuenterrabía (1611) 189

Castilla la Vieja

Avila.—García, R.—San Antón en Casasola 150
Palencia.—Teresa León, T.—Auto de los Reyes Magos. Paredes de Nava (Palencia) 579
Soria.—Chico y Rello, P.—El portento de caminar sobre el fuego 78

Castilla la Nueva

Hoyos Sancho, N.—Fiestas patronales y principales devociones de la Mancha 113
Guadalajara.—Navarrete E.—Canciones 606
— — Devociones típicas 145
Sanz y Díaz, J.—Adivinanzas 607
Vergara, G. M.ª—Apodos que aplican a los naturales de algunas localidades de la provincia de Guadalajara los habitantes de los pueblos próximos a ellas 58

Extremadura

Marcos de Sande, M.—Cuentos extremeños 86

Páginas

Aragón

La Fuente, J. de.—El dance de Calamocha (Teruel) 589
Larrea Palacín, A.—Cuentos de Aragón 276

Canarias

Alvarez Delgado, J.—Notas sobre el español de Canarias 205
Jiménez Sánchez, S.—Danzas y canciones de la Isla de Hierro. 302
Pérez Vidal, J.—Conservas y dulces de Canarias 236
— — Testamentos de bestias 524

Páginas

ALMELA Y VIVES, FRANCISCO.—*Cometas en el cielo de Valencia.*—N. de H. S. ... 622
BENICHOU, PAÚL.—*Romances judeo españoles de Marruecos.*—V. G. de D. ... 614
CASAS GASPAR, ENRIQUE.—*Costumbres españolas de nacimiento, noviazgo, casamiento y muerte.*—V. G. de D. ... 153
CÁMARA CASCUDO, LUIS DA.—*Geografía dos mitos Brasileiros.*—V. G. de D. ... 612
— — *Vaqueiros e cantadores.*—L. de H. S. ... 615
CHAUVET, DR. STEPHEN.—*La isla de Pascua y sus misterios.*—N. de H. S. ... 318
ESPINOSA, AURELIO, M.—*Cuentos populares españoles.*—V. G. de D. ... 610
FLURY, LÁZARO.—*Tradiciones, leyendas y vida de los indios del Norte.*—N. de H. S. ... 317
KROEBER, A.—*Antropología general.*—L. de H. S. ... 155
Maravilla, ¿qué será?—A. del H. ... 318
MARCOS DE SANDE, MOISÉS.—*Del folklore garrovillano. Usos y costumbres.*—N. de H. S. ... 621
MENDOZA, VICENTE T.—*La danza de las cintas o de la trenza.*—N. de H. S. ... 621
MOYA, ISMAEL.—*Romancero.*—N. de H. S. ... 619
PIRES DE LIMA, J. A.—*Ao correr do tempo.*—A. C. de L. ... 159
PIRES DE LIMA, J. A. y PIRES DE LIMA, F. DE CASTRO.—*Nossa Senhora em Portugal.*—A. C. de L. ... 319
PIRES DE LIMA, AUGUSTO CÉSAR.—*Estudos etnográficos, filológicos e históricos.*—A. C. de L. ... 618
ROQUE, JOAQUIM.—*Rezas e benzeduras populares.*—A. C. de L. ... 159